

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

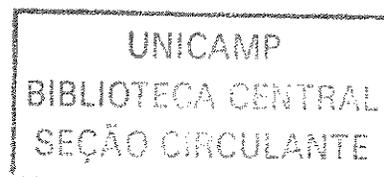
TESE DE DOUTORADO

Título: Três Escolas para meninas

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Graziela Serroni Perosa, sob a orientação da professora Letícia Bicalho Canêdo e aprovada pela Comissão Julgadora. Data: 28/03/2005.

Campinas, março de 2005.

i



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Título: Três escolas para meninas

Autor: Graziela Serroni Perosa

Orientador: Profa. Dra. Letícia Bicalho Canêdo

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Graziela Serroni Perosa e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 28 de março de 2005

Assinatura:.....*Canêdo*.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

Helaine Pontes

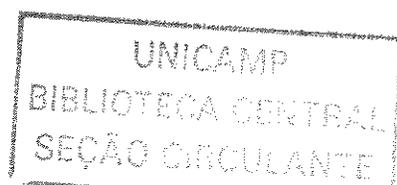
Letícia Bicalho de Canêdo

Canêdo

Ameida

Abraão Paul Guedes

2005



© by Graziela Serroni Perosa, 2005.

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	I/UNICAMP P424t
V	EX
TOMBO BC	64046
PROC.	16.P.00086-05
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	01/06/05
Nº CPD	

Indic-ind 350856

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

P424t

Perosa, Graziela Serroni

Três escolas para meninas / Graziela Serroni Perosa. -- Campinas, SP:
[s.n.], 2005.

Orientador : Letícia Bicalho Canedo.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Elites (Ciências sociais) – Educação. 2. Educação feminina.
2. Escolas privadas. 4. São Paulo (SP) – Educação. I. Canedo, Letícia Bicalho. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.
- III. Título:

05-89-BFE

Keywords: Elite's – Education; Gender's – Education; Private school

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Doutor em Educação

Banca examinadora : Prof. Dr. Afranio Raul Garcia

Profa. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida

Profa. Dra. Heloisa Pontes

Profa. Dra. Marília Pinho de Carvalho.

Data da defesa: 28/03/2005

RESUMO

Esta pesquisa analisou a instalação das escolas católicas na cidade de São Paulo e sua posição no interior de um espaço de educação escolar mais amplo, no qual instituições públicas e privadas estavam postas. Focalizou caso de três escolas confessionais femininas, criadas respectivamente em 1907, 1927 e 1947, identificando e relacionando a inserção das escolas na cidade, o público que recebiam e as características da socialização escolar de cada uma delas. Pretendeu-se verificar se a passagem pelo sistema de ensino produzia efeitos sociais duráveis, tanto no que se refere às escolhas profissionais, como no que diz respeito à constituição de uma determinada maneira de se ver no mundo em relação aos outros. Mapeamos, por meio de questionários, entrevistas, análise de fotografias e observações de tipo etnográfico, a trajetória escolar e profissional de 82 ex-alunas, egressas do secundário por volta de 1960. O estudo identificou e relacionou a origem social, a formação escolar, os modos de profissionalização e as alianças matrimoniais destas egressas. Os resultados evidenciam uma forte correspondência entre as características da socialização escolar, as características morfológicas das famílias e as escolhas profissionais e pessoais do grupo. De um lado, o estudo demonstrou como as famílias de alta renda utilizam-se da escola privada, delegando a elas a incumbência de reforçar, sem jamais contrariar, a educação recebida no seio familiar, resultando em uma experiência educacional homogênea. De outro lado, a semelhança entre as trajetórias profissionais do grupo e as características da socialização escolar evidenciam que a passagem pela escola produz efeitos sociais decisivos na elaboração de um universo de futuros possíveis em seus ex-alunos. Trata-se de um estudo que pretende contribuir para a discussão das relações entre desigualdades sociais no Brasil e desigualdades educacionais presentes no interior do sistema de ensino brasileiro.

Para Arilson, Luca e Isabel.

Agradecimentos

Esta pesquisa é o resultado de um trabalho coletivo. Ele não teria sido possível sem a colaboração de ex-alunas, ex-professoras e diretoras de escolas que aceitaram participar do trabalho. Minha pretensão é que ele possa contribuir para uma compreensão rigorosa da educação feminina e de suas implicações.

Agradeço imensamente a orientação inteligente e batuta de Leticia Bicalho Canêdo. Sem a sua sagaz cumplicidade o percurso teria sido tortuoso. Devo a Ana Maria Fonseca de Almeida a inspiração original do trabalho. Sua sensibilidade e inteligência, aliadas às nossas longas conversas, deram frutos. Aos colegas do *FOCUS*, Águeda Bittencourt, Adriana Lech Cantuária, Kimi Tomizaki, Raquel Silveira, Clarice Rangel, Daniela, Léia, Ana Paula e Cláudia pelo prazer de trabalhar junto.

O estímulo de Afrânio Raul Garcia, Monique de Saint Martin, Jean Pierre Faguer e François Bonvin, da École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, foi decisivo. As muitas lições de método e sociologia que recebi deles estão em cada linha deste trabalho. A disponibilidade e o auxílio de Salah Bouedja e Francine Muel Dreyfus foram preciosos. A amizade calorosa de Graciela Schwarcz em Saint Mandé foi uma grata surpresa. Adriana Lech, Débora Mazza e Ana Paula Siminoni completaram a equipe de apoio em Paris e na volta ao Brasil, continuaram na ativa. A Paulo César Garcez Marins, Ana Paula Simioni e Ilana Goldstein pela leitura de versões anteriores e pelas muitas maneiras que eles contribuíram para a qualidade do texto final. A Sérgio Miceli, Roberto Grün e Maria Helena Bueno Trigo pelas observações e comentários em diferentes momentos desta pesquisa.

Meus pais, Nísia de Oliveira Serroni e Antonio de Pádua Perosa foram tudo: inspiradores, interlocutores, amigos e avós, sempre dispostos a ajudar. Espero poder honrar tanta generosidade. Ao Arilson da Silva Favareto agradeço pelo desafio de uma relação amorosa tão especial. Luca e Isabel nasceram e cresceram juntos com esta pesquisa. A eles o meu muito obrigado - bem forte! - pela coragem, pelos passeios e pelas tantas outras maneiras que eles encontraram de encher a casa de folia.

Na dianteira desta equipe estiveram Ivone Maria da Conceição (Zeza) e Maria Josineide da Costa (Neide), sem o cuidado, o carinho e a competência destas duas, acho que teria sido simplesmente impossível. A Fabiana Serroni e Roberto Perosa pelo amor fraterno sempre disposto a somar. A Lúcia Helena Gayotto e Pascoal da Conceição pelas muitas caronas, pelo bom humor e pela cumplicidade singular. A todo os amigos, que compartilharam as minhas inquietações obsessivas de pesquisadora, mesmo nas horas de lazer e diversão. De maneira especial, á Artionka Capiberibe, Renata Guarido, Andréa Rabinovici, Clarissa Magalhães, Tatiana Platzer do Amaral, Lillian dos Santos Rahal e Andrea Meloni.

Contar com o apoio da FAPESP foi um privilégio. Agradeço também á CAPES pela bolsa sanduíche.

Índice

Introdução	01
A produção de um objeto de pesquisa.....	01
O espaço de educação escolar em São Paulo.....	05
Acerca das fontes.....	10
Definição das escolas e a localização de ex-alunas.....	13
Entrevistas.....	16
Questionário.....	17
Plano de tese.....	20
1. Um novo mercado	23
Duas escolas, dois destinos.....	34
A negação do comercial	35
O espaço geográfico de São Paulo e a instalação dos colégios católicos.....	39
Espaço social e diferenciação social.....	55
Principais oposições.....	59
2. O “espírito” dos colégios	65
A vinda ao Brasil.....	71
Três escolas para meninas.....	74
Características sociais das religiosas.....	85
Características da socialização escolar.....	100

3. Frações e articulações de um grupo social	123
Reconstruir a riqueza.....	125
Estrutura do capital.....	129
Atividade econômica e nível educacional dos avós.....	129
Atividade econômica e experiência educacional de pais e mães.....	134
Uma distribuição espacial do capital.....	138
Um retrato de classe.....	145
4. O feminino em um grupo social dominante	147
Formação superior.....	152
Atividade profissional.....	159
Os casamentos.....	171
A análise fatorial e o re-agrupamento de variáveis.....	179
Diagrama 1.....	181
Diagrama 2.....	182
Uma herdeira <i>business</i>	186
Caminhando dentro das expectativas.....	191
Uma longa escolarização.....	194
Uma transgressão.....	199
5. Considerações finais	203

Introdução

A produção de um objeto de pesquisa

Esta investigação nasceu do contato com uma pesquisa que vinha sendo desenvolvida no grupo *Focus*¹, sobre as experiências de escolarização dos grupos dirigentes em São Paulo, ocasião na qual acompanhamos o trabalho etnográfico realizado por uma pesquisadora em três escolas privadas da cidade.² Esta maneira de abordar o sistema educacional brasileiro pareceu-nos inteiramente nova, pois até então nossa experiência como pesquisadora na educação tinha sido pautada pela discussão sobre a maneira pela qual, no interior da escola pública brasileira, produzia-se o *fracasso escolar* de milhares de crianças que, após sucessivas reprovações, eram excluídas do direito à escolarização.

A idéia de voltar o olhar para o extremo oposto, aquele das escolas privadas de elite de São Paulo, com sua socialização controlada e prolongada, a pretensa homogeneidade de seu público, representaria o contraponto necessário para pensar os significados da passagem pelo sistema de ensino brasileiro, considerando-o como um universo, formado por escolas públicas e privadas. O tema é relativamente pouco freqüente na literatura educacional brasileira, em função da prioridade

¹ O FOCUS é o Grupo de Pesquisa sobre Instituição Escolar e Organizações Familiares, sediado na Faculdade de Educação da Unicamp e coordenado pela professora Leticia Bicalho Canêdo.

² Esta pesquisa foi realizada pela professora Ana Maria Fonseca Almeida, entre 1995 e 1999, tendo resultado em sua tese de doutorado. Almeida, Ana Maria. *A escola dos dirigentes paulistas. Tese de Doutorado*. Faculdade de Educação, Unicamp, 1999.

conferida pelos cientistas sociais aos estudos sobre a educação dos grupos populares, por razões inteiramente legítimas. No entanto, tal opção deixa na penumbra a maneira pela qual a instituição escolar tem sido utilizada por famílias de alta renda. Examinar a experiência educacional desta parcela da população, relativamente pequena mas muito significativa, implica em analisar, sob outro ângulo, o funcionamento do sistema de ensino no Brasil e interrogar sua participação efetiva na produção dos padrões de dominação que estruturam a sociedade brasileira.³

O segundo passo para a construção deste objeto de pesquisa foi a definição do universo empírico a ser estudado. A leitura de um artigo de Jean Pierre Faguer nos estimulou a constituir em objeto de estudo as experiências de escolarização de um grupo de ex-alunas de escolas católicas.⁴ Esta modalidade de escola privada, por volta de 1940, era considerada a *boa escola*, para meninas de “*boa família*”. A idéia era examinar o caso particular das egressas destas escolas no início de 1960, pois neste período houve uma ampliação do acesso ao ensino superior brasileiro, com significativo aumento do percentual feminino, o que poderia ter transformado os horizontes possíveis para as mulheres deste grupo social.⁵ Como teriam interagido as expectativas familiares, as experiências escolares e as modificações sociais e culturais naquele momento? Quais teriam sido as repercussões da escola no futuro realizado por cada uma?

³ Cf. Almeida, Ana Maria e Nogueira, Maria Alice. *A escolarização das elites*. Petrópolis, Vozes, 2002, p.8.

⁴ Cf. Faguer, Jean Pierre. “Les effets d’une ‘éducation totale’ un collègue jésuite, 1960”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 86/87, 1991, p. 25-98.

⁵ Cf. Pastore, José. *O ensino superior em São Paulo*. São Paulo, Nacional e IPE/USP, 1972. Barroso, Carmen L. de M. e Mello, Guiomar N. de. “O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro”. *Cadernos de pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, n.15, 1979, p.47- 76.

Visando a responder a estas indagações, realizamos uma análise aprofundada de três escolas confessionais femininas e verificamos que, no seu interior, estava em curso um programa de socialização muito mais amplo do que a mera transmissão do saber escolar. Era exatamente o resultado desta *socialização escolar* que poderia estar, ao nosso ver, na base da construção de um determinado espaço de possíveis para estas jovens, produzindo efeitos duráveis que poderiam ser encontrados no futuro realizado pelo grupo, tanto no que diz respeito à atividade profissional, como às formas de responder às expectativas do universo familiar.⁶

A sociologia de Pierre Bourdieu e de Norbert Elias nutriu nosso estudo, com os conceitos de *habitus*, *configuração*, *interdependência* e *campo*, especialmente eficazes para investigar tanto a maneira pela qual o espaço de educação escolar estava estruturado, como para desvendar os possíveis ecos que a socialização garantida nestas instituições escolares poderia ter provocado.

Mais precisamente estávamos interessadas em saber de que maneira tais experiências educativas poderiam ter contribuído para encorajar ou desencorajar um grupo de ex-alunas a um ou outro pólo da vida social - a esfera familiar e a esfera do trabalho, fora dos limites domésticos. Partimos do princípio de que seria possível reconstruir a lógica que presidiu as inúmeras escolhas realizadas diante das possibilidades que configuravam um certo universo de possíveis para as moças destes grupos sociais.

⁶ A esse respeito ver, Bourdieu, Pierre, "Futuro de classe e causalidade do provável". In: Nogueira, Maria Alice e Catani, Afrânio, *Escritos de Educação*. Petrópolis, Vozes, 1998.

família e do papel da mulher no seu interior, como bem mostrou Francine Muel Dreyfus, para o caso da França da década de 1940, um período de intensas modificações sociais que provocaram uma reativação da ideologia da *essência* feminina, do mito do eterno feminino.⁹

São Paulo, nesse trabalho, foi tomada como um caso exemplar, no qual se notam, de forma até exacerbada, certos processos comuns a outros grandes centros urbanos brasileiros. Trata-se de uma cidade que, no período em estudo, passava por uma fase de grandes transformações, associadas, sobretudo, à chegada de um grande contingente de imigrantes estrangeiros, num momento em que se explicita a preocupação de determinados setores republicanos da sociedade em conceituar a educação escolar como instrumento a serviço da unidade moral e política da nação. A expansão escolar deste período evidencia, no entanto, a forte presença da escola privada que opera, até os dias atuais, uma segregação de base financeira.

Este multifacetado universo social foi pesquisado a partir de dois recortes temporais diferentes mas complementares: a forma como ele estava organizado em torno de 1920, quando as principais escolas católicas já tinham se estabelecido e a forma que ele assumiu por volta de 1950/1960, abordado por meio da análise das trajetórias sócio-profissionais de egressas de três escolas para meninas, importantes no espaço educacional da cidade deste período.

O espaço de educação escolar de São Paulo

⁹ Cf. Muel Dreyfus, Francine. *Vichy et l'éternel féminin*. Paris, Editions du Seuil, 1996.

Focalizar o estudo sobre a expansão das escolas católicas implicou em observar as demais unidades de ensino, públicas ou privadas, laicas ou religiosas. O desafio foi compreender estas instituições educacionais no interior de um espaço de relações objetivas, determinadas pela sua localização geográfica na cidade, pelo público que recrutavam e as características do programa de ensino. Cada vez mais, pareceu-nos sem sentido pensar as escolas católicas em si mesmas, num vácuo social, ou então, mergulhar em uma ou duas instituições apenas, como se fosse possível conhecê-las independentemente das relações objetivas que as ligam ao conjunto dos demais estabelecimentos de ensino da cidade.

Este universo foi se tornando cada vez maior, em especial se considerarmos a velocidade e o vulto das modificações estruturais da capital paulista no período em questão, que se refletiram na multiplicação e na diferenciação das escolas. Esta complexidade exigiu sucessivas delimitações ao longo da pesquisa. Inicialmente nos ativemos aos estabelecimentos de ensino católicos; em seguida, para compararmos a posição relativa do setor católico no interior deste espaço extremamente heterogêneo de educação escolar, detivemo-nos na forma como ele estava estruturado por volta de 1920. Isso porque, até 1920, São Paulo já recebera as inúmeras ordens religiosas que criaram algumas das principais escolas confessionais da cidade, que passaram a concorrer com escolas particulares não-católicas e com as escolas públicas. Para tornar o estudo exploratório viável, nos centramos nas

principais escolas “não primárias”¹⁰, sobre as quais teríamos condições de obter dados aproximados relativos à origem social dos alunos, à localização e às características do programa de ensino. O procedimento de pesquisa utilizado para o estudo deste universo consistiu na elaboração de quadros das características pertinentes a este conjunto de instituições, localizados nas fontes consultadas. Concretamente, inscrevemos cada uma das escolas em uma linha e abrimos uma coluna sempre que descobrimos uma propriedade necessária para caracterizar uma delas; por exemplo: local, data de criação, fundadores, origem social dos alunos, feminino/masculino, programa de ensino, etc. Este procedimento¹¹ nos obrigou a pensar relacionalmente, na medida que preencher os quadros implicou pensar na ausência/presença de dados sobre cada uma das escolas.¹² A partir dos dados obtidos, por meio deste procedimento, decidimos, posteriormente, submetê-los a uma Análise Fatorial, procedimento de pesquisa que permite ver, em um diagrama, como as escolas se aproximavam e se distanciavam em função das variáveis julgadas pertinentes.¹³

¹⁰ Classificação do período que designava a escola secundária e os cursos profissionais. Cf. Filho, Casemiro dos Reis. “Primeira fase da reforma da instrução pública”. In. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo, Cortez, 1981, p. 27- 149.

¹¹ Cf. Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989, p.29.

¹² Devo a Letícia Bicalho Canêdo a insistência na importância da realização dos quadros e o auxílio para torná-los cada vez mais precisos.

¹³ Este procedimento de pesquisa já tinha sido realizado com os dados do questionário por ocasião de meu estágio de pesquisa em Paris (2002/2003), como subsídio para pensar as trajetórias sócio-profissionais do grupo. Um ano depois, por ocasião da apresentação destes resultados em Paris (maio de 2004) decidimos submeter os dados reunidos a respeito das escolas “não primárias” públicas e privadas de 1920 a uma outra Análise Fatorial. Nas duas situações este procedimento de pesquisa foi realizado sob a orientação do estatístico Salah Bouedja, na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

Acerca das fontes

Como o interesse inicial da pesquisa era conhecer a configuração do setor católico, visando a subsidiar a escolha dos colégios femininos cujas trajetórias sociais das egressas seriam comparadas, começamos pela consulta ao arquivo da **Diocese de São Paulo**¹⁴ e à **Associação das Escolas Católicas**. A consulta a estas fontes foi acompanhada pela pesquisa aos *sites* das escolas, um recurso que se mostrou eficiente na medida em que as instituições disponibilizam informações sobre a sua história, fotografias sobre o cotidiano escolar e uma forma particular de se apresentar a alunos e pais, potenciais usuários dos *sites*. A literatura sobre as escolas católicas, em geral produzida por religiosos, ofereceu a oportunidade de checar estas informações.¹⁵ O resultado foi a produção de uma primeira lista com 82 de estabelecimentos de ensino católicos, sobre os quais conseguimos reunir dados sobre a localização geográfica e a data de fundação, das escolas criadas na cidade entre 1890 e 1965 (**Anexo 1**).

A utilização do **Guia dos Documentos Históricos na Cidade de São Paulo**¹⁶ foi extremamente profícua, pois ele apresenta o nome atual dos estabelecimentos de ensino públicos e privados criados entre 1554 e 1954, apresentando um verbete condensando informações que estavam dispersas em outros documentos consultados, tais como as ordens religiosas à frente do

¹⁴ Parte das informações referentes à localização das escolas católicas está disponível no *site* www.arquiocese-sp.org.br.

¹⁵ Em particular, Moura, Pe. Laércio. *A educação católica no Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo, Loyola, 2000.

¹⁶ Fernandes, Paula (org.) *Guia dos Documentos Históricos na cidade de São Paulo, 1554/1954*. São Paulo, HUCITEC/NEPS, 1998.

empreendimento, sua inserção na cidade, o público para o qual se destinavam, as reveladoras mudanças de endereço na cidade, a composição e o estado do arquivo de cada escola. Estes subsídios do **Guia** permitiram construir um gráfico comparativo sobre a expansão escolar durante um período relativamente longo (**Anexo 3**).

No âmbito deste estudo, a principal limitação do **Guia** reside no fato de que ele reúne informações apenas sobre as escolas que sobreviveram. Buscando superar esta limitação, consultamos os **Anuários de Ensino do Estado de São Paulo**, veículo oficial da Diretoria de Instrução de São Paulo, no qual os homens públicos responsáveis pela ordenação do sistema de ensino celebravam seus feitos, apresentando estatísticas sobre a expansão escolar e o funcionamento do ensino, bem como totalizações sobre o número de escolas e de alunos no ensino “oficial” e “particular”, no período em que eles foram publicados (1907-1937).¹⁷

Em relação às demais fontes consultadas, os **Anuários** têm a vantagem de trazerem informações sobre o nome do estabelecimento de ensino à época e não aquele que ele possa ter assumido mais tarde. Este aspecto revelou-se muito valioso pois na primeira listagem produzida com base nos arquivos ligados a Igreja Católica, os nomes destes estabelecimentos de ensino eram quase todos precedidos da palavra “colégio”, substituindo uma variedade de nomes originais que sinalizavam especificidades da inserção social das escolas. Desta maneira, no lugar de *externatos*,

¹⁷ Cf. Catani, Denice, *et alii*. “Vigilância e controle: os Anuários do Ensino do Estado de São Paulo e a história do trabalho docente no Brasil (1907-1937).” In: *Educação em Revista: a imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo, Escrituras, 1997.

institutos, ginásios, escolas, orfanatos, educandários todas as instituições educacionais católicas tinham se tornado “colégio”.

Tomar a nomeação dos estabelecimentos de ensino não como uma operação externa, mas como auto-nomeação, permitiu identificar as estratégias de diferenciação social que faziam parte das regras do jogo de concorrência dos estabelecimentos de ensino no espaço escolar paulistano. A palavra “Externato” sinalizava uma posição menos valorizada socialmente quando comparada à “Colégio”, termo que já à esta época precedia o nome dos internatos católicos que estavam responsáveis pela educação dos filhos de dirigentes políticos e famílias abastadas. Já os “Ginásios” tendiam a ser vistos como centros de excelência escolar, porque este nome era conferido somente aos estabelecimentos de ensino que tivessem obtido equiparação ao Ginásio Nacional, no Rio de Janeiro. Os “Educandários”, por sua vez, eram uma modalidade ainda mais desprestigiada, porque associada à recepção de crianças pobres e órfãs.

A recuperação e a comparação de dados relativos ao número de alunos matriculados no “ensino oficial” e no “ensino particular”, com discriminações por grau e unidade de ensino também foi possível graças à consulta aos **Anuários de Ensino**.¹⁸ Este levantamento foi extremamente útil, na medida que permitiu dimensionar o vulto destes estabelecimentos, algo que, até então, tinha ficado na dependência de informações dos *sites* e dos livros comemorativos dos colégios, disponíveis

¹⁸ Agradeço a François Bonvin que durante o Exame de Qualificação insistiu sobre a importância do número de alunos como um critério de comparação pertinente.

de maneira extremamente desigual.¹⁹ Isso permitiu a distinção entre escolas localizadas em bairros socialmente semelhantes, mas com número de alunos muito diferente, distinção esta que ajudou na identificação da posição dentro do espaço de educação escolar de 1920, e que, quando comparadas a informações das demais fontes, forneceu pistas decisivas sobre os movimentos ascendentes ou descendentes de cada instituição educacional.

Paralelamente à pesquisa sobre o número de estabelecimentos, a entidade mantenedora, a localização geográfica e a data de fundação, passamos a colecionar, ao longo da pesquisa, fotografias sobre as “turmas” e os prédios escolares, que funcionaram como mais um indício sobre o “espírito” dos colégios, uma vez que o espaço arquitetônico parecia estar ajustado às aspirações de seus fundadores. Tais imagens nos permitiram dimensionar as distâncias e as proximidades entre estas escolas, materializadas no edifício escolar e na maneira de apresentar os alunos. Os antigos internatos católicos estavam instalados em uma região da cidade privilegiada, em edifícios construídos em meio a amplas áreas verdes, com fachadas recuadas da calçada, favorecendo que eles fossem percebidos como um mundo à parte da cidade. Nas escolas situadas em bairros de classe média ou de trabalhadores manuais, as edificações escolares estavam postas em terrenos menores e os prédios menos imponentes, com fachadas sem recuo da calçada, com menor área verde e nas fotos, os alunos por vezes aparecem “espremidos” no seu interior. Os **livros comemorativos** de cinqüentenário ou centenário dos colégios nos forneceram grande parte destas imagens. As

¹⁹ O grande problema que vínhamos enfrentando é que estas informações estavam dispersas e nem sempre faziam referência ao mesmo ano letivo, considerando-se o intenso crescimento da cidade nas primeiras décadas do século, tornava-se, no mínimo, arriscado comparar o tamanho dos estabelecimentos de ensino com datas desiguais.

fotografias revelaram detalhes ausentes das demais fontes mas altamente reveladores. Entre eles, os uniformes, um sinal distintivo na medida em que apenas os colégios voltados para o público pagante mais abastado podiam se dar luxo de tê-los. Os uniformes apareceram como uma verdadeira obsessão nos colégios femininos e, de maneira mais discreta, nas escolas masculinas.

A divisão sexual das escolas, que declinou apenas no final da década de 1960, foi muito marcante durante toda a primeira metade do século XX, sugerindo que este espaço escolar estava estruturado tanto por classe, como por gênero. A informação sobre esta divisão sexual pôde ser recuperada apenas em parte, já que a mistura de meninos e meninas podia ocorrer em uma congregação religiosa feminina, mas que durante anos manteve-se com uma escola primária mista. Tornar-se feminina ou masculina, nestes casos, foi o resultado da história particular da inserção de cada estabelecimento de ensino. Apenas os principais internatos católicos da cidade foram, desde o princípio, exclusivamente masculinos ou femininos.

A mobilização deste material iconográfico e das fontes documentais descritas resultou na composição de um panorama aproximado do que pode ter ocorrido realmente no espaço escolar da cidade no período em análise. Um desafio permanente na pesquisa deste universo, em constante movimento, está no fato de que havia sempre uma flutuação na posição social dos estabelecimentos de ensino, o que exige, todo o tempo, um esforço para distinguir a posição atual dos estabelecimentos de ensino e sua posição nas primeiras décadas do século. Daí a utilidade de associar

as fotos aos dados sobre localização geográfica, mudanças de endereço e o número de alunos a fim de dimensionar o seu vulto destes estabelecimentos de ensino.

A principal lacuna que restou foi a obtenção de dados realmente comparáveis sobre a composição social do corpo docente, que exigiria um longo trabalho junto aos arquivos escolares, procedimento que não foi possível de ser realizado no quadro desta pesquisa. Os dados a esse respeito estavam dispersos e foram encontrados, quase acidentalmente, em memórias e biografias. Esta lacuna importa, sobretudo, no momento de distinguir a hierarquia escolar e a posição social dos colégios, nem sempre equivalentes. Isto pode ser notado quando observamos o caso do Ginásio do Estado de São Paulo, considerado um espaço de excelência escolar até meados dos anos de 1960, mas com uma posição social de declínio.

A definição das escolas e a localização de ex-alunas

Paralelamente à investigação sobre a estruturação deste espaço escolar na cidade, definimos quais seriam os colégios que seriam comparados: o Colégio Des Oiseaux (1907), o Colégio Santa Marcelina (1927) e o Colégio Santa Maria (1947). A escolha destas escolas foi embasada em dois critérios. Em primeiro lugar, pretendíamos que elas ocupassem posições diferentes no interior do setor católico, o que pôde ser determinado graças ao estudo exploratório sobre o espaço escolar na cidade. Em segundo lugar, avaliamos as condições objetivas de acesso às informantes egressas de

cada estabelecimento, o que nos levou decidir estudar o Colégio Des Oiseaux e não o Colégio Nossa Sra. do Sion, por exemplo. Assim, diante de colégios que ocupavam posições similares no espaço escolar da cidade, escolhemos aqueles com os quais as chances de êxito na localização de ex-alunas fossem maiores.

À reconstituição do espaço escolar tal como ele estava estruturado em 1920, sobrepusemos o estudo vertical de três escolas para meninas criadas entre 1907 e 1947, o que possibilitou observar as modificações deste espaço social e as estratégias encontradas para atrair as famílias ricas da cidade na década de 1950, período no qual o grupo de ex-alunas pesquisado ingressara na escola primária. Em 1960, quando este grupo estava concluindo o secundário, o Des Oiseaux possuía, aproximadamente, 600 alunas.²⁰ Na mesma época, o Santa Marcelina já contava com 1.231 alunas, após décadas de crescimento.²¹ O Santa Maria ainda era, neste momento, uma pequena escola com apenas 122 alunas, um dado facilmente compreensível por se tratar de uma escola *jovem* quando comparada com as demais. Seu crescimento, entretanto, foi vertiginoso ao longo das décadas subseqüentes.²² Visto pela perspectiva do número de alunos, pode-se afirmar que o Santa Maria era um colégio emergente, o Santa Marcelina tivera uma trajetória ascendente até 1960, quando entra em declínio. A ausência de dados objetivos do Des Oiseaux nos impede de proceder a uma avaliação.

²⁰ Esta estimativa foi feita por religiosas da congregação à frente da escola. Como a escola foi fechada não possível o acesso a dados exatos. Entrevista de Pesquisa com uma das antigas diretoras da escola.

²¹ O número decresceu a partir desta década, chegando a 719 alunas, em 1980. Fonte: Secretaria atual do Colégio Santa Marcelina.

²² Já em 1969, o número de alunos havia triplicado chegando a 318 matrículas. Em 1979, este número saltara para 862 e em 1989, para 1326, chegando a 1443, em 1999. Fonte: Secretaria do Colégio Santa Maria.

Para localizarmos as ex-alunas, começamos construindo uma lista a partir dos dados disponíveis nos arquivos das três escolas. Estes arquivos, embora desiguais, mostraram-se desatualizados, em função das sucessivas mudanças de prefixos de telefone na cidade nos últimos anos. Eles estavam ainda mais desatualizados quando não havia um trabalho da escola para reunir periodicamente suas ex-alunas, caso do Colégio Santa Marcelina, no qual as fichas de matrícula disponibilizadas para consulta, apresentavam nomes e endereços do período, sendo útil apenas para a reconstrução de turmas inteiras, mas não para obter informações, marcar entrevistas, etc. Do Des Oiseaux, nós obtivemos uma listagem oferecida pela Associação Santo Agostinho, que congrega ex-alunas. No Santa Maria, o trabalho foi feito com as fichas de atualização de endereço que a escola organizou, na tentativa de fortalecer os vínculos da escola com suas ex-alunas. Sempre que possível os números de telefones destes arquivos foram atualizados visando a evitar que as informantes fizessem parte de um mesmo círculo social.

Nos três casos, foi decisiva a contribuição da indicação de nomes por ex-professoras e algumas ex-alunas às quais tínhamos acesso. Este trabalho de localização e de consulta sobre a possibilidade de participar da pesquisa²³ desenvolveu-se de forma individualizada, com cada ex-aluna localizada e que tivessem saído da escola no início dos anos de 1960, critério de corte utilizado para garantir que fizessem parte da geração que teria se beneficiado da ampliação do acesso ao ensino superior. Ao todo, conversamos com uma centena de pessoas por telefone e conseguimos 82 ex-

²³ Sobre a forma de apresentar a pesquisa, consultar a carta de apresentação do questionário (**Anexo 2**)

alunas egressas entre 1957 e 1962 dispostas a participar da pesquisa. Este período de reconstituição dos telefones e endereços atualizados antecedeu a ida à Paris e, por este motivo, não pode ser prolongado, resultando em uma amostra relativamente pequena e desigual por escolas. Os procedimentos de pesquisa com este grupo incluíram observações etnográficas nas escolas, um questionário (Anexo 2), entrevistas aprofundadas com ex-professoras e ex-alunas e uma análise fatorial realizada a partir dos resultados obtidos com o questionário.

Entrevistas

As entrevistas foram feitas junto a ex-alunas, ex-professores e religiosas das três escolas selecionadas. Começamos entrevistando longamente quatro ex-alunas, 20 anos mais velhas do que o grupo principal focalizado no estudo, alunas, portanto, entre 1925 e 1935.²⁴ Apenas com o Colégio Santa Maria tais entrevistas preliminares não foram possíveis, dada sua fundação posterior. As atuais diretoras da escola Santa Marcelina e Santa Maria forneceram informações sobre ex-professoras, religiosas ou não. No total, foram realizadas 7 entrevistas com religiosas e 6 professoras leigas, duas de cada escola. Estas entrevistas foram concedidas sempre a partir da recomendação de alguém e ocorreram em diferentes espaços, desde a casa de repouso de irmãs idosas até a residência particular de algumas delas. A duração variou de 1 a 3 horas, sendo que a maior parte do material foi gravada.

²⁴ Agradeço a Afrânio Garcia a sugestão ex-alunas de uma geração anterior. Todas estas entrevistas foram gravadas e tiveram uma duração que variou de duas a três horas.

Posteriormente, com base nos resultados da análise fatorial, realizamos 15 entrevistas biográficas com ex-alunas, nas quais solicitava-se um retorno reflexivo sobre o passado familiar e as experiências de escolarização. A prática de realização destas entrevistas exigiu alguns cuidados que caracterizam o contato com este grupo social. Assim como ocorrera com as religiosas e professoras, todas elas foram obtidas por meio da intermediação e da recomendação de alguém conhecido. As regras de cortesia e o respeito a um nome conhecido mostraram-se imprescindíveis para conseguir o aceite em participar da pesquisa. Os cuidados incluíram ainda uma atenção especial com a apresentação da pesquisadora e da pesquisa.²⁵

Questionário

A elaboração do questionário teve como objetivo produzir informações sobre as características sociais das famílias, a trajetória escolar, os modos de profissionalização e alguns dados - aqueles possíveis de serem interrogados via um instrumento como o questionário - sobre as alianças matrimoniais.²⁶ Com relação às famílias, interessava-nos mapear as ocupações e a escolaridade de avós e pais, assim como o tamanho da fratria, local de moradia e algumas das

²⁵Cf. Pinçon, Michel e Pinçon-Charlot, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*. Paris, PUF, 1997, p.20.

²⁶ A primeira versão do instrumento foi discutida com os professores Leticia Bicalho Canêdo e Salah Bouedja que acompanhou mais tarde o trabalho de classificação e de análise fatorial realizados por ocasião do estágio de estudos na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, para o qual contamos com uma bolsa sanduíche da CAPES. Para a elaboração deste instrumento foram extremamente úteis: Mension-Rigau, Eric. *L'enfance au château: l'éducation familiale des élites françaises au XXe siècle*. Paris, Rivages Histoire, 1990; Cookson, Peter e Persel, Caroline. *Preparing for power*. New York, Basic Books, 1985.

práticas educacionais de cada grupo familiar (**Anexo 2**). A análise deste material sugeriria quais as ex-alunas mais indicadas para as entrevistas realizadas após a análise fatorial.

O envio dos questionários foi antecedido por um rico período de observações etnográficas, durante o qual “garimpamos”, paralelamente, os endereços das egressas em pelo menos três fontes: arquivos dos colégios (fichas de matrícula e fichas de ex-alunas), associação de ex-alunas e entre algumas ex-alunas a que as entrevistas com as irmãs foram dando acesso. Elaboramos uma lista com telefones atualizados de 102 ex-alunas das três escolas, que concluíram o curso secundário entre 1957 e 1962. Seguiu-se o telefonema a cada uma das potenciais informantes da pesquisa.²⁷ Como o envio do questionário foi negociado diretamente com cada uma delas, a taxa de não devolução foi baixa, cerca de 5%. Conseguimos resposta de 82 ex-alunas, sendo, respectivamente, 24 do Des Oiseaux, 26 do Santa Maria e 32 do Santa Marcelina.²⁸ Todos os questionários foram enviados pelo correio e retirados um a um na casa das informantes. Este procedimento nos pareceu adequado para evitar uma taxa maior de não-respostas.

Com os dados produzidos a partir dos questionários pretendíamos reconstruir quais eram as propriedades sociais que distinguiam o grupo de famílias recebidas por estes colégios e de que

²⁷ Alguns destes telefonemas se transformaram em longas “entrevistas”. Em vários casos, falamos mais de uma vez com a mesma pessoa. Estes dados estão analisados com maior detalhe no relatório de pesquisa da Fapesp entregue em agosto de 2002. Número do processo na Fapesp: 00/067/99-0.

²⁸ A distribuição das 5 negativas frente à solicitação de participação se deu distribuída da seguinte forma: Santa Maria, 3 ex-alunas reagiram fortemente ao pedido, alegando que não gostariam de voltar a falar da escola. Des Oiseaux: 1 ex-aluna que argumentou que estudara na escola por acaso e não se considerava uma informante legítima. Santa Marcelina, 1 ex-aluna argumentou que não gostaria de ver seu nome incluído em uma tese, apesar da garantia de que não seria identificada. Houve uma quinzena de pessoas consultadas, mas que tinham sido formadas fora dos anos estipulados para a pesquisa.

maneira poderiam ser observadas diferenças significativas em relação às trajetórias sócio-profissionais das egressas de cada um dos estabelecimentos de ensino considerados. A hipótese que dirigiu o trabalho foi a de que tais colégios recebiam frações distintas dos grupos dominantes em São Paulo e organizavam a experiência escolar das alunas de maneiras diferentes. Por este motivo, nos indagávamos se as trajetórias sócio-profissionais apresentariam uma variação homóloga a aquela notada entre as escolas e as famílias. A dupla indagação, sobre as propriedades sociais das famílias e os efeitos sociais associados às experiências educacionais, presidiu o trabalho de classificação dos dados produzidos por este instrumento de pesquisa.

A codificação e a classificação dos dados dos questionários resultou em um conjunto formado por 149 variáveis, das quais selecionamos 10 para fazer a primeira análise fatorial. A seleção foi realizada a fim de permitir relacionar os aspectos centrais que estruturavam nossas hipóteses. Interessava-nos, sobretudo, ver relacionadas às variáveis que diziam respeito à estrutura do capital das famílias das ex-alunas, as características do tipo de aliança matrimonial e os modos de profissionalização por escola.

A possibilidade de trabalhar com os dados morfológicos de duas gerações (avós e pais) favoreceu que estes percursos femininos pudessem ser vistos em relação ao movimento de seu grupo familiar: ascensão, declínio ou relativa estabilidade. Este aspecto da história familiar foi muito explorado durante a realização das entrevistas. Procuramos investigar o prolongamento ou não dos estudos, o exercício de um trabalho remunerado, a aposta mais ou menos forte nas alianças

matrimoniais, como opções que só faziam sentido no contexto da história do grupo familiar e da relação que cada uma manteve com esta história. Comparar a atividade econômica de duas gerações nos permitiu ainda detectar as possíveis falências materiais das famílias – foi o caso por exemplo, da interrupção dos estudos superiores de um pai (filho de um profissional liberal) foi assim justificada no questionário como “ele foi ser arrimo de família”. Mais freqüente, no entanto, foi obter estes dados no curso das entrevistas, nas quais a própria narrativa exigia um elo causal que a tornasse compreensível - porque uma jovem rica, recém casada com um herdeiro do setor financeiro, com filhos e sem diploma superior, teria se atirado ao mercado de trabalho? Na realidade, tanto a pujança dos patrimônios familiares como as falências materiais nos interessavam e estavam na base das primeiras interrogações elaboradas nesta pesquisa. Qual a relação entre o patrimônio das famílias e os investimentos educacionais realizados? Em que situações a elevada posse de capital econômico, teria encorajado ou desencorajado o grupo à esfera profissional? Estas foram algumas indagações que nortearam a realização das entrevistas e o trabalho com os questionários.

Plano de tese

O primeiro capítulo desta tese apresenta os resultados do estudo sobre a expansão das escolas católicas na cidade de São Paulo. A partir deste material decidimos reconstruir a maneira pela qual o espaço educacional paulista estava estruturado em 1920. Comparando sistematicamente os dados obtidos e com o apoio de uma análise fatorial descrevemos a instalação de um mercado

escolar na cidade, consolidado entre 1920 e 1930, no qual os estabelecimentos de ensino concorriam entre si, tanto no recrutamento do público, quanto na construção de imagens de excelência escolar.

O raciocínio foi organizado em torno da idéia de que o espaço geográfico da cidade apresenta homologias com o sistema de posições sociais.²⁹ Por este motivo, fez-se absolutamente necessário apontar as características dos grupos sociais que surgiam, gradativamente, em cada bairro, como resultado de um intenso processo de diferenciação social, marcado por transformações morfológicas da população que, por sua vez, produziram modificações na forma de as famílias se relacionarem com a escola. Não tivemos a pretensão de esgotar um tema tão complexo e multifacetado, mas a intenção de sinalizar algumas das principais oposições que perpassavam este espaço social.

No segundo capítulo, “O ‘espírito’ dos colégios”, apresentamos as três escolas para meninas selecionadas para um estudo vertical, a fim de analisar mais detidamente como se organizava a socialização no interior destas escolas. O intervalo de vinte anos entre a fundação destas escolas (1907, 1927, 1947) permite acompanhar algumas das mudanças deste espaço escolar, descrito no primeiro capítulo. Para isso, debruçamo-nos sobre o material empírico reunido nas entrevistas com religiosas e ex-alunas, sobre as fotografias dos ambientes escolares e sobre os livros comemorativos das escolas. A chegada das congregações religiosas, as características sociais de suas fundadoras, as

²⁹ Cf. Bourdieu, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996; Pinçon, Michel e Pinçon-Charlot, Monique. *Dans les beaux quartiers*. Paris, Seuil, 1989.

instalações físicas das escolas, revelaram-se a nós por meio de fotografias e depoimentos, permitindo evidenciar sobre o quê repousavam as distinções entre estas três escolas para meninas.

No terceiro capítulo, apresentamos de maneira condensada os dados obtidos nos questionários que evidenciam as fronteiras e as articulações entre as frações específicas das elites paulistas. Para proceder a esta análise articulamos as variáveis sobre atividade econômica de pais e avós, às suas qualificações educacionais. Nosso objetivo foi reunir as bases empíricas que possibilitassem precisar a posição social destas famílias e indagar os seus investimentos educacionais como uma totalidade dotada de sentido.

Por fim, no quarto capítulo, procuramos refazer e compreender as trajetórias sócio-profissionais do grupo que respondeu ao questionário, reunindo informações sobre seu eventual ingresso no ensino superior, sobre as alianças matrimoniais e sua possível dedicação à esfera do trabalho fora dos limites domésticos. Estes dados também foram submetidos a uma análise fatorial que revelou as oposições pertinentes para pensarmos as distâncias e as proximidades entre as trajetórias sociais do grupo. A partir do resultado desta análise fatorial definimos quem seriam as ex-alunas a ser entrevistadas e, com base neste material, construímos quatro casos exemplares que explicitam, de maneira emblemática, em que medida as relações entre origem social, formação escolar, alianças matrimoniais e acidentes de percurso pessoais se conjugaram na composição de um universo de possíveis para este grupo de mulheres. Esperamos, com este trabalho, ter contribuído para o diálogo interdisciplinar envolvendo a Educação e a Sociologia.

Um novo mercado

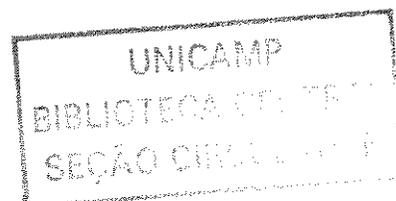
Na virada do século XIX para o XX, São Paulo deixava de ser uma pequena cidade, caminhando para transformar-se, posteriormente, no maior centro econômico brasileiro³⁰. A prosperidade descrita por historiadores e o conseqüente crescimento populacional, acentuados pela chegada de um expressivo contingente de estrangeiros na cidade resultaram na formação de uma multidão de crianças e jovens na faixa entre 7 e 14 anos, definida como idade escolar. Em 1920, quando a população da cidade já somava 600 mil habitantes, o número de crianças em idade escolar alcançava 104.283 e a estimativa era que 40% delas não sabiam ler e escrever³¹.

O entusiasmo dos anos iniciais de regime republicano, que levou à criação de diversos Grupos Escolares arrefeceu rapidamente³². Ainda assim, a presença destas instituições de ensino,

³⁰ São Paulo possuía, em 1872, 31.385 habitantes. Em 1890 este número saltara para 64.934; vinte anos depois, 239.820, quando então a cidade passou a ser a segunda mais populosa do país. Em 1920, a cidade já contabilizava uma população de 579.033 e, em 1940, 1.318.539 era o número total de habitantes. Na década de 1950 este número atingiu a casa dos dois milhões de habitantes, ultrapassando o Rio de Janeiro e se tornando-se a maior cidade brasileira. Cf. Morse, Richard. *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*. São Paulo, DIFEL, 1970.

³¹ Fonte: IBGE, Estatísticas do Século XX, Recenseamento de 1920, "População das capitais da União, segundo o grau de instrução e a idade". Rio de Janeiro, 2004.

³² Cf. Nagle, Jorge. 1977. "A Educação na Primeira República". In: Fausto, Boris, *O Brasil Republicano*. Tomo 3, vol.2, p.261-291. Ver também, Filho, Casemiro dos Reis. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo, Cortez, 1981.



responsáveis pelo primeiro ciclo escolar – o primário - podia ser notada em toda a cidade³³, com suas fachadas imponentes, escadarias, alas femininas e masculinas, acabamentos nobres, festas cívicas e execuções do hino nacional³⁴. Igualmente marcantes eram as três escolas oficiais da cidade de São Paulo voltadas para o ciclo final: A Escola Normal da Praça, a Escola Normal do Brás, à esta época consideradas escolas profissionais e o Ginásio do Estado de São Paulo, a única instituição de ensino secundário da cidade³⁵.

A instalação dessas escolas oficiais, pequenas ou grandes, acendia o fogo das discussões sobre a escola pública, a partir de 1915, dando visibilidade a um outro conjunto de instituições educacionais privadas que vinha tomando espaço aceleradamente desde a reforma Rivadávia (1911), que instituiu a liberdade de ensino e a competição livre³⁶. A doutrina da “liberdade de ensino” desta reforma potencializou a criação de escolas oficiais, mais intensa no nível primário e extremamente lenta no nível secundário, permitindo, paralelamente às escolas do Estado, o surgimento de centenas

³³ Em 1914, a cidade de São Paulo contava com 28 grupos escolares, instalados nos principais núcleos habitacionais da cidade: Arouche (1905), “Avenida” (1909), Barra Funda (1903), Bela Vista (1900), Belenzinho (1909), Bom Retiro (1909), Braz (1898- 1º), Braz (1896- 2º), Braz (1908 -3º), Cambuci (1908), Carmo (1894), Consolação (1911), Lapa (1909), Liberdade (1905), Maria José (1896), Mooca (1906), Pari (1905), Mooca (1914), Penha (1913), Prudente de Moraes (1895), Santana (1909), Santa Efigênia (1896), Santo Antonio (1908), São Joaquim (1914), São João (1907), Sul da Sé (1896), Triunfo (1900), Vila Mariana (1909). O interior do Estado contava com 120 grupos escolares. Fonte: São Paulo. *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo*, Diretoria Geral da Instrução Pública, 1914, p. 518 -519.

³⁴ As edificações dos grupos escolares deste período foram analisadas em Buffa, Ester e Pinto, Gelson de Almeida. *Arquitetura e Educação*. São Carlos, Edufscar, 2002. Consultar também, Wolf, Silvia F. S. “Espaço e educação: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas.” *Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP, São Paulo, 1992.

³⁵ A Escola Normal da Praça foi criada em 1846, A Escola Normal Primária do Brás, em 1896 e o Ginásio do Estado de 1892. Fonte: São Paulo, *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo 1914*, Diretoria Geral da Instrução Pública, p. 511/517.

³⁶ Sobre as características da expansão escolar na cidade de São Paulo, consultar, Beisiegel, Celso de Rui, *Estado e Educação popular*. São Paulo, Pioneira, 1974. Ver também, Beisiegel, Celso, “Educação e sociedade no Brasil após 1930”. In: Fausto, Boris, *O Brasil Republicano*. Tomo III, Rio de Janeiro, DIFEL, p. 383-416.

de estabelecimentos de ensino particulares, criados por professores, instituições religiosas e grupos diversos da sociedade civil, que passaram a comercializar o acesso à educação. Os dados sobre o tipo de entidade mantenedora dos estabelecimentos de ensino no Estado de São Paulo fornecem pistas para dimensionar as características desta expansão escolar. Em 1936, dentre os 546 estabelecimentos de ensino “não primários”, 89 eram estabelecimentos de ensino público, contra 457 escolas particulares que funcionavam no território paulista³⁷.

O caráter seletivo do ensino secundário brasileiro, apontado pela literatura especializada³⁸, resultava em boa medida do baixíssimo número de estabelecimentos de ensino mantidos pelo Estado. As opções eram poucas e disputadas nos concorridos exames de admissão³⁹. Em 1936, existiam na cidade apenas três escolas secundárias públicas, contra quarenta escolas secundárias particulares⁴⁰.

³⁷ Destes 546 estabelecimentos de ensino, 84 eram escolas católicas, 92 mantidas por sociedades civis e 244 mantidas por particulares. Nestas 244 estavam, provavelmente, as pequenas escolas, muitas das quais levavam à frente o nome de seu proprietário (a), tais como a Escola Particular de D. Olívia Fernandes, a Escola de Manuel Pinto Gomes, a Escola de César Genari, Escola de Maria Bueno, Escola de D. Josephina Leite, entre várias outras. Fontes: IBGE, “Estabelecimentos de Ensino: 1936.” Educação. In: Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro, 2003. Sobre o nome das escolas, consultar, São Paulo, *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1914*, Publicação da Diretoria Geral de Instrução Pública, p. 590.

³⁸Cf. Romanelli, Otaíza. *História da educação no Brasil (1930-1979)*. Petrópolis, Vozes, 1978; Nagle, Jorge. *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo, Edusp, 1977. Ver também, Haidar, Maria de Lourdes Mariotto, *O ensino secundário no Império*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

³⁹ Cf. Filho, Casemiro dos Reis. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo, Cortez, p. 150.

⁴⁰ Fonte: São Paulo, “Distribuição dos estabelecimentos de ensino secundário, oficiais e particulares no Estado de São Paulo”. In: *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo 1935/1936*, Publicação da Diretoria Geral de Instrução Pública, p. 261. No restante do Brasil a situação era bastante semelhante, apesar das possíveis e prováveis disparidades regionais. Verificar em: Freitas, M.A. Teixeira de. *O que dizem os números sobre o ensino primário no Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1937, p. 27.

Este capítulo apresenta os dados que reunimos a partir de um estudo exploratório sobre a configuração do espaço de educação escolar em São Paulo, tal como ele estava estruturado por volta de 1920. A hipótese na qual se baseou o estudo foi construída relacionando-se a configuração deste espaço de educação escolar com as modificações econômicas, políticas, sociais e culturais que ocorreram nas primeiras décadas do século XX, e com as profundas transformações morfológicas de sua população.

Tais modificações foram geradas pela capacidade de acumulação da economia paulista por via da integração das atividades cafeeiras, da agricultura variada, da rede introvertida de transportes, da ampliação e diversificação do pequeno comércio varejista ao grande comércio atacadista, do sistema bancário, da potencialidade revelada no setor industrial e da chegada de um enorme contingente de estrangeiros à cidade que trouxeram consigo um acelerado processo de diferenciação social⁴¹, o qual acarretou não só transformações na morfologia dos grupos sociais residentes na cidade, como também afetou a maneira pela qual as famílias percebiam a educação escolar, modificando as aspirações em relação à escola até então existentes.

Em primeiro lugar, este contexto de prosperidade econômica trouxe consigo a valorização progressiva do sistema de ensino. Até então, a passagem do mundo familiar para o mundo do trabalho podia prescindir dos caminhos da escolarização. Em geral, os filhos herdavam o ofício ou

⁴¹Cf. Morse, Richard, *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo, Difel, 1970; Singer, Paul. *Economia política da urbanização*. São Paulo, Nacional, 1974; Silva, Sergio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo, Alfa-omega, 1980; Fausto, Boris et. al. *Imigração e política em São Paulo*. São Paulo, Sumaré, 1995. Arruda, Maria Arminda Nascimento. *Metrópole e Cultura*. São Paulo, Edusc, 2001.

as propriedades dos pais e seguiam nesta atividade econômica. A expansão das ofertas de escolarização alterou a maneira das famílias organizar a educação escolar dos filhos dando origem a novas aspirações educacionais viáveis, tanto para aqueles que sonhavam com uma vaga no seletivo Ginásio de São Paulo⁴², como para aqueles que podiam arcar com as mensalidades cobradas pelas diversas escolas privadas que ocupavam a cidade.

O crescimento das atividades do Estado, a diversificação do comércio e um crescimento acentuado e gradual da atividade industrial⁴³, acompanhando o crescimento populacional da cidade, contribuíram para que a passagem pela escola secundária e pelo ensino superior fosse progressivamente sendo percebida como um trunfo decisivo para o ingresso nos cargos mais elevados do setor público e nas funções do comércio e da indústria que exigiam maiores qualificações.

Para os grupos sociais que estavam ancorados no aparato burocrático, o interesse na posse das credenciais educacionais era grande. Professores primários e secundários, funcionários públicos, trabalhadores em atividades de supervisão, entre outros, percebiam que as credenciais escolares

⁴² Para matricular-se no Ginásio de São Paulo, era necessário ter idade superior a 12 anos, aprovação em todas as disciplinas do curso preliminar, não sofrer de moléstia contagiosa e o pagar uma taxa. Reservavam-se 10% das vagas para meninos pobres, “inteligentes e laboriosos” que, na concorrência dos exames, se mostrassem mais habilitados. Filho, Casemiro dos Reis, op. cit. p. 153.

⁴³ Wilson Cano argumenta que atividade industrial na cidade já estava em pleno andamento desde o início do século XX. Em 1907, os ramos que concentravam a produção eram: minerais não metálicos, papel, têxtil e vestuário. No caso do papel, São Paulo já concentrava 37,8% da produção nacional, em um período em que as importações desses produtos ainda eram elevadas. Segundo o autor, em 1919 os reflexos da aceleração da indústria paulista eram ainda mais evidentes, concentrando São Paulo 35% a 45% da produção nacional. Wilson Cano, *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Campinas, Publicação do Instituto de Economia da Unicamp, 1998, p. 211-271.

estavam se tornando uma peça-chave, sobretudo para o ingresso no serviço público.⁴⁴ São eles que vão encorajar os filhos a perseguirem os caminhos oferecidos por este espaço escolar, no intuito de garantir uma “boa” educação aos filhos, tanto nas escolas católicas voltadas para as classes médias e altas, como no Ginásio de São Paulo e nas Escolas Normais da cidade.⁴⁵ Para quem não possuía um patrimônio econômico sólido o grau de instrução e o *status* profissional começavam a se tornar as bases realmente importantes para pretender uma posição social em condições de competir com o prestígio tradicional dos grandes proprietários de terra e dirigentes políticos. Estas novas aspirações em relação ao sistema de ensino o tornariam, progressivamente, o local no qual se iniciavam as lutas por diferenciação social. Esta batalha simbólica provocou o surgimento de uma nova divisão social baseada no grau de instrução e na profissão, paralelamente à estratificação social dada pelo nascimento.⁴⁶

Para o projeto de hegemonia política das antigas gerações de proprietários rurais, bem como para os industriais em ascensão, não interessava mandar os filhos para qualquer escola, mas para os

⁴⁴ A reforma salarial do início dos anos 30 no serviço público brasileiro, instituiu faixas especiais em favor dos profissionais liberais e dos demais portadores de títulos de nível superior. Cf. Miceli, Sergio, (1979) *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 142 p. Ver também, Pinheiro, Paulo Sergio, “Classes médias urbanas: formação, natureza e intervenção na vida política.” In: Fausto, Boris, *O Brasil republicano*. Tomo III, vol. 2, Rio de Janeiro/ DIFEL, 1977, pp. 09-37.

⁴⁵ As entrevistas com filhas de professores e funcionários de nível secundário, elas fizeram referências enfáticas sobre as dificuldades financeiras dos pais para mantê-las nos colégios de freiras. Juscelino Kubitschek em sua autobiografia narra em detalhes o sufoco de sua mãe viúva e professora primária para mantê-lo no colégio interno. Segundo seu relato os custos do internato correspondiam exatamente à metade do salário de sua mãe. Kubitschek, Juscelino. *Meu caminho até Brasília*. São Paulo, Melhoramentos.

⁴⁶ Fritz Ringer analisa o caso da comunidade acadêmica alemã e a forma como as qualificações educacionais deste grupo foram decisivas para que ele conseguisse se impor como uma espécie de “nobreza dos instruídos”, em oposição à antiga nobreza prussiana, cuja posição estava garantida pelo nascimento. Consultar, Ringer, Fritz (2001) *O declínio dos mandarins alemães*. São Paulo, Edusp, pp.2

prestigiados internatos católicos da cidade ou da Europa.⁴⁷ Com isso poderiam garantir o ingresso nas escolas superiores e, sobretudo, a possibilidade de manter os jovens entre as famílias conhecidas e expostos a uma forma de socialização mais homogênea. Nesse sentido, o grupo de ex-alunas entrevistadas, quando indagado sobre o porquê de seus pais, por volta de 1950, teriam preferido a escola privada à pública, deu respostas que, mesmo quando evasivas foram reveladoras: “...estava fora de cogitação...”, disse a filha de um alto funcionário público; “os filhos de amigos deles estudavam lá”, disse a filha de um profissional liberal. E esta não era uma estratégia educacional voltada apenas para as meninas, pois os irmãos destas entrevistadas também já não iam para o Ginásio de São Paulo, dirigindo-se preferencialmente para os Ginásios católicos ou privados laicos.⁴⁸

Certamente, os diversos grupos sociais na São Paulo das primeiras décadas do século XX podiam ter percepções muito diferentes sobre o que era uma “boa” educação. Para as classes trabalhadoras, o ingresso nos cursos técnicos voltados para a aprendizagem rápida de um ofício poderia ser percebido como a forma mais segura e factível de controlar minimamente o futuro dos filhos. Era nesta direção que caminhavam os investimentos educacionais de muitos trabalhadores manuais qualificados, empregados nas indústrias têxtil e alimentícia, empregados nas atividades de prestação de serviços que acompanharam o crescimento da cidade e alimentaram as inúmeras

⁴⁷ S.A. narrou, com detalhes, o alto investimento educacional de seu avô paterno em seu pai. De origem libanesa, este senhor, na virada do século XIX para o século XX, havia enriquecido com o comércio de tecidos, tornando-se um grande atacadista do setor. Seus dois filhos, nascidos na primeira década do século XX, foram enviados aos 11/12 anos para estudar em um internato inglês. O projeto paterno, posteriormente realizado pelos filhos, visava a garantir o ingresso em uma faculdade de engenharia inglesa. Tal investimento educacional ancorava seu sonho de transformar seu comércio de tecidos em uma moderna indústria têxtil. Fonte: Entrevista de pesquisa, 16/02/2004.

⁴⁸ Os dados sobre a escolaridade dos irmãos foram produzidos pelos questionários aplicados em 2002 em um conjunto de 82 ex-alunas egressas de escolas católicas no final de 1950.

escolas de cursos técnicos que surgiram na cidade. O Liceu de Artes e Ofícios, de 1873 e a Escola Profissional Masculina do Brás, de 1911 eram procurados por que desejasse receber uma iniciação artística de caráter “prático” que visava à preparação dos jovens para a absorção pelo mercado de construção civil da cidade.⁴⁹

Para a grande maioria do exército de crianças e jovens, bastava apenas frequentar as séries iniciais do antigo curso primário e sair da vala comum dos “analfabetos”, como no caso dos descendentes de escravos, absorvidos tanto no trabalho doméstico (cozinheiras, jardineiros, *chauffers*), como em outras atividades manuais (lavadeiras, costureiras, engraxates, vendedores ambulantes, lavradores que trabalhavam nas muitas chácaras da cidade, etc). Parte desses grupos sociais foi atendida, pelas escolas paroquiais mantidas pela Igreja Católica como, pelos diversos grupos escolares que proliferaram em São Paulo desde o início do período republicano.

Mesmo entre os grandes proprietários do comércio, para quem a reprodução do capital econômico não dependia da escolarização, os investimentos educacionais foram objeto de atenção, no sentido de garantir as condições para a transmissão do patrimônio. Para alguns, isso poderia significar manter os filhos longe dos ginásios e colégios que encaminhavam para as escolas superiores, já que estas eram percebidas como ambientes que tendiam a afastar os meninos do mundo dos negócios da família, pois possibilitavam o desenvolvimento de uma carreira liberal, fora

⁴⁹Cf. Durand, José Carlos. “Os Liceus de Artes e Ofícios e a formação de artesãos.” *Arte, privilégio e distinção*. São Paulo, Edusp, 1989, p.57-62.

do controle familiar.⁵⁰ Variações à parte, a passagem pelo sistema de ensino ganhou cada vez mais centralidade na maneira pela qual as famílias lidavam com a sucessão de seu grupo familiar, na medida em que determinadas instituições de ensino acrescentavam honras e prestígio a um indivíduo.

Em São Paulo, de 1920, havia basicamente três opções de escola para quem pudesse dar continuidade aos estudos: o curso secundário denominado Ginásio e os cursos profissionais, dentre as quais estavam incluídas tanto as Escolas Normais, como os Cursos Técnicos oferecidos paralelamente por escolas oficiais e particulares.⁵¹

Os Ginásios, após a Reforma Carlos Maxililiano, de 1915, voltaram a seguir o regulamento e o currículo-modelo do Ginásio Nacional, ou Colégio Pedro II. O curso tinha a duração de seis anos, sendo os quatro primeiros comuns a todos os alunos e os dois últimos divididos entre as áreas científica e literária. O programa de ensino dos Ginásios estava centrado no ensino das línguas clássicas (latim e grego) e modernas (francês, inglês, alemão e português), aritmética e álgebra, física, química e história natural, geometria e cosmografia e história do Brasil, antropologia, psicologia e lógica. Aos habilitados nos exames terminais do Ginásio de São Paulo conferia-se o título de “Bacharel em Ciências e Letras” e a eles estava assegurada a matrícula em qualquer estabelecimento

⁵⁰ Esta tendência de alguns grupos sociais a afastar os filhos das escolas que encaminhavam para o ingresso no ensino superior foi notada nos países europeus, como demonstrou Fritz Ringer. Esta tendência foi relativamente mantida nas décadas subseqüentes. Cf. Grün, Roberto (2001) “Dinheiro no bolso, carrão e loja no shopping: estratégias educacionais de reprodução social em famílias de imigrantes armênios”. In: Almeida, Ana & Nogueira, Maria Alice (org.) *A escolarização das elites*. Petrópolis, Vozes, 66-75.

⁵¹ Escola oficial e escola particular eram as categorias utilizadas à época para referir-se ao ensino público e privado. Fonte: Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1914.

de ensino superior do estado de São Paulo.⁵² As Escolas Normais, com duração de três anos, davam acesso aos diplomas de professor secundário e primário. O programa de ensino estava centrado nas disciplinas de português, aritmética, geografia e cosmografia, caligrafia, desenho, história do Brasil, física e química e educação cívica. Na seção masculina, enfatizava-se o estudo da álgebra e, na seção feminina, a ênfase recaía sobre as prendas domésticas e os exercícios escolares.⁵³ As escolas técnicas possuíam um programa de ensino mais restrito, baseado na aquisição de noções básicas de aritmética e português, acrescido do conteúdo específico relacionado ao ofício para o qual preparavam seus aprendizes. No período em questão, além do Liceu de Artes e Ofícios e da Escola Profissional do Brás, havia duas escolas comerciais na cidade e uma escola agrícola, tendo surgido posteriormente as escolas industriais.⁵⁴

Esta subdivisão interna do espaço educacional em escolas e programas paralelos, que se diferenciavam pela origem e pelo destino social de seus alunos, trazia como consequência o acesso, no caso dos egressos dos Ginásios, sobretudo aos homens, às fileiras das escolas superiores, ao passo que os cursos profissionais encerravam-se em si mesmos, com a aquisição rápida de um ofício. Isso também acontecia em boa parte dos países europeus, nos quais os sistemas de ensino estiveram estruturados sobre a mesma subdivisão: os cursos de cultura clássica e os cursos técnicos. Em países

⁵² Casemiro dos Reis Filho, op. cit. p.157.

⁵³ Nos baseamos na descrição de Casemiro dos Reis Filho sobre as diretrizes do Ensino Normal em São Paulo no período aqui considerado. Op. cit. p. 43-44.

⁵⁴ Em 1922, dos 5.567 alunos dos cursos profissionais, 2.741 estavam matriculados nas escolas mantidas por particulares. Deste contingente, 2102 eram do sexo masculino e 639 do sexo feminino. Fonte: São Paulo, “Estabelecimentos de ensino custeados pela União, pelas municipalidades e particulares”. *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1922*, p. 394.

como a Alemanha e a França, por exemplo, mesmo durante o período de intensa industrialização, o sistema de ensino de nível secundário esteve centrado no domínio das línguas e literaturas clássicas. Esta formação era extremamente prestigiada porque a ela estava associada a cultura das elites clericais e políticas do antigo regime.⁵⁵ De certa maneira, lá, como aqui, o homem instruído, cultivado, “realmente” educado, distinguia-se dos homens “vulgares” com “simples formações práticas” e por isso o primeiro teria o legítimo direito de dominar e de governar os demais.⁵⁶

No interior desta segmentação hierarquizada pelos programas de ensino habitava uma divisão sexual das escolas que traduzia as distinções associadas ao que se esperava da educação para o gênero masculino e feminino. O ideal de educação para o gênero masculino estava centrado na aprendizagem das línguas, da literatura e das disciplinas científicas que desenvolviam as condições propriamente escolares para a aquisição de disposições específicas para tomar a palavra, desenvolver o raciocínio abstrato e ter “sangue frio”, exigidos nos exames para o ingresso no secundário. Em contrapartida, para o gênero feminino subtraíam-se tais conteúdos, introduzindo em seu lugar disciplinas de trabalhos manuais, voltados para o treino das habilidades apropriadas para o exercício da maternidade simbólica, na escola ou na sociedade.

⁵⁵ Ringer, Fritz, 2003, “La segmentation des systèmes d’enseignement”. *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, 149: 6-20.

⁵⁶ Ringer, op. cit. p.06.

Duas escolas, dois destinos

A instalação do Ginásio do Estado da Capital (Ginásio de São Paulo) e da Escola Normal da Praça (mais tarde Caetano de Campos) foram instaladas respectivamente em 1892 e 1846.⁵⁷ Elas encarnam de maneira emblemática as distâncias que separavam a boa educação para o gênero feminino e masculino. A Escola Normal da Praça, embora fosse oficialmente mista recebia uma esmagadora maioria de moças (617 alunas, contra 150 alunos).⁵⁸ Passar pelos bancos desta escola era a consagração escolar maior tanto para as moças ricas que, egressas dos colégios católicos, ou educadas em casa com preceptores, pretendiam lapidar sua cultura geral e guardar consigo o diploma do magistério, como para as moças de origem social mais modesta que haviam conseguido prolongar seus estudos ambicionando ter o magistério como profissão. Ao final do curso elas eram convidadas a ocupar a cadeira de professoras primárias nos Grupos Escolares ou nas longínquas escolas isoladas, nas quais encarregavam-se da educação de um grande número de crianças das mais diferentes idades. O Ginásio do Estado da Capital não possuía equivalentes em termos de prestígio acadêmico na cidade. Tal como a Escola Normal era gratuita e os professores eram nomeados por concurso público. Possuía, entretanto, no mesmo ano de 1914, 336 alunos, todos do sexo masculino. Do ponto de vista escolar o Ginásio encarnava o ideal de rigoroso espaço de formação clássica e científica⁵⁹ preparando os homens para o ingresso nas profissões liberais. A passagem por esta escola significava também uma experiência de consagração escolar retumbante, mas a aprovação em seus exames terminais garantia o acesso a qualquer escola superior da cidade e possibilitava aos homens o ingresso nas profissões liberais.

⁵⁷ Embora, a Escola Normal funcionasse desde 1846 foi a partir da inauguração do majestoso edifício, em 1894, que ela adquiriu a visibilidade que teve ao longo das primeiras décadas do século XX em São Paulo. Fonte: Anuário de Ensino do Estado de São Paulo, 1935-1936.

⁵⁸ Fonte: *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo*, 1914, p.511.

⁵⁹ Paulo Vanzolini, ex-aluno da escola na década de 1930 e egresso da , relatou que chegou até ela depois de conhecer um modesto aluno da escola fazendo as mais difíceis “derivadas” na oficina de seu pai. Impressionado com o preparo do menino, pediu ao pai que o transferisse do colégio privado para o este ginásio público. Com a mudança de escola Paulo Vanzolini se deparou com um ambiente de excelência acadêmica e extremamente competitivo: “No Rio Branco, eu era tido como garoto prodígio, no Ginásio do Estado eu quase levei bomba”. Fonte: Entrevista de pesquisa, fevereiro de 2004.

A negação da dimensão comercial

A próspera rede de educação privada instalada na cidade, que comercializava o acesso aos bancos escolares, operava com base na mesma hierarquização, por classe, gênero e programas de ensino.⁶⁰ Esta subdivisão, presente nos sistemas de ensino de vários países europeus, no Brasil foi particularizada pela presença da escola privada, notadamente, pelas escolas católicas, que procedia a uma seleção dos alunos com base financeira. Significativamente, embora durante a pesquisa procurássemos descobrir o valor das mensalidades dos colégios, não encontramos, até o momento, qualquer registro delas. Este fato não nos pareceu acidental, o que contribuiu para nos levar a pensar o espaço da educação paulistana como um mercado. Não um mercado no qual circulavam mercadorias e produtos como os outros que transitam no universo econômico habitual. Mas um mercado de bens simbólicos, na acepção de Pierre Bourdieu. Um mercado que comercializa aquilo que não seria comercializável e funcionaria a partir de uma negação coletiva de seu caráter comercial, ou seja, dos interesses e dos ganhos econômicos aí envolvidos.⁶¹

Um dos interesses deste estudo exploratório sobre a expansão das escolas católicas nos anos 1920, é analisar um caso exemplar deste mercado escolar, que ajuda a explicitar a dupla verdade

⁶⁰ Para pensar esta segmentação nós utilizamos a definição de Fritz Ringer que a designa como a subdivisão dos sistemas de ensino em escolas e programas paralelos que se distinguem pelo destino e pela origem social de seus alunos. Ringer, Fritz. "La segmentation des systèmes d'enseignement". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 149, 2003, p. 06-20.

⁶¹ A exclusão do valor dos preços das mensalidades dos livros de centenários e cinquentenários dos colégios consultados durante a pesquisa não me parece acidental. Em apenas uma entrevista de pesquisa conseguimos recuperar os recibos das mensalidades, cuidadosamente guardados por um pai. Por falta de dados comparáveis dos outros estabelecimentos de ensino ele não pode ser utilizado. Nota de pesquisa, Caderno de campo, n. 7. Sobre a negação sistemática dos preços nas trocas simbólicas, ver, Pierre Bourdieu 2002; p.19.

desta economia simbólica, uma vez que o empreendimento dos católicos estava marcado simultaneamente pela benemerência religiosa e pela necessidade de gerar dividendos às iniciativas eclesiais do período, nas quais se incluía o investimento significativo na instalação das diversas ordens religiosas que aportavam no Brasil deste período.⁶²

Claro está que estas escolas católicas disputavam seu público com inúmeras outras escolas privadas, confessionais ou laicas. Entre elas estavam as escolas criadas por grupos de imigrantes, como o Instituto Presbiteriano Mackenzie, de 1870, a Escola Alemã, de 1878 e o Instituto Dante Alighieri⁶³, de 1911, além de outras, algumas que foram fechadas e sobre as quais poucas informações restaram. Ao contrário das tradicionais escolas católicas, o Mackenzie construiu sua imagem de escola moderna, mista, “aberta”, procurada por imigrantes em início de ascensão social, de maneira especial pelas famílias judias, para quem as escolas católicas estavam fora de cogitação.⁶⁴ “O Mackenzie era o colégio das meninas de meias soquete”⁶⁵, uma definição que só faz sentido se considerarmos que, nos espaços de educação católica, o uso de meias três quartos era ponto de honra no uniforme das meninas. A fama de colégio “aberto” atraía os alunos que não se adaptavam à rigidez das escolas tradicionais do período, ao mesmo tempo em que afastava as famílias mais

⁶² O processo de expansão patrimonial da Igreja Católica no Brasil foi bem analisado por Sergio Miceli. Ele atribui um papel central à instalação das escolas confessionais, particularmente, “o mercado de ensino secundário constituiu a alavanca mais dinâmica e rentável dos empreendimentos eclesiais no período em apreço”. Miceli, Sergio, “A transição do regime de padroado para um novo status político no regime republicano”. In: *A elite eclesial brasileira*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, p.11-59.

⁶³ Cf. Cantuária, Adriana Lech. “Das escolas de imigrantes aos colégios internacionais: a constituição do espaço das escolas internacionais em São Paulo 1878-1978”. *Revista Proposições*, v.15, n.2 (44), p. 39- 60.

⁶⁴ Cf. Fausto, Boris. “O Colégio Mackenzie”. *Negócios e ócios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p.196-218.

⁶⁵ Entrevista de pesquisa com um ex-aluno do Colégio Rio Branco (de 1926) e do Ginásio de São Paulo. Fevereiro de 2004, Caderno de Campo, n.8.

conservadoras, preocupadas com a imagem e a respeitabilidade, em especial das meninas. O fato é que havia concorrência entre as escolas e observava-se uma circulação dos alunos no interior deste espaço de educação escolar.⁶⁶

A negação da dimensão comercial afetava, de diferentes formas, todo o mercado escolar, mas era no setor católico que o caráter dessa economia se tornava mais visível. O silêncio sobre o ganho monetário cresceu a partir do momento em que, com a expansão escolar, o valor associado à escolarização se modificou. A crença de que a educação não tem preço, não faz parte da lógica ordinária da economia, começava a envolver de forma mais profunda as famílias de diferentes grupos sociais. O silêncio sobre a verdade das trocas, como bem lembra Pierre Bourdieu, é um silêncio partilhado. Não se diz exatamente o que se troca quando se matricula um filho nesta e não naquela escola. Mas tanto a direção da escola, como os pais sabiam, sem precisar explicitar, o valor do investimento, sem necessariamente ter a consciência do que estavam trocando. Por outro lado, o empreendimento católico tinha que se afirmar e ser reconhecido como benemerência, doação de si, sacrifício, para ter legitimidade. É por isso que boa parte das principais escolas católicas mantinha uma escola gratuita e em muitos casos, o fechamento e a mudança de endereço foram associadas a uma “opção pelos pobres”.

⁶⁶ A pintora Anita Malfatti, filha de imigrantes de classe média foi uma das ex-alunas do colégio. Mais tarde, a escritora Hilda Hilst, que à época já compunha versos, foi transferida pela família para um severo colégio católico. Fausto, op. cit. 202.

Desta maneira, embora apareça como um mundo econômico às avessas, onde os valores financeiros e os “produtos” são sistematicamente negados, na São Paulo de 1920 o espaço escolar já funcionava como um mercado. Havia concorrência entre as escolas, estratégias de captação/produção de demandas, preços e diplomas com valores muito desiguais. Daí o valor heurístico do emprego da expressão “mercado escolar” para estudar a emergência deste conjunto de estabelecimentos de ensino católicos privados, especialmente das escolas voltadas para receber as famílias dos grupos dominantes. Sua utilidade no presente trabalho, está relacionada à possibilidade de enfatizar as relações de concorrência que regravam este espaço de relações sociais e dos interesses associados à passagem por uma ou outra instituição educacional.

Estruturamos este capítulo em duas partes, que apresentam sínteses deste estudo exploratório. Na primeira, expomos os dados obtidos sobre as características das principais escolas católicas, em especial daquelas voltadas para as elites, no que tange à sua inserção na cidade, à forma de captar seu público e às características observadas na orientação dos programas de ensino que desenvolviam. Na segunda parte, apresentamos os resultados obtidos por meio de uma análise fatorial⁶⁷ que visou a fornecer elementos sobre a posição das escolas católicas em relação ao campo no qual estavam inseridas.⁶⁸ Partimos do princípio de que todos estes estabelecimentos de ensino,

⁶⁷ Cf. Bourdieu, Pierre. *La noblesse d'état*. Paris, Éditions de Minuit, 1989.

⁶⁸ A noção de campo tal como ela foi utilizada por Pierre Bourdieu subsidiou o trabalho de produção e análise destes dados, na medida em que ela permite compreender como as instituições sociais estão ligadas umas às outras e exercem, mesmo à distância, efeitos umas sobre as outras. Bourdieu, Pierre. *La Noblesse d'État*. Paris, Les éditions de minuit, 1989, p. 558p.

católicos ou não, pequenos ou grandes, públicos ou privados, dos mais consagrados aos mais desconhecidos, se legitimaram dentro de um mesmo espaço de concorrência.

Assim, uma dupla hipótese foi elaborada para pensar o material empírico deste capítulo: i) a posição de cada estabelecimento de ensino neste todo estruturado e hierarquizado era tributária de suas propriedades simbólicas e sociais, distanciando-as e aproximando-as socialmente; ii) as subdivisões geradas neste espaço de relações sociais instituíam fronteiras sociais e simbólicas entre os egressos deste mercado escolar e traduziam as lutas de diferentes grupos sociais para se integrar em uma sociedade que não parava de crescer e se modificar.

O espaço geográfico da cidade e a instalação dos colégios católicos

Se pudéssemos sobrevoar a São Paulo de 1920 com os olhos voltados para identificação dos estabelecimentos de ensino da cidade teríamos, na visão deste conjunto heterogêneo, a confirmação das descrições e análises que historiadores, geógrafos e urbanistas fizeram das transformações sociais e urbanas de São Paulo a partir do final do século XIX (Azevedo, 1958; Bruno, 1954; Morse, 1970). Seguindo a pista da instalação dos colégios católicos na cidade, verificamos que tais empreendimentos chegaram lentamente à cidade no final do século XIX, acentuando-se o ritmo de fundações a partir de 1910. Até então, os estabelecimentos de ensino tinham como principal público-alvo famílias de grandes proprietários rurais, que enviavam seus filhos para os internatos

católicos em Itu: as meninas para o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio e os meninos para o Colégio São Luís, ambos representantes do que havia de mais sofisticado para a educação dos grupos dirigentes.⁶⁹

⁶⁹ Cf. Manoel, Ivan. *Igreja e Educação Feminina. 1859-1919*. São Paulo, Editora da UNESP, 1996. Ver também, Moura, Laércio Dias de, *A educação católica no Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo, Loyola, 2000.

Quadro I: Estabelecimentos de ensino católicos criados entre 1880-1930

Estabelecimentos	Localização	Data de fundação
1. Colégio Diocesano (Arqui)	Luz	1858
2. Liceu do Sagrado Coração Jesus	Campos Elíseos	1885
3. Colégio Sant'Ana	Santana	1892
4. Col. Claretiano de S. Paulo	Higienópolis	1895
5. Colégio Nossa Sra. do Sion	Higienópolis	1901
6. Escola Santo Adalberto	Mooca	1901
7. Externato Nossa Sra. da Glória	Cambuci	1902
8. Ginásio de São Bento	Largo São Bento	1903
9. Colégio de Santa Inês	Bom Retiro	1907
10. Colégio Des Oiseaux	Consolação	1907
11. Externato São F. de Assis	Largo S. Francisco	1916
12. Colégio São Luís	Consolação	1918
13. Casa Pia S.Vicente de Paulo	Penha	1918
14. Educandário Sagrada Família	Ipiranga	1918
15. Externato São José	Liberdade	1918
16. Instituto Nossa Sra Auxiliadora	Belém	1918
17. Escola J.de Infância St. Antônio	Pari	1919
18. Externato de Santa Luzia	Pinheiros	1922
19. Escola S.José dos Padres Sion	Ipiranga	1923
20. Colégio Madre Cabrini	Vila Mariana	1926
21. Externato Santa Terezinha	Pari	1926
22. Colégio Santa Marcelina	Perdizes	1927
23. Instituto Santa Terezinha	Bosque da Saúde	1929
24. Colégio Jesus Maria José	Santo Amaro	1930

Fontes: Moura, Laércio Dias de, *A educação católica no Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo, Loyola, p. 251. *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo 1914, 1922 e 1936*. Publicação da Diretoria Geral de Instrução Pública.

Acompanhando o crescimento da cidade, uma verdadeira corrida imobiliária começou, transformando antigas chácaras rurais em loteamentos urbanos sofisticados. Primeiro a Luz, depois os Campos Elíseos e, mais tarde, Higienópolis. A observação da progressiva transformação desse espaço urbano mostra que estes loteamentos passaram a abrigar as famílias dos triunfantes

cafeicultores. Longe das casas de taipa que lembravam um passado sertanista e de tropeiros, estas famílias abastadas iniciaram seu distanciamento espacial das camadas populares priorizando o “entre si” dos novos bairros e deixaram lentamente de habitar o centro da cidade, cada vez mais heterogêneo socialmente.⁷⁰ Estes novos bairros se caracterizavam pelo fácil acesso ao centro, no qual estavam localizados os bancos, o comércio e os escritórios, e pela presença de estabelecimentos de ensino católicos, que com o advento da República e o fim do padroado, puderam se instalar sem os empecilhos da legislação imperial.

Inicialmente tais estabelecimentos de ensino privilegiaram os bairros nos quais estavam construídos os principais equipamentos públicos da cidade. Na Luz, próximo ao centro antigo da cidade, estava o Colégio Diocesano.⁷¹ A construção da nova Estação da Luz, em 1901, deu origem ao Campos Elíseos, um loteamento extremamente moderno para a época, formado por ruas retas e largas, em oposição às ruas estreitas e sinuosas do centro “antigo” da cidade. Aí se localizava o Liceu Coração de Jesus, que recebia à esta época os filhos dos barões do café que chegavam na cidade, desembarcando na estação ferroviária Sorocabana ou na Estação da Luz. O novo bairro se caracterizou por um conjunto de palacetes e casarões que inspiraria a criação do emblemático bairro

⁷⁰ Cf. Villaça, Flávio. “Os centros principais”, In: *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo, Fapesp, 1998. Ver também, Marins, Paulo G. “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras.” In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

⁷¹Lá também estavam situados a Escola Politécnica e o Liceu de Artes e Ofícios.

de Higienópolis.⁷² No coração de Higienópolis, instalou-se o Colégio Sion, que acolhia com o internato para filhas dos grandes cafeicultores.

Com a abertura da Avenida Paulista, em 1891, inaugurou-se a única pista asfaltada que contrastava com as outras ruas da cidade, calçadas com macadame, madeira, pedrisco ou simples terra batida.⁷³ A região loteada no entorno desta avenida foi objeto de uma enorme valorização imobiliária e, nos anos de 1920, já era habitada pela nova elite: os industriais, os homens que enriqueceram com as atividades do setor financeiro, os altos funcionários públicos e os profissionais liberais bem estabelecidos, muitos estrangeiros ou descendentes de estrangeiros.⁷⁴ No extremo oeste da avenida, na fronteira com Higienópolis, instalaram-se os jesuítas, com o Colégio São Luís, um internato procurado pela antiga elite agrária do século XIX, que se transferira de Itu para a capital. A despeito da mudança, o colégio manteve-se fiel ao público atendido em Itu, mas também se abriu para a nova elite urbana de São Paulo, oferecendo os regimes de externato e semi-internato e rivalizando com o Ginásio de São Bento.

Os equivalentes femininos destes dois estabelecimentos de ensino eram o Colégio Nossa Senhora do Sion, fundado com a ajuda do então governador da província, Rodrigues Alves e materializado num imponente edifício no bairro *chic* de Higienópolis. Seis anos depois, veio o Colégio das Cônegas de Santo Agostinho, apelidado depois de Colégios Des Oiseaux, em referência

⁷² Cf. Villaça, op. cit. Marins op.cit. Ver também, Homem, Maria Cecília N. *Higienópolis*. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, São Paulo.

⁷³ Cf. Sevcenko, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

⁷⁴Cf. Marins, Paulo G. (1998) “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras.” In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.

ao Collège Notre Dame Des Oiseaux de Paris. O colégio foi instalado na Rua Caio Prado e passou a disputar com o Colégio Nossa Senhora do Sion as mesmas famílias tradicionais da cidade, para as quais a educação à francesa era sinônimo de boa educação.⁷⁵ O nome francês que as irmãs escolheram para batizar o colégio foi claramente uma estratégia para equiparar o novo estabelecimento de ensino, ao Colégio Sion, até então tido como a mais autêntica educação francesa na cidade. Da mesma forma, as irmãs apostaram no trunfo de se apresentar como filial do colégio francês, garantindo a semelhança nos uniformes das alunas e nos hábitos das freiras.⁷⁶

No início do século, o público do São Bento, do Liceu Coração de Jesus, do Sion e do Des Oiseaux se caracterizava pela longevidade de sua fortuna, tratava-se da mais antiga elite econômica do país, que se distinguia pela posse de diferentes tipos de capital, acumulados ao longo de várias gerações, muitas vezes expressos apenas pela presença de um sobrenome conhecido.⁷⁷ As irmãs do Colégio das Cônegas de Santo Agostinho iniciaram o recrutamento de sua clientela ainda em Paris, de onde Madre Teresa da Cruz, que estudara no Des Oiseaux de Paris, enviou cartas a “várias senhoras brasileiras, suas colegas no colégio francês, recomendando as Irmãs que acabavam de

⁷⁵ Cf. Saint-Martin, Monique de (1990) “Une ‘bonne’ éducation: les oiseaux, à Sèvres”. *Ethnologie française*. vol. 20: 60-70.

⁷⁶ “Collège des Dames de Saint Augustin”, foi primeiro nome do colégio, que em 1925, foi substituído oficialmente por “Colégio das Cônegas de Santo Agostinho”.

⁷⁷ Esta informação pode ser conferida analisando-se os livros comemorativos destes colégios nos quais os nomes e sobrenomes das famílias tradicionais da cidade são frequentemente expostos. A lista de primeiras alunas do Des Oiseaux incluía: Camila de Souza Queiroz, Judith Guedes, Vera do Amaral, Marina Prado Penteado, Alba de Salles Oliveira, Jandyra de Campos, Sarah de Mesquita, entre outras. Fontes: *A primeira fundação brasileira: colégio-mosteiro de São Paulo*. Publicação interna. São Paulo, Vicariato do Brasil, 1997, p. 10. Ver também, “Depoimentos de autoridades, personalidades, ex-alunos”. In: *Anuário do Colégio São Luís 2000*. Publicação interna. São Paulo, 2000.

chegar a São Paulo. A recepção foi calorosa! Reconhecendo o hábito das antigas mestras, as ex-alunas exclamaram: ‘são nossas mestras do Des Oiseaux, que felicidade tê-las em São Paulo’⁷⁸.

A chegada de novos estabelecimentos de ensino como o Des Oiseaux e o São Luís em um espaço urbano que já contava com escolas confessionais, pode ser compreendida quando lembramos que este mercado escolar não era regulado apenas pela existência de uma demanda prévia. Bem ao contrário, a instalação destas duas novas escolas representou um investimento de longo prazo, que apostou na possibilidade de captar frações dos grupos dirigentes por meio do capital simbólico de que estas escolas dispunham. No São Luís, em Itu desde 1865, a experiência como internato de elite no período imperial, constituía-se em um atrativo forte, na medida em que a educação dos jesuítas estava associada à formação da antiga elite agrária e política do Brasil. No Des Oiseaux, a chancela do colégio francês compensou a ausência de experiência anterior no espaço escolar brasileiro. Esta posição dominante no espaço escolar da cidade, por parte dos dois estabelecimentos de ensino, estava inscrita arquitetônica e geograficamente, no endereço e nos belos edifícios adquiridos, que funcionavam como um verdadeiro “cartão postal”⁷⁹ da escola.

De certa maneira, quando o Ginásio de São Bento foi aberto em São Paulo para disputar as famílias de fazendeiros e negociantes enriquecidos que costumavam procurar o Liceu Coração de Jesus e o Colégio Diocesano (em declínio neste período) o São Bento precisou captar alunos dos

⁷⁸Fonte: A primeira fundação brasileira, op.cit., p.9.

⁷⁹ Expressão de um dos jesuítas à frente do São Luís Fonte: *Anuário do Colégio São Luís 2000*. Publicação Interna, São Paulo, 2000, p.21.

demais internatos para meninos e produzir uma demanda que já estava alocada nas outras escolas.⁸⁰ Para conseguir atrair os alunos das demais escolas, o São Bento se produziu como um colégio católico no qual se aliava o tradicional rigor disciplinar dos colégios de padres a um ambiente escolar no qual os alunos seriam incentivados à *criação*.⁸¹ A ênfase na literatura e nas línguas clássicas, comum a outros Ginásios, no São Bento se particularizava por meio da afirmação de um espaço de produção intelectual em oposição à mera reprodução do saber. O Centro Literário de São Bento foi organizado pelos alunos e era percebido como um diferencial da escola, “uma rebeldia bem recebida pelos padres”.⁸² A criação da primeira faculdade brasileira de filosofia e letras⁸³ e o fato de que o corpo docente fosse composto de intelectuais que tinham um “nome”, eram *autores* de livros⁸⁴, reforçava esta imagem de excelência escolar e de superioridade intelectual que tornava a passagem pela escola uma experiência de consagração. Com o posterior ingresso de muitos ex-alunos em

⁸⁰ Oswald de Andrade que fizera o primário no grupo escolar anexo à Escola Normal Caetano de Campos e que tinha sido transferido para o ginásio dos maristas, com a chegada do São Bento foi transferido imediatamente para lá, um ano após a criação do novo Ginásio. Fonte: Andrade, Oswald de. *Um homem sem profissão*. São Paulo, Globo, 2000, p.57.

⁸¹ Esta mesma oposição, entre produtores/reprodutores foi encontrada por Ana Maria Almeida nas escolas analisadas por ela na década de 1990. Almeida, Ana Maria F. “Língua nacional, competência escolar e posição social”. In: Almeida et alli. (org) *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas, Editora Unicamp, 2004, p.29-46.

⁸² Boris Fausto descreveu como decidiu se mudar do Colégio Mackenzie para o Ginásio de São Bento: “Terminado o ginásio, meu ingresso no curso clássico acentuou a percepção de que seguia um caminho marginal no Mackenzie. Ninguém se interessava pelas chamadas humanidades e o fato de que minha classe fosse composta esmagadoramente de meninas, sem rumo profissional claro, acentuava ainda mais minha sensação de estar perdendo tempo. Uma conversa aqui, outra ali me levaram à conclusão de que deveria ir para o São Bento, onde os beneditinos valorizavam a cultura humanística. Meu pai concordou com a idéia, reforçada pelo conselho de um amigo seu negociante de café e membro de uma tradicional família paulista.” Fausto, Boris. “Prisão e liberdade, o Colégio São Bento”. In: *Negócios e ócios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p.219-230.

⁸³ A Faculdade de Filosofia e Letras de São Bento foi criada em 1908 e hoje pertence à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fonte: www.colegio.org.br/historia.htm

⁸⁴ São exemplos, Afonso Taunay, professor de história e Sampaio Dória, de português. Fonte: Montoro, André. “O Gymnasio de São Bento”. *Memórias em linha reta*. São Paulo, Senac, 2001, p.27-36.

outros espaços de prestígio do sistema educacional, cujo exemplo-mor era a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, o capital simbólico da escola passou a ser fortalecido da celebridade de seus ex-alunos.⁸⁵

As distinções de ênfase no programa de ensino de duas escolas masculinas permitem penetrar nas divisões menos evidentes e mais escondidas que estruturavam e hierarquizavam este mercado escolar. O caso do São Bento, naquela ocasião em trajetória ascendente, e do Arquidiocesano, que enfrentava um período de declínio, ilustra bem como tais oposições se construíam tanto em função do público que conseguiam recrutar, como das diferenças entre os programas de ensino.⁸⁶ Depois de enfrentar dificuldades financeiras, o Arquidiocesano foi “assumido” (comprado?) pelos maristas.⁸⁷ Equiparado ao Ginásio Nacional, assim como o Ginásio de São Bento, aquela escola dedicava-se a uma porção dos grupos dirigentes menos enraizada em São Paulo⁸⁸, atendendo também às famílias tradicionais paulistas em declínio financeiro, mas ainda em condições de conseguir, por meio de seu capital social, o acesso de seus filhos às escolas

⁸⁵ Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Hollanda, Oswald de Andrade, Lucas Garcez, Alceu Amoroso Lima, compõem a vasta lista de ex-alunos que alcançaram notoriedade na vida adulta. Fonte: Montoro, André. “O Gymnasio de São Bento”. *Memórias em linha reta*. São Paulo, Senac, 2001, p.27-36.

⁸⁶ Foram entrevistados três ex-alunos do Arquidiocesano e dois ex-alunos do São Bento. Três ex-alunos egressos por volta de 1950/1960 e dois egressos da década de 1990.

⁸⁷ Os maristas assumem o Colégio Diocesano em 1908. Até então os mesmos padres mantinham o Ginásio Nossa Senhora do Carmo. Com a fusão, as duas escolas deram origem ao Colégio Arquidiocesano de São Paulo, transferido, décadas depois da Avenida Tiradentes, na Luz, para a região da Vila Mariana, com menor valor imobiliário, na qual foi construíram o novo edifício que abriga o colégio desde 1935. Fontes: Guia dos documentos históricos da cidade de São Paulo, p. 323; *O Colégio Arquidiocesano*. Publicação interna, São Paulo, s/data.

⁸⁸ Contabiliza no seu quadro de ex-alunos célebres personagens históricos do campo político brasileiro, Wenceslau Braz, Jânio Quadros e Fernando Collor de Mello. Fonte: *O Colégio Arquidiocesano, op.cit.*

católicas.⁸⁹ O programa de ensino era claramente orientado para as disciplinas científicas⁹⁰, em contraposição ao São Bento, mais centrado nas disciplinas de línguas e literatura. A relação com o aprendizado do conhecimento escolar também se opunha, na medida em que o São Bento se apresentava como o espaço de formação de criadores e no Arquidiocesano, os alunos eram obrigados a reproduzir o conhecimento escolar, decorando-o, repetindo-o à exaustão. “Nos exames, recebia a melhor nota quem repetisse as frases e palavras idênticas do professor”, como relatou um ex-aluno entrevistado. “Aquilo era uma máquina de amansar rebeldes”, disparou outro ex-aluno ao tentar decifrar o espírito do colégio.⁹¹ A ginástica, praticada em todas as escolas, servia, no Arquidiocesano, a um trabalho de inculcação da virilidade masculina, mais agressiva, forte e ativa em oposição aos homens do intelecto do São Bento. De certa maneira, o medo do castigo e os mecanismos de inculcação do estereótipo masculino⁹² vigoravam em todos os colégios masculinos; tratava-se de controlar as pulsões, o que se refletia na expressão tantas vezes repetida, “seja homem”, que impregnava a educação do período. No entanto, os dados obtidos revelam diferenças de grau e forma, corroborando nossa interpretação sobre a progressiva segmentação interna deste mercado escolar.

⁸⁹ Caso do modernista Mário de Andrade, egresso do colégio dos maristas.

⁹⁰ No final do século XIX o Frei Germano Annecy instalou no pátio deste colégio um “relógio de sol” que forneceu a hora oficial para São Paulo até 1912. Fonte: Fernandes, Paula P. (org) *Guia dos documentos históricos na cidade de São Paulo*. São Paulo, Hucitec/NEPS, 1998, p. 323.

⁹¹ Fonte: Entrevista de pesquisa com 2 ex-alunos (um interno) desta escola durante a década de 1950.

⁹² Cf. Mosse, George. *L'image de l'homme: l'invention de la virilité moderne*. Paris, Agora, 1996, p. 47-64.

No São Bento tudo parecia concorrer para um ambiente de rígida educação moral, com acento mais intelectual e político, tanto que seus alunos dirigiam-se, em grande parte, para a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. No Arquidiocesano, o tradicional rigor disciplinar da educação católica estava aliado a um programa de ensino com ênfase nas disciplinas científicas, conduzindo mais freqüentemente seus egressos para a Escola Politécnica, que funcionava perto do colégio. As distâncias simbólicas e espaciais que separavam estes estabelecimentos de ensino ajudam a compreender como muitas escolas lograram encontrar nichos no mercado escolar, dedicando-se a frações distintas de um mesmo grupo social, prefigurando um espaço de educação escolar altamente segmentado e sensivelmente ajustado às expectativas educacionais dos grupos de famílias que os procuravam.

A mesma lógica serve para compreender como o Des Oiseaux se diferenciou do Sion acentuando o “espírito aberto”, mantendo um grêmio estudantil, contratando professores homens, *autores* de livros,⁹³ conferindo uma tintura mais intelectual para a escola, falando à imaginação das famílias da antiga elite paulista com elevado capital cultural. “As meninas do Sion eram mais burrinhas”, disse uma egressa do Des Oiseaux, sinalizando os efeitos simbólicos que a passagem pelo sistema de ensino tende a produzir. De certa maneira, tanto o Des Oiseaux como o São Bento ocupavam uma posição ambígua no mercado escolar: dominantes tanto do ponto de vista social

⁹³ Entre eles, Aroldo de Azevedo era responsável pela cadeira de geografia. Fonte: Entrevista de pesquisa com egressa do colégio nos anos de 1930.

como escolar, mas percebidas como escolas ao mesmo tempo intelectuais e burguesas,⁹⁴ vista, portanto, como uma espécie de vanguarda dos grupos dominantes.

Os programas de ensino das escolas femininas determinavam parte do tempo escolar fosse ocupado com disciplinas de trabalhos manuais e dispensavam enorme atenção à formação estética das meninas. Por meio desta socialização, asseguravam a interiorização de um modelo feminino atado ao universo doméstico, no qual cabia à mulher compor e administrar uma bela residência, o que vinha a acrescentar prestígio à carreira do marido.⁹⁵ O Des Oiseaux buscava sua diferenciação criando espaços de prolongamento da escolarização feminina, como a Faculdade de Serviço Social, de modo a instituir um modelo feminino, conservador no essencial⁹⁶, mas agora voltada também para o exercício de uma maternidade simbólica, possível graças aos cursos oferecidos nas escolas superiores voltadas para o público feminino.

Na realidade, a chegada de cada novo estabelecimento de ensino neste espaço social abalava a posição dos outros. Entre as escolas femininas, um bom exemplo disso foi o Colégio Sant'Ana criado pela Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, que esteve à frente do primeiro internato paulista para moças, Colégio Nossa Senhora do Patrocínio de Itu, datado de 1859. Instalado inicialmente na região de Higienópolis, dois anos depois este colégio transferiu-se para o

⁹⁴ Pierre Bourdieu analisou de maneira exemplar como as oposições simbólicas entre o burguês/o comercial e o intelectual/artista entrecortavam as ligações entre literatos e editores, artistas e *marchands* na França. Bourdieu, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

⁹⁵“Preparação para o casamento” era o nome de uma destas disciplinas, objeto de discussão apenas por volta de 1960/1970. Fonte: Entrevista de pesquisa. São Paulo, janeiro de 2002.

⁹⁶ Martin, Monique de Saint. “Une “bonne” éducation: notre-dame des Oiseaux à Sèvres. *Revue Ethnologie française*, n.20, janvier-mars, 1990.

longínquo bairro de Santana. Em Itu, as irmãs combinavam a oferta de internato pago com orfanato e externato gratuitos.⁹⁷ Em São Paulo, tal fórmula não produziu o mesmo efeito, revelando o quanto a posição de cada escola era altamente dependente da configuração específica do espaço educacional no qual estava inserida e das formas encontradas para se estabelecer nele. A composição do corpo discente, em 1892, mostra que a escola, na capital paulista, acolheu um grande número de meninas órfãs⁹⁸ e declinou como internato para meninas ricas, sobretudo após a criação do sofisticado Colégio Nossa Senhora de Sion, em 1901. Tarsila do Amaral, então apenas uma moça “bem nascida”, foi aluna do Colégio Sant’Ana até 1901 e transferiu-se para o novo internato de Higienópolis, em 1902.⁹⁹

Na extremidade sul da Avenida Paulista, em uma região menos valorizada no mercado imobiliário, surgiram escolas católicas voltadas para os grupos de classe média, tais como o Externato São José e o internato Madre Cabrini, ambos femininos. Recorriam ao externato as famílias da nova classe média, formada de pequenos e médios comerciantes, pequenos industriais e, principalmente, pelos funcionários públicos assalariados, um grupo que cresceu em consequência do alargamento da área de intervenção do Estado na economia e da dilatação do sistema administrativo do país.¹⁰⁰ É esta nova classe média que vai ser disputada pelos colégios católicos de ordens

⁹⁷ Manoel, Ivan. *Igreja e educação feminina (1859-1919)*. São Paulo, Unesp, 1996, p. 102.

⁹⁸ Nesta época o colégio abrigava “50 pensionistas e 60 órfãs”. Consultar:

www.izenáez.com.br/santana/historia.htm.

⁹⁹ Fonte: *Tarsila do Amaral*. Fundação Finambrás, São Paulo, 1998.

¹⁰⁰ Cf. Pinheiro, Paulo Sergio. “Classes médias urbanas, formação, natureza, intervenção na vida política” In: Fausto, Boris. *História da Civilização Brasileira*, tomo III, vol.2, p.9-37. Rio de Janeiro, Difel, 1977.

religiosas com pouco poder no interior da Igreja. Diferentemente dos colégios católicos de elite, estas ordens religiosas lograram manter e ampliar externatos e colégios localizados em bairros de menor valor imobiliário, atendendo a um público pagante formado por famílias em início de ascensão social, que viam nas escolas católicas um investimento educacional oportuno para ampliar ou manter a posição social da família.

As transformações da cidade opuseram os bairros mais ricos aos subúrbios, localizados na porção leste de São Paulo, em uma ampla várzea que, quando ultrapassada, dava acesso a uma região plana inundável. Esta região deu origem a bairros operários como o Brás, a Moóca, o Pari, que eram procurados por artesãos, operários e empregados qualificados, muitos recém chegados na cidade e contratados pelas inúmeras fábricas e grandes armazéns do comércio instalados ali. Tais atividades econômicas atraíram um vigoroso comércio local, que transformou o Brás em centro comercial e palco das principais revoltas operárias do início do século. A composição social da região foi progressivamente constituída, não apenas por trabalhadores manuais das fábricas, mas também por uma classe média de pequenos comerciantes e trabalhadores assalariados dos serviços terciários. As ordens religiosas que possuíam trunfos mais frágeis no interior da Igreja Católica se instalaram nos bairros operários por meio das escolas paroquiais, com a ajuda da subvenção do Estado e das fábricas da região.¹⁰¹ Diferenciavam-se dos colégios católicos de elite, cujos programas de ensino focavam a aprovação nos exames de admissão ao ensino superior, dedicando-se às séries

¹⁰¹ Fonte: Diretoria Geral de Instrução, (1915) *Anuário do ensino de São Paulo* (1914). Consultar também, Fernandes, Paula (org.) *Guia dos documentos históricos na cidade de São Paulo, 1554-1954*. São Paulo, Hucitec/NEPS, 1998, 794 p.

iniciais da escolarização e explorando o mercado dos cursos profissionalizantes oferecidos em geral, no período noturno. Nas escolas femininas, os cursos técnicos concentravam-se na área de “serviços”, contemplando desde a costura e o bordado até o moderno curso de estenografia, voltado para formação de funcionários do comércio. Para o público masculino, os cursos privilegiavam a formação de trabalhadores qualificados para o mundo da “produção”. A posição socialmente dominada destes estabelecimentos de ensino, na hierarquia interna do mercado escolar paulista estava expressa na localização das escolas, no programa de ensino, no público que recrutavam, nos edifícios escolares e no atendimento das necessidades de seu público específico, à espera de escolarização básica e de cursos profissionalizantes. Diferentemente dos colégios de elite, que investiam na produção de um nome (uma *griffe*?), aqui os estabelecimentos de ensino satisfaziam a demanda preexistente em bairros carentes de escolas de nível secundário. Esta posição era dominada socialmente, por outro lado era mais comercial, porque à mercê de sua clientela potencial. Assim, muitas delas lograram se tornar grandes estabelecimentos de ensino no bairro em que estavam situadas, trilhando uma trajetória ascendente do ponto de vista econômico. O contra-exemplo seria o caso do Ginásio de São Bento, menos comercial, no sentido de estar originalmente menos submetido à uma demanda preexistente, e cuja trajetória social, ao longo do século XX, foi de apogeu e declínio.

As mudanças ocorridas no que diz respeito à hierarquia das escolas, sugerem que existiam modos diferentes de “envelhecer” neste mercado escolar. No caso do São Bento, o declínio esteve

relacionado ao fato de ter ficado ilhado em um centro predominantemente comercial da cidade, rota de fuga das famílias de alta renda e de alto capital cultural, para quem o colégio se voltara no princípio. Não submetido apenas às expectativas da demanda preexistente (porque autores/produtores), não se curvou às modificações na estrutura das apreciações sobre a boa educação, tornando-se duplamente mais velho, antigo e percebido pela sua clientela potencial como excessivamente conservador. Para a elite econômica cultivada surgiu o Ginásio Santa Cruz, em 1951, mais moderno, arejado e localizado em local de fácil acesso aos bairros habitados por este grupo social. Estas modificações indissociavelmente geográficas e sociais explicam o declínio do São Bento que sobreviveu do crédito acumulado no período áureo.¹⁰²

O estudo exploratório deste complexo universo social pareceu necessário para olharmos estas instituições escolares em relação umas às outras e não como detentoras de um significado em si mesmas. Grandes ou pequenas, a carreira social destas instituições é tributária da origem dos fundadores e da relação que eles mantiveram com determinados grupos sociais e gerações bem determinadas da sociedade brasileira. Mas a posição dos colégios católicos no espaço escolar paulista não poderia ser bem compreendida se nos ativessemos apenas à configuração interna deste setor, pois as famílias procuravam este ou aquele estabelecimento de ensino considerando todas as outras

¹⁰² Sobre a inserção do colégio Santa Cruz na cidade, ver, Almeida, Ana Maria. *A escola dos dirigentes paulistas. Tese de doutorado*. Faculdade de Educação/Unicamp, 1999. Este deslocamento na posição do São Bento pôde ser conferido quando notamos, com os questionários aplicados, que os irmãos das egressas do Des Oiseaux que preencheram o questionário da pesquisa, foram enviados para o Santa Cruz e para o São Luís.

alternativas de escolarização.¹⁰³ Reconhecendo-o como um universo amplo e complexo de instituições, optamos por submeter a uma análise fatorial de correspondência o arquivo no qual tínhamos reunido informações sobre os principais estabelecimentos de ensino “não primários”, públicos e privados, com o objetivo de compreender as escolas católicas em relação às demais. O fato de que tivéssemos inicialmente concebido este mercado escolar como sendo constituído por um setor católico e um outro não-católico foi inteiramente revisto quando analisamos o resultado da análise fatorial.

Espaço social e diferenciação escolar

Aos dados reunidos sobre as escolas católicas, acrescentamos informações sobre a localização, a data de fundação, as modalidades dos programas de ensino, o número de alunos, a entidade mantenedora, relativas às principais escolas de São Paulo, na década de 1920. Este material resultou na composição de um arquivo Excel submetido a dois procedimentos de análise fatorial, realizada por meio do *software* SAS.¹⁰⁴ Este procedimento de pesquisa visou a superar as possibilidades oferecidas pela listagem de estabelecimentos de ensino que, embora tenha se mostrado uma excelente forma de organizar os dados, não evidenciava as oposições e as relações

¹⁰³ Agradeço, particularmente, o incentivo constante de Afrânio Garcia para reconstruir o espaço de concorrência no qual os colégios católicos estavam inseridos.

¹⁰⁴ Este procedimento de pesquisa foi realizado com o auxílio e a orientação de Salah Bouedja, na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, durante a minha segunda estadia em Paris para apresentação dos resultados parciais desta pesquisa. Maio de 2004. Apoio: Fapesp.

entre as várias propriedades sociais das escolas. Com o diagrama que resultou da análise fatorial vemos as escolas distribuídas em um espaço geográfico, mas estruturado segundo suas características sociais e morfológicas, o que permitiu romper com as descrições parciais e isoladas de cada escola. Baseamo-nos nos dados e informações reunidos sobre o universo das escolas secundárias da cidade, tal como ele estava estruturado entre 1890 e 1920.

O arquivo submetido a este procedimento possuía 18 escolas, de um universo total de 28 escolas públicas e privadas sobre as quais havíamos conseguido reunir informações mais completas. Seis variáveis foram construídas a partir dos dados reunidos: período (data de criação), localização, capital econômico das famílias, católico/não católico, público/privado e modalidade do programa de ensino.¹⁰⁵ As variáveis lançadas na segunda análise fatorial foram subdivididas em modalidades, dada a necessidade de torná-las ainda mais precisas. Desta forma, a variável “período” foi subdividida em quatro modalidades: antes de 1890, entre 1890 e 1900, 1901-1910 e 1911-1920. “Localização” foi subdividida em três modalidades: bairros operários, bairros de classe média e bairros “nobres”.¹⁰⁶ “Capital econômico”, ou seja, a origem social dos alunos, foi subdividida em três modalidades: baixo capital, médio capital e alto capital. Permaneceram com apenas duas modalidades, as seguintes variáveis: católico/não católico; público/privado. A sexta, referente à

¹⁰⁵ A variável “número de alunos”, que inicialmente julgávamos relevante, foi excluída na segunda análise fatorial, pois, ela agiu dispersando estabelecimentos de ensino socialmente semelhantes, tais como o Des Oiseaux e o Sion, por exemplo. Notas do Caderno de Pesquisa, maio de 2004.

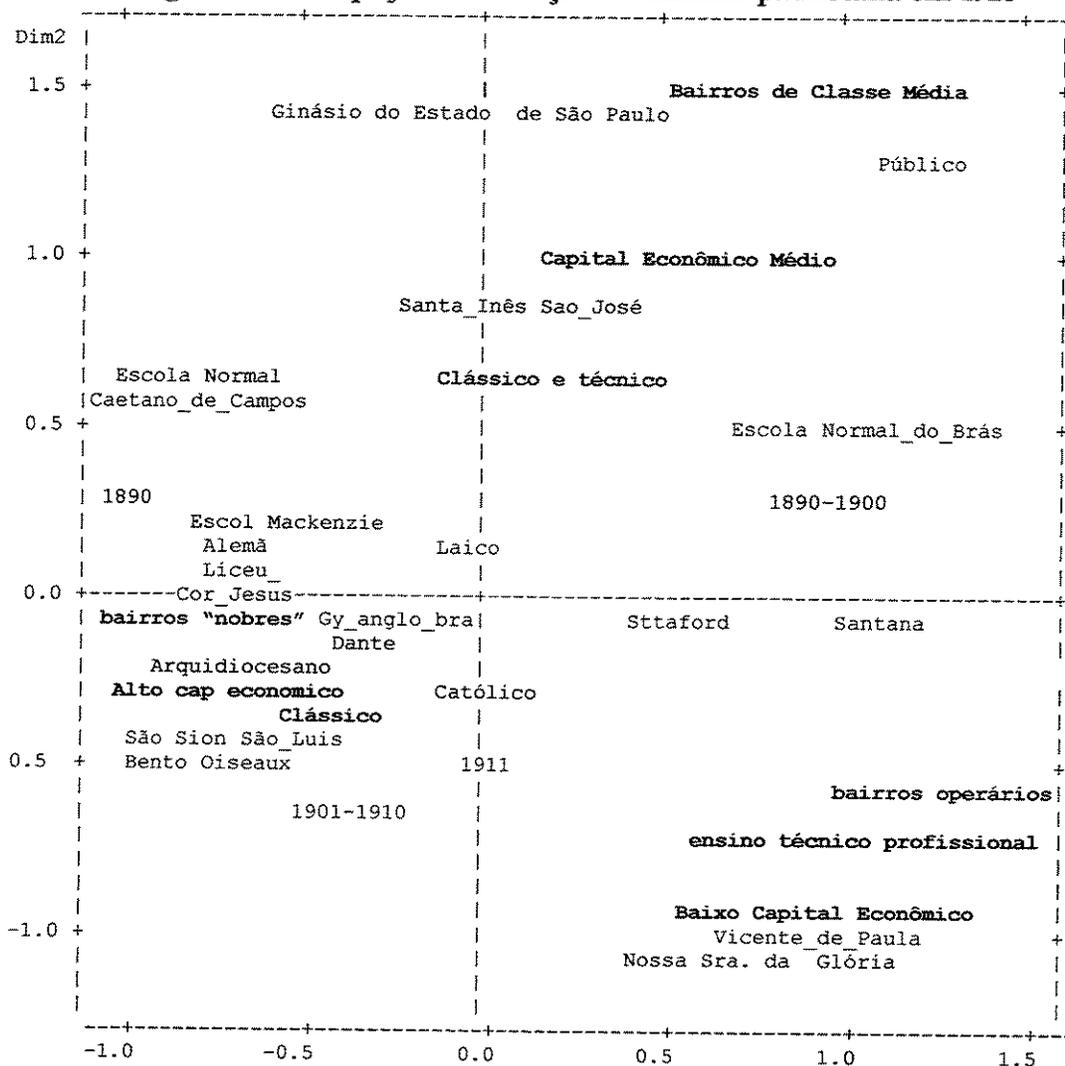
¹⁰⁶ O auxílio de Paulo César Garcez Marins (Museu Paulista/USP) foi precioso para a inclusão de cada estabelecimento de ensino nestas três categorias, evitando que deduzíssemos a origem social da clientela apenas pelo nome do bairro. Um exemplo concreto disso, foi o caso de uma escola da Moóca em que talvez tivéssemos classificado a origem social dos alunos como “operária” e, no entanto, como o colégio localizava-se no alto da Mooca, recebia uma clientela formada pela classe média que residia ali.

ênfase do programa de ensino foi subdividida em três modalidades: clássico, no caso das escolas que não possuíam o ensino técnico-profissional, clássico e técnico, para o caso dos estabelecimentos que ofereciam as duas modalidades de ensino e, técnico, para as escolas que ofereciam apenas os cursos profissionalizantes.

As variáveis que contribuíram mais fortemente para a formação de aglomerações em cada um dos quadrantes, bem como para a formação dos eixos que o dividem foram (pela ordem): a localização, a modalidade do ensino secundário e o capital econômico das famílias. Revelaram-se fatores de menor interferência (papel suplementar, no jargão dos estatísticos que trabalham com este *software*) as variáveis, período e público/privado (**Anexo** ao final deste capítulo). No diagrama final, o eixo horizontal apresenta um contínuo que vai da esquerda para a direita, opondo o universo das escolas localizadas nos bairros “nobres”¹⁰⁷ àquelas localizadas nos bairros populares; o eixo vertical está fundado na ênfase dos programas de ensino.

¹⁰⁷ No caso em análise, os bairros nobres foram primeiro a Luz, depois Campos Elíseos, Higienópolis e Consolação.

Diagrama 1: O espaço de educação secundária paulistana em 1920¹⁰⁸

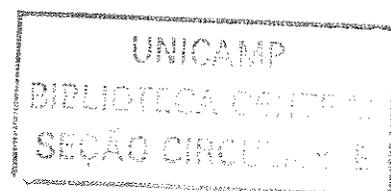


¹⁰⁸ Algumas escolas que aparecem no diagrama desapareceram atualmente do mercado escolar mas, eram importantes no período, entre elas, o Ginásio Stafford e o Ginásio Anglo Americano.

Principais Oposições:

A principal revelação obtida com este procedimento foi a decomposição da forma de pensar o espaço escolar da cidade tal qual havia marcado o início do trabalho. Começamos pensando este espaço em cima das seguintes oposições: público e privado, católico e não católico. O resultado desta análise de correspondências sugere, no entanto, que estas subdivisões, úteis para pensar o espaço educacional atual, não correspondiam às principais oposições da configuração deste universo, tal como ele estava estruturado por volta de 1920. Tanto que as variáveis “escola pública/privada” e “escola católica/laica” exerceram um papel apenas suplementar na definição do diagrama, o que significa dizer que não eram estas as oposições principais deste espaço. Notamos, desta forma, que havia distâncias muito mais importantes que escapam a estas divisões que nos pareciam centrais.

O eixo horizontal do **Diagrama** opõe as escolas criadas nos bairros “nobres”, tais como Campos Elíseos e Higienópolis, às escolas instaladas na região leste da cidade, em bairros de concentração operária, tais como o Brás, a Penha ou o Cambuci. Isso pode ser conferido quando notamos que as variáveis que mais contribuíram para a formação deste eixo foram a localização e a origem social dos alunos. A variável programa de ensino (por meio da modalidade “ensino técnico”) também contribuiu fortemente para a definição deste eixo, na medida em que, o ensino técnico caracterizava, sobretudo, as escolas localizadas nos bairros de operários, que aparecem localizados nos quadrantes à esquerda do eixo vertical. O eixo vertical opõe o universo formado pelas escolas



localizadas em bairros de classe média, procuradas pelas classes médias e pelos grupos populares, muitas delas escolas públicas.

No **Diagrama** destacam-se as escolas criadas por grupos dos imigrantes bem-sucedidos, tais como a Escola Alemã, o Instituto Mackenzie e o Dante Alighieri, que recebiam os filhos de imigrantes que estão localizados à esquerda do eixo vertical e à direita deste eixo, as escolas criadas por ordens religiosas para atender também aos filhos de imigrantes mas operários, tais como a Escola Normal São Vicente de Paulo, na Penha e o Ginásio Nossa Senhora da Glória, no Cambuci. Isso significa que a forma que este espaço de educação escolar assume é inseparável da história da imigração na cidade, traduzindo as lutas destes recém-chegados na cidade para se inserirem na sociedade paulista.¹⁰⁹

A distância que separava o colégio Mackenzie dos colégios católicos do quadrante inferior esquerdo não era exatamente geográfica, pois todos eles estavam localizados em bairros “nobres”. No entanto, as famílias da tradicional oligarquia paulista desejavam ver seus filhos educados em um ambiente tradicional e, principalmente, na companhia das famílias conhecidas. Aceitavam o convívio com os imigrantes, desde que eles aceitassem tacitamente a hierarquia de *status* e como bem demonstrou Norbert Elias, “a posição inferior que costuma ser destinada aos recém-chegados”.¹¹⁰ Mas a emergência de um colégio como o Mackenzie, que se tornou conhecido como um colégio “liberal”, “moderno”, portanto oposto ao modelo das escolas católicas do período, mostra como,

¹⁰⁹Cf. Cantuária, Adriana, “Das escolas de imigrantes aos colégios internacionais”, in: *Proposições*, vol.15,n.2 (44), maio/ago.2004.

¹¹⁰ Cf. Elias, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994, p.64.

para as famílias de imigrantes prósperos, era interessante inscrever os filhos em uma escola privada “aberta”, mista e discretamente religiosa. Talvez porque para estes imigrantes que começavam a prosperar não fosse necessário se conter para demonstrar e afirmar sua superioridade em relação aos outros. Contava mais garantir um ambiente educacional aberto, menos excludente do que aquele encontrado nas escolas católicas, sem, no entanto, lançar as crianças no ambiente competitivo das escolas públicas do período.

As distinções fundamentais deste espaço social eram, portanto, a localização e a origem social dos alunos, de um lado e de outro, as características do programa de ensino - clássico ou técnico, que se mostraram cruciais na diferenciação interna deste espaço. Ser ou não uma escola “católica” entrava somente como uma distinção a mais, funcionando como uma espécie de “cobertura do bolo”. Por isso, vemos como se opunham o Ginásio de São Bento, por exemplo, e a pequena escola do Cambuci, Nossa Senhora da Glória, ambas católicas porém diametralmente opostas. No primeiro caso, estava em curso um programa de ensino clássico, centrado na aprendizagem do latim, da literatura e da história, preparando os alunos para o ingresso na prestigiada Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.¹¹¹ No segundo caso, estava em jogo a aquisição de um ofício. Como nos informa o livro do centenário da escola, os meninos “não visavam ao bacharelato”.¹¹²

¹¹¹ Consultar, Montoro (2001), Fausto (1997, p. 219), Andrade de (2000; p.221). Trata-se de memórias e biografias que mostram como o Ginásio São Bento tendia a conduzir seus alunos à determinadas escolas superiores da cidade.

¹¹²Publicação interna do colégio, “Celebrando Cem anos”, Colégio Nossa Senhora da Glória, São Paulo, p. 12.

Este resultado permite pensar as homologias entre o espaço geográfico da cidade, a estrutura das posições sociais e a diferenciação escolar, aspectos extremamente ligados entre si. Estas ligações, não poderiam ter sido examinadas apenas com a listagem dos estabelecimentos de ensino, nem exclusivamente por meio dos quadros comparativos construídos sucessivamente durante toda a pesquisa. Foi esta análise fatorial que permitiu pôr em relação propriedades e características sociais das escolas e da população as procurava neste período. Seu resultado evidenciou algumas das principais oposições simbólicas que subdividiam o espaço escolar, completando e indo além do que havíamos imaginado de antemão. Ele nos permitiu lançar luz sobre a natureza dos investimentos educacionais em jogo na aposta em uma ou outra instituição escolar.

Se observarmos o universo das escolas eminentemente femininas, temos a principal oposição entre o Colégio Nossa Senhora do Sion e a Escola Normal do Brás. Elas se opunham, diametralmente, não apenas porque se localizavam em bairros socialmente muito diferentes, mas também porque encarnavam as aspirações de integração na sociedade paulista de grupos sociais distintos. O Sion representava, para as famílias abastadas, uma formação educacional que consistia em um investimento no capital social das moças. Para este grupo, interessava manter as meninas junto às famílias antigas e tradicionais da cidade. Já a Escola Normal do Brás, localizada na principal avenida do Brás e mais tarde transformada em Instituto Padre Anchieta, era procurada pelas famílias “recém chegadas” à cidade, recebendo principalmente as filhas de imigrantes. Procurar este

estabelecimento de ensino significava um investimento no capital cultural das (os) filhas (os)¹¹³, significava buscar integração na sociedade paulista via capital cultural e não social, como no caso anterior. Da mesma forma, a Escola Normal Caetano de Campos e o Ginásio Des Oiseaux se opunham fortemente, como demonstra o resultado da contribuição de cada escola na configuração deste espaço social, exposto ao final deste capítulo. Na primeira delas, tratava-se de um claro investimento na aquisição de capital cultural, como estratégia de garantir a reprodução social das famílias. No segundo caso, tinha-se uma educação com acento na formação estética, literária, jamais profissional. Nas Escolas Normais, mistas, embora predominantemente femininas, estava em jogo a aquisição de um diploma que dava acesso a uma atividade profissional. Demandas por escolarizações tão diferenciadas entre si traduzem, em última instância, as lutas dos diferentes grupos sociais por uma integração na sociedade paulista. Matricular as filhas no Sion ou no Des Oiseaux simbolizava não apenas riqueza material, mas também uma aspiração social que passava, sobretudo, por um investimento na ampliação do capital social e simbólico das famílias.

Reconstruir estas divisões do espaço educacional paulistano permitiu verificar as oposições pertinentes a este campo de forças. Elas não fazem sentido isoladamente, mas ganham relevância quando consideramos que estavam na base da construção das fronteiras sociais que separavam os egressos de instituições católicas ou laicas, públicas ou privadas. Oposições que não cessam de serem recriadas, porque estão fundadas no princípio mesmo que cimenta o mercado escolar: as

¹¹³ Embora fosse oficialmente mista, a escola era eminentemente feminina. No ano de 1913, possuía 233 alunas e nenhum aluno do sexo masculino. Fonte: *Anuários do Ensino 1914*, p. 625.

distinções sociais. Cada grupo familiar valorizava mais uma ou outra propriedade distintiva, dependendo de sua posição social. Em uma sociedade industrial, na qual as qualificações educacionais assumiram um papel que, até então, era prerrogativa do nascimento, o sistema de ensino se transformou no espaço por excelência no qual se iniciavam as lutas por diferenciação social, conforme demonstram outros autores em países europeus (Bourdieu, 1989; Ringer 2001). Se, em 1920, este espaço escolar estava simbolicamente cindido entre escolas técnicas e clássicas, localizadas nos redutos das tradicionais famílias da cidade e nas regiões na qual estavam concentrados os “recém-chegados”, este espaço escolar se diversificou progressivamente. Isso pode ser visto quando focalizamos o estudo de três escolas para meninas, bem instaladas na cidade, por volta de 1950, voltadas para atender expectativas educacionais que se diferenciavam no interior dos grupos dominantes.

O “espírito” dos colégios

Desafiando a noção do senso comum de que a educação recebida pelas alunas nos colégios de freiras era homogênea, esta investigação mostra que o espaço da “boa” educação para moças, em 1950, havia se diversificado imensamente. No lugar da tradicional divisão entre escolas para meninas ricas e escolas para meninas pobres, que marcara o mercado escolar dos anos 20/30, surgiram instituições que atendiam às expectativas educacionais que se diferenciavam, progressivamente. Uma das maneiras que encontramos de observar tais mudanças no desenvolvimento deste mercado escolar foi analisar as características específicas de três estabelecimentos de ensino católicos femininos, instalados na cidade de São Paulo, em 1907 (Colégio Des Oiseaux), 1927 (Colégio Santa Marcelina) e 1947 (Colégio Santa Maria) e identificar as características sociais das famílias que recorriam a eles. Neste período de profundas alterações na morfologia da população da cidade, estudamos como se deu a instalação de cada um destes estabelecimentos de ensino e de que maneira tais escolas se voltaram para o atendimento de frações distintas dos grupos dominantes.

As famílias que matriculavam suas filhas nessas três escolas compunham parte dos grupos dominantes e, em menor número, das classes médias. Eram chefiadas por grandes proprietários rurais e urbanos (fazendeiros, industriais, grandes atacadistas do comércio), profissionais liberais (médicos, advogados, engenheiros) e por pequenos comerciantes bem-sucedidos. Embora os dados sugiram que havia uma predominância de pais grandes proprietários rurais e urbanos nas três escolas, a pesquisa simultânea das ocupações de pais e avós e de suas credenciais escolares permitiu precisar as diferenças mais finas existentes entre eles, trazendo à tona a heterogeneidade deste grupo socialmente dominante, aparentemente tão homogêneo.

Para compreender o êxito que tais estabelecimentos de ensino obtiveram no recrutamento deste público, investigamos como os três se diferenciavam entre si, a partir de sua localização na cidade, de suas instalações físicas, da origem social das religiosas e do tipo de socialização que propiciavam. Este conjunto de propriedades sociais materializadas no prédio escolar, no endereço, na maneira de se apresentar das irmãs e no código disciplinar compunha uma espécie de “espírito” do colégio.

A análise das particularidades do trabalho de inserção social de cada congregação no espaço escolar altamente competitivo de São Paulo visa a reconstruir “l’*esprit du collègue*”¹¹⁴ expresso em inúmeras passagens de entrevistas, questionários e nas diversas situações informais em que a simples exposição do problema da pesquisa motivou depoimentos espontâneos sobre a vida escolar. Os

¹¹⁴ Expressão utilizada por uma senhora, ex-aluna do Colégio Des Oiseaux, formada em 1932. Fonte: Entrevista de Pesquisa. São Paulo, 03 de julho de 2002.

testemunhos de ex-alunas (83), ex-professoras e diretoras (13), fotografias do ambiente escolar e jornais produzidos pelas escolas e dirigidos aos alunos, quando comparados, sugeriram que os três colégios confessionais possuíam atmosferas muito distintas. As questões abertas do questionário foram decisivas ao explicitar como o grupo pesquisado percebe retrospectivamente sua experiência educativa. Este registro mobilizou ex-alunas a escreverem no verso da folha suas recordações ou a telefonarem para tirar dúvidas.¹¹⁵ As narrativas de episódios jamais esquecidos, anedotas do cotidiano escolar e reflexões sobre o sentido destas experiências foram matéria-prima deste trabalho de reconstrução a cerca de como cada colégio estruturava a experiência escolar das meninas.

Ao tentar recuperar o *clima* de cada escola, nosso objetivo foi evidenciar como este *espírito do colégio* possuía na realidade, muito pouco de imaterial. Ao contrário dos relatos de muitas ex-alunas em que “l’esprit du collègue” (expressão de uma delas) apareceu como uma essência imanente da escola, nossa tentativa foi precisar os fundamentos objetivos encontrados na história particular de cada congregação e de sua inserção no espaço social paulistano que quando relacionados aos demais dados permitiram reconstruir a posição de cada escola na cidade. Duas variáveis principais estruturaram a comparação entre as três escolas: de um lado, a origem social e as qualificações

¹¹⁵ Embora tenha predominado o desejo de relatar tais experiências, houve algumas reações hostis, seja ao pedido de falar do colégio, seja ao de fornecer dados sobre as características das famílias. Tais reações (cinco no total) ocorreram durante a fase de telefonemas a cada uma das ex-alunas localizadas e estiveram relacionadas a diversos motivos: inadequação da abordagem da pesquisadora (“trata-se de um estudo sobre educação feminina nas camadas de alta renda”, “eu não sou de alta renda”, reagiu imediatamente uma ex-aluna do Colégio Des Oiseaux). “Acho o tema irrelevante”, reagiu ferozmente uma egressa do Santa Maria; “não me considero a melhor pessoa para falar do colégio”, replicaram duas ex-alunas do Santa Maria que relutaram mesmo quando sublinhamos o interesse em conhecer tais experiências consideradas negativas. No quinto caso, uma ex-aluna do Santa Marcelina, interpelou-nos: “qual é a sua tese? Eu sei como isso funciona e não tenho interesse em participar”. Notas de Pesquisa, Caderno de Campo, n.5.

educacionais das pessoas que estavam à frente destes estabelecimentos de ensino, de outro os daquelas famílias que compunham parte de seu público no secundário por volta de 1960.

A comparação entre as escolas está estruturada aqui com base nas formas específicas que as diferenças entre elas se materializaram ao longo da pesquisa. A vinda para o Brasil destas ordens religiosas, a chegada e a instalação dos colégios na cidade revelaram-se momentos decisivos para compreender como se deu o recrutamento social da clientela de cada instituição. A origem social das irmãs e a forma que encontraram de se apresentar às famílias, revelaram-se plenas de significados. Da mesma maneira, algumas características do ambiente escolar e da forma de organizar a socialização das meninas mostraram-se verdadeiras chaves na explicação da atmosfera que marcava cada um dos espaços escolares.

Nada disso faria sentido, se não possuíssemos os dados sobre as características morfológicas das famílias que a eles confiavam a educação de suas filhas e que serão analisados separadamente no próximo capítulo. Mas a reconstrução teórica das diferenças encontradas entre os três estabelecimentos de ensino é crucial para elucidar as formas específicas pelas quais diferentes grupos sociais buscam controlar a educação de suas filhas.¹¹⁶ Na realidade, em cada uma das escolas estava em curso um programa de aprendizagem das diferenças sociais, que traduz as lutas dos grupos familiares para controlar a educação escolar das meninas de forma a ajustá-las às suas estratégias de

¹¹⁶Cf. Almeida, Ana Maria. *A Escola dos Dirigentes paulistas. Tese de Doutorado*. Faculdade de Educação, Unicamp, 1999; Nogueira, Maria Alice. "A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias". In: *Revista Brasileira de Educação*, n.7, jan-fev., 1998; Grün, Roberto. "Dinheiro no bolso, carrão e loja no shopping: estratégias educacionais e estratégias de reprodução social em famílias de armênios". In: Almeida, Ana Maria e Nogueira, Maria Alice. *A escolarização das elites*. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 66-75.

reprodução social. Em contrapartida, cada um dos estabelecimentos de ensino estava encarregado de, com seu *espírito*, contribuir no processo que resulta na imposição dos horizontes possíveis, daí a importância de atentarmos às características de cada uma das ordens religiosas. Os possíveis efeitos sociais provocados pela passagem por cada uma das escolas estariam relacionados a esta forma específica de socialização escolar, tributária tanto das particularidades do trabalho de cada congregação religiosa como dos investimentos educacionais de cada grupo familiar.

O ajustamento entre as características sociais das famílias e o *espírito* do colégio refletia a influência que as famílias exerciam sobre a educação escolar das crianças de alta renda, fato reforçado, no caso brasileiro, pela forte presença da escola privada. Como veremos, estas famílias estavam em condições de “escolher” uma escola “mais austera” ou “mais moderna”, ou ainda nem austera e nem moderna (simplesmente clássica), como revela o estudo dos três casos em questão. O fato é que a presença da escola privada possibilitou que este mercado escolar evoluísse de tal maneira, permitindo que os grupos dominantes pudessem exercer um controle cada vez maior, no plano da educação escolar, sobre o que as crianças e os jovens deveriam ou não apreender no ambiente escolar. Situação bastante diversa das famílias que procuravam os estabelecimentos de ensino público, com pouca ou nenhuma possibilidade de selecionar as características sociais e os valores dos educadores e, menos ainda, a forma de ensinar e o *espírito* da escola. Esta continuidade entre a educação no universo familiar e o que era apreendido no universo escolar tende a tornar esta experiência ainda mais coesa e eficaz em seus objetivos, provocando efeitos duradouros no que diz

respeito à formação do *habitus*.¹¹⁷ Na realidade, por meio desta educação total dos grupos privilegiados obtinha-se a familiarização com valores que estavam na base da formação dos sentimentos de pertencimento social.

Este capítulo está estruturado sobre uma comparação sistemática entre os dados produzidos na pesquisa sobre cada escola considerada e as características do meio familiar de origem das alunas. Na primeira parte, descrevemos a chegada destas instituições educacionais na cidade; as propriedades sociais de suas fundadoras e as práticas de condução do trabalho de cada congregação. Em seguida, analisamos as características morfológicas das famílias e a relação existente entre uma determinada estrutura de capital das famílias e o tipo de investimento educacional que fizeram.

¹¹⁷ O *habitus* diz respeito às disposições adquiridas por um grupo social que se deve em última instância às suas condições de existência. De maneira mais conceitual o *habitus* seria assim um conjunto de “disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptados aos seus objetivos sem supor uma tomada de consciência dos fins e o controle das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “regradas” e “regulares” sem ser jamais o produto de uma obediência às regras e sendo por isso, coletivamente orquestrado sem ser o produto das ações organizadoras de um maestro de orquestra.” Bourdieu, Pierre, *Le sens pratique*. Les éditions de minuit, 1980, p.88-89.

A vinda ao Brasil

A chegada das congregações religiosas no Brasil se intensificou no início do século XX, como resultado da institucionalização da escola republicana na Europa e do conseqüente fechamento das escolas confessionais na maioria dos países europeus ocidentais. A reação das instâncias decisórias na Igreja Católica resultou em uma série de iniciativas que teriam como finalidade o fortalecimento organizacional da instituição e as condições mínimas de sobrevivência política e material no acirrado espaço de concorrência ideológica, cultural e religiosa do mundo do final do século XIX.¹¹⁸

Ao contrário do que se passou nas áreas de colonização européia na Ásia e na África, no qual o trabalho de evangelização propriamente dita se constituiu no principal instrumento de penetração, no Brasil, a política expansionista da Santa Sé foi marcada pela intenção de expandir o patrimônio, mesmo sem abrir mão das metas de romanização. O fato é que, no Brasil, com o fim do padroado e o início do período republicano¹¹⁹, as novas congregações desembarcaram em um espaço social livre do arbítrio da monarquia. Com a criação dos estabelecimentos de ensino primário e secundário, a Igreja Católica brasileira encontrou uma forma de recuperar o espaço perdido ao deixar de ser reconhecida como religião oficial do Estado e também de restaurar as relações com os grupos dirigentes, na medida em que era extremamente freqüente que estes confiassem às

¹¹⁸Cf. Miceli, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988, p.12.

¹¹⁹Cf. Azevedo, Thales de. *Igreja e Estado em tensão e crise*. São Paulo, Ática, 1978.

instituições de ensino católico a educação de seus filhos. Desta maneira, os colégios voltados para os grupos dominantes tornaram-se ações estratégicas para a Igreja Católica estreitar os laços com os grupos dirigentes e revelaram-se empreendimentos extremamente rentáveis, capazes de garantir as condições objetivas para uma entrada segura de recursos financeiros que pudesse fazer frente às necessidades das diversas ordens religiosas que afluíam para a América do Sul e para o Brasil em especial.

Este processo intensificou-se na virada do século XIX para o século XX e, em 1930, os estabelecimentos de ensino confessionais, mantidos em sua maioria pela Igreja Católica, estavam instalados em todo o Brasil. No Nordeste, o principal estado que acolheu tais empreendimentos foi Pernambuco, com quarenta e seis estabelecimentos, contra dezoito instalados no Ceará e cinco em Alagoas. No Sudeste, Minas Gerais e São Paulo lideraram respectivamente, com noventa e um e oitenta e quatro estabelecimentos mantidos por corporações religiosas. O Distrito Federal possuía quarenta e dois e, no Rio Grande do Sul, concentravam-se cinquenta e duas ordens religiosas à frente de estabelecimentos de ensino, contra quinze em Santa Catarina e oito no Paraná.¹²⁰ A proliferação de escolas católicas começou lentamente no final do século XIX, ganhou velocidade na capital paulista no início do século XX e seguiu bem acelerada em toda a primeira metade do século XX (Anexo 3).

¹²⁰ Fonte: Tabela: “Estabelecimentos de ensino segundo a dependência administrativa, 1936”. Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

Estas ordens religiosas encontraram terreno fértil principalmente junto aos grupos dominantes, capazes de arcar com as pesadas mensalidades e que viam com enorme interesse as escolas católicas como lugar ideal para uma formação escolar baseada nos princípios católicos, cuja transmissão era proibida na escola pública republicana. Assim, inscrever os filhos em uma escola católica representava um investimento educacional que permitia a acumulação de capital escolar propriamente dito, mas também de capital social e moral, na medida em que os colégios católicos eram percebidos como o espaço por excelência de formação dos grupos de elite. No caso específico da educação feminina, isso é ainda mais relevante, pois as escolas católicas ofereciam condições de sociabilidade em um grupo social “elevado”, no interior do qual as famílias possuíam interesse que se realizassem as alianças matrimoniais. Da mesma forma, o capital moral das moças egressas das escolas católicas estava relacionado não apenas à prescrição das boas maneiras, programa generalizado em outros espaços sociais de educação feminina, mas também a familiarização precoce e intensiva com a moral católica, que celebrava o eterno retorno da mulher ao casamento e à família.¹²¹

É neste contexto que a opção pela escola pública de nível secundário para as moças era uma aposta arrojada, um investimento moderno na posse de um diploma que abria as portas para o exercício do magistério, a carreira feminina por excelência nas primeiras décadas do século XX. Mesmo se considerarmos que estes diplomas eram convertidos em trunfos por ocasião das alianças

¹²¹Cf. Muel-Dreyfus, op. cit., p. 10.

matrimoniais, ele garantia uma relativa autonomia ao público feminino que se via em condições de trilhar uma carreira profissional. Ao contrário, os colégios católicos representavam uma alternativa para garantir a instrução feminina, sem abrir mão de uma socialização cujo acento era moral e não profissional. Mas o exame de três casos de educação católica feminina na cidade de São Paulo mostra que esta cultura católica adquiria diferentes feições em cada um dos estabelecimentos de ensino pesquisados.

Três escolas para meninas

As Irmãs de Nossa Senhora das Cônegas de Santo Agostinho (1906) e a Congregação das Irmãs Marcelinas (1927), vindas da Europa, respectivamente da Bélgica e da Itália, região de Milão, fundaram em São Paulo o Colégio Nossa Senhora das Cônegas de Santo Agostinho (Des Oiseaux) e o Colégio Santa Marcelina. Um exame da história da congregação no Brasil, registrada por suas religiosas em publicações internas dos colégios, mostra que a chegada de cada uma delas na cidade se deu de maneira bastante diferenciada, singularizada tanto pela forma como foram convidadas a vir, como pela localização no espaço geográfico e social da cidade.

Ainda na Bélgica, as irmãs agostinianas teriam sido convidadas pelo abade à frente do principal colégio católico masculino no Rio de Janeiro, Dom Van Caloen, do Mosteiro de São

Bento.¹²² Por intermédio do apoio dos beneditinos do Ginásio de São Bento, da capital paulista, instalaram-se provisoriamente na Avenida Paulista, a esta época já ocupada pelos casarões que abrigavam imigrantes.¹²³ Para criar o mosteiro-colégio adquiriram um palacete localizado no bairro da Consolação, nas imediações de Higienópolis. A aquisição da bela residência correspondia às intenções da ordem de estabelecer-se como opção de educação católica para meninas das famílias abastadas. Sua arquitetura de inspiração *art nouveau* emprestava um ar requintado ao novo colégio que iniciou suas atividades em 1907, com um jardim de infância misto, primário e ginásial feminino, em regime de internato, modalidade preferida por fazendeiros que residiam nas fazendas e também por aqueles que estavam se estabelecendo na capital. Lançaram ainda o regime de semi-internato para atender a uma clientela urbana que residia na região.¹²⁴

Como desde 1901 já funcionava o Colégio Nossa Sra do Sion, localizado na principal avenida do bairro de Higienópolis, as agostinianas lançaram-se neste espaço social com trunfos fortes. Além da localização privilegiada, as irmãs investiram na identificação desta escola como um autêntico colégio francês. Nomeado inicialmente como Collège des Dames de St. Augustin, as irmãs o apresentaram como uma filial do Colégio Notre-Dame Des Oiseaux de Paris, que atendia as famílias da antiga nobreza francesa e da grande burguesia parisiense. Se considerarmos que o hábito

¹²² Fonte: “A primeira fundação brasileira: mosteiro-colégio das Cônegas de Santo Agostinho”. In: *Passos da Nossa História*, n.3, p. 1-50. São Paulo, Vicariato do Brasil, 1998.

¹²³Cf. Marins, Paulo C. G. “Habitação e Vizinhança”, In Sevckenko, N. *História da Vida Privada no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 131-214.

¹²⁴ “Collège des Dames de Saint Augustin” foi primeiro nome do colégio, que em 1925, foi substituído oficialmente por “Colégio das Cônegas de Santo Agostinho”. Fonte: *Passos da Nossa história*, n.3, p.31.

das religiosas belgas no Brasil era o mesmo de suas irmãs francesas, e mais tarde, o uniforme das alunas também se assemelhava ao do colégio francês, não é difícil compreender o êxito da associação entre os dois estabelecimentos de ensino e porque este colégio de freiras tornou-se conhecido simplesmente como Colégio Des Oiseaux.

Um exame da forma como se deu a chegada da Congregação das Irmãs Marcelinas ao Brasil mostra que ela diferiu da maneira como as irmãs agostinianas se inserem na cidade. As diferenças começam na forma de relatar a vinda para o Brasil. As agostinianas teriam sido convidadas por dirigentes eclesiais brasileiros, enquanto as marcelinas teriam vindo a partir da intermediação do baixo clero (um sacerdote italiano, irmão de uma das marcelinas, negociou a vinda das irmãs para um encontro com o bispo de Botucatu).

Diferentemente das agostinianas, em condições de se instalar diretamente na próspera São Paulo, as irmãs italianas chegaram pelo interior do estado, para também explorar o público formado pelas famílias de cafeicultores. A chegada de congregações estrangeiras nas cidades do interior paulista para a criação de colégios era vista como sinal indelével do progresso e modernização e, portanto, eram recebidas calorosamente pela população local.¹²⁵ Com as irmãs marcelinas não foi diferente quando elas se instalaram em Botucatu para criar o Colégio dos Anjos, em 1912. A cidade reunia as condições ideais: situava-se em uma região em pleno desenvolvimento econômico, com os lucros advindos da lavoura do café e beneficiada pela Estrada de Ferro Sorocabana.

¹²⁵ Cf. Leonardí, Paula. "Puríssimo coração: uma escola de elite e sua imagem." *Revista Proposições* v. 15, n.2, 44, 2004, p. 77-96.

Se as agostinianas enfrentaram a concorrência do Sion, em Botucatu, o Colégio dos Anjos, criado em 1912, não possuía concorrente católico local. Ao contrário, sua única concorrente a esta época, em Botucatu, era a Escola Normal mantida pelo Estado, com 240 alunos em 1913.¹²⁶ Mista, embora predominantemente feminina (168 alunas, contra 72 homens), tratava-se de um espaço educacional que oferecia o clássico programa de ensino das Escolas Normais do período e que se distinguia por oferecer o diploma de professora, particularmente importante para as mulheres, pois lhes permitia vislumbrar a possibilidade concreta de uma atividade profissional. As marcelinas se estabeleceram em Botucatu oferecendo, como trunfo, uma educação feminina estritamente voltada para a manutenção da mulher no interior da família e a ênfase na formação moral e cristã das meninas. Tornaram-se desta maneira, conhecidas pela educação moral e religiosa severa, rigorosa, “medieval”, nas palavras de uma aluna que esteve interna em 1928.¹²⁷

A inserção do Colégio Santa Marcelina em São Paulo, por sua vez, também pouco se assemelhou à chegada do Colégio Des Oiseaux, nos arredores de Higienópolis. Ao contrário das agostinianas, as marcelinas se instalaram nas Perdizes, uma região que à época nem luz elétrica possuía, embora tenha sofrido rápidas transformações nos anos subseqüentes. Até os anos 20, a região era habitada por pequenos comerciantes, chacareiros, tanto que o colégio começou oferecendo apenas o internato para as filhas de fazendeiros do interior, privilegiando a clientela formada a partir da experiência em Botucatu, mas quando em 1934, as marcelinas abriram o

¹²⁶ Fonte: *Anuário do Ensino de São Paulo, 1914*. op.cit., p.512.

¹²⁷ Fonte: Entrevista de Pesquisa com ex-aluna da escola em 1928. São Paulo, março de 2002.

Externato para as famílias da classe média, Perdizes já havia se transformado em um bairro composto principalmente por pequenos comerciantes e profissionais liberais¹²⁸, que conseguiam construir para si amplas residências sem o custo que teriam caso fossem se instalar nos bairros de maior valor imobiliário, como Higienópolis. Diferentemente das agostinianas, as irmãs marcelinas se estabeleceram em uma região que não dispunha de nenhum outro colégio confessional feminino, o que favoreceu que ele se estabelecesse como a opção para as famílias interessadas nos colégios católicos e residentes na região, que não viam necessidade de enviar as meninas para estudar em colégios mais distantes.¹²⁹

Já as Irmãs de Santa Cruz, responsáveis pela criação do Colégio Santa Maria, chegaram a São Paulo em 1947, quando a cidade já se transformara em uma metrópole com quase 2 milhões de habitantes. Vindas dos Estados Unidos, as irmãs pertenciam a uma ordem religiosa de origem francesa, mas que já estava, desde 1843, instalada na América do Norte. Ao contrário das congregações religiosas que saíram da Europa em condições históricas desfavoráveis, as irmãs do Santa Maria chegaram ao Brasil após a II Guerra Mundial, dentro da “política da boa vizinhança” desenvolvida pelos Estados Unidos para a América Latina. Até então, as Irmãs da Santa Cruz estavam estabelecidas em Indiana e dirigiam uma faculdade de enfermagem. A vinda ao Brasil foi resultado de um convite de um dirigente eclesiástico para que aqui se estabelecessem, da mesma

¹²⁸ Cf. Ponciano, Levino. *Bairros Paulistanos de A à Z*. São Paulo, Senac, 2001, p. 163.

¹²⁹ O bairro contava, até 1920, com apenas um estabelecimento de ensino público, aberto em 1919 e com um outro confessional não católico, o Colégio Batista Brasileiro, fundado em 1902.

forma que as irmãs agostinianas.¹³⁰ O mais difícil não era vir, mas conseguir se estabelecer em uma sociedade extremamente simpática à educação religiosa, mas que, por volta de 1940, já contava com a presença de diversas congregações religiosas responsáveis pelos 40 estabelecimentos de ensino católicos (**Anexo 1**). Neste contexto, ter o apoio de autoridades eclesiais e ordens religiosas bem relacionadas com os grupos dominantes da sociedade paulista era um fator decisivo. As Irmãs de Santa Cruz tinham este trunfo.

Antes de possuírem uma casa própria, elas foram hospedadas pelas agostinianas que, neste momento, já estavam solidamente instaladas na cidade com o Colégio Des Oiseaux. O convite para que se estabelecessem em terras brasileiras havia sido feito pelo eminente Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, arcebispo de São Paulo, homem de grande influência política na Igreja Católica e junto a dirigentes políticos¹³¹, que mais tarde doou sua chácara para as irmãs se instalarem na região de Santo Amaro. Além disso, as Irmãs da Santa Cruz tinham o apoio de pe. Lionel Corbeil, da Congregação dos Padres e Irmãos da Santa Cruz, liderança intelectual entre católicos, criador do Colégio Santa Cruz (1951) e da Associação das Escolas Católicas de São Paulo. Com estes grupos de religiosos influentes e bem estabelecidos na cidade de São Paulo não é difícil compreender como esta longínqua escola logrou atrair uma clientela abastada apesar da acirrada disputa entre os estabelecimentos de ensino católicos.

¹³⁰ O cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, convidara as Irmãs da Santa Cruz para encampar o projeto de criação da faculdade de enfermagem, na universidade católica da Campinas. Fonte: *Cinquenta Anos do Colégio Santa Maria*. Publicação interna, São Paulo, 1997.

¹³¹ Cardeal Motta, amigo pessoal de Juscelino Kubitschek teve participação na criação e instalação de Brasília. Fonte: Brasília 40 anos, "O Cardeal e Brasília", *in*: Correio Brasiliense, 17/11/2004.

Para começar, elas iniciam suas atividades educacionais com a criação de uma “escola complementar” feminina, a ser cursada após a conclusão do ginásio.¹³² Com isso, atraíram um público interessado em aperfeiçoar a formação estética de suas filhas, muitas delas, concludentes do ginásio no Des Oiseaux. Os cursos de arte, decoração, religião, equitação e vôlei em inglês, em local quase idílico, representavam uma novidade sofisticada no mercado de educação feminina, no qual ainda predominavam cursos complementares menos incrementados, com o ensino de atividades domésticas tradicionais para as moças de elite (bordado, pintura clássica, piano, organização do lar, etc). Esta forma peculiar de se inserir no mercado da educação feminina católica da cidade fez com que muitas famílias optassem por enviar as filhas de ônibus escolar, já que, a viagem, às vezes, durava até duas horas.

Em oposição aos colégios que agora estavam instalados na região mais próxima do centro da cidade, o Santa Maria se estabeleceu em um bairro bem distante do centro, no extremo sul da cidade e basicamente constituído de chácaras. Se para as marcelinas, chegar às Perdizes no final dos anos 20 significou a possibilidade de instalar-se em São Paulo, para as Irmãs da Santa Cruz parece-nos que a localização distante significou ainda mais. Isso porque, no final dos anos 1940, começava a surgir em São Paulo, uma fração dos grupos dominantes que via com bons olhos os colégios mais distantes do centro urbano, não apenas porque ele se tornava mais e mais populoso e movimentado, mas

¹³² Diferentemente dos outros casos analisados, as Irmãs da Santa Cruz chegaram a São Paulo tendo em mente a abertura de um estabelecimento de ensino superior, uma faculdade de enfermagem, área em que já possuíam experiência, plano inicial que não chegou a se concretizar. Fonte: *Cinquenta Anos do Colégio Santa Maria*. Publicação interna, São Paulo, 1997.

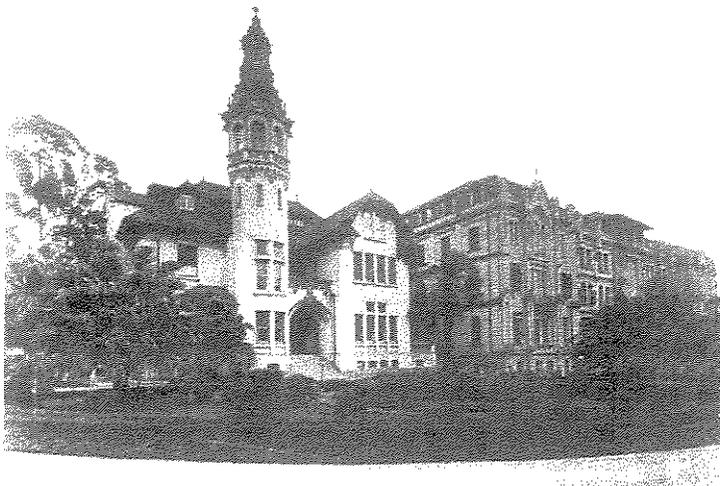
também porque passou a ser *chic* enviar os filhos para estudar em lugares longínquos, situados em vastos domínios verdes, à semelhança dos internatos americanos descritos por Caroline Persell e Peter Cookson.¹³³ O programa implementado no local vinha ao encontro da aspiração de famílias interessadas em se diferenciar da antiga elite agrária, gerando novos padrões e expectativas educacionais para as mulheres, católica, mas associada ao modelo feminino emergente: moderna, esportiva, menos formal, fluente no inglês. O comportamento das religiosas americanas contribuía para a imagem de um colégio de freiras arejado, pois as irmãs surpreendiam dirigindo automóveis e nadando, práticas raríssimas entre religiosas deste período.

A articulação do capital social de que dispunham e a imagem de um colégio de freiras “moderno” permitiu que esta congregação religiosa tivesse êxito em atrair uma clientela abastada, com alto nível educacional, ligada de alguma maneira ao pólo intelectual do espaço social e interessada em garantir uma educação católica diferente daquela oferecida pelos colégios católicos tradicionais. Esta percepção por parte das famílias (e em alguns casos, das meninas) provocou uma migração de alunas de colégios mais tradicionais, católicos ou não, para o Santa Maria.¹³⁴ É para este público que o Santa Maria se voltou neste período e é para ele que o seu projeto educacional cabia como uma luva. Nas palavras que teriam sido proferidas pelo pai, uma ex-aluna sintetiza a identidade almejada: “o Santa Maria é o colégio dos cristãos modernos”. Observando as imagens

¹³³ Cookson, Peter e Persell, Caroline. *Preparing for power*. New York, Basic, 1985.

¹³⁴ Vindas principalmente do Des Oiseaux, mas também de escolas laicas, como o Dante Alighieri, Elvira Brandão, Ofélia Fonseca, etc. Fonte: Dados produzidos pelos questionários (parte II, questão 1).

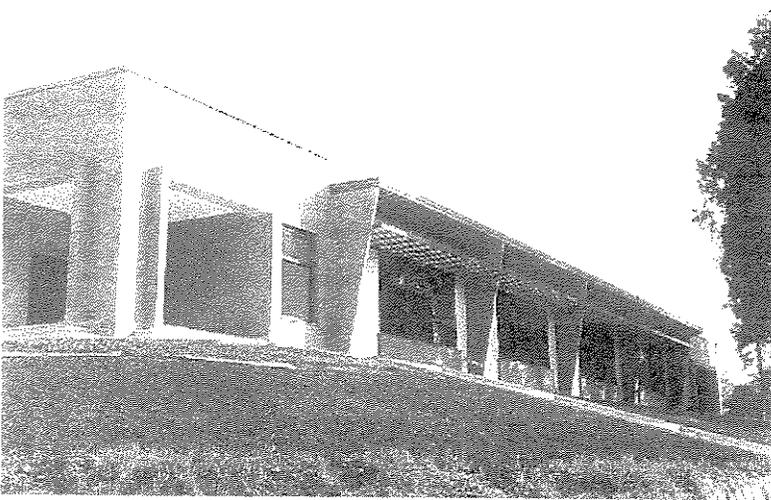
dos edifícios escolares criados pelas três congregações, verificamos como as diferenças podiam ser notadas nas fachadas dos prédios construídos.



Fotografia 1: Palacete Uchoa e edifício anexo do Colégio Des Oiseaux. Fonte: *Arquivo Pessoal de Irmã M. D.*



Fotografia 2: Fachada do colégio Santa Marcelina. Fonte: *Colégio Santa Marcelina 1927-1997. Publicação Interna.*



Fotografia 3: Fachada do colégio Santa Maria, prédio de 1956. Fonte: *Cinquenta Anos do Colégio Santa Maria*, Publicação Interna.

Estes edifícios escolares, distintos em vários aspectos, da localização às características arquitetônicas, estavam extremamente ajustados aos projetos de inserção no espaço escolar de São Paulo de cada ordem religiosa. O Palacete Uchôa, na **Fotografia 1**, emprestava ao colégio Des Oiseaux um ar familiar e aristocrático. Os amplos jardins, frontais e laterais, garantiam a distância espacial conveniente da rua, à semelhança do que ocorria com as habitações das camadas de alta renda instaladas nesta parte da cidade. A extensão destes jardins permitia a entrada de automóveis transportando as alunas, transformando as saídas do colégio em um espetáculo para ser visto à distância pelos transeuntes do bairro.¹³⁵ Nestas ocasiões, as meninas posicionadas na escadaria da entrada principal pareciam constituir um mundo à parte com o luxo dos uniformes, os automóveis e seus *chauffeurs*.

Este edifício das agostinianas distinguia-se dos prédios escolares construídos no início da República, cujas escadarias e fachadas normalmente não tinham recuo da calçada.¹³⁶ O colégio Santa Marcelina, por sua vez, reproduzia justamente este padrão de edificação escolar. Suas características arquitetônicas, tais como a simetria do edifício, o uso do tijolo vermelho (e não de pedras como no caso do prédio anexo ao Palacete Uchôa) bastante comuns nas construções escolares deste primeiro período republicano, refletem o acesso diferenciado aos materiais de construção civil.¹³⁷

¹³⁵ “As saídas do colégio eram famosas”, relatou uma ex-aluna do colégio nos anos 1930. Fonte: Entrevista de Pesquisa, 19/06/2002.

¹³⁶ Este padrão recuado da calçada pode ser notado também no edifício do Colégio Nossa Senhora do Sion.

¹³⁷ Cf. Buffa, Ester & Pinto, Gelson. *Arquitetura e Educação*. Edufscar/INEP, 2002, p.31-56.

Já o edifício térreo das irmãs da Santa Cruz materializava o espírito do colégio “moderno” que pretendia se fazer notar. Como nos grandes internatos americanos, o local bucólico reforçava esta característica pouco convencional. A luminosidade almejada com as amplas janelas dos grandes edifícios escolares, públicos e privados, foi especialmente privilegiada nesta edificação escolar (**fotografia 3**), pois as portas das salas de aula davam para um corredor a céu aberto, um espaço coberto de verde, em nada semelhante aos corredores escuros e frios que marcavam muitas das tradicionais escolas católicas.

Características sociais e culturais das religiosas

As distâncias simbólicas que separavam os três estabelecimentos de ensino examinados estavam relacionadas também às características sociais e culturais das religiosas à frente de cada um dos empreendimentos e da maneira pela qual elas dirigiram estas escolas por volta de 1950. Embora tenha sido impossível realizar uma morfologia do conjunto de religiosas de cada congregação, a reunião de dados obtidos durante a pesquisa permite notar que estas ordens se diferenciavam pela origem social e pelas qualificações educacionais de suas religiosas.

No caso do Colégio Des Oiseaux, grande parte das irmãs responsáveis pelo colégio, a esta época, provinha de famílias antigas e bem estabelecidas na sociedade paulista.¹³⁸ Ex-alunas e ex-professoras lembraram-se com facilidade dos sobrenomes conhecidos das famílias de origem das irmãs do colégio.¹³⁹ Das cinco irmãs e ex-professoras entrevistadas, três delas são ex-alunas do Des Oiseaux e filhas de ex-alunas do colégio.¹⁴⁰

Na realidade, este grupo de religiosas possuía uma experiência educacional semelhante àquela que estavam incumbidas de manter neste estabelecimento de ensino. Esta semelhança entre a origem social e a experiência educacional de religiosas e corpo discente tornava ainda mais efetiva a chance de êxito na transmissão de valores e de uma determinada héxis corporal. De certa maneira, o colégio tendia apenas a dar continuidade à educação recebida no meio familiar, sem jamais contrariá-la, à semelhança do que descreveu Monique de Saint Martin¹⁴¹ sobre Colégio Notre Dame Des Oiseaux de Paris. Alunas e irmãs pertenciam ao universo social das grandes famílias, antigas e ricas, residentes já há algumas gerações na cidade de São Paulo, ligadas entre si por relações de

¹³⁸ Sobre as irmãs européias, os dados obtidos foram mais esparsos e menos conclusivos, a julgar pelos depoimentos, tratava-se de uma origem social elevada, “eu sei que tinha uma que diziam ser de uma família da nobreza inglesa”. Fonte: Entrevista de pesquisa. São Paulo, outubro de 2004.

¹³⁹ Entre eles, Almeida Prado, Pereira Leite, Salles de Oliveira, Sodré Dória, Sampaio Bueno, etc. Fonte: Limongi, Maria Evangelina (Irmã) *A primeira fundação brasileira: colégio-mosteiro de São Paulo, 1906*. Passos da Nossa História, n.3. Publicação Interna, São Paulo, 1997, p. 17.

¹⁴⁰ Durante o contato com a associação de ex-alunas, quando tivemos a oportunidade de entrevistar duas ex-alunas do colégio da década de 1930, estas sugeriram que este recrutamento mudara muito, sendo atualmente extremamente raro encontrar religiosas jovens egressas dos colégios de elite mantidos pela congregação. Fonte: Entrevista de pesquisa, São Paulo, fevereiro de 2002.

¹⁴¹ Cf. Saint Martin, Monique de. “Une ‘bonne’ éducation: les oiseaux, à Sèvres”. *Ethnologie française*. vol. 20: 60-70, 1990.

parentesco, alianças políticas, antigas solidariedades reforçadas pela frequência aos mesmos estabelecimentos de ensino secundário e superior.

Esta origem social privilegiada permitia às irmãs agostinianas brasileiras investir no prolongamento dos estudos no exterior, em instituições universitárias católicas, sobretudo, no interior da Bélgica, na Universidade de Louvain, onde muitas irmãs dedicaram-se ao estudo de filosofia da religião e psicologia. Por meio destas experiências elas tiveram contato com um ambiente universitário profundamente marcado pelo engajamento católico em movimentos de organização dos grupos populares.¹⁴² Esta formação fez com que, progressivamente, as agostinianas deixassem de lecionar no colégio para utilizar estes investimentos escolares na elaboração de uma carreira substituta, lançando se principalmente à criação de escolas superiores.¹⁴³ Estas escolas superiores eram, de certa maneira, a introdução no território brasileiro destas universidades católicas, que proliferavam em vários países europeus atendendo às aspirações de profissionalização feminina e ao público formado por seminaristas e religiosos católicos em geral.

Em contraposição, o recrutamento das irmãs marcelinas era muito mais heterogêneo, pois mesmo se considerarmos que os internatos mantidos pela congregação atraíam filhas de fazendeiros potencialmente interessadas em se converter, os conventos de pequenas cidades da região Sul do

¹⁴² Este foi o caso da célebre Madre Cristina que se fez conhecer pela criação do Instituto de Psicologia do Sedes Sapientiae. Cf. Trigo, Maria Helena Bueno. “Os caminhos da internacionalização e as estratégias de legitimação dos psicólogos”. In: Almeida, Ana *et. alli.* *Circulação Internacional e formação intelectual das elites brasileiras.* Campinas, Unicamp, 2004, p. 299-315. Este foi também o caso de duas das três religiosas entrevistadas.

¹⁴³ Esta tendência parece não ter alterado a composição social do corpo docente, pois o recrutamento dos professores manteve-se neste mesmo grupo social, com professoras ex-alunas e filhas de ex-alunas. A alteração mais visível diz respeito ao ingresso de homens no corpo docente, com credenciais educacionais sólidas, consagrados como autores de livros em seu campo disciplinar, como Aroldo de Azevedo, professor de Geografia. Fonte: Entrevista de Pesquisa.

país respondiam pelo grosso deste recrutamento. Em Pirai e Iomerê, pequenos vilarejos de imigrantes italianos, as marcelinas instalaram as duas “casas” que tinham como missão recrutar jovens interessadas em ingressar na vida religiosa.¹⁴⁴ Oriundas de famílias de pequenos agricultores italianos, as noviças marcelinas possuíam uma origem social muito mais modesta e provinciana do que as das outras congregações. Ingressar na vida religiosa, para estas famílias camponesas, era não apenas uma honra, (como para as famílias de fazendeiros), mas também um meio de ascensão social e para as mulheres, em especial, uma oportunidade única de sobrevivência fora da esfera familiar. Quanto à formação educacional das religiosas marcelinas, ao contrário das agostinianas e das irmãs de Santa Cruz, não encontramos detalhes e nem relatos orgulhosos das qualificações educacionais, sugerindo que se tratava de uma formação educacional menos gloriosa, mais frágil, por vezes, tardia.

No caso do Colégio Santa Maria, o grupo de quatro irmãs americanas que chegaram a São Paulo destacava-se por possuir uma experiência internacional baseada, sobretudo, nas missões na África e na Índia. Com exceção das três únicas brasileiras que vestiram o hábito das Irmãs de Santa Cruz, todas as demais freiras vinham dos Estados Unidos e depois de alguns anos trabalhando no Brasil deslocavam-se para outros países da América do Sul, da África ou mesmo retornavam para os Estados Unidos. De certa maneira, diferentemente do caso das outras duas congregações, enraizadas na capital paulista e nas colônias de italianos do sul do país, as irmãs de Santa Cruz circulavam internacionalmente com regularidade, não apenas por meio das missões nos países africanos que

¹⁴⁴ As memórias escritas pelo engenheiro que construiu boa parte das obras das irmãs marcelinas são bastante esclarecedoras. Cf. Marchetti, Domingos & Polinésio M., Julia (1999) *Memórias a duas vozes*. São Paulo, Annablume.

todas elas exerciam, mas também pelo trânsito de irmãs que vinham e voltavam para os Estados Unidos.¹⁴⁵ Quanto à qualificação educacional, o grupo que chegou ao Brasil possuía o diploma superior de enfermagem obtido na faculdade mantida pela congregação em Indiana.¹⁴⁶

Nas fotografias em que as irmãs aparecem, notamos que a imagem das irmãs e dos colégios podia ser percebida até mesmo nos hábitos das religiosas, na forma de se apresentar ao fotógrafo, de compor a fotografia, detalhes que quando confrontados aos demais dados construídos pela pesquisa tornam-se plenos de significados. É o caso dos hábitos pretos e longos, uniforme invariável utilizado pelas religiosas nesta época. As fotografias transmitem impressões distintas, melhor compreendidas quando examinamos como pequenos detalhes nos uniformes e na héxis corporal das religiosas singularizavam cada uma das congregações.

¹⁴⁵Cabe sublinhar, o retorno aos Estados Unidos era, freqüentemente, acompanhado de uma promoção no interior da congregação. Importa reter que a passagem pelo Brasil podia ser vivida como um investimento *profissional*. Fonte: *Cinqüenta Anos do Colégio Santa Maria*. Publicação interna, São Paulo, 1997, p.91.

¹⁴⁶ Esta irmã permaneceu no colégio desde sua fundação até 1982. Fonte: *Cinqüenta anos do Colégio Santa Maria*, p. 14-16.



Fotografia 4: Irmã e aluna do Des Oiseaux, em 1958. Fonte: Arquivo pessoal da Irmã M. E.



Fotografia 5: Grupo de “aspirantes” acompanhadas de Irmã Ismênia Nunes Rollo, Monsenhor Francisco Napolitano, Madre Sofia Marchetti e Irmã Eugénie Villien, em 1949. Fonte: *Colégio Santa Marcelina 1927-1997*. Publicação Interna.



Fotografia 6: Irmãs da Santa Cruz em Nova York, em 1946. Fonte: *Cinquenta anos do Colégio Santa Maria*, Publicação Interna.

Vestidas com o hábito tão preto e tão longo quanto os outros (a 4 cm do chão), as Irmãs da Santa Cruz (**fotografia 6**) distinguiam-se pelos detalhes da vestimenta e pela forma de se apresentar ao fotógrafo. A presença da coifa rígida branca na cabeça e do colarinho duro que cobria o colo era responsável pelo discreto charme do traje. Os elementos semicirculares conferem um ar mais feminino ao hábito, acentuado pela presença do coração de Jesus (uma jóia?). O uso do branco ao

redor da cabeça e no colo, evidencia a parte superior do tronco e tende a conferir mais leveza ao todo.¹⁴⁷ O crucifixo aparece na lateral, mais discreto e preso por um cordão à cintura.

O retrato (**fotografia 6**) registrado antes do embarque para o Brasil, na “casa” da congregação em Nova York, transmite um clima de naturalidade, quase como se estivéssemos diante de uma pequena família: as conversas, os sorrisos, a pose “natural” para o fotógrafo. Esta aparência de “naturalidade” encobre, na realidade, propriedades sociais tributárias de uma posição social elevada: menos exposta ao olhar e ao julgamento do outro, com a segurança possível àqueles que controlam as normas de percepção de seu corpo e de si, que contam com os meios de manipular a parte modificável do corpo, ou seja, de investir na aquisição das vestimentas e produzir aquilo que a linguagem ordinária chama de “boa aparência”.¹⁴⁸

A **fotografia 5** sugere uma atmosfera na qual se respirava a ordem e a disciplina. A ordem dos corpos na escadaria expressava a rígida hierarquia interna. As duas maiores autoridades, o monsenhor e a madre superiora, aparecem centralizados e sentados no retrato. Ao lado deles, em pé, as irmãs responsáveis pela formação das “aspirantes”. No primeiro degrau estavam as mais jovens, mais sorridentes, aspirantes ao noviciado. Acima delas, de preto, expressão mais fechada, vinham noviças, aspirantes à vida religiosa. O hábito das religiosas distinguia-se pelo traçado das túnicas,

¹⁴⁷ Cf. Mello e Souza, Gilda. *O espírito das roupas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p.42-43.

¹⁴⁸Cf. Bourdieu, Pierre. “Remarques provisoires sur la perception sociale du corps”, In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 14, 1977, p.52.

com fitas verticais que desciam das toucas, acentuando a sobreposição das faixas verticais ao eixo horizontal que marcam as túnicas e a estrutura da vestimenta em linhas retas, o que tende a conferir uma aparência masculina mesmo a uma veste feminina.¹⁴⁹ A predominância do preto, com exceção das “aspirantes” vestidas de branco, acentua o peso aparente da vestimenta e contribui para *ocultar* o volume dos corpos. Esta aparência austera e pesada é reforçada pela presença da cruz centralizada na altura do abdômen.

Na pequena sala de janelas amplas do Des Oiseaux, (**fotografia 4**)¹⁵⁰, a mesma “naturalidade” que parece marcar a imagem das Irmãs da Santa Cruz. Na realidade, esta “naturalidade”, que resulta da experiência de uma posição dominante no mundo social, é obtida graças a uma certa teatralização da conduta, de uma prefiguração da imagem que se deseja transmitir e que visa a rigor manifestar uma condição social. Na cena armada da **fotografia 4**, em que uma irmã parece orientar suavemente a aluna sorridente visa, a rigor, transmitir esta imagem da educação pretendida pelo Des Oiseaux: controlada e suave¹⁵¹, possível graças à proximidade na origem social de religiosas e alunas que permitia ao colégio prolongar e completar a educação familiar criando um clima especial de confiança entre as famílias e o colégio. Quanto ao hábito das agostinianas, o que diferenciava era a presença desta espécie de véu de tecido no lugar das toucas das marcelinas e da coifa das irmãs do Santa Maria. A face branca interna fechava-se abaixo do queixo, escondendo o

¹⁴⁹ Cf. Souza, Gilda de Mello. *O espírito das roupas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 55-107.

¹⁵⁰ A única fotografia obtida do conjunto das religiosas desta congregação, não estava em boas condições técnicas de reprodução.

¹⁵¹ No relato de uma ex-aluna que migrou do Des Oiseaux para o Santa Maria na tentativa de sintetizar o espírito do colégio “elas falavam mansinho e te botavam de castigo...”. Entrevista de Pesquisa, fevereiro de 2004.

pescoço e ressaltando o rosto das irmãs. A presença do véu não deixa de ser significativa, na medida em que ele remete à figura de Maria, distinta pela sua pureza e nobreza de espírito.

Em síntese, os dados coletados nas entrevistas com as religiosas e nos documentos dos colégios sobre a origem social das irmãs podem ser confirmados quando examinamos os retratos das religiosas. A forma de se sentar, de dirigir o olhar, de acomodar as mãos, de sorrir, de se apresentar ao olhar do outro estão fundadas na experiência de uma determinada posição social, tanto de classe como de gênero. Esta maneira de se colocar com o corpo, de se comportar, de se apresentar, em suma, a héxis corporal exprime uma determinada relação com o mundo social, uma vez que o corpo funciona como uma linguagem pela qual somos “falados”, mais do que acreditamos dizer.¹⁵²

A dimensão comercial destes empreendimentos religiosos era recalcada por meio da afirmação de uma postura desinteressada em relação à educação feminina. Visando a sublinhar este desinteresse e ressaltar a dimensão espiritual do empreendimento, estas congregações religiosas mantinham uma escola gratuita dedicada às crianças pobres, que funcionava separadamente na parte de trás dos terrenos em que se situavam as escolas para o público pagante.¹⁵³ A mistura de classes sociais nestes colégios estava completamente fora de cogitação, tanto que, para receber as crianças pobres, prédios foram construídos ou adaptados, todos eles, fora da área de circulação das alunas

¹⁵² Cf. Bourdieu, *op. cit.* p. 50-51.

¹⁵³ A exceção foi o Colégio Santa Maria que teve, por volta de 1970, uma experiência de curta duração na qual alunos de escolas públicas ganhavam bolsa para freqüentar as classes dos alunos pagantes. Fonte: *Cinquenta anos do Colégio Santa Maria*, p. 88-89.

pagantes. Não que as congregações deixassem de se dedicar às populações de baixa renda. Ao contrário, nos três casos havia diferentes modalidades da ação católica junto a elas, tais como, as ações de socorro (hospitais e atendimento à população de baixa renda), as ações de conversão (como as missões na África), além das tentativas de organização dos grupos populares e da juventude.

A dicotomia no engajamento destas religiosas entre as escolas de elite e as ações voltadas para os pobres rendeu muita discussão e atingiu o ápice em meados dos anos de 1960, com o Concílio do Vaticano II. As agostinianas parecem ter sido particularmente afetadas, talvez porque estivessem no epicentro das discussões sobre o papel da Igreja Católica nos movimentos sociais. Eram elas que sediavam, desde 1935, as reuniões da Juventude Operária Católica e o Secretariado Geral da Juventude, que organizavam programas e publicavam boletins, entre várias outras atividades de agregação de organizações católicas. Talvez por isso, o fechamento do colégio, em 1967, tenha sido associado a uma mudança nos rumos da congregação agostiniana no Brasil, em resposta ao II Concílio do Vaticano e à “opção pelos pobres” das agostinianas.¹⁵⁴

¹⁵⁴ Uma das irmãs entrevistadas deixa entrever o clima que teria contagiado a congregação “o Concílio do Vaticano II propôs a abertura das congregações. Tiramos os hábitos, deixamos de morar enclausuradas, fomos morar perto do povo”. Fonte: Entrevista de pesquisa. São Paulo, outubro de 2001. Na percepção de uma ex-professora leiga a congregação teria se dividido em torno da discussão sobre o fechamento do Colégio Des Oiseaux. Uma ala “mais conservadora”, contra o fechamento do colégio e uma ala “minoritária”, segundo uma ex-aluna ouvida sobre o caso, a figura emblemática de Madre Cristina, psicóloga, nascida em uma família tradicional (Sampaio Dória), próxima do movimento estudantil católico e pioneira no atendimento à população de baixa renda na clínica de Psicologia do Sedes Sapientiae mais disposta à “opção pelos pobres”, conforme expressão empregada pelas irmãs, ex-alunas e ex-professoras. Fonte: Entrevista de pesquisa. São Paulo, julho de 2002.

Na realidade, quando decidiram fechar o Des Oiseaux, as Cônegas de Santo Agostinho já possuíam duas escolas voltadas para atender as filhas dos grupos de alta renda. O Externato Madre Alix, de 1951, localizado no coração do Jardim Europa, quando os Jardins (Europa, América e Paulistano) eram compostos por vastos lotes de altíssimo valor imobiliário. A Rua Caio Prado, na qual se localizava o Des Oiseaux se tornara pouco atraente, excessivamente central e distante dos novos bairros “nobres” da cidade. Em 1965, dois anos antes do fechamento do primeiro colégio, as agostinianas criaram o Colégio Nossa Senhora do Morumbi, de novo uma região que, a partir da década de sessenta, foi ocupado por famílias abastadas, onde construíram se grandes mansões. Se considerarmos o Colégio Stella Maris, que desde 1924 funcionava em Santos, as agostinianas somavam três escolas privadas, especializadas na educação feminina dos grupos de alta renda. Com exceção das Irmãs de Santa Cruz, que mantiveram apenas o Colégio Santa Maria, tanto as agostinianas como as marcelinas realizaram fortes investimentos na construção e instalação de outros colégios privados no Brasil. Bem relacionadas com as famílias antigas e influentes em São Paulo, as agostinianas concentraram seus investimentos no disputado mercado escolar da capital paulista. As marcelinas confrontaram-se com a necessidade - e talvez com a ambição -, de expandir-se para outros estados brasileiros.

Se considerarmos que as religiosas à frente dos estabelecimentos de ensino incluídos nesta amostra nasceram por volta de 1920, compreende-se que, para muitas delas, ingressar na vida religiosa pode ter significado muito mais do que a expressão de suas crenças. O fato de a Igreja

Católica ter sido o espaço por excelência de circulação social legítima para as mulheres durante todo o século XIX e início do século XX, impulsionou a expansão de ordens religiosas femininas. Em alguma medida, todas as moças que ingressaram nas congregações religiosas neste período vislumbravam também a possibilidade de uma relativa autonomia em relação à família de origem, da conquista de uma segurança material fora do casamento e do acesso ao saber. A julgar pelas entrevistas realizadas tinham também em vista a possibilidade rara de exercício de uma carreira profissional feminina muito valorizada em um período em que esta alternativa era praticamente nula para as mulheres. Por meio da ação destas religiosas, nota-se que a perspectiva de realização fora do casamento e da família de origem, mas sob o aval da Igreja Católica, dava espaço para uma carreira feminina que estava alicerçada sobre o exercício desta maternidade simbólica, praticada por meio das ações de socorro, do cuidado e da educação das crianças e das mulheres.

Com isso, atendiam ao desejo de libertação feminina crescente no período analisado e contrapunham ao feminismo laico a possibilidade de exercício de um feminismo cristão. É nesta chave que faz sentido pensar a ação destas congregações confessionais femininas: como uma tentativa de controlar a educação das mulheres em um período histórico de mudanças aceleradas revelando a intenção da Igreja Católica de ser ativa na composição dos investimentos femininos sobre o mundo social, uma forma de re-significar o “dever” das mulheres.¹⁵⁵ Bastante ilustrativa desta oposição entre um feminismo cristão e o feminismo laico foi a passagem relatada por uma ex-

¹⁵⁵ Cf. Muel-Dreyfus, *op. cit.* 1996; p.151.

professora do Des Oiseaux. Ela teria dito à superiora do colégio que iria à palestra do casal Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, verdadeiros ícones do feminismo de inspiração republicana, por ocasião de sua passagem em São Paulo. A Irmã chamou-a para uma conversa á sós em seu gabinete e dissuadiu-a delicadamente da idéia.

Um dos sinais da tentativa de monopolizar a educação feminina foi a criação dos estabelecimentos de ensino superior. Com a criação da primeira Escola de Serviço Social da cidade, em 1932, as irmãs agostinianas inauguram um verdadeiro refúgio para o engajamento feminino cristão. Um ano depois, as marcelinas abriam a Faculdade de Música (1933).¹⁵⁶ A silenciosa concorrência continuou e, em 1957, ambas as congregações inauguraram novos cursos. As agostinianas criaram a Faculdade de Filosofia Sedes Sapientae, mais tarde transformada em Instituto de Psicologia sob a direção de Célia Sodré Dória, mais conhecida por Madre Cristina.¹⁵⁷ As marcelinas investiram na criação do Curso Superior de Desenho Geral e Pedagógico, sob a direção de Eugénie Jeanne Villien, de origem francesa, e que mais tarde dirigiu a Faculdade de Belas Artes. Estes estabelecimentos de ensino superior funcionavam como uma espécie de prolongamento do espaço de educação mantido pelos colégios católicos. Como bem descreveu uma ex-aluna a respeito da visita que fez acompanhada do pai, a fim de decidir-se pela USP ou pelo Sedes: “achei a USP uma bagunça, cartazes colados nos muros, aquela agitação... no Sedes eu me senti melhor, o jardim me

¹⁵⁶ As Irmãs de Santa Cruz vieram ao Brasil com o plano de abrir uma Faculdade de Enfermagem junto a PUC de Campinas; terminaram, entretanto, não realizando este projeto. Fonte: *Cinqüenta anos do Colégio Santa Maria*, p. 16.

¹⁵⁷ Filha de uma antiga e bem estabelecida família paulistana esta religiosa agostiniana se formara em Louvain. Ao regressar, tornou-se pioneira na Clínica de Psicologia que atendia à população de baixa renda e muito próxima do movimento estudantil católico. Trigo, 2004, *op.cit.* p. 306

lembrou o jardim do colégio....”¹⁵⁸. Desta maneira, as faculdades católicas eram extremamente bem vindas, principalmente para as famílias que não viam com bons olhos a circulação das jovens em ambientes mistos, mas que ao mesmo tempo intuía o valor que os diplomas superiores ganhariam ao longo do século XX, inclusive no mercado matrimonial e não podiam deixar de investir na formação moral das filhas. Tais estabelecimentos de ensino tornaram-se novas fontes de renda na medida em que nenhum deles era gratuito.

Todas as três congregações concentraram esforços para construir e instalar os colégios de elite, realizar as obras filantrópicas e continuar com missões estrangeiras ou em aldeias indígenas brasileiras. No entanto, se nos detivermos no teor destes empreendimentos notaremos que algumas irmãs do Des Oiseaux buscavam ativamente interferir na vida política do país por meio do catolicismo. Talvez o maior exemplo do alcance das ações nas quais as agostinianas estiveram envolvidas tenha sido o amplo movimento de Ação Católica, iniciado em meados dos anos 20, que mais tarde reuniria a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Estudantil Católica (JEC) e a Juventude Universitária Católica (JUC) movimentos aos quais estiveram muito próximas. No caso das marcelinas, nota-se que elas se mantiveram mais restritas ao âmbito dos colégios e da faculdade, concentrando a ação filantrópica na manutenção de um hospital (1958), na zona leste da cidade. As Irmãs de Santa Cruz embora não tenham criado outras escolas privadas no Brasil, detiveram se principalmente nas ações de socorro a regiões pobres próximas ao colégio, missões em alguns

¹⁵⁸ Fonte: Entrevista de pesquisa. São Paulo, fevereiro de 2000.

estados brasileiros e particularmente, continuaram dedicando se às missões internacionais. Nota-se assim, uma correlação entre a ação destas religiosas, a forma como elas se estabeleceram na cidade, a origem social das irmãs e suas práticas de inserção na sociedade paulista.

Características da socialização escolar

A percepção de que as três escolas confessionais femininas garantiam espaços de socialização diferentes entre si foi construída à medida que fomos reunindo e comparando sistematicamente as fotografias dos ambientes escolares e relacionando este material aos depoimentos obtidos junto a antigos professores e ex-alunas, além dos dados produzidos por meio dos questionários. As diferenças foram estruturadas, aqui, a partir do exame do ambiente escolar e da forma de organizar a socialização das meninas nestes espaços.

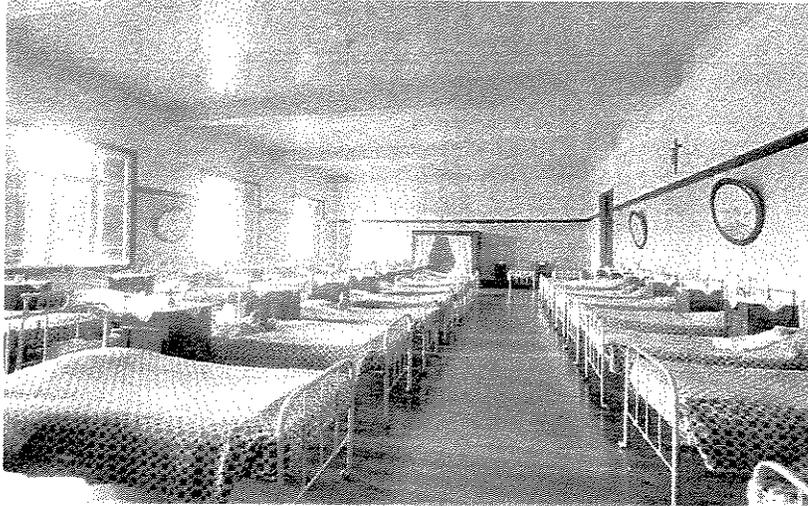
O investimento considerável realizado para a construção dos edifícios escolares se estendia ao cuidado com a criação de ambientes capazes de provar para as famílias que elas estavam exatamente diante da escola que buscavam. Evidentemente, tratava se de atrair uma clientela em meio a um espaço escolar altamente diversificado e a um mercado competitivo, se consideramos que, por volta de 1950, São Paulo abrigava 60 estabelecimentos de ensino católicos instalados nos principais bairros da cidade, com pelo menos um terço dedicado exclusivamente à educação feminina.

Mas não se tratava de atrair uma clientela qualquer. Na realidade, estas escolas privadas direcionavam o recrutamento social dos alunos na medida em que definiam regras de admissão e de expulsão, quando diante de alunas que exigiria um esforço maior para se obter o comportamento desejado. No caso das escolas analisadas ser batizada era uma exigência mínima. Além deste quesito básico, as escolas se dividiam selecionando, no interior dos grupos dominantes, a clientela que mais interessava manter no colégio. No Des Oiseaux, segundo os depoimentos obtidos, não se aceitava filhas de pais divorciados. Já o Santa Marcelina aceitava as estigmatizadas “filhas de pais divorciados”. Segundo a estimativa de uma religiosa, de cada 50 alunas, 20 poderiam ser filhas de famílias nestas condições. No Santa Maria, havia uma política de admissão menos clara. Tudo parecia depender da primeira entrevista na qual pais e filhas eram interrogados e conferia-se o grau de “adequação” da família aos objetivos da escola.¹⁵⁹ Sobretudo no caso do Des Oiseaux e do Santa Maria, parte das inscrições eram intermediadas por autoridades eclesiais quando a escola declarava não possuir mais vagas. No caso das marcelinas elas assumiam explicitamente que, entre negar vagas e ampliar as instalações do colégio, preferiam a segunda opção, política que gerava um alunado mais heterogêneo do ponto de vista social, do que os anteriores. De toda maneira, em um mercado escolar como o que havia se estabelecido em São Paulo, as famílias poderiam visitar as escolas, mesmo que sob a orientação de terceiros, e comparar instalações, a forma com que eram recebidos e o grau de confiabilidade que tais estabelecimentos de ensino suscitavam. Assim, a fachada, os

¹⁵⁹ Cabe sublinhar, registramos dois casos de alunas expulsas do Santa Maria, nenhum caso no Des Oiseaux e um caso no Santa Marcelina, sugerindo que o controle sobre a clientela continuava mesmo após a ingresso nestas escolas.

dormitórios, os refeitórios, os jardins, as salas de pintura falavam à imaginação das famílias e tendiam a expressar o *espírito* de cada escola.

As imagens fotográficas nos põem em contato com este universo pleno de significados. No interior dos colégios católicos, no silêncio de seus corredores, uma rede de sociabilidade densa e tensa era tecida entre alunas e na relação com as religiosas. As rivalidades, concorrências e lealdades tomavam forma neste universo onde todos controlavam todos: as medalhas ao mérito, ao bom comportamento e à obediência total às regras locais eram solenemente aplaudidas nos três casos examinados. Não falar, não cantar e não rir alto, mais do que ser, importava parecer sempre no tom certo, não destoar do conjunto. Entretanto, esta gramática da educação católica possuía acentos bastante específicos que se tornam ainda mais nítidos quando analisamos o material reunido nesta pesquisa.



Fotografia 7: Dormitório do internato do Des Oiseaux, provavelmente por volta de 1930. Fonte: Arquivo pessoal de Irmã M. D.



Fotografia 8: Dormitório do internato Santa Marcelina, por volta de 1930. Fonte: *O Colégio Santa Marcelina*, Publicação Interna, 1997.

O grande número de camas nos dormitórios sinaliza o vigor dos internatos na primeira metade do século XX. A partir dos anos 50 o fôlego desta modalidade arrefeceu acudados tanto pelos externatos, como pelos semi-internatos, tanto que o Santa Maria nem criou um internato. Ao que tudo indica, concorreu para o declínio desta modalidade uma conjunção de fatores: o fato de que já havia uma clientela eminentemente urbana interessada no regime de externato, os altos custos para mantê-lo tanto do ponto de vista das famílias como das escolas. Além disso, a manutenção dos internatos parecia requerer uma dose cada vez maior de energia psíquica das religiosas, pois, na realidade, eles exigiam muito mais cuidado, dedicação e vigilância das ordens.

As janelas amplas e retangulares, as camas largas e a ausência dos mosquiteiros produzem um ambiente mais aberto na **Fotografia 7**. Em comparação, o dormitório das marcelinas parece mais fechado, mais escuro, com os feixes de luz que saem das janelas neogóticas. As camas estreitas separadas pelo mosquiteiro emprestam o clima dos antigos internatos católicos, nos quais os mosquiteiros eram habituais.¹⁶⁰ Ao fundo da **Fotografia 7** notamos um armário com espelho e, ao lado, as duas camas destinadas às irmãs responsáveis pelo dormitório. No caso da **Fotografia 8**, notam-se as mesmas duas camas das irmãs inteiramente encobertas por uma cortina em um dormitório que terminava na sala de higiene matinal, uma espécie de ante-sala dos *toilettes*, nas quais

¹⁶⁰ Cf. Mc Carthy, Mary. *Memórias de uma menina católica*. São Paulo, Círculo do Livro, 1957.

estavam instaladas as pias. A relação de uma cama para um criado-mudo (presente nos dois dormitórios) impunha sempre a mesma distância entre elas, ordenando o espaço entre as camas/corpos no espaço rigorosamente calculado e controlado dos internatos. Alguns objetos decorativos (quadros) e a presença de objetos pessoais sobre as camas (bonecas), na **Fotografia 7**, dão prova da tentativa de evocar um ambiente familiar. Em contrapartida, na **Fotografia 8**, o alinhamento das cadeiras às camas sugere uma atmosfera militar no qual se respiravam ordem e disciplina de maneira ainda mais rigorosa e obsessiva. O longo tapete que cortava o dormitório das marcelinas acentuava a simetria do ambiente intensificando a atmosfera impessoal e estritamente escolar/institucional.

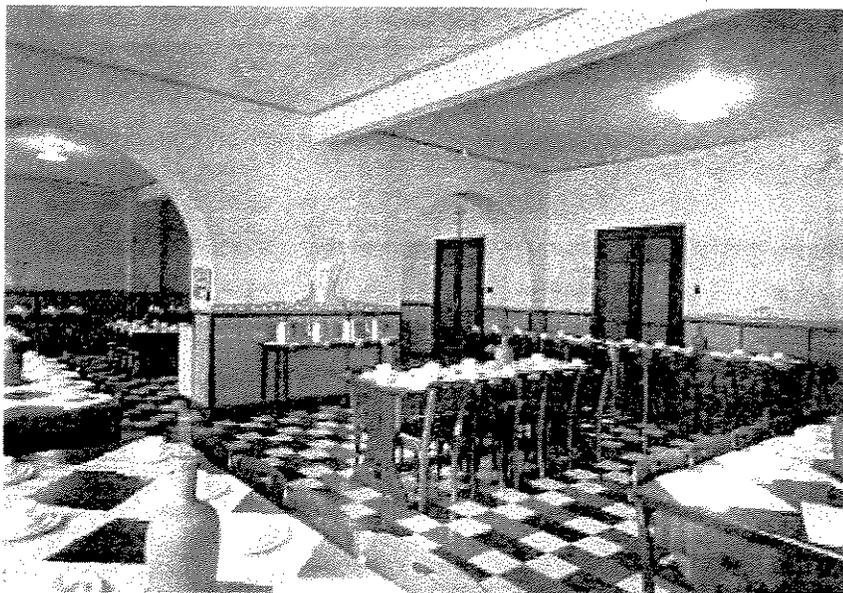
Para as famílias que buscavam tais estabelecimentos de ensino, parte importante da educação dizia respeito à aprendizagem de uma maneira de ser. Para a classe média e para a burguesia em ascensão, tratava-se de adquirir, por exemplo, etiqueta à mesa. Já a antiga elite visava à construção de afinidades entre “iguais”. “As meninas do Des Oiseaux sabiam comer”, declarou uma antiga professora. “Saber comer” é um destes sinais de distinção social que funcionam como um atestado simbólico da suposta superioridade de alguém em relação aos outros, revelando seu grau de familiaridade com a cultura, de antiguidade neste meio social, bem como seu distanciamento da natureza. De toda forma, “saber comer” poderia, em diversas situações dar provas do lugar ocupado no mundo social. Daí a importância reservada pelas escolas ao momento das refeições. Por meio da aquisição de determinados hábitos à mesa fundavam-se critérios de julgamento sobre as diferenças

sociais e mais especificamente, sobre a uma posição social em relação às outras. Como bem demonstrou Norbert Elias, a etiqueta à mesa se constituiu na sociedade de corte francesa e foi utilizada como uma arma da nobreza diante do seu declínio contra a burguesia ascendente do século XIX.¹⁶¹ Nos três casos examinados, as escolas atribuíam muita importância aos aspectos socializantes das refeições. Mas, de novo, a natureza do trabalho educacional à mesa mostrou-se variado e afinado com as demais distinções notadas.

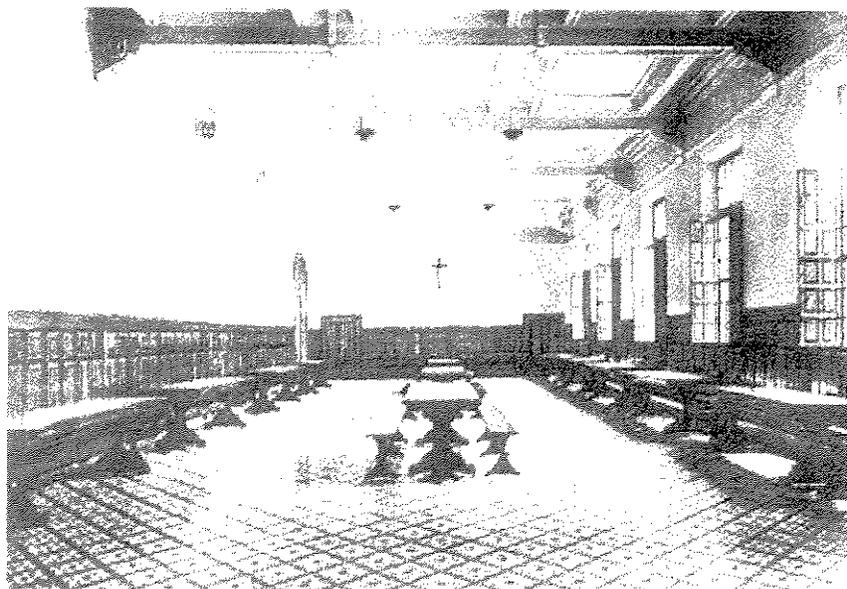
A aprendizagem dos códigos de “boa conduta” está relacionada às modificações do comportamento mais permanentes, aqueles que, incorporados, torna-se quase uma segunda pele. Saber controlar o corpo no momento das refeições significava dispor de um poder importante sobre si mesmo, um controle social amplamente aceito e aprovado. No Des Oiseaux este momento assumia a forma de uma verdadeira cerimônia. “As freiras comandavam tudo fazendo um pequeno “clac” com um livro de madeira”, descreveu uma ex-aluna. As meninas entravam silenciosamente em fila, sentava-se nos lugares marcados, pegavam os talheres de prata trazidos de casa com o nome gravado e acompanhados da argola do guardanapo. “Alguém nos servia”, conta a mesma ex-aluna. Embora as freiras não se sentassem à mesa com as meninas a refeição era um momento ritualizado, com duração e ritmo bem determinados e no qual a fiscalização das regras da etiqueta não era realizada diretamente pelas irmãs, mas sim pelas meninas umas em relação às outras: “pegaria mal você comer feio”, declarou uma ex-aluna. Tudo funcionava como se não fosse preciso impor as

¹⁶¹ Cf. Elias, Norbert. *La société de cour*. Paris, Champs Flammarion, 1985, p.94.

regras de etiqueta, pois, as meninas as traziam de casa. Tratava-se de treinar a naturalidade com este código, cuja aplicação desenvolva era controlada no interior do grupo. Esta forma de estruturar a aprendizagem social torna seu caráter coercitivo quase imperceptível e, por isso mesmo, ainda mais eficaz, pois associada à sua aceitação no grupo e não à obediência a uma autoridade externa.



Fotografia 9: Refeitório do Des Oiseaux. Fonte: Arquivo pessoal de Irmã M.D. Sem data



Fotografia 10: Refeitório do colégio Santa Marcelina. Fonte: *O colégio Santa Marcelina*, Publicação Interna, 1997. Sem data.

No Santa Marcelina, o ambiente do refeitório lembrava o espaço de um reformatório, onde todos podiam ser vistos e no qual era preciso ensinar e aprender as boas maneiras. As religiosas tinham ao mesmo tempo a função de coordenar o ritual e de inculcar, corrigir e direcionar a aprendizagem da etiqueta à mesa de alunas com origens sociais muito heterogêneas. Por isso, havia sempre uma ou mais irmãs acompanhando as refeições, observando as maneiras à mesa, tocando com uma vara nas costas de quem não mantivesse a postura ereta, cedendo à tentação de relaxar o corpo nos bancos sem encosto. Estava em curso uma socialização que enfatizava explicitamente a necessidade de se submeter às regras e à autoridade.

Embora não tenhamos localizado uma fotografia do refeitório da época no Santa Maria, quatro depoimentos nos ajudam a reconstruir algumas características da socialização à mesa. Na descrição de uma professora, recuperamos algumas das características do refeitório: “Era lindo! O refeitório era amplo, com as mesas todas em fórmica, era que nem restaurante, cada quatro numa mesa e me parece que alguém nos servia, não me lembro. A distância era assim na educação, mas não na presença física, a gente sentava junto com as meninas...”. A filha de um alto funcionário público, A. M. comparou a socialização à mesa em casa e no colégio: “Lá em casa a gente não podia colocar os cotovelos na mesa. No colégio só não podia fazer aquilo que incomodasse ao outro. Comer farofa de boca aberta, falar enquanto se comia... essas coisas básicas...”. Aqui também as irmãs contavam com o fato de que muitas meninas eram socializadas em casa com o protocolo de

boas maneiras à mesa e, por este motivo, as marcas do controle eram mais discretas. Mas é o depoimento de uma terceira ex-aluna que permite compreender de que forma o tipo de socialização neste estabelecimento se diferenciava dos demais. Segundo seu relato, em cada mesa uma das alunas era responsável por apresentar um tema sobre o qual versaria a conversa permitida durante as refeições. Frisou que este tema deveria ser “ameno, informativo e interessante”, por exemplo, a saúde, a utilidade das vitaminas, uma notícia de jornal, etc.¹⁶² Uma outra ex-aluna relatou seu estranhamento inicial diante do fato de que as meninas devessem servir a mesa e lavar as louças, ao contrário do que acontecia na sua casa. Como as próprias irmãs faziam a feira, eventualmente as meninas também eram encarregadas destas compras. Assim, no momento das refeições no Santa Maria, estava em jogo muito mais do que o controle da etiqueta padrão, já conhecida, estava em questão a aquisição da habilidade de se *responsabilizar* perante o grupo. Por meio desta forma de socializar, o colégio promovia em doses homeopáticas a familiarização e a destreza em situações nas quais é necessário *tomar a palavra*, habilidade tão cara a aqueles que aprendem que é preciso se conter, não se expor como as alunas das marcelinas. Desta maneira, punha-se acento na aquisição da disposição para responsabilizar-se, colocar se de maneira “adequada e interessante” perante os outros. Por meio desta socialização, ensinavam às meninas que não se pode ficar parado, acanhado cumprindo formalmente as etiquetas, ao contrário, é preciso tomar à palavra, “ir à feira”. Uma ex-

¹⁶² Fonte: Entrevistas de pesquisa. São Paulo. Datas: 7/06/2002 e 18/02/2004.

aluna registrou no questionário sua avaliação sobre o que aprendera no colégio “ter objetivos, ter projetos”.

A observação dos ambientes nos quais se dava a formação artística das meninas oferece mais uma oportunidade para precisar as diferenças na maneira de proceder a esta socialização das meninas. Na **Fotografia 9** (página seguinte), a organização circular da “sala de desenho” supõe uma figura que centraliza a aprendizagem. Saltam aos olhos, os modelos geométricos ao centro, que subsidiavam um trabalho pedagógico baseado na cópia. As figuras afixadas nas paredes reforçam a hipótese de que se tratava fundamentalmente de um trabalho de reprodução de modelos figurativos pré-existentes. A equidistância das carteiras dos modelos geométricos sugere a imposição de uma imobilidade durante as aulas, evidenciando uma aprendizagem formal e estritamente escolar do desenho. Vale lembrar que nos ateliês profissionais de pintura do início do século, as melhores alunas eram premiadas com a possibilidade de se aproximar dos modelos e escolher o melhor ângulo para o trabalho.¹⁶³

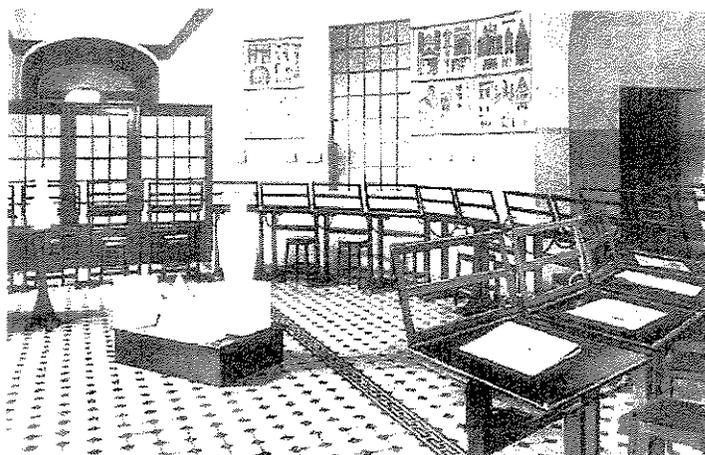
Em compensação, na **Fotografia 10** a “sala de pintura” busca reproduzir a atmosfera dos ateliês. Os cavaletes dispostos ao longo de uma das paredes parecem convidar à pintura livre e a presença da pequena escultura parece sublinhar o interesse por diversas expressões artísticas. Objetos decorativos pendurados compõe uma atmosfera menos formal, menos escolar, assemelhando-se mesmo à atmosfera particular dos ateliês no qual objetos pessoais dos artistas

¹⁶³ Cf. Simioni, Ana Paula C. “Profissão artista: pintoras e escultoras brasileiras no final do XIX”. *Tese de Doutorado*. FFLCH, Universidade de São Paulo, 2004.

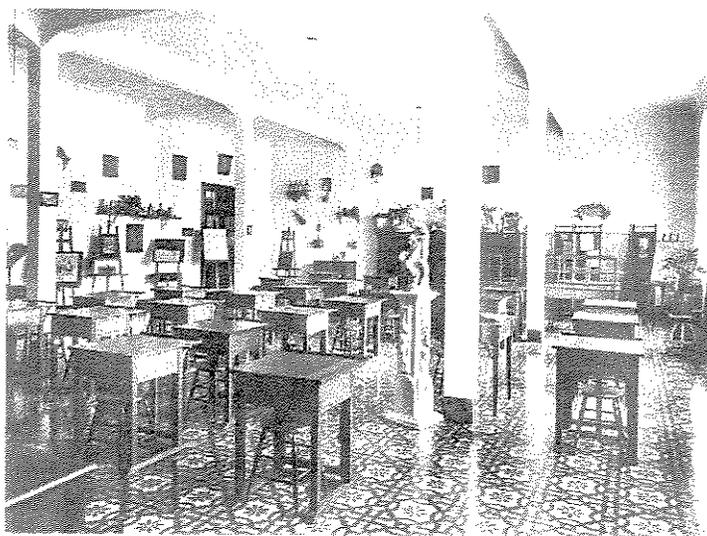
estavam expostos. Aparentemente, a disposição das carteiras permitia a circulação pela sala, havia espaço para isso. A comparação entre as duas salas sugere, no primeiro caso, a aprendizagem baseada na cópia de modelos pré-fixados e, no segundo caso, a tentativa de reproduzir as características de um ateliê, sublinhava uma relação com o fazer artístico que se pretendia de autoria.

Novamente, apesar de não termos obtidos uma fotografia da “sala de artes” - conforme nomenclatura utilizada pelas alunas - os depoimentos de ex-alunas e o arquivo pessoal de fotografias de uma delas permitiram-nos recuperar a maneira do Santa Maria tratar a educação artística das meninas. Esta experiência apareceu nos relatos associada à presença de bons mestres e à disponibilidade de materiais sofisticados para a realização destes trabalhos. A presença de uma artista plástica americana na cadeira de “artes” e de Oswald Andrade Filho na cadeira de história da arte parecem ter significado um incentivo à parte: “eu não queria mais parar de desenhar”, reagiu uma ex-aluna. Para completar, as irmãs organizavam excursões periódicas à Europa e ao Oriente Médio, guiadas pelo professor de história da arte (em pé, na parte posterior da **Fotografia 11**). Estas excursões, pagas à parte, eram ocasiões especiais para se familiarizarem com as renovações do espaço artístico brasileiro, à medida que, na companhia do professor, as alunas refaziam os percursos de Oswald e Tarsila do Amaral na Europa. Tais viagens também propiciavam a aquisição precoce de familiarização com uma tradição cultural no campo das artes extremamente valorizada e freqüentemente tomada, em especial entre alguns grupos sociais, como sinal indelével de “cultura”.

Tais observações “in lócus” contribuían para a interiorização de disposições favoráveis à proximidade com o pólo intelectual do espaço social.



Fotografia 9: Sala de desenho, Santa Marcelina, 1940. Fonte: O colégio Santa Marcelina, Publicação Interna, 1997.



Fotografia 10: Sala de pintura, Des Oiseaux. Fonte: Arquivo pessoal de Irmã M. D. Sem data.



Fotografia 11: Excursão do Santa Maria, provavelmente em 1962. Fonte: Arquivo pessoal de S. A.

Quanto à familiarização com as línguas estrangeiras as diferenças entre os três estabelecimentos de ensino estavam estruturadas da seguinte maneira: no Des Oiseaux, o francês era a segunda língua, obrigatória nas refeições durante anos e empregada nas atividades esportivas/recreativas; no Santa Marcelina, o ensino do francês, inglês e italiano estava concentrado no horário específico das aulas de línguas estrangeiras; no caso do Santa Maria, parte das aulas era em inglês e muito pouca atenção era destinada ao francês. Tais diferenças vinham a corroborar para imagem que cada estabelecimento de ensino transmitia às famílias, como um ensino mais clássico ou mais moderno. Até meados da primeira metade do século XX, o francês mantinha-se como a segunda língua por excelência dos grupos privilegiados, era chic falar francês. O prestígio dos Estados Unidos como grande potência mundial no pós-guerra impulsionou uma rotação na

hierarquia das línguas estrangeiras. Por isso, o domínio do inglês pode tenha favorecido às egressas do Santa Maria, pois elas obtiveram melhores resultados em relação às demais, quando se tratava de prolongar os estudos no exterior, dedicar-se a atividades profissionais no estrangeiro e/ou ter sempre à manga a possibilidade de se tornarem tradutoras.¹⁶⁴

Se aceitarmos as diferenças apontadas aqui como provas substanciais de que em cada estabelecimento de ensino vigorava uma maneira particular de organizar a socialização dos alunos, não surpreendem os dados obtidos junto às duas professoras de história (Santa Maria e Des Oiseaux) e pela descrição da mesma aula de uma egressa do Santa Marcelina. As diferenças começam pelas características das professoras: no Des Oiseaux e no Santa Maria, as professoras eram egressas de colégios católicos da cidade e formadas no Sedes Sapientae. No Santa Marcelina uma das religiosas da congregação era a encarregada por esta disciplina. No que tange à organização dos conteúdos e à forma de ensiná-los também notamos diferenças homólogas ao restante do trabalho realizado em cada uma das escolas. No Santa Marcelina, a “I. S. entrava na sala e disparava a falar, ninguém podia interromper. Sabe quando a pessoa decora um texto... se parar parece que vai esquecer?... era abaixo da crítica”, declarou uma ex-aluna quando indagada sobre a disciplina. As aulas expositivas estavam organizadas, sempre que possível, em torno das datas comemorativas dos acontecimentos cívicos. A avaliação media o grau de memorização do conteúdo, bem o capricho com que os trabalhos de ilustração das datas cívicas eram apresentados. No caso do Des Oiseaux, a

¹⁶⁴ Embora na amostra obtida o número de tradutoras tenha sido baixo, o trato com as fichas de cadastro das ex-alunas realizado durante a pesquisa de campo sugeriu que para os anos subseqüentes (final dos anos 60/70) este trunfo foi convertido em carreira profissional.

professora entrevistada (ex-aluna e filha de ex-aluna) procurou demonstrar ao longo da entrevista a “metodologia experimental” que desenvolvera. Para exemplificá-la, relatou a preparação junto às alunas de “uma linha do tempo” na qual solicitava-se que as alunas relacionassem o nascimento de seus antecedentes familiares e os principais acontecimentos da história recente brasileira. Com estratégias como esta é que alguns colégios de elite, tendem a apresentar o trabalho escolar como produção cultural e não como um conhecimento ao qual é preciso submeter-se, esforçando-se para memorizá-lo.¹⁶⁵

A lembrança dos uniformes foi absolutamente recorrente durante toda a pesquisa. De certo modo o cuidado com eles refletia a necessidade de apresentar o conjunto das alunas como uma paisagem homogênea, camuflando preferências pessoais, e até mesmo a relativa heterogeneidade das clientelas, muito maior no Santa Marcelina e muito mais discreta nos demais. Isso se tornou mais claro quando vimos que muitos outros colégios da cidade públicos ou privados não possuíam uniformes e as fotos de turma não produzem o mesmo efeito de homogeneidade que as fotos de crianças e jovens uniformizados. A onda dos uniformes talvez seja análoga à febre pelo esporte descrita por Nicolau Sevcenko¹⁶⁶ (2003), pois estava em jogo a sincronia dos corpos, a produção de uma imagem de grupo, como o espetáculo das equipes esportivas, e funcionava como uma peça-chave na estruturação do espírito dos colégios.

¹⁶⁵Almeida, Ana Maria. “Língua Nacional, competência escolar e posição social”. In. Almeida *et. alli, op. cit.* 2004; p.40.

¹⁶⁶ Cf. Sevcenko, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003., p.89-152.

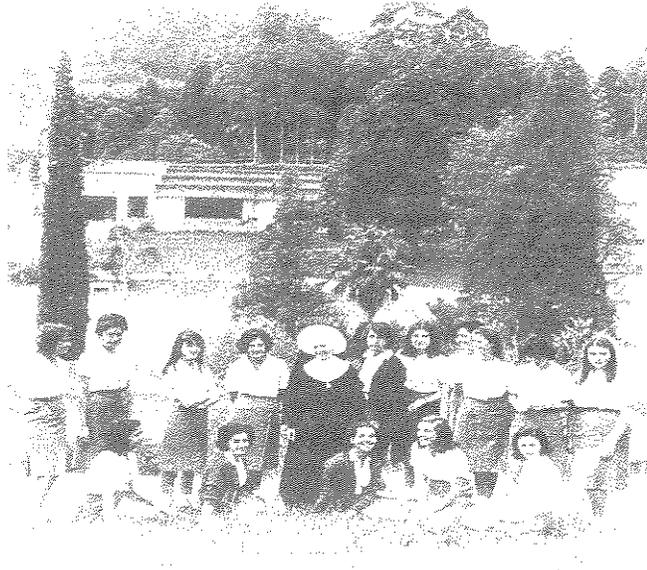
As diferenças pertinentes ao uso dos uniformes em cada uma das escolas aparecem quando comparamos as fotografias de turma e os depoimentos obtidos com as ex-alunas. Por meio deles notamos a forma de se relacionar com eles tanto das irmãs como das alunas. E compreendemos porque eles sintetizavam o espírito dos colégios.



Fotografia 12: Alunas de 1958, Des Oiseaux.



Fotografia 13: Formandas S. Marcelina, 1960.



Fotografia 14: Formandas S. Maria, 1962.

O uniforme do Des Oiseaux era um “cartão de visitas”, eu gostava de vesti-lo, tinha orgulho de ser *amarela, azul*, informou uma ex-aluna fazendo referência às fitas de cetim que sinalizavam a progressão na seriação escolar. Este registro realizado no verso de uma das folhas do questionário mostra como no Des Oiseaux o portar este uniforme dava prestígio às meninas. Nesta escola, os rituais religiosos e as cerimônias escolares contavam com o brilho dos uniformes. As entradas e saídas do colégio com as meninas uniformizadas, às vezes vestidas com luvas e chapéu, na escadaria do belo edifício transmitiam a imagem pretendida de homogeneidade social, luxo e distinção. As

fitas de cetim passadas por cima do ombro cruzavam-se nas costas, sendo unidas por um laço. As diferentes cores destas fitas sinalizavam a progressão na hierarquia das séries. As clássicas saias plissadas eram acompanhadas de meias três quartos, ponto de honra nos colégios católicos femininos, visto que as pernas são fortemente relacionadas à sensualidade feminina.¹⁶⁷ Em 1958 vemos, pela **Fotografia 12**, que o uniforme do Des Oiseaux permitia o uso de camisas de mangas curtas. No inverno, uma capa de cor escura e a malha cinza com o símbolo da escola substituíam o uniforme de verão. O uso diário das luvas para a saída do colégio foi obrigatório até meados da década de 1950. O “brilho das cerimônias”, nos disse uma irmã, devia parte de seu encanto ao cuidado com a apresentação das meninas com uniformes que caprichavam nos modelos e no emprego de tecidos, ademais, estava ajustado à posição social de suas famílias.

A austeridade disciplinar que marcava o Santa Marcelina pode ser notada quando examinamos não apenas o uniforme, mas também a forma de se relacionar com ele, inteiramente diversa do caso anterior. Por parte das alunas, foi bastante freqüente a alusão aos rituais de conferência dos uniformes. Além disso, em muitos casos ele foi lembrado simplesmente como “quente”. O tecido pesado, as mangas longas, as saias compridas, as meias três quartos. “Mesmo no verão, não podíamos arregaçar as mangas”, queixou-se uma ex-aluna. Da parte das irmãs, a conferência dos uniformes transformara-se em verdadeira obsessão. Controlar nos mínimos detalhes a aparência das meninas e expô-las diariamente ao olhar do outro geravam uma enorme ansiedade,

¹⁶⁷ Cf. Goffman, Erving, “La ritualisation de la féminité”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 14, 1977.

tanto que houve casos de alunas que saíram do colégio porque o rigor com a limpeza e a arrumação do uniforme estava chegando às raias da loucura.¹⁶⁸ Eram inúmeras as exigências: as saias deveriam estar todas na mesma altura, bem como as meias três quartos e os “rabos de cavalo” das meninas do ginásio. “Os cabelos não podiam encostar à gola: ou se prendia, ou se usava curto”, relata uma ex-aluna. A conferência diária do cumprimento destas especificações terminava com frequência na exposição pública daquelas cujo uniforme não atendia a todos os critérios. Este trabalho sobre o controle da aparência se fazia ainda através de práticas de observação da limpeza das unhas e cabelos, com profundo significado sobre a experiência escolar deste grupo. Na realidade, nos dois casos examinados tratava-se de um treinamento para a observação do olhar e do julgamento do outro. A diferença no entanto, é que no Des Oiseaux irmãs e alunas sabiam-se inconscientemente em condições de impor, sobre o julgamento do outro, uma imagem de si. No segundo caso, a relação com os uniformes traduzia a relação das irmãs com o corpo. Esta relação estava calcada em uma origem social na qual o temor é ser traído pelo corpo. Importa sublinhar que esta experiência escolar tendia a produzir uma relação opressora com o corpo, sempre exposto à representação dos outros das qualidades desejáveis e legítimas do corpo feminino. No terceiro caso, o uniforme era mais “esportivo”: saias retas e não plissadas, camisas de mangas curtas já esboçando um decote e meias que podiam, enfim, ser soquetes! O trabalho sobre o corpo neste colégio emergiu dos

¹⁶⁸ Uma ex-aluna nos relatou que seus pais transferiram sua irmã de escola tamanha era a tensão com os uniformes. A menina desejando corresponder às exigências das freiras chegou a exigir dos pais que o uniforme fosse diariamente engomado, exigência que estaria acima das possibilidades da família. Fonte: Entrevista de pesquisa. São Paulo, março de 2001.

depoimentos como uma interdição às tinturas de cabelo, unhas e cílios postiços. Enfatizava-se, desta maneira, um sinal de distinção do colégio, o modelo feminino mais despojado, em oposição ao modelo feminino clássico e tradicional que orientava a maior parte das escolas confessionais femininas.

O fato é que nestas diferentes experiências de socialização escolar aprendia-se muito mais do que o mero conteúdo das disciplinas. Estava em jogo a formação de disposições femininas diferenciadas entre si e, como veremos no próximo capítulo, em perfeita sintonia com as propriedades sociais das famílias das alunas. Desta maneira, na atmosfera do Des Oiseaux marcada pelo encantamento do “entre si”, do culto às grandes famílias, à distinção social corporificada no glamour dos uniformes, estavam reunidas as condições propriamente escolares para a formação de mulheres aptas a ocuparem o lugar feminino na reprodução do seu grupo social. No Santa Marcelina, as meninas tendiam a ser hipnotizadas pela possibilidade do castigo, contribuindo desta maneira para constituição de uma disposição mais dócil, tímida e submissa. No Santa Maria tudo parecia concorrer para uma educação católica de inspiração mais conquistadora e menos submissa. Foram estas experiências educacionais que estavam na base da interiorização de disposições distintas que contribuíram para a elaboração de universos de possíveis específicos, tanto no que diz respeito à atividade profissional, quanto à forma de exercer os papéis sociais da esfera familiar.

Frações e articulações de um grupo social

Ao analisarmos as características sociais das famílias que procuravam as três escolas confessionais femininas percebemos que as diferenças notadas no “espírito” de cada escola estavam ajustadas às expectativas educacionais de frações distintas no interior do patronato paulista. Isso porque a inserção de cada uma delas no espaço de educação escolar da cidade, as características da ordem religiosa e suas instalações físicas permitiam que cada instituição se encontrasse em condições de recrutar um determinado público para o seu empreendimento.

O público dos três estabelecimentos de ensino, no período considerado era constituído de fazendeiros, industriais, grandes e médios comerciantes, profissionais liberais, dirigentes do setor público, dirigentes do setor privado¹⁶⁹, na sua maioria, residentes em São Paulo, na primeira metade do século XX, segundo a classificação sócio-ocupacional empregada (**Anexo 11**). Recrutavam juntas este público na porção católica dos grupos dominantes na São Paulo de 1950/1960. Este público, embora relativamente heterogêneo no seu interior, poderia ser unificado sob o rótulo de “famílias de elite,” como na expressão recorrente de muitas alunas e religiosas. A hipótese inicial que nos

¹⁶⁹Cf. Ribeiro, Luís César de Queiroz. “Classificação sócio-ocupacional”. *Revista ANPUR*, n.1, Rio de Janeiro, 2002.

orientou neste estudo comparativo supunha que tais escolas estariam encarregadas da educação de frações distintas dos grupos dominantes. Mas o fato é que não sabíamos exatamente o que as distinguia. O trabalho com os resultados gerados pelos questionários teve como principal objetivo verificar a existência empírica de diferenças sociais nas propriedades sociais do grupo em questão.¹⁷⁰

Este capítulo pretende demonstrar as especificidades das características sociais das famílias que recorriam a cada um dos estabelecimentos de ensino, visando a reunir os elementos necessários para pensarmos as trajetórias sócio-profissionais do grupo, compreendidas aqui como tributárias de suas experiências educacionais, de seu pertencimento social e das alianças matrimoniais que realizaram. Reunimos aqui os dados relativos às propriedades sociais das famílias, relacionando atividade econômica de pais e avós e escolaridade. O local de moradia das famílias, a frequência a clubes esportivos, a participação política, o tamanho das residências, o número de empregados, emergiram do tratamento com os dados como pertinentes para precisar as distâncias e as proximidades destas frações deste grupo social.

A comparação sistemática dos dados sobre as características sociais das famílias visou subsidiar a análise das trajetórias sócio-profissionais do grupo, objeto do próximo capítulo. Partimos do princípio que a história pessoal de cada uma teria sido possível no interior de um certo espaço social, construída, portanto, a partir de experiências vividas num mundo objetivo e

¹⁷⁰Propriedades sociais referem-se ao que os agentes têm e ao que eles incorporaram por meio de sua condição social. No original, "tout ce qu'ils ont et ce qu'ils sont", Bourdieu, 1989, p.226.

simbolicamente estruturado, que resultaram na incorporação de um determinado *habitus*.¹⁷¹ Este conceito foi operacionalizado nesta pesquisa a partir da tentativa de relacionar a história das famílias, a história do grupo social mais amplo no qual estavam inseridas e as trajetórias educacionais e profissionais do grupo pesquisado. Interessava-nos, em especial, verificar a possível diferença existente entre ter como ponto de partida uma família de grandes proprietários rurais ou uma de profissionais liberais. Qual seria a relação entre o patrimônio das famílias e os investimentos educacionais/profissionais realizados?

Reconstruir a riqueza

Para compreender de que maneira as características sociais das famílias em estudo poderiam esta na base da configuração de futuros possíveis para este grupo de mulheres começamos nos interrogando sobre qual o sentido dos investimentos educacionais das famílias que buscavam as três escolas. O sentido destes investimentos educacionais foi investigado neste capítulo a partir da noção de estrutura de capital das famílias.¹⁷² Ela é útil porque permite operacionalizar um estudo da relação entre a família e a escola, na qual os investimentos educacionais estariam relacionados ao peso

¹⁷¹ Cf. Bourdieu, Pierre. "Structures, habitus, pratiques". In: Bourdieu, Pierre. *Le sens pratique*. Paris, Éditions de minuit, 1980, p: 87-109.

¹⁷² Cf. Bourdieu, Pierre, "Le champ des grandes écoles et ses transformations". In: *La noblesse d'état*. Les éditions de Minuit, 1989, p. 214.

relativo do capital econômico e do capital cultural no interior de dada estrutura do patrimônio.¹⁷³

Esta noção nos permite distinguir os diferentes recursos sociais que um grupo procura obter, e manter, na luta para garantir sua reprodução social. Para o caso em estudo, esta noção é particularmente interessante porque nos possibilita distinguir estes recursos sociais que as famílias de alta renda tendem a acumular, tais como o capital econômico, cultural e simbólico.¹⁷⁴

Esta diversidade de recursos apareceu durante a pesquisa quando, ao tabular e classificar os dados dos questionários, nós nos deparamos com algumas dificuldades para, por exemplo, agrupar e distinguir a atividade econômica dos antecedentes familiares. O acúmulo de várias fontes de renda impôs a necessidade de abrir ao menos duas opções para a atividade econômica de pais e avós para dar conta dos vários casos de proprietários rurais que também trabalhavam como profissionais liberais, por exemplo, ou ainda, a posse de instituições financeiras concomitantemente à ocupação de cargos eletivos.¹⁷⁵

¹⁷³Op. cit. p. 392.

¹⁷⁴ O capital cultural existe sob três formas: no estado incorporado (sob a forma de disposições duráveis do organismo); no estado objetivado (sob a forma de bens culturais tais como livros, quadros, dicionários, etc) e no estado institucionalizado, sob a forma de certificados escolares. Bourdieu, Pierre, *Escritos de Educação*. Petrópolis, Vozes, 1998, p.71-80. O capital econômico refere-se ao conjunto de bens materiais, na forma de dinheiro e propriedades. A definição de capital simbólico foi sintetizada como, no original, «Du fait que le capital symbolique n'est pas autre chose que le capital économique ou culturel lorsqu'il est connu et reconnu, lorsqu'il est connu selon les catégories de perception qu'il impose, les rapports de force symbolique tendent à reproduire et à renforcer les rapports de force qui constituent la structure de l'espace social. », Bourdieu, Pierre, *Choses dites*, Minuit, 1987, p.160.

¹⁷⁵Na prática, isso exigiu que a variável atividade econômica, inicialmente dividida em três (ocupação do avô paterno, ocupação do avô materno e ocupação do pai) se subdividisse em seis, considerando-se assim ao menos duas atividades econômicas de avós (paternos e maternos) e dos pais.

A pertinência de organizar o raciocínio em torno da noção de estrutura de capital se impôs quando notamos como as classificações ocupacionais disponíveis¹⁷⁶, geralmente utilizadas nas pesquisas sociológicas, podiam ser satisfatórias para a pesquisa com outros grupos sociais, mas neste caso tornavam-se uma grade grossa que não filtrava os diferentes recursos nada negligenciáveis destas famílias. Foi o caso, por exemplo, de um avô que comercializava tapetes e obras de arte. Ele entraria no critério da categoria de pequenos empregadores urbanos (**Anexo 12**), dadas as especificações sobre o tamanho do negócio (empregadores urbanos com até 10 funcionários). Como não considerar, entretanto, o fato de que o comércio de luxo sugere a posse de capitais distintos e pode envolver um volume de dinheiro maior, se comparado aos pequenos comerciantes de gêneros alimentícios, por exemplo? Como classificar a ocupação “criador de cavalos de raça”, quando, de novo, as especificações sobre o tamanho do negócio, registradas no questionário, poderiam nos levar a classificá-lo como pequeno comerciante? O que fazer ainda com uma mãe “marchand” ou uma outra “decoradora”, que pela classificação seriam incluídas na categoria média ainda que soubéssemos que, com este ofício, as mulheres deste grupo social podiam obter lucros materiais e simbólicos que podiam ser tudo menos medianos? Na realidade, reconstruir o universo social no qual estas famílias estavam inseridas implicou em objetivar, ao máximo, a complexidade desta realidade, singularizada pela posse de diferentes tipos de capitais.

¹⁷⁶ Cf. Pastore, José, *Desigualdade e mobilidade social no Brasil*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979. Consultamos também, Silva, Nelson do Valle. “As duas faces da mobilidade”. *Dados*, n.21, Rio de Janeiro, 1979.

Na realidade, aquilatar o volume destes patrimônios é uma operação de pesquisa sempre escorregadia, em especial porque ela é percebida como uma intrusão nos segredos mais bem guardados.¹⁷⁷ Dificuldade esta que é, em geral, proporcional ao tamanho da fortuna. Por isso, no lugar de perguntas diretas sobre os bens imobiliários das famílias e seus rendimentos, optamos por construir várias outras questões, capazes de fornecer indícios sobre o patrimônio destas famílias, tais como as ocupações econômicas, o local de moradia, a participação política das famílias, área construída das residências, o número de filhos e de empregados, as viagens de férias e a circulação internacional, o clube freqüentado, dados enfim que, quando relacionados, nos permitiram inferir a estrutura do capital destas famílias.

¹⁷⁷As dificuldades para acessar informações precisas sobre os níveis das fortunas foram estudadas por Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot. Eles mostram que este dado é tratado como um segredo não apenas pelas famílias mas também pelo Estado francês, que proíbe a publicação e a difusão dos documentos fiscais que comprovam os patrimônios familiares. Consultar, Pinçon e Pinçon-Charlot (2003) “Méconnaissance des niveaux de fortune”, *Sociologie de la Bourgeoisie*, Paris, La Decouverte, p.10.

Estrutura do capital

Atividade econômica e nível educacional dos avós

Ao trabalhar com estes dados privilegiamos, num primeiro momento, a relação entre duas variáveis: a atividade econômica e as qualificações educacionais de pais e avós.¹⁷⁸ Articulando estes dois pontos buscamos precisar as informações reunidas durante a pesquisa sobre o volume, a longevidade e a diversidade dos patrimônios. A estrutura do capital do grupo de famílias das três escolas era diferenciada tanto pelo volume e pela longevidade dos patrimônios como pelo peso relativo do capital cultural na estrutura global destes patrimônios.

Os patrimônios no Des Oiseaux estavam fortemente ligados à terra, pois o número de avós fazendeiros corresponde a boa parte do grupo (dezenove). No Santa Marcelina a origem familiar era mais heterogênea, sendo equivalentes os números de avós proprietários rurais (quinze) e daqueles incluídos na categoria grandes comerciantes e industriais (treze). Já no Santa Maria era maior o grupo de profissionais liberais (treze), seguido de industriais (dez) e com apenas um terço de proprietários de terra (nove) – dados expressos no **Anexo 5**.

Entretanto, há uma distância que separava as famílias de grandes proprietários rurais do Des Oiseaux daquelas do Santa Marcelina; ela pode ser observada quando relacionamos a atividade

¹⁷⁸ Sobretudo do gênero masculino, já que o número de não respostas para as avós foi alto e o número de mães que exerciam uma ocupação profissional foi pequeno (sete de oitenta e dois).

econômica declarada com as qualificações educacionais da primeira geração de cada subgrupo (os avós). No Des Oiseaux poucos (quatro) avós possuíam apenas o nível primário de ensino e dois terços deles possuíam um diploma superior adquirido, em boa parte das vezes, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. No Santa Marcelina era duas vezes mais freqüente encontrar avós que possuíssem apenas o nível primário. E apenas um terço das famílias possuía alguém da primeira geração considerada com nível superior.¹⁷⁹ No Santa Maria, no que tange à qualificação educacional dos avós, a situação era próxima daquela encontrada no Des Oiseaux, com uma parte menor deles com nível primário, predominando os avós com diplomas superiores.

No que se refere à origem geográfica (**Anexo 6**), os avós do Des Oiseaux nasceram em São Paulo (capital e interior) e em outros estados brasileiros (Rio de Janeiro, principalmente), enquanto entre os avós do Santa Marcelina há um número muito mais expressivo de italianos. As descrições sobre dois avós sintetizam bem estas diferenças. Maria Leonor, ex-aluna do Des Oiseaux, descreveu seu avô materno, nascido em São Paulo em 1879, “advogado, político, vereador, fazendeiro cafeicultor, desbravador.” Ângela, egressa do Santa Marcelina descreveu a ocupação de seu avô paterno, um italiano nascido em 1900, “de bóia- fria a fazendeiro de café, de empregado a empregador...” Desta forma, os avós fazendeiros do Santa Marcelina faziam parte de uma primeira geração de proprietários rurais, muitos dos quais haviam começado como colonos no pesado

¹⁷⁹ Pelo **Anexo 6**, tabela 1, verifica-se que um número semelhante de avós com diploma superior nas duas escolas. Mas se analisamos, em termos percentuais, notamos que 62,5 % dos avós do Des Oiseaux nas profissões liberais e 40% no Santa Marcelina.

trabalho das fazendas e que, por uma série de circunstâncias históricas e econômicas, tornaram-se proprietários de terras.

No Des Oiseaux as famílias tendiam a acumular diversas fontes de renda (dezoito casos)¹⁸⁰, articulando a posse de grandes extensões territoriais com a ocupação de cargos eletivos, de indústrias e instituições financeiras, e o exercício de profissões liberais, como sugerem os depoimentos.¹⁸¹ No Santa Marcelina só muito raramente os avós se dedicavam a mais de uma atividade econômica (apenas três casos), o que também pode ser conferido pelos depoimentos. Provavelmente esta riqueza mais recente não permitia a dedicação a mais de uma atividade econômica, resultando em um patrimônio menos diversificado. Como boa parte das famílias do Des Oiseuax estava ligada simultaneamente a terra e à indústria elas possuíam um capital econômico mais diversificado, mais bem estabelecido em São Paulo e, potencialmente, menos vulnerável.

Na realidade, tratava-se de uma antiga elite agrária, possivelmente composta pelos herdeiros dos senhores de terra e proprietários de escravos do século XIX, mas que expandira seus negócios para a cidade de São Paulo, aproveitando a diversificação da atividade industrial e comercial em

¹⁸⁰ O percentual de não respostas à questão sobre a ocupação econômica dos avós foi bem mais alto no Des Oiseaux - 17% -, e mais baixo tanto no Santa Marcelina quanto no Santa Maria, ficando nestas escolas em 3%.

¹⁸¹ Um caso emblemático das estratégias de reprodução social das antigas famílias ricas paulistas pode ser notado pela história da família Almeida Prado. Depois de adquirir terras nas proximidades de Jaú e expandir-se até a região de Ribeirão Preto este grupo familiar consegue reunir todos os recursos materiais e simbólicos para assegurar sua reprodução no poder. A posse de grandes extensões de terra, a comercialização lucrativa do café na virada do século e as alianças matrimoniais com famílias conhecidas, lhes permitiram criar instituições financeiras, ocupar posições estratégicas na Companhia Paulista de Estradas de Ferro e cargos políticos de primeiro escalão na província de São Paulo. A esse respeito, consultar, Levi, Darrel. *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977.

ascensão desde as primeiras décadas do século XX.¹⁸² Estes dados nos interessam porque sinalizam como algumas posições sociais podem ser mais sólidas e relativamente mais estáveis do que outras. A longevidade de um patrimônio pode contribuir para que algumas famílias se percebam como mais estabelecidas ou como *outsiders* em uma determinada sociedade, nos termos propostos por Norbert Elias.¹⁸³

O caso do Santa Maria, por sua vez, parece diferir dos dois anteriores no que tange às propriedades sociais da primeira geração considerada. A primeira distinção é o fato de ser menor o número de avós grandes proprietários rurais. Em segundo lugar, nota-se um número proporcionalmente mais elevado de profissionais liberais. Predominava, portanto, uma origem social menos rural, eminentemente urbana.

Depoimentos sobre a ocupação dos avós do Santa Maria expressam bem isso. Ana Laura descreveu a atividade de seu avô paterno, nascido em Lisboa: “dono de farmácia e laboratório, importava remédios, abastecia todo o nordeste”. Maria Helena, ex-aluna do Santa Maria (mas egressa também do Des Oiseaux)¹⁸⁴ escreveu sobre seu avô materno: “Professor da São Francisco até a compulsória. Advogado.” Ou ainda, Ana Luísa, do Santa Maria, que disse a respeito da atividade de seu avô materno, nascido em 1893: “escritor, professor universitário”; e de seu avô paterno, nascido em 1873: “médico, consultório mais hospital”. Em termos comparativos,

¹⁸² Cf. Cano, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo, Difel, 1977.

¹⁸³ Cf. Elias, Norbert & Scotson, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

¹⁸⁴ Maria Helena e suas irmãs depois de freqüentarem o Des Oiseaux no primário foram fazer o ginásio no Santa Maria. O trânsito entre alunas das duas escolas foi mais uma evidência de o quanto as duas escolas recrutavam um público semelhante.

enquanto a posição social nas duas primeiras escolas estava mais fortemente ligada à posse de grandes extensões territoriais, no Santa Maria a posição social devia-se, sobretudo, às qualificações educacionais, em especial à utilização dos diplomas superiores para a ocupação de postos na universidade e na criação de empresas privadas, muitas na área da saúde.

Em relação à acumulação de diferentes atividades econômicas na primeira geração, isso era tão freqüente no Des Oiseaux como no Santa Maria, com cerca de um terço dos avós nos dois casos. No entanto, o tipo de atividade econômica que os avós das duas escolas acumulavam se diferenciava. Enquanto no Des Oiseaux eles acumulavam grandes propriedades rurais e urbanas, o exercício das profissões liberais e a ocupação de cargos eletivos, no Santa Maria os avós tendiam a estar mais ligados ao pólo intelectual, exercendo as profissões liberais em clínicas e escritórios privados e ocupando cátedras na universidade.

Uma outra evidência sobre as distâncias no interior deste grupo social foi captada por meio do dado sobre a participação política das famílias. Cerca de 25% das ex-alunas do Des Oiseaux e do Santa Maria teve algum pai, avô ou tio ocupando altos postos políticos, como deputado federal ou senador, secretário de estado ou vereador na capital.¹⁸⁵ O Santa Marcelina diferia também neste aspecto, embora mantivesse o mesmo percentual de participação política das famílias das demais escolas predominavam os pais prefeitos e vereadores de cidades do interior. Revelador também foi o número de famílias nas quais a participação política se dava via associações de classe ou por meio

¹⁸⁵ Sobre a aquisição das disposições necessárias para a representação política, consultar, Canêdo, Leticia. "La production généalogique". *Genèses*, n.31, junho 1998, p.4-28.

da militância em partidos políticos (sem a ocupação de postos eletivos), modalidade de participação bem superior entre as famílias do Santa Maria e menor nas outras duas escolas.¹⁸⁶

A atividade econômica e experiência educacional de pais e mães

Nas três escolas, os dados disponíveis sobre a segunda geração¹⁸⁷ considerada evidenciam algumas alterações em suas atividades econômicas refletindo as modificações no espaço econômico brasileiro (**Anexo 7**). Nota-se uma diminuição no número de grandes proprietários rurais, como consequência da ascensão das atividades industriais neste período¹⁸⁸, com exceção do Santa Marcelina, no qual o número de pais proprietários rurais cresceu, refletindo a transmissão da herança de uma geração a outra. Por outro lado, verifica-se uma elevação do nível de escolaridade entre as duas gerações nas três escolas. Observa-se, particularmente, o crescimento do número de dirigentes do setor privado (ocupação na administração de empresas privadas, sobretudo indústria, construção civil e instituições financeiras) e o aumento no número de profissionais liberais.

A representação significativa dos profissionais liberais entre os pais das três escolas levou-nos a precisar as particularidades da inserção profissional de cada subgrupo.¹⁸⁹ No Santa Maria eles

¹⁸⁶ Entre as associações de classe, as mais citadas foram a Federação de Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e o Instituto Brasileiro de Café (IBC). Notas do caderno de campo, janeiro de 2003.

¹⁸⁷ Os pais nasceram entre 1910 e 1920.

¹⁸⁸ Cf. Singer, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Nacional/Edusp, 1968.

¹⁸⁹ Para a geração dos avós dos três estabelecimentos de ensino os diplomas de advogados, médicos e engenheiros eram obtidos na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na Faculdade de Medicina de São Paulo e na Escola Politécnica de São Paulo.

estavam claramente distribuídos entre o pólo intelectual (professores universitários) e o pólo econômico, marcado pela utilização dos diplomas para criação de empresas de médio/grande porte (laboratórios, redes de farmácias, por exemplo), seguindo o movimento da geração anterior. No caso específico do Santa Marcelina era mais freqüente o uso dos diplomas em carreiras no setor público e privado, sendo muito mais freqüente a condição de assalariados. Notamos uma concentração de pais engenheiros no Santa Marcelina, advogados no Des Oiseaux e médicos no Santa Maria.

Quanto ao capital cultural das famílias nota-se outras distinções quando consideramos o tipo de experiência educacional de nível secundário de pais e mães (**Anexo 8** e **Anexo 9**). Os pais do Des Oiseaux aparecem distribuídos em três modalidades de escolas secundárias: nos prestigiados ginásios públicos (Ginásio do Estado da Capital, Ginásio Culto à Ciência, em Campinas, e Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro) e nas mais tradicionais escolas privadas de São Paulo, católicas ou não (entre as católicas, Ginásio de São Bento, Colégio São Luís, Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro, e entre as laicas, o Colégio Rio Branco e o Liceu Pasteur), sinalizando uma origem social elevada. No Santa Marcelina os pais haviam estudado mais freqüentemente nos grandes ginásios públicos e em menor número nas escolas privadas, sugerindo uma origem familiar menos abastada. No Santa Maria eles aparecem bem distribuídos entre os grandes ginásios públicos e as grandes escolas católicas, como se pode observar pelo **Anexo 8**. O alto número de não

respostas a esta questão entre as egressas do Santa Marcelina sugere que a experiência escolar dos pais deste subgrupo podia ser ainda mais modesta.

Com relação à escolaridade materna notamos aqui as características do ajuste entre investimentos educacionais e a posição social das famílias. Entre as mães, as herdeiras do Des Oiseaux, o nível de escolaridade predominante foi o Ginásio, cursado predominantemente no Colégio Des Oiseaux ou em seus equivalentes **Anexo 9**. Apenas duas delas procuraram as Escolas Normais do Estado. Este investimento educacional nos parece apropriado às expectativas de seus pais, que tendiam a perceber a transmissão da posição social às filhas via casamento, ou simplesmente via herança.¹⁹⁰

No caso do Santa Marcelina, em geral filhas de fazendeiros ou grandes comerciantes de primeira geração, elas procuraram com maior frequência as Escolas Normais do Estado (oito). Tais escolas eram freqüentadas por aquelas que podiam arcar com os custos de uma educação prolongada para o período, mas para quem importava a aquisição de um diploma que dava acesso a uma profissão e não um diploma de caráter mais distintivo como o de “humanidades”, oferecido pelas primeiras escolas confessionais femininas. Para estas famílias de patrimônio mais recente, com menor capital cultural, o diploma de professora poderia significar um trunfo mobilizado tanto por ocasião das alianças matrimoniais, já que o diploma funcionava como uma espécie de valorização pessoal, como para prosseguir sem o casamento. Talvez por isso, tenha sido maior o número de

¹⁹⁰ Cf. Trigo, Maria Helena Bueno. *Os paulistas de quatrocentos anos*. São Paulo, Anablume, 2001, p.67-84.

mães do Santa Marcelina com curso superior. Em relação às mães do Santa Maria, embora elas também fossem majoritariamente ex-alunas de colégios católicos, chama a atenção o número maior inscritas em escolas laicas ou, simplesmente, não católicas (como o Mackenzie), sugerindo uma formação educacional menos conservadora no que diz respeito aos papéis sociais atribuídos ao gênero feminino se comparada à formação católica.

A experiência educacional das mães é um dado extremamente relevante, na medida em que eram elas que presidiam a escolha da escola de suas filhas. Não por acaso a clientela destas três escolas para meninas era formada por filhas de ex-alunas de escolas católicas. Além disso, durante as entrevistas realizadas, os relatos sugeriram que na geração destas mães (nascidas por volta de 1920) era freqüente que as moças, mesmo com ambições educacionais maiores, fossem obrigadas a abdicar delas, seja por proibições paternas, seja em função do casamento.

Da mesma maneira os dados relativos à atividade econômica das mães são ilustrativos e coerentes com as diferenças notadas nas famílias que procuravam as três escolas. Dezoito, das vinte e quatro alunas do Des Oiseaux, declararam que as mães eram “donas de casa”. Dentre aquelas que declararam uma atividade econômica materna foi maior o número de “fazendeiras” (duas), em geral como resultado da morte prematura de pais ou maridos. Vinte e duas mães (de um total de trinta e duas) do Santa Marcelina também eram “donas de casa”; entre aquelas que exerciam uma atividade profissional predominaram as professoras do ensino primário ou secundário (seis). No Santa Maria o número de mães sem atividade profissional era mais baixo (quinze em um total de vinte e seis).

Entre as que trabalhavam predominaram (sete) atividades ligadas à arte, “ceramista, decoradora, marchand, artesã” foram algumas das definições empregadas.¹⁹¹

Uma distribuição espacial do capital

O Des Oiseaux e o Santa Maria atendiam a frações distintas dos grupos dominantes mas próximas entre si, tanto que, como dito acima, era extremamente freqüente o trânsito de alunas entre estas duas escolas. Elas viviam nos mesmos bairros, se encontravam nos mesmos clubes desportivos, possuíam um estilo de vida semelhante, conviviam nas associações de classe e em reuniões políticas, estavam ligadas, por fim, pelas muitas atividades mundanas em comum.

Tanto o Santa Maria como o Des Oiseaux atraíam as famílias que por volta de 1950 residiam nos Jardins (Europa, Paulistano, América), Alto de Pinheiros e Higienópolis (**Anexo 10**). Nestes bairros viviam vinte famílias do Des Oiseaux (de vinte e quatro) e dezoito famílias do Santa Maria (de vinte e seis), bairros procurados por grupos de alta renda. No Santa Marcelina metade de sua clientela residia em Perdizes, um bairro de classe média/média alta, mas modesto se comparado aos anteriores. Apenas quatro ex-alunas desta escola viviam nos mesmos bairros que viviam as meninas do Des Oiseaux e do Santa Maria.

¹⁹¹ Um terço das mães do Santa Marcelina se encarregava sozinhas do preparo das refeições. No Santa Maria e no Des Oiseaux a responsabilidade pelo preparo das refeições foi atribuída à *cozinheira*. No Santa Marcelina foi mais freqüente a utilização da palavra *empregada*, deixando entrever que entre as primeiras era comum haver uma equipe de empregados domésticos. Fonte: Dados dos questionários.

Os dados relativos à metragem das residências reforçam as distinções notadas nas três escolas (**Anexo 10**), estando as famílias do Des Oiseaux e do Santa Maria instaladas em imóveis maiores localizados nestes bairros de alto valor imobiliário. Neles, o padrão de construção constituía um ambiente arquitetônico e social em harmonia, que tendia a enfatizar esta posição social dominante. Um bom exemplo é o Jardim América, localizado nas imediações da Av. Brasil e projetado pela Companhia City, em 1912.¹⁹²

Mesmo que inicialmente os grupos de alta renda dessem preferência para Higienópolis, localizado em região mais alta e menos úmida que o Jardim América, por volta de 1940 este bairro já havia se transformado no principal receptor das famílias abastadas da cidade e era comercializado como reduto de tranqüilidade, conforto e a boa vizinhança.¹⁹³ De ruas largas e terrenos extensos (chegavam a 1000m²), para uso exclusivamente residencial, contava com todos os equipamentos públicos da época (calçamento das ruas, água, luz, gás, etc). Com suas ruas sinuosas, repletas de áreas verdes e mansões que se instalaram no local, o local se transformara em uma espécie de grife espacial, reputação esta estreitamente ligada às propriedades sociais dos seus habitantes¹⁹⁴. Nas grandes residências garantia-se uma relação com o espaço social na qual as crianças tendiam a aprender cedo a usufruir um espaço amplo e seguro. Nestas situações, em tudo oposta à condição

¹⁹² “Vende-se: “Uma quadra do Paulistano, rua asfaltada, 35 metros de frente, ultramoderno, fino, recém-acabado. O mais belo do Jardim América, 6 dormitórios, grandes salões, magnífico hall e quartos de banho, garagem para dois autos” anúncio de venda de imóvel nos Jardins, citado por Ebe Reale, op. cit. p.173.

¹⁹³ Cf. Reale, Ebe. op. cit. p.134.

¹⁹⁴ Sobre a transformação de espaços urbanos das grandes metrópoles em “griffes espaciais”, ver, Pinçon, Michel e Pinçon-Charlot. *Grandes fortunes...Dynasties familiares et formes de richesse en France*. Paris, Payot, 1998. Sobre o caso da concentração espacial de famílias de alta renda nas metrópoles brasileiras, consultar, Villaça, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo, Fapesp, 1998, p. 192.

das crianças que vivem em espaços menores/exíguos, dispõe-se sempre de lugar para si e a dificuldade consiste em administrar o corpo, a apresentação de si no meio circundante.¹⁹⁵ De certa maneira, habitar nestes bairros da cidade e nestas amplas residências era (e ainda é) uma experiência social pela qual se apreendia, de maneira quase imperceptível, uma determinada posição no mundo social.

No caso brasileiro, especialmente, esta experiência social é legitimada pela relação de deferência e subordinação dos empregados domésticos. Em muitas famílias o número de funcionários domésticos podia exceder a quatro pessoas, caso de dez famílias do Des Oiseaux e dez do Santa Maria e de apenas duas famílias do Santa Marcelina (**Anexo 10**). Além disso, um dado sugestivo do estilo de vida destas famílias foi o emprego de uniformes por parte destes assalariados, um evidente marcador das diferenças sociais. De novo, no Des Oiseaux e no Santa Maria o uso diário de uniformes por parte dos empregados domésticos correspondia à quase totalidade das famílias, com uma exceção na primeira escola e três na segunda. Um estilo de vida no qual uma certa cerimônia fazia parte de uma teatralização do “bem viver”, correspondendo a uma necessidade de esteticizar o ambiente e os “outros”. Contrariamente, no Santa Marcelina, apenas um terço das famílias exigia o uso dos uniformes de seus auxiliares domésticos. Isso voltou a aparecer, de maneira semelhante, no contato com as depoentes por ocasião das entrevistas.

¹⁹⁵Cf. Pinçon, Michel e Pinçon-Charlot, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie*. Paris, La decouverte, 2000.

Estas relações de proximidade e distância entre as frações deste grupo social tendiam a ser reforçadas nos círculos sociais fechados que as famílias freqüentavam. Dentre eles, destacam-se os clubes desportivos privativos, uma verdadeira febre na cidade desde o início do século XX.¹⁹⁶ A distribuição das egressas pelas associações desportivas corresponde exatamente à fragmentação interna notada com os demais dados. No Des Oiseaux e no Santa Maria foi alto o número das que freqüentavam os mais antigos redutos de lazer das camadas de alta renda de São Paulo, o Jockey Club de São Paulo (1875) e, principalmente, o Clube Atlético Paulistano (1900) e a Sociedade Harmonia de Tênis (1930), instituições criadas pelas mais antigas e abastadas famílias da cidade, sendo os dois últimos localizados no coração do Jardim América¹⁹⁷. Entre as egressas do Santa Marcelina a freqüência estava concentrada nos clubes criados por imigrantes, que assumiriam novos nomes com a Segunda Guerra Mundial: o Sport Club Germânia/Esporte Clube Pinheiros (1899), o Palestra Itália/Palmeiras (1914). Além das atividades esportivas estes clubes organizavam saraus, bailes de carnaval e festas de aniversário reservadas ao grupo de associados¹⁹⁸. Nestes ambientes os jovens e as crianças aprendiam a viver em conjunto, a se conhecer e a se reconhecer como “iguais”.

¹⁹⁶ Segundo Nicolau Sevckenko por volta de 1920 São Paulo possuía dezenas de clubes desportivos dedicados principalmente a receber os praticantes do Football. Sevckenko, op. cit. p.79.

¹⁹⁷O Jockey Club de São Paulo foi fundado por um grupo de amigos de famílias antigas e bem estabelecidas na cidade: Eleutério Prado, José de Souza Queiroz, Rafael de Barros, entre outros e tornou-se um centro de entretenimento para apreciadores de cavalos puro sangue inglês. Da mesma maneira, o Paulistano foi fundado como um clube de esportes por Horácio Spíndola, Bento Bueno, Sampaio Viana e vários outros membros da família Silva Prado, Antonio Prado Jr., Plínio da Silva Prado e Martinho Prado. O “Harmonia” foi fundado como resultado da ação de um grupo de sócios do Paulistano aficionados por tênis. Fonte: *Guia dos Documentos Históricos na cidade de São Paulo*, op. cit. p. 605-630.

¹⁹⁸ Por volta de 1930 o Paulistano era um clube que reunia cerca de 4.500 associados. O “Harmonia”, fundado em terreno cedido pela Companhia City, era ainda mais seleta, contando ao ser fundado com 150 famílias sócias. A esse respeito, consultar também, Reale, Ebe (1982) Brás, Pinheiros e Jardins. Editora da Universidade de São Paulo.

Uma aprendizagem cultural baseada em práticas coletivas que misturam a cultura, a sociabilidade e as ligações entre as famílias.¹⁹⁹

Era para esta sociabilidade, gerida fundamentalmente pelas famílias, que as escolas privadas vinham a calhar. Esta homogeneidade de público, das qualidades estéticas da arquitetura e da atmosfera que ronda as ruas, os colégios e os clubes, produzem uma socialização extremamente controlada, bem diferente da maior parte das crianças entre as quais as instâncias de socialização não oferecem a mesma coerência, fonte da segurança de si e da serenidade que caracterizam as disposições dominantes.²⁰⁰ Por meio desta socialização ampla com o seu “meio” é que se adquire uma determinada maneira de se ver no mundo em relação aos outros, em nada inata.

Por fim, o que se pretende sublinhar com a exposição destes dados é como as três escolas para meninas recebiam famílias que pertenciam a frações distintas deste grupo social. Estas distinções, mais ou menos sutis, sugeriram o pertencimento das famílias que procuravam o Des Oiseaux às frações mais antigas e bem estabelecidas da antiga elite agrária paulista. No caso do Santa Maria observa-se a composição social de uma fração relativamente mais nova e mais urbana dos grupos dominantes, entre as quais a ascensão social estava nitidamente ligada à posse de elevado capital cultural. No Santa Marcelina o grupo era ainda mais heterogêneo, composto de famílias que possuíam um capital econômico mais recente, menos variado, entre os quais o peso relativo do capital cultural tendia a ser mais baixo quando comparado com os demais

¹⁹⁹Cf. Pinçon e Pinçon-Charlot, op. cit., p. 150-189.

²⁰⁰ Cf. Pinçon, Michel e Pinçon-Charlot, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie*. Paris, Payot, 2003, p.94.

estabelecimentos de ensino, com exceção da escolaridade materna que tendia a ser maior do que nas demais escolas. Na realidade, é bom frisar, tanto o seu “baixo” capital cultural como econômico só se constitui como tal em relação à população dos demais. Certamente a situação se inverteria se a comparação fosse feita em relação à população de outras escolas que atendiam a outros grupos sociais.

Importa destacar que as famílias que levaram suas filhas para estes colégios, em especial as do Des Oiseaux e do Santa Maria, acumulavam há pelo menos duas gerações vários tipos de capitais. Além das propriedades, do número de atividades econômicas desenvolvidas, acumularam capital cultural, simbólico e político, muitas vezes expresso em um sobrenome conhecido.

Estes dados evidenciam os processos pelos quais a riqueza material vai progressivamente permitindo acumular outros bens que não são exclusivamente materiais, numa espiral que tende a fazer com que os grupos privilegiados reúnam trunfos e recursos sociais muito variados. Isso demonstra que as representações do senso comum que enfatizam o exemplo do homem que “se fez”, empreendedor, criador da riqueza, “desbravador”, na realidade obscurece um trabalho coletivo de acumulação da riqueza. Neste processo as famílias têm uma participação central, seja no tipo de educação que dispensam aos filhos, seja no trabalho eficaz de fomentar as redes de solidariedades que mobilizam os seus “iguais”, gerando uma consciência de uma comunidade de interesses que, em última instância, cimenta as ligações entre elas.

Por fim, os resultados sugerem que o Colégio Des Oiseaux estava encarregado das famílias que possuíam um patrimônio mais antigo e diversificado quando comparado à origem familiar das egressas do Santa Marcelina, com patrimônios mais recentes e menos diversificados. O Santa Maria revelou-se uma escola que atraía parte das famílias da antiga elite e uma outra parte que estava em movimento de ascensão social, via a aquisição de diplomas escolares extremamente valorizados (em especial, o diploma de medicina). Na realidade esta escola se inseriu à maneira de um novo partido político, que se estabelece recrutando parte dos membros da organização anterior e correspondendo aos anseios de um grupo novo.

Um retrato de classe



Ex-alunas do Des Oiseaux em 1957. Fonte: Arquivo pessoal de C.B.

Esta fotografia realizada em 1957, na quadra do clube “Harmonia”, por ocasião da comemoração do cinquentenário do colégio, permite ao observador notar rapidamente que se trata de um grupo de “mulheres de classe”, como se diz na linguagem ordinária. Vestidas com discretos *tailleurs*, elas possuíam entre 20 e 30 anos. Os detalhes emblemáticos desta posição social podem ser reconhecidos nos escarpins, nos casacos, nas golas largas, nos colares, broches e luvas. Mas eles não seriam suficientes para compor a impressão transmitida pela fotografia, não fosse a héxis corporal do grupo. A maneira de sentar-se, de cruzar as pernas e acomodar as mãos funda-se no duplo pertencimento social, de classe e gênero. Esta imagem permite interrogar como se produz o efeito assustadoramente harmônico do grupo, sem que ninguém tenha orquestrado os gestos, os sorrisos e os olhares. O mistério do charme das “mulheres de classe”, captado nas lentes do fotógrafo, é o resultado da transformação de propriedades sociais em “essência natural”: a elegância, a beleza, a confiança em si próprio, que o grupo fotografado exprime tão bem. Isso se torna possível porque o grupo estava em condições de fazer todos os investimentos que custam tempo, energia e dinheiro para modificar os corpos, aproximando o corpo real do corpo ideal e por isso, legítimo de ser apresentado. E estavam em condições de controlar àqueles que produzem os retratos do grupo (fotógrafos, pintores, biógrafos, jornalistas, etc), prefigurando sua própria imagem por meio de um trabalho de representação que inclui uma certa teatralização, uma esteticização da pessoa e da conduta, que visa a rigor manifestar sua condição social.²⁰¹

²⁰¹ Sobre a relação entre propriedades sociais e héxis corporal, consultar, Pierre Bourdieu. 1977, “Remarques provisoires sur la perception sociale du corps”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.14, p: 51-54.

O feminino em um grupo social dominante

Este capítulo reconstrói as trajetórias sócio-profissionais do grupo pesquisado relacionando origem familiar, experiência escolar e a relação entre gêneros como variáveis pertinentes para compreender os investimentos femininos no mundo social, enfatizando-os como modo de ação no processo de formação, de mobilidade e de diferenciação de um determinado grupo social.

Efetivamente, a formação do grupo social estudado e das relações que cimentaram a interdependência no seu interior não resultou da ação exclusiva do gênero masculino, dos avós desbravadores e dos pais assoberbados de trabalho. Esta posição social resultou da atuação dos dois sexos: “Meu pai vivia lá com os embaixadores, cônsul, etc. Aí ele dizia, vai chegar fulano... ela preparava um prato melhor porque tinha visita (sic) apresentava toda a família e deixava rolar... E é muito engraçado que as pessoas adoravam, se sentiam em casa...”²⁰².

A contribuição do gênero feminino na geração das mães, para a construção deste grupo social, apareceu escondida nos questionários sob o rótulo de “donas de casa”, utilizado em 90% das

²⁰² Descrição de uma ex-aluna do Des Oiseaux e do Santa Maria acerca da relação entre seu pai e sua mãe. Fonte: Entrevista de Pesquisa. São Paulo, fevereiro de 2004.

respostas ao questionário para definir a atividade materna. Preparando a casa, os jantares e os filhos para serem apresentados aos homens de negócio, as mulheres atuavam enobrecendo a atividade econômica do marido, acrescentando uma dimensão estética ao sucesso profissional dele, possível graças a sua formação escolar e familiar. Nascidas por volta de 1920, muitas egressas dos colégios confessionais femininos²⁰³, elas recebiam uma formação em casa e na escola para brilhar como damas distintas, na medida em que nestes espaços de educação garantia-se uma socialização com o “saber viver” baseado nos refinamentos da cultura ocidental, com uma enorme atenção dedicada aos conhecimentos estéticos, ao piano, à cultura literária, às atitudes artísticas, aos trabalhos manuais, e quase nenhuma formação para o desenvolvimento de uma atividade profissional, como retrata a oposição revelada pela análise fatorial entre as escolas confessionais femininas e as Escolas Normais, descrita no primeiro capítulo.

Por meio desta atuação feminina no interior da casa celebrava-se espiritualmente o sucesso mundano dos banqueiros, dos profissionais liberais e dos industriais afortunados. Este trabalho, em prol da reputação dos homens do seu grupo social, se dava não apenas na forma de organizar o interior da casa, a educação aos filhos, mas também nas ações de benemerência, na colaboração dos negócios do marido sem jamais fazer sombra a ele, responsabilizando-se pela economia do lar, pela criação de um ambiente doméstico harmônico no qual os conflitos estivessem sob controle para que o homem guerreiro pudesse descansar e alimentar-se das mais altas esferas do espírito, em

²⁰³ Pela tabela sobre a escolaridade das mães (**Anexo 9**) temos que 40% delas vinham de escolas católicas. Este número pode estar subestimado em função das egressas das Escolas Normais, pois elas podiam ser também ex-alunas de escolas católicas, mas este dado pode ter sido omitido em função do último diploma ter sido obtido na Escola Normal.

oposição à baixa esfera dos negócios²⁰⁴. “Meu pai dedicou a vida toda à medicina. Cirurgia era sua paixão. Tinha consultório próprio e operava nos hospitais... Na Universidade, fez livre docência e continuou nestas atividades até a aposentadoria compulsória.” registrou uma ex-aluna do Santa Maria para descrever seu pai, continuando com a seguinte observação: “*Até minha adolescência, minha mãe dedicava-se ao lar e a ‘secretariar’ meu pai (grifo meu). Quando começou a trabalhar dedicou-se a trabalhos sociais. Foi uma das organizadoras da Febem onde ficou vinte anos como voluntária.*”. Ao comparar estes depoimentos verifica-se que a forma de descrever o feminino, pela sua “natureza maternal”, e o masculino, pela sua profissão, vemos claramente como os dois gêneros agiam na definição deste grupo social²⁰⁵. Na realidade, graças às qualidades deste trabalho feminino, sempre subordinado às obrigações como mãe de família e esposa dedicada à carreira masculina, elas conferiam valor ao marido e à família. Os depoimentos explicitaram, assim, as modalidades das relações entre homens e mulheres existentes no interior do grupo social a qual pertenciam: esposas colaboradoras da carreira masculina, companhias cultivadas servindo à reputação do marido, mães de família e da humanidade. Por meio das atividades beneficentes – esta espécie de glória feminina²⁰⁶ – fomentavam o capital social e moral das famílias e circunscreviam os limites do investimento feminino na esfera social, sempre dedicado ao outro e jamais em choque com o papel de mãe e esposa.

²⁰⁴ Cf. Frevert, Ute “Classe et genre dans la bourgeoisie allemande au XIX siècle”, *Genèses*, 6, dez. 1991, pp.5-28.

²⁰⁵ Cf. Frevert, op.cit. p.5.

²⁰⁶ Cf. Maintenon, Mme de, et. alli. *L'estime et la tendresse*. Paris, Albin Michel, 1998.

Um caso exemplar desta forma de contribuição pôde ser conferido quando examinamos a associação de ex-alunas do Des Oiseaux. Bem instalada em um sobrado no Jardim América ela expressa exemplarmente os limites do investimento feminino no mundo social daquela geração. Esta instituição beneficente, encabeçada por senhoras, mães e esposas de dirigentes do setor público e privado²⁰⁷, realiza por meio de atividades de assistência social um trabalho de costura de um tecido social, na medida em que congrega os grupos econômicos que sustentam suas ações²⁰⁸ e, ao mesmo tempo, alicerça os laços no interior deste grupo social, mantendo, na publicação enviada para todas as ex-alunas das escolas mantidas por esta congregação religiosa, a divulgação dos nascimentos, os casamentos e os óbitos, bem como o realce dos casos de ex-alunas notórias, todos estes expedientes que agem sublinhando o sentimento de pertencimento a uma comunidade de interesses²⁰⁹. Desta maneira a associação encarna a “verdadeira” missão das mulheres desta geração e deste grupo social – mãe, dona de casa e sua extensão, a benemerência, esta forma de maternidade simbólica. Note-se que o direito ao trabalho feminino permanecia, assim, subordinado à

²⁰⁷ É o caso de Maria Odyla Moreira Ferreira, ex-presidente da instituição, mãe de Carlos Eduardo Moreira Ferreira, ex-deputado federal e ex-presidente da Fiesp. Fonte: Entrevista de pesquisa, São Paulo, novembro de 2001.

²⁰⁸ Uma única lista de agradecimentos da Associação Santo Agostinho permite notar a rede social que mobilizam: “Caritas Santo Amaro, Eduardo Rizk, Eucatex, Formatex, Fundação Cásper Líbero, G.Comércio de roupas, GB Express Work, Procter &Gamble do Brasil, Recicla Center, Ultragaz, UniSantana. Providenciais donativos: Escola Lourenço Castanho, Estilo Assessoria e Serviços, Milú Villela, Roberto Pupo, Siemens Ltda e Sueli do Amaral Castilho”. Fonte: *Notícias*, Informativo da Associação Santo Agostinho, São Paulo, junho de 2001.

²⁰⁹ O jornal pede doações, anuncia casas para alugar em balneários chiques (Campos de Jordão, etc), serviços de festas, agências de viagens, publica notas sobre os estabelecimentos comerciais que “presenteiam a ASA” com tardes beneficentes, notícia reportagens da mídia com instituições mantidas pela associação, enfim oferece um balanço do trabalho da mobilização de capital social, moral e político realizado por este grupo de senhoras. Fonte: *Notícias*, informativo da Associação Santo Agostinho. Junho de 2001. Ver também, www.asa-santoagostinho.org.br

maternidade e à família. Tomar como objeto de estudo as “mulheres de elite” significa, portanto, lançar o olhar para o pólo dominado no interior de um grupo social dominante.

Entre a geração das mães, nascidas na década de 1920, e das filhas, nascidas entre 1937 e 1943, duas décadas tinham se passado. A contribuição feminina para a manutenção deste grupo social, em plena década de 1960, não poderia mais prescindir de maiores qualificações educacionais. A ascensão da educação como valorização feminina que se acentuara no final do século XIX assume importância decisiva, inclusive nos pactos matrimoniais²¹⁰. Para o grupo considerado aqui as expectativas em relação a estas qualificações se elevaram. O curso secundário, percebido como o grau de educação adequado para a geração das mães, deixou de ser a regra. A posse de um diploma superior para as mulheres, até então uma exceção, tornou-se senão obrigatório, desejável. Isso porque a aquisição de um diploma superior no Brasil começa a se generalizar para as mulheres das classes médias e altas, entre 1960 e 1970, exatamente quando o grupo pesquisado concluía os estudos secundários.

Entretanto esta pressão da vida social para a aquisição de um diploma não se deu de maneira homogênea entre as frações deste grupo social. Na formação pós-escola secundária observa-se variações importantes na maneira pela qual as egressas dos três estabelecimentos de ensino reagiram a este contexto, sugerindo a importância tanto da origem familiar como da experiência educacional para se explicar tais variações. Uma análise desta variação mostrou como estes elementos podem ser

²¹⁰ Cf. Nazzari, Muriel, *O desaparecimento do dote*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. Segundo a autora, “a educação da mulher tornou-se um substituto do dote, melhorando seu valor no pacto matrimonial”, Nazzari, 2001, p. 256.

decisivos para compreendermos o investimento inaugural, delineado ao final da adolescência e implicado nos *jogos sérios* de que é feito o mundo social²¹¹. Neste momento de encruzilhada, decidir-se por prolongar os estudos, cursar uma faculdade, “trabalhar fora”, adiar ou não o casamento, foram escolhas (conscientes ou não) que expressam apostas heterogêneas em modelos e ideais do feminino que estavam em recomposição. A percepção de uma antiga professora do Des Oiseaux sobre o ingresso no ensino superior de suas alunas foi sugestiva: “naquela época tinha duas facções de mulheres: a mulher que queria e não ia... e a que ia...”. É justamente as formas de “ir” ou de “não ir” que buscamos compreender aqui.

Formação superior

Enquanto na geração das mães era desejável que elas fossem damas cultivadas, para suas filhas “inconveniente era não estudar”, como definiu uma egressa do Santa Maria²¹². Mas a aquisição do diploma superior não era vista como uma forma de ingressar no mundo do trabalho e sim sob o prisma da valorização pessoal. O fato é que paralelamente a uma desconfiança em relação à pertinência de uma escolarização feminina que se prolongasse ao ensino superior cresceu o interesse das famílias pela entrada em uma faculdade, preferencialmente nos cursos considerados apropriados para o gênero. Para muitas jovens deste grupo social o ingresso em uma faculdade e a posse de um

²¹¹ Cf. Bourdieu, op. cit. 1996; p.27.

²¹² Em resposta à pergunta do questionário “havia cursos considerados inconvenientes para você na sua família e/ou colégio? Você poderia citá-los?” Consultar o questionário na íntegra exposto no Anexo 2.

diploma deixou de se constituir em um obstáculo para o mercado matrimonial e tornou-se, pouco a pouco, um trunfo sobre ele. Uma nova representação da mulher, “moderna”, “ativa”, “independente”, rivalizava com o antigo modelo da mulher burguesa, dedicada à carreira masculina, voltada para a vida familiar e à filantropia. No entanto este raciocínio evolutivo não se aplica igualmente às diferentes frações dos grupos dominantes, pois elas não atribuíam a mesma importância aos investimentos escolares e profissionais de suas filhas,²¹³ o que pode ser conferido quando observamos os resultados obtidos pelo questionário (Parte 5 do questionário/**Anexo 2**) no que tange à valorização do ensino superior para as meninas. Onze entre as vinte e quatro famílias do Des Oiseaux consideravam o ingresso no ensino superior dispensável. Inversamente, entre as famílias do Santa Maria doze sobre vinte e seis julgavam o ingresso no ensino superior uma etapa necessária da formação das meninas, a julgar pela percepção *a posteriori* de suas filhas. No Santa Marcelina este número mostrou-se ainda mais elevado, vinte e dois sobre trinta e dois, assinalaram que o ensino superior era percebido como uma etapa necessária da formação.

Esta importância desigual atribuída ao ensino superior para as filhas se reflete nos dados sobre o ingresso e a conclusão de cursos superiores nas três escolas. Entre as egressas do Des Oiseaux, cujas famílias tendiam a possuir uma posição social mais elevada e mais bem estabelecida na sociedade, dez sobre vinte e quatro não fizeram um curso superior. Inversamente, somente cinco sobre trinta e duas do Santa Marcelina e três sobre vinte e seis do Santa Maria abdicaram da entrada

²¹³ Cf. Saint Martin, Monique de, “Une ‘bonne’ éducation: notre-dame des Oiseaux à Sèvres”. *Revue Ethnologie Française*, vol. 20, janvier-mars, 1990, p.62.

em uma faculdade. Para estas famílias, pertencentes às frações nas quais o peso relativo do capital cultural tendia a ser maior do que a importância relativa do capital econômico, como no Santa Maria, tendia-se a reconhecer como necessário que as moças prolongassem sua escolarização ao ensino superior. Para aqueles que possuíam um capital econômico menor e menos estabelecido, como muitas famílias que procuravam o Santa Marcelina, conduzir as filhas para a aquisição de um diploma superior era não apenas desejável, mas sobretudo prudente.

O ingresso feminino no ensino superior brasileiro apresenta uma progressão acentuada a partir de 1960, como parte da expansão das oportunidades educacionais de nível superior que saltara de cem mil alunos em 1961 para meio milhão, dez anos depois²¹⁴. Esta expansão, entretanto, deu-se de maneira extremamente desigual, tanto no que diz respeito ao crescimento superior das faculdades privadas em relação às vagas nas universidades públicas, quanto no que diz respeito aos cursos mais procurados por homens e mulheres. Entre 1956 e 1971 a metade do contingente feminino no ensino superior brasileiro estava inscrita nos cursos de letras, pedagogia, história, geografia, ciências sociais e psicologia e 10% nos cursos de física química, matemática e biologia, habilitações estas que possuíam em comum o fato de que conduziam as mulheres ao exercício do magistério. No que tange aos cursos tradicionalmente masculinos, tais como o Direito, Engenharia e Medicina, o

²¹⁴ Os dados sobre progressão da porcentagem feminina entre os alunos matriculados no ensino superior brasileiro, computam que em 1956, havia 26% de alunas do sexo feminino, em 1961 esta participação sobre para 29%, em 1966 ela girava em torno de 31% e ao final desta década, em 1971, elas já representavam 40% do total de matriculados. Cf. Barroso, Carmem e Mello, Guiomar N. de, "O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro". *Cadernos de Pesquisa*, n.15, 1979, p. 48. Consultar também, Gouveia, Aparecida Joly, "Democratização do ensino superior", *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 112, 1968, p.232-244. Para números sobre a expansão das faculdades em São Paulo, ver, Pastore, José, *O ensino superior em São Paulo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional/Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo, 1972. p.7- 45.

percentual feminino era baixo no período em questão (11%, 6%, 4%, respectivamente) mas crescera, se considerarmos que no início do século ele estava próximo do zero²¹⁵. Este crescimento se deu de maneira parecida com diversos países, sobretudo nos países da Europa Ocidental²¹⁶.

À semelhança do que se observa nas estatísticas sobre a distribuição feminina nos cursos superiores no Brasil até a década de 1970, entre as egressas dos três estabelecimentos de ensino a aquisição dos diplomas superiores deu-se predominantemente nos cursos voltados para receber a clientela feminina, tais como letras, pedagogia, psicologia, história, serviço social e belas artes. Estes diplomas possuem em comum o fato de conduzirem para o exercício do magistério e por erigirem as disposições associadas ao “feminino” em qualidades profissionais. O cuidado e a devoção à sociedade e ao outro, as qualidades de sensibilidade, os conhecimentos estéticos, o “instinto maternal”, são metamorfoseados em qualidades profissionais.²¹⁷

²¹⁵ Em 1907, as mulheres constituíam 0,24% dos alunos de Direito, 3% dos inscritos em medicina e 0,47% do ensino politécnico. Barroso e Mello, op. cit., p.52.

²¹⁶ Cf. Baudelot, Christian e Establet, Roger, *Allez les filles!* Paris, Seuil, 1992. Ver também, Maruani, Margareth, *Travail et emploi de femmes*. Paris, La Découverte, 2003.

²¹⁷ Cf. Carvalho, Marília Pinto de, *Do coração da sala de aula*. São Paulo, Xamã/Fapesp, 1999, p.19-40.

Tabela 1: Diploma Superior, por escola

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
Letras, Pedagogia, Matemática Biblioteconomia	3	5	10
Ciências Sociais, História, Psicologia e (Economia)	7	13	4
Serviço Social	2	2	3
Publicidade, Jornalismo, e Direito	2	3	3
Belas Artes	0	0	5
Biologia, Medicina	0	0	2
Sem diploma superior	10	3	5
Total	24	26	32

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa.

A distribuição do grupo pesquisado pelos cursos superiores procurados mostra claramente de que maneira a relação entre a posição social das famílias e o tipo de socialização escolar agiu na composição dos horizontes possíveis para o grupo. Em geral os cursos superiores procurados deram acesso ao magistério. Importa notar, entretanto, que entre as egressas da escola na qual a submissão feminina era um valor exaltado, o Santa Marcelina, predominou uma escolha profissional que dava acesso ao magistério primário e secundário. Entre as egressas do Santa Maria, no qual havia uma elaboração de um feminino mais conquistador e menos submisso, os cursos superiores escolhidos deram acesso ao magistério no ensino superior, uma posição simbólica e materialmente dominante se comparada ao magistério de ensino primário e secundário²¹⁸.

²¹⁸ Optamos por agrupar os cursos superiores, da tabela 1, tomando como critério o destino profissional a que eles teriam dado acesso. Hesitamos em agrupar por disposições exigidas pelo curso, mas notamos que este critério

À clivagem da escolha das fileiras do ensino superior somou-se o fato de que no seio destas famílias privilegiava-se o encaminhamento das meninas para as faculdades católicas e reservava-se a universidade pública como espaço para os meninos. Estava em jogo manter as meninas em um universo protegido, longe dos perigos e das tentações da vida exterior às instituições católicas. Estes cuidados podem ser notados quando verificamos que 30% delas procuraram os cursos Sedes Sapientiae. Este espaço de educação superior, mantido pelas irmãs do Des Oiseaux, se caracterizava por receber uma clientela essencialmente feminina. Um espaço de liberdade controlada pelas irmãs e que, muitas vezes, funcionava apenas como uma extensão do colégio de freiras. Segundo o depoimento de uma ex-aluna: “Ia pro Sedes, quem estava querendo romper, mas com medo: tenho que agradar o papai, mas também já quero sair. Então, o Sedes era abertíssimo na época para as mulheres, tinha um internato que as meninas podiam sair à noite e, óbvio, voltar às nove horas. *Elas podiam namorar, mas na sala do Sedes* (grifo meu). Era um progresso muito grande para aquela elite, mas não era como na USP, que as meninas iam morar nos seus apartamentos e se assumiam mesmo.”

dispersaria o ponto que nos interessava sublinhar: os cargos e as posições profissionais a que estes diplomas teriam dado acesso. Por este motivo agrupamos letras e matemática, que em tese exigiriam disposições intelectuais diferenciadas, mas no caso em estudo conduziram essencialmente ao magistério primário e secundário. Ciências sociais, história, psicologia e economia, cursos que pressupunham um contato com o mundo intelectual e que conduziram, sobretudo, ao magistério no ensino superior nas universidades públicas paulistas ou em universidades católicas. Assim como publicidade, direito e jornalismo conduziram a carreiras como funcionárias no setor público e privado.

Tabela 2: Instituição de ensino superior, por escola

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
faculdades privadas de menor prestígio	2	5	6
ESP Mackenzie Casper	3	2	2
Sedes Sapientae	6	10	11
USP	2	6	4
F. S.Marcelina/PUCC	0	0	4
total	24	26	32

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa.

“Decidir fazer filosofia na USP foi um estrondo”, disse uma ex-aluna do Des Oiseaux referindo-se às discussões familiares por ocasião do seu ingresso no ensino superior. De novo, notamos variações na forma de perceber estas instituições de ensino superior nas diferentes frações deste grupo social, pois para as famílias de menor capital cultural, como no caso de duas filhas de professores secundários do Santa Marcelina, o ingresso na USP foi recebido como uma autêntica consagração. Isso também ocorreu entre as filhas dos professores universitários do Santa Maria, tanto que foram elas que investiram mais fortemente nos cursos preparatórios exigidos para o ingresso nos seletivos exames da universidade e, conseqüentemente, lá ingressaram. Em oposição ao Sedes, ingressar na Universidade de São Paulo significava adentrar um espaço público, misto, fora do controle moral imposto pela religião e pelas famílias, no qual as meninas estariam expostas à influência de um ambiente intelectual laico e à convivência com jovens de origem social muito mais heterogênea. Ir para o Sedes representava uma continuidade sem rupturas em relação à socialização que tinham recebido em casa e no colégio, uma maneira de re-pactuar o investimento das famílias no capital moral que a passagem pelos colégios católicos simbolizava.

Atividade profissional

Para a porção feminina deste grupo social e desta geração a posse de diplomas superiores podia não implicar necessariamente em um sentimento de *dever* profissional²¹⁹. O acesso aos estudos superiores vinha se generalizando, mas neste meio social o diploma estava mais associado ao *dever* feminino do que a uma estratégia de inserção profissional. Este *dever* feminino estava essencialmente atado à posição social dessas mulheres nas suas relações com os homens e no universo de suas atividades de trabalho respectivas.

Nas entrevistas realizadas o “trabalhar fora” surgiu como a expressão de um desejo íntimo, por vezes secreto, contra tudo e contra todos. “Eu pensava desde menina: eu quero trabalhar, me sustentar” ou em uma discussão familiar, “Eu mato, filha minha não trabalha fora...mas eu pensava, eu vou trabalhar!”, relataram a filha de um alto funcionário público do Des Oiseaux e a filha de um próspero industrial, aluna do Santa Maria. Ambas hoje “trabalhando fora”, uma em seu bem sucedido negócio de decoração e a outra como desenhista especializada em um dos principais jornais da cidade²²⁰. No primeiro caso foi decisivo que ela tenha se casado com um herdeiro de uma indústria ligada ao setor de decoração e que tenha investido em um *métier* essencialmente feminino, permitindo que ela correspondesse às expectativas familiares, ligadas ao *dever* feminino, imposto pelo seu duplo

²¹⁹Cf. Weber, Max, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004, p.29-69.

²²⁰Fonte: Entrevista de Pesquisa, fevereiro de 2004.

pertencimento social de classe e gênero, e o *dever* profissional, desenvolvido neste contexto cultural marcado pelo engajamento feminino na esfera do trabalho, fora dos limites domésticos. No segundo caso o casamento se deu com um cineasta fora de seu meio social, para quem ela fazia figuração, dirigia (o carro), “script girl” na sua expressão. Após um sucesso meteórico do filme produzido em colaboração, mas assinado por ele²²¹, tentaram a vida no Rio de Janeiro, para onde ela o acompanhou. Mais tarde, diante das impossibilidades de se estabelecer solidamente como cineasta, ele tentou convencê-la a mudar para uma pequena cidade do interior na qual pudessem ter filhos. Ela, entretanto, já trabalhava como desenhista em um grande jornal da cidade e, desta vez, não viu sentido na proposta, preferindo separar-se após sete anos de casamento. Ao romper com o *dever* feminino do seu grupo social, no qual a mulher tem a obrigação de acompanhar o marido e dar-lhe todo o apoio logístico e afetivo para que ele brilhe em sua carreira, ela se viu exposta às regras de um ambiente de trabalho essencialmente masculino - “só homens, todos de gravata e duas mulheres que eram estrangeiras” - no qual era preciso controlar os sinais de feminilidade - “eu nunca tive problemas porque eu era esperta, nunca ninguém soube que eu tinha cólica. Trabalhava direitinho, nunca faltava. Assinava os desenhos com iniciais, para ninguém saber se eu era homem ou mulher. Usava tênis, meia, macacão, tudo fechado para poder ficar ali. Eu tinha até um apelido: Aninha blindada.”²²².

As principais pesquisas sobre a condição feminina na última metade do século XX, ao enfatizarem o prisma de sua inserção no mundo do trabalho, tendem a pensá-la como resultado quase

²²¹ Sobre a divisão do trabalho em um casal de cineastas, consultar, Faguer, Jean Pierre. “Esposa e colaboradora”. In: Bourdieu, Pierre (org.) *A miséria do mundo*. Petrópolis, 1998, p. 637-650.

²²² Fonte: Entrevista de pesquisa, fevereiro de 2004.

exclusivo de fatores de ordem econômica.²²³ Naturalmente, tal tendência tem a ver com o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, o que resultou na ampliação da população ativa em diversos países²²⁴. No Brasil, a grande mudança se deu ao longo da década de 1970, quando a população ativa feminina saltou de seis milhões de brasileiras para onze milhões, em 1976, atingindo vinte e sete milhões, em 1995²²⁵. Até meados de 1970 predominou nesta literatura a noção de sujeição feminina, como produto de sua exclusão dos postos mais bem remunerados do mercado de trabalho.

Tabela 3: População economicamente ativa do Brasil, por sexo²²⁶

	1940	1950	1960	1970	1973	1976
feminina	15,4	13,6	16,7	18,5	33,3	28,8
masculina	81,8	80,8	77,2	71,8	76,8	73,6

Fonte: IBGE. Anuário Estatístico do Brasil, 1979.

Para o caso do grupo pesquisado aqui tais fatores possuem relevância, na medida em que a abertura de postos de trabalho, em tese, incentivaria sua ocupação. Mas eles dizem muito pouco sobre os reais motivos que teriam provocado a inserção de quarenta e três entre oitenta e duas destas mulheres no espaço econômico brasileiro, visto que os constrangimentos de ordem material eram reduzidos, quando não inexistentes. Para este caso, pensamos que a utilização da categoria

²²³Cf. Bruschini, M. Cristina, “O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes”, *Estudos feministas*, CIEC/ECO/UFRJ, n. especial 1/2. sem/1994; Hirata, Helena e Humphrey, Jonh, “O emprego industrial feminino e a crise econômica brasileira”, *Revista de Economia Política*, n. 4, out/dez., 1984; Lavinias, Lena, (1997) “Emprego feminino: o que há de novo e o que se repete”. *Dados*, Rio de Janeiro, v.40, n.1, 1997. Lovell, P. “Estrutura de emprego e trabalho feminino no Brasil”. *Cadernos Cebrap*, São Paulo, n.27, p111-119, jul.1990.

²²⁴ Cf. Maruani, Margaret, *Travail et emploi des femmes*. Paris, La Découverte, 2003.

²²⁵ Fonte: Fundação Carlos Chagas. A partir das estatísticas do IBGE e PNAD.

²²⁶ Tais dados referem-se apenas à participação em atividades não agrícolas. Construímos esta tabela a partir dos dados oferecidos pelo IBGE. Anuário Estatístico do Brasil, 1979. v.40, 1979.

gênero, ao fazer referência à organização social da relação entre os sexos, poderia oferecer uma maneira mais eficaz de restituir a dimensão relacional de uma posição dominada no espaço do mercado de trabalho²²⁷. Não se trata de uma simples mudança de palavras, mas da tentativa de compreender o mundo dessas mulheres pesquisadas a partir do laço entre o pertencimento de gênero e a identidade do grupo social. Com esta rotação, acreditamos ter sido possível incluir na demonstração abaixo elementos para pensar o sentido do *dever* feminino nesta geração deste grupo social.

O grupo em questão faz parte desta primeira geração brasileira que se beneficiou da expansão da escolarização feminina e a metade dela aderiu ao movimento de engajamento feminino de “trabalhar fora”. Indagar este engajamento ou o seu reverso - o distanciamento do universo do mercado de trabalho – exigiu uma interrogação não apenas da formação educacional e da abertura de postos de trabalho, mas fundamentalmente das relações entre cônjuges como variável pertinente para compreender as trajetórias profissionais do grupo. Entretanto, antes de nos debruçarmos sobre as características destes casamentos e da sua relação com a profissionalização do grupo, cabe expor mais alguns dados ilustrativos sobre as modalidades de atividade do grupo no mercado de trabalho.

²²⁷ Cf. Heilborn, Maria Luiza e Sorj, Bila, “Estudos de gênero no Brasil”. in: Miceli, Sergio (org) *O que ler na ciência social brasileira (1979-1995)*. São Paulo, Sumaré, p.183-221. Entre os principais estudos nesta perspectiva, as autoras apontam, Saffioti, Heleieth, *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo, Livraria Quatro Artes, 1969. Blay, Eva, *A mulher e o trabalho qualificado na indústria paulista*. São Paulo, USP/DCS/PFLCH, 1972. Aguiar, Neuma, *Mulheres na força de trabalho na América Latina*, BIB, 1979

Estudos clássicos de sociologia identificam na profissão “a existência de um saber teórico que fundamenta uma competência particular, o desenvolvimento de um ensino e de uma formação especializada, a avaliação da competência dos membros da profissão por meio de exames formais, o desenvolvimento de uma organização profissional, a emergência de um código profissional, a oferta de um serviço altruísta”²²⁸. Para o grupo em questão, considerando seu duplo pertencimento social, de classe e gênero, optamos por considerar atividade profissional na acepção mais ampla do termo, empregado para designar aquelas que exerceram uma atividade remunerada, aquelas que “trabalharam fora”. Isso porque alguns critérios específicos emergiram do tratamento com os dados como pertinentes para o caso do grupo pesquisado. O fato de que tenham sido freqüentes interrupções temporárias ou definitivas, por vezes associadas ao casamento ou ao nascimento dos filhos, nos levou a considerar como primeiro critério o tempo de dedicação ao “trabalho fora”. A relação entre o diploma superior obtido e o exercício de uma profissão surgiu, no decorrer da leitura dos dados, como um segundo critério, útil para distinguir as diferentes formas de inserção no mercado de trabalho.²²⁹

Este tratamento dos dados resultou na subdivisão da categoria denominada “profissão” em três modalidades: a relação sólida/direta entre o diploma e exercício de uma profissão

²²⁸ Cf. Paicheler, Geneviève, 1992. *L'invention de la psychologie moderne*, Paris, L'Harmattan, 1992:42-55. Ver também, Bonelli, Maria da Glória, “O Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros e o Estado: a profissionalização no Brasil e os limites dos modelos centrados no mercado”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 39, 1999, p. 61-82.

²²⁹ Para esta geração pareceu-nos que o cargo ou a função exercida aos quarenta anos era um indicador relativamente seguro da posição profissional. A relação entre inserção profissional e idade foi examinado por meio de um estudo comparativo do caso da geração com trinta anos em 1968 e em 1998. Baudelot, Christian & Establet, Roger (2000) *Avoir 30 Ans en 1968 et en 1998*. Paris, Seuil, 217p.

(“profissionalizadas”), a relação esporádica/frágil com o diploma (“profissionalizações parciais”) e as não integradas ao mercado de trabalho, dentre as quais incluímos aquelas que iniciaram e interromperam sua atividade de “trabalhar fora” ou jamais exerceram uma atividade remunerada.

Pelos resultados expostos na tabela abaixo, vemos que pouco mais da metade do grupo (quarenta e três) “trabalhou fora” durante mais de dezesseis anos. Em termos percentuais, isso significa 52%, uma taxa relativamente alta se comparada aos números relativos à participação feminina no conjunto da população economicamente ativa do Brasil, em torno de 28,8% em 1976. O que pode ser compreendido tanto pelo fato de que elas possuíam uma alta escolarização (mais de oito anos), como pelo fato de que elas dispunham, na família ou nos espaços sociais pelos quais circularam por ocasião do ensino superior, condições de articular uma inserção profissional.

Tabela 4: Longevidade da atividade profissional

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina	subtotal
De 16 a 35 anos (profissionalizadas)	10	18	15	43
Entre 5 e 15 anos (profissionalizações parciais)	6	4	9	19
sem atividade profissional (não profissionalizadas)	8	4	8	20
total	24	26	32	82

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa.

Observando a tabela 4 vemos ainda como foi a distribuição da longevidade da atividade profissional entre as egressas das três escolas. Nota-se um número mais elevado delas no Santa Maria e menor no Santa Marcelina e no Des Oiseaux. O fato de que tenha havido uma incidência

maior de ex-alunas do Santa Marcelina na modalidade profissionalizações parciais, mostrou-se, por ocasião das entrevistas, como o resultado desta incorporação do dever feminino, *mutatis mutandis* tal como ele estava delineado na geração das mães. Elas cursaram o ensino superior, começaram a “trabalhar fora”, mas com o casamento e os filhos, mais freqüentemente do que as outras, elas abandonaram seus postos e assumiram integralmente a gestão da casa e da família, como forma de apoiar as carreiras masculinas. Em oposição, entre as egressas do Santa Maria foi bem menos freqüente a submissão a estas contingências do universo familiar, tendo o Des Oiseaux ocupado uma posição intermediária. Tais dados foram progressivamente sugerindo que as experiências escolares tiveram uma participação decisiva no destino social de suas ex-alunas, na medida em que as escolas, apesar da ênfase no casamento como forma de realização suprema para o feminino, encorajaram de maneiras diferentes à elaboração de um exercício profissional.

Entre aquelas que não se inseriram no mercado de trabalho estão grande parte das egressas do Des Oiseaux e, em segundo lugar, do Santa Marcelina, tanto entre as famílias de grandes proprietários rurais, presentes nas duas escolas, como entre as famílias em início de ascensão social, mais presentes no Santa Marcelina, para quem o casamento das filhas era a principal perspectiva de futuro. Os casos daquelas que jamais exerceram uma atividade remunerada revelaram-se menos dolorosos do que os anteriores porque associados a uma escolha inicial “livre”, logo de partida, de não trabalhar, de servir ao marido e aos filhos, como que celebrando o trabalho absorvente e incansável do companheiro masculino dedicado aos negócios econômicos da família.

O caso daquelas que começaram a “trabalhar fora” e interromperam suas atividades mostrou-se mais complexo. Aqui o não trabalho foi associado às contingências externas, casamento, filhos, mudanças de cidade em função da carreira masculina, etc. Em alguns relatos notamos um ressentimento ambíguo: a sensação de ter sido privada desta possibilidade “do trabalho fora” associada ao sentimento da causa nobre do cuidado com os filhos e o apoio *desinteressado* ao marido. Entretanto, foi a educação recebida, em vários casos percebida como responsável pela distância entre si e uma atividade remunerada “Meus pais me deram uma boa educação, mas quando fiquei viúva e fui trabalhar, vi que as coisas tinham mudado e tive que enfrentar principalmente a timidez”, registrou uma egressa do Santa Marcelina, filha de um contador que galgou carreira no setor privado, e casada com um pequeno comerciante de roupas. “Tive uma educação muito rígida. A vantagem foi sermos pessoas honestas e decentes. Os inconvenientes, muitos, timidez, insegurança...”, descreveu a filha e esposa de um médico, ex-aluna do Santa Maria. “*Não posso reclamar*, só acho que faltou estímulo, agressividade, competição para a vida do dia a dia e principalmente para uma vida profissional” (grifo meu), declarou a filha de um engenheiro do Santa Marcelina e casada com um alto funcionário do setor financeiro (diretor de um banco privado). Desta maneira, o não desenvolvimento profissional está associado a uma falha pessoal - “faltou agressividade” na maneira como foram educadas - ou percebido na chave do “*não posso reclamar*”, dado o vulto e a velocidade da carreira do marido que, bem sucedido, esperava que sua esposa cumprisse o *dever* feminino, organizando a casa e dando educação compatível com o nível social da

família, acompanhando-o nas viagens de negócios e nas mudanças de endereço que sua atividade profissional exigiram. Como contraponto à timidez daquelas que ocupavam uma posição dominada no interior deste grupo social, há o depoimento das herdeiras do Des Oiseaux, não profissionalizadas, que se mostraram satisfeitas com uma educação que as preparava para ocupar exatamente este lugar, encantadas como a afinidade entre a educação recebida e a posição social ocupada. Quando interrogada sobre as vantagens e desvantagens de sua educação, a filha caçula de um banqueiro e casada com um industrial, foi taxativa: “nenhuma desvantagem, ao contrário um privilégio”.

Entre as que se dedicaram por mais de dezesseis anos a “trabalhar fora”, selecionamos três modalidades distintas que predominaram entre as egressas de cada escola: (i) o magistério primário e secundário, com acentuada contribuição das egressas do Santa Marcelina; (ii) o comércio de luxo, composto por proprietárias de antiquários e lojas de decoração/design, com predominância das egressas do Des Oiseaux; (iii) as professoras universitárias (universidade públicas e católicas), com predominância do Santa Maria. Esta concentração de egressas em três *métiers* aponta para o encontro entre as disposições trabalhadas nos colégios e a posição social das famílias, que remetem ao ajustamento das esperanças às oportunidades, das aspirações às possibilidades²³⁰. A circunscrição destas atividades profissionais ao universo das profissões femininas sugeriu que a experiência

²³⁰ Pierre Bourdieu discute, baseando principalmente em Max Weber, a noção do futuro possível como um cálculo mais ou menos racional, engendrado pelas disposições adquiridas (*habitus*) na experiência social. Ele demonstra como as estratégias para dominar o futuro não são respostas a uma situação abstrata, mas o resultado de uma relação dialética entre a aptidão e a predisposição para dominar os instrumentos de produção e reprodução. Bourdieu, Pierre (1974) “Avenir de classe et causalité du probable”, *Revue française de sociologie*, vol XV, n.1, janeiro-março de 1974, p.3-42.

prolongada com a moral católica desencorajou o grupo como um todo a escolher *métiers* que não eram esperados das mulheres, mesmo que estas escolhas não lhes tenham sido inteiramente recusadas. De maneira geral as professoras primárias e secundárias casaram-se com profissionais liberais e altos funcionários do setor público e privado (juizes, desembargadores, ou diretor de banco e de multinacional). Aquelas que se dedicaram ao comércio de luxo (antiquário, loja de decoração) casaram-se mais freqüentemente com herdeiros. No caso das professoras universitárias predominaram os casamentos com profissionais liberais ligados à universidade. A maneira como estas alianças matrimoniais jogaram impulsionando ou desencorajando o grupo ao mundo do trabalho estão analisadas nos casos exemplares apresentados adiante.

Tabela 4: Atividade profissional

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina	subtotal
professoras primárias e secundárias.	4	5	15	24
decoração, arte e moda	6	5	1	12
profissional liberal autônoma	2	1	6	09
professoras universitárias	3	7	2	12
secretárias	3	2	3	08
altas funcionárias setor público e privado	1	3	1	05
não respostas	5	3	4	12
total	24	26	32	-

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa.

O caso das “decoradoras” é particularmente interessante porque podemos observar as relações entre família, experiência educacional, aliança matrimonial e destino profissional. Trata-se de uma atividade exercida por parte expressiva do grupo do Des Oiseaux e mostra de que maneira propriedades sociais são convertidas em disposições específicas. Na realidade, esta modalidade de profissionalização exigia a posse relativamente elevada de dinheiro e valia-se do capital social das famílias, convertido em demanda inicial do negócio: “Eu comecei fazendo enfeites para jantares, decoração de festas e quartos infantis de amigos da família”, relatou uma ex-aluna do Des Oiseaux, hoje bem instalada com seu comércio de decoração e design na Al. Gabriel Monteiro da Silva. Embora a rigor não houvesse exigência de um diploma para esta atividade, chama a atenção o fato de que aquelas que obtiveram mais êxito sublinharam a importância da formação técnica recebida²³¹.

²³¹ Em especial, a passagem pelo Instituto de Artes e Decoração (IADE) parece ter sido importante na aquisição de um saber específico sobre design neste período. A escola, localizada em Higienópolis, recebia uma clientela formada por famílias abastadas e era dirigida por artistas e arquitetos estrangeiros. Uma das egressas desta escola defendeu sua formação “não era um cursinho fácil de decoração”. Fonte: Entrevista de pesquisa, São Paulo, março de 2004.



Para este *métier*, na realidade, contava muito mais a “boa aparência” pessoal, esta *héxis* corporal fundada em uma posição social e de gênero que estão na base do desenvolvimento de um “gosto de classe”, percebido e imposto como o “bom gosto”. Esta forma de profissionalizar-se não implicava grandes rupturas com o modelo feminino deste grupo social, resultando de uma conciliação harmoniosa entre a “natureza feminina” e o mundo dos negócios. Quanto às professoras primárias e secundárias, nenhuma surpresa. Trata-se de um *métier* maciçamente feminino, no qual a progressão na carreira é limitada e, em geral, favorável aos homens, como demonstrou Zeila Demartini Brito em seu estudo “Magistério: profissão feminina, carreira masculina”. Ele exige as disposições voltadas para o cuidado do outro²³² e conta com a necessidade de segurança, característica que tende a marcar as posições simbolicamente dominadas. Como as decoradoras este caso não implica uma ruptura com as expectativas do universo familiar, ao contrário, vinha ao encontro delas. O caso das professoras universitárias difere substancialmente porque a carreira exige a submissão a exames específicos, concursos e provas, nos quais concorrem homens e mulheres. Em oposição às “decoradoras”, o caso das professoras universitárias materializa uma modalidade de atividade profissional que supõe a posse elevada de diplomas escolares (pós-graduação) e os atributos femininos tendem a ter menor peso. Este *métier* implica necessariamente na disposição para “tomar a palavra”, exigindo a segurança na apresentação de si, em um contexto profissional misto, mesmo

²³² Cf. Carvalho, Marília Pinto de, *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*.

se as hierarquias entre os sexos tendam a ser recriadas no seu interior²³³. Mas o desenvolvimento nestas atividades profissionais tornou-se mais claro quando sobreposamos estes dados às alianças matrimoniais realizadas.

Os casamentos

Se considerarmos a militância histórica da Igreja Católica na elaboração e no desenvolvimento de uma doutrina que fazia do casamento uma especialidade da teologia católica romana – cujos “cursos de noivos” são uma expressão – não surpreende o fato de que no grupo pesquisado o celibato tenha sido uma condição excepcional, apenas três sobre oitenta e duas. Este culto ao casamento repercutia bem no interior deste grupo social, católico e conservador, ameaçado pelas mudanças associadas ao intenso processo de industrialização que ocorria em São Paulo por volta de 1950, quando estas famílias matricularam suas filhas nas escolas confessionais femininas. Neste contexto, o culto ao casamento representava a tentativa de canalização das aspirações femininas para o universo doméstico. Por meio de cursos de noivos e retiros espirituais dirigidos aos

²³³ Cf. Canêdo, Letícia. “Masculino, feminino e estudos universitários no estrangeiro: os bolsistas brasileiros no exterior”. In: Almeida, Ana et alli. *Circulação Internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas, Editora Unicamp, 2004: p.169. Sublinhamos que a inserção das professoras universitárias egressas do Santa Maria se deu em unidades de ensino tradicionalmente femininas como a Faculdade de Educação, mas também em lugares onde as mulheres não são a maioria, tais como a Faculdade de Economia e Administração da USP e a Faculdade de Ciências Médicas (UNICAMP).

jovens celebrava-se o eterno retorno e a submissão do feminino à “sua natureza”, à procriação, à educação das crianças, enfatizando-se com isso a hierarquia *natural* dos corpos²³⁴.

Tabela 8: Estado Civil

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
casadas (primeiro casamento)	19	13	19
casada (2º casamento) ou separada	5	11	6
viúva	0	0	6
solteira	0	2	1
total	24	26	32

Os dados acima sinalizam como as experiências educativas, na família e na escola, produzem efeitos duráveis, compõem uma socialização que resulta na aprendizagem de posições e de diferenças sociais. As egressas do Des Oiseaux, vindas em geral das grandes famílias, antigas e mais conservadoras aspiravam para suas filhas o casamento com os filhos das famílias conhecidas, ou cujas credenciais educacionais atestassem a sua origem nas “boas famílias”. O fato de elas terem sido educadas no Des Oiseaux, este espaço de educação escolar extremamente seletivo (“elitista”, nas palavras de algumas ex-alunas), no qual os menores rituais do cotidiano, como as refeições, davam lugar ao culto à tradição das grandes famílias, ajuda a compreender porque foi menor o número de ex-alunas que tenha aceitado romper alianças matrimoniais. O inverso pode ser conferido no Santa Maria, o que pode ser atribuído tanto às famílias que tendiam a estar mais próximas do pólo

²³⁴ Cf. Muel Dreyfus, Francine, “L’Église et la contrition féminine”. *Vichy et l’éternel féminin*. Paris, Seuil, 1996, p. 53-116.

intelectual, no qual o culto ao casamento interagiu com um ambiente cultural em que um novo modelo feminino despontava “moderna”, “independente”, “ativa”. A escola, mesmo católica, incentivava a elaboração deste novo feminino, cultuando o casamento, mas aliando a isso a possibilidade de uma profissionalização compatível com ele, bem entendido.

Tabela 5: Número de filhos

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
Entre 1 e 3 filhos	21	20	20
Quatro ou mais filhos	3	3	9
sem filhos	0	3	3

No que tange ao número de filhos, salta aos olhos em primeiro lugar o número menor de filhos, se comparado à geração anterior em que predominavam famílias mais extensas. Nas três escolas predominaram as famílias com no máximo três filhos. A “grande” mãe de família numerosa, com mais de quatro filhos, foi numericamente menor mas mais freqüente entre as egressas do Santa Marcelina. De novo a educação recebida nesta escola católica austera, centrada no castigo dos pecados, na qual o feminino deveria estar à disposição da “natureza” procriadora, sendo a contracepção uma rebeldia feminina. Na base destas experiências educacionais, permitidas pela família e pela escola, encontramos as explicações para o menor número de separações e um número maior de mães de famílias numerosas.

Tabela 5: Escola secundária do cônjuge

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
grandes colégios católicos	9	2	3
grandes colégios públicos (SP e RJ)	3	10	7
grandes colégios privados não católicos	6	4	5
colégios privados menos conhecidos	1	1	4
colégios públicos menos conhecidos	0	3	0
colégios estrangeiros ²³⁵	3	1	2
não respostas	2	5	11
total	24	26	32

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa

Quando observamos os dados sobre os cônjuges observamos novamente a correspondência entre as expectativas das famílias e a socialização propiciada pelas escolas. No Des Oiseaux a maioria casou-se com ex-alunos das escolas privadas de elite, prevalecendo os casamentos com egressos dos colégios católicos tradicionalmente voltados para a recepção da elite econômica da cidade. Sobretudo entre as egressas do Santa Maria foi bem mais expressivo o número de casamentos com egressos dos Ginásios públicos, espaços de excelência escolar, mas que por volta de 1960 já tinham se tornado ainda mais heterogêneos do ponto de vista social.

²³⁵ Os colégios no estrangeiro foram feitos em duas condições distintas. Imigrantes recém-chegados na cidade e que fizeram o colégio em seu país de origem e filhos de famílias abastadas que enviaram os meninos para os colégios de elite na Europa, em geral, na Inglaterra. Notas do Caderno de Pesquisa. Janeiro de 2003.

Enquanto as modalidades de escola secundária dos cônjuges nos deram pistas sobre sua origem social, o diploma superior obtido permite dimensionar o valor que eles potencialmente atribuíram às suas próprias carreiras. Isso porque obter os diplomas conferidos pelas universidades públicas, em especial aqueles referentes às carreiras que à esta época eram eminentemente masculinas (engenharia, medicina, advocacia, economia e administração de empresas), funcionavam como uma experiência de consagração. Experiência esta que estava na base da formação de um sentimento de superioridade intelectual tanto em relação aos homens não diplomados como em relação às mulheres diplomadas em cursos “espera marido”, como são chamadas, freqüentemente, as fileiras do ensino superior com alta concentração de mulheres. Como podemos ver pela tabela 6 quase metade do grupo passara por estas instituições de ensino superior que conferiam valor e prestígio aos seus egressos.

Compreendemos o fato de que as ex-alunas do Des Oiseaux tenham se casado mais freqüentemente do que as outras com egressos de estabelecimentos de ensino superior menos prestigiados quando verificamos que estes casos correspondiam à situação de herdeiros que não dependiam da acumulação de capital escolar no mercado matrimonial para a reprodução do seu grupo social. As famílias desta escola davam preferência aos casamentos realizados entre famílias conhecidas e o diploma, como trunfo no mercado matrimonial, tendia em se tratando de “boas famílias” a ter um papel secundário.

Sublinhamos que o alto número de não-respostas sobre a escola superior do cônjuge entre as egressas do Santa Marcelina sugere que em um terço dos casos deste subgrupo possuía diplomas de menor valor simbólico. O fato de que um número alto deles tenha obtido tais diplomas ajuda a compreender como e de que maneira a carreira masculina, referendada pelo diploma, tornou-se objeto de todos os cuidados entre as egressas desta escola.

Tabela 6: Escola superior do cônjuge

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
grandes universidades públicas (USP, UFRJ, UFMG e FGV).	10	13	11
universidades privadas com tradição (PUC, Mackenzie, FEL, Escola de Eng.Mauá)	8	5	6
faculdades privadas mais isoladas	1	1	3
universidade na Europa e EUA	1	3	2
não respostas	4	4	10
total	24	26	32

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa

Tabela 7: Ocupação do cônjuge

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
grande proprietário rural	6	1	0
professor universitário	1	4	3
dirigentes do setor privado	9	5	9
profissional liberal autônomo	2	5	10
industrial, banqueiro e grande comerciante	4	5	2
pequeno e médio comerciante	0	0	5
não respostas	2	6	3
total	24	26	32

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa

No que se refere à atividade profissional dos cônjuges, o Des Oiseaux apresentou um maior número de casos de alianças matrimoniais com homens à frente de suas grandes propriedades, rurais ou urbanas, sinalizando que para parte do grupo a ausência do *dever* profissional estava fortemente

relacionada à absoluta falta de necessidade econômica de “trabalhar fora”. A minoria desta escola que se profissionalizou o fez em função de falências materiais, das carreiras masculinas menos velozes, ou estiveram associadas ao prazer extraído do “trabalhar fora”, resultando, não raro, em um exercício profissional cujo limite é o diletantismo. Entre as egressas do Santa Marcelina os cônjuges tornaram-se, mais freqüentemente, dirigentes do setor privado e profissional liberal. Neste último caso é difícil inferir a posição social já que ela depende das diferentes modalidades de inserção (autônomo, empregador, assalariado, etc). Entretanto, para este subgrupo de mulheres, que possuía uma origem social mais heterogênea, como vimos no capítulo três, tais alianças matrimoniais tiveram freqüentemente um sentido ascendente. No caso das egressas do Santa Maria os cônjuges aparecem dispersos em diferentes ocupações e, em relação aos demais, há um maior número de professores universitários, em geral exercendo concomitantemente uma profissão liberal. O número mais elevado de não respostas pode ser compreendido pelo fato de que aqui foram mais freqüentes as separações e, nestes casos, nas três escolas o campo destinado à ocupação dos cônjuges do questionário não foi preenchido. Mas a modalidade, a velocidade e o vulto das carreiras masculinas como fatores chaves para compreender o engajamento ou distanciamento feminino do *dever* profissional pode ser verificado quando examinamos a Análise Fatorial realizada com estes dados e a descrição de casos exemplares.

A análise fatorial e o re-agrupamento de variáveis

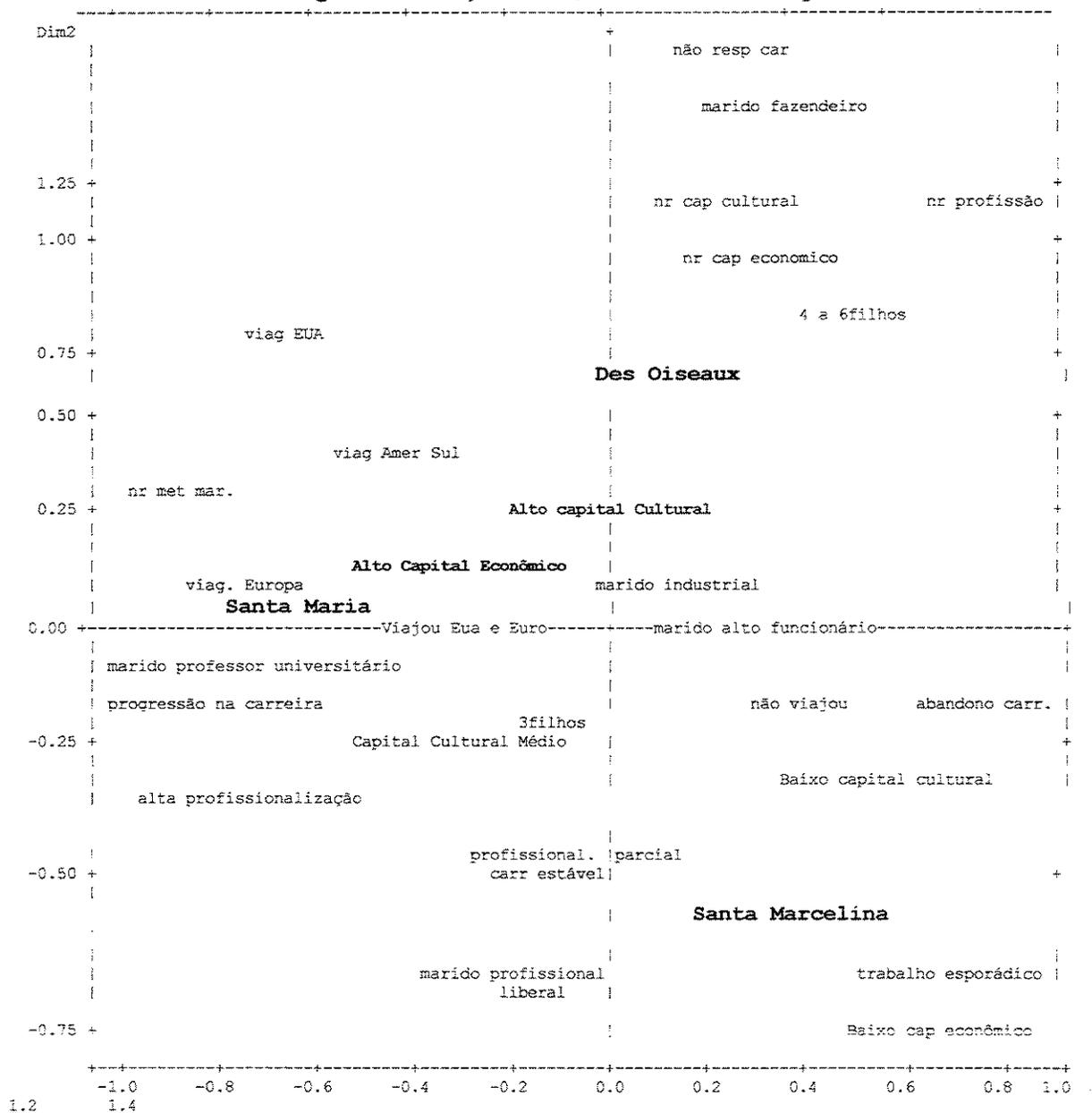
O arquivo de Excel, submetido ao software SAS, continha as variáveis que queríamos ver postas em relação umas com as outras: capital econômico da família (alto/baixo), capital cultural (alto/médio/baixo), atividade profissional (alta, parcial, nula), ocupação do cônjuge, número de filhos e viagem ao exterior. As variáveis de atividade econômica de pais e avós foram reagrupadas para evitar que a análise fatorial dispersasse o grupo pelo tipo de atividade desenvolvida por pais e avós. Importava saber como a posse mais elevada ou mais baixa de capital econômico teria interagido com as trajetórias sócio profissionais do grupo. Por isso, estas variáveis inicialmente utilizadas para classificar os dados do questionário foram re-agrupadas para o procedimento da Análise Fatorial.

Definimos então a variável “Capital econômico”, dividida em duas modalidades: “Alto”, dentre os quais estavam os casos em que avós e pais eram “grandes proprietários rurais”, “industriais e grandes comerciantes”, “dirigentes do setor privado” e “profissões liberais empregadores e autônomos.”, e “Baixo”, que incluiu os casos em que os avós eram “pequenos empregadores urbanos”, “pequenos comerciantes” e “profissionais empregados de nível superior” e os pais, “profissionais liberais empregadores e autônomos” e “profissionais liberais empregados”.

O mesmo teve que ser feito em relação ao capital cultural das famílias. A classificação empregada inicialmente para tabular os dados distinguia diferentes diplomas superiores e

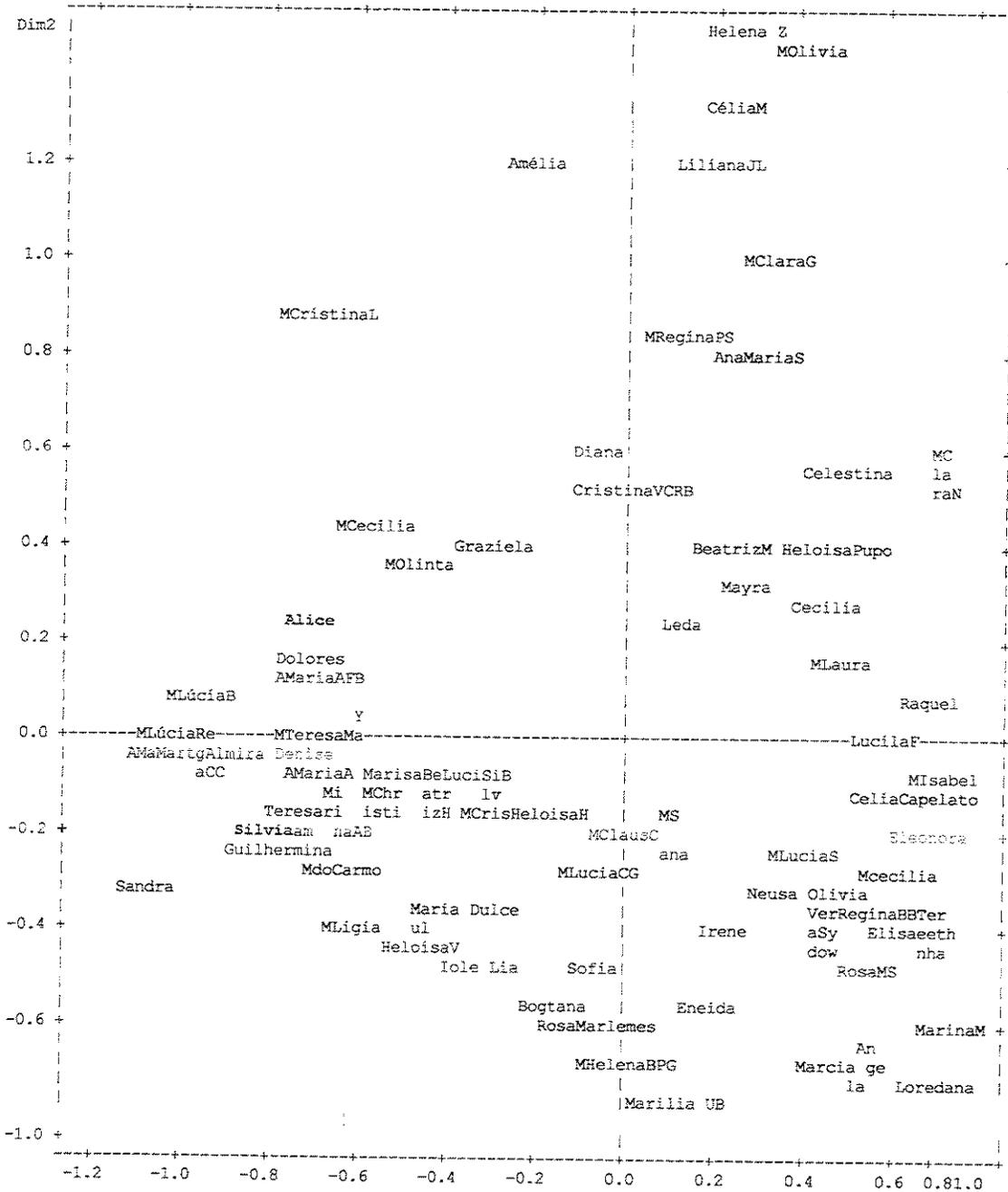
secundários. Novamente, para não dispersar o grupo em função da especificidade do diploma de pais e avós, construímos a variável “Capital Cultural”, dividida por sua vez em três modalidades: “alto”, na qual incluí os casos de avós e pais com curso superior; “médio” composto por avós sem curso superior e pais com nível superior, ou um avô com curso superior e pai com o secundário; e “baixo”, para os avós com primário e pais com secundário, ou, pais e avós apenas com o secundário. A variável “Profissão” foi dividida em três modalidades: não profissionalizadas; as profissionalizações parciais e as altamente profissionalizadas. A ocupação do cônjuge foi realizada segundo a mesma classificação ocupacional de pais e avós (Anexo XX). A variável “Número de filhos” foi re-agrupada para este procedimento, incluindo-se na mesma modalidade aquelas que tiveram de um a três filhos e em uma segunda modalidade aquelas que tiveram mais de quatro filhos. A variável “viagens ao exterior” foi subdividida em função do destino: Europa (1), EUA (2) Europa mais EUA (3), América do Sul (4), os três continentes (5). Esta variável não foi re-agrupada para a análise fatorial e talvez por isso ela não tenha se mostrado muito esclarecedora.

Diagrama 1 Posição social, casamentos e vida profissional²³⁶



²³⁶ Cf. Faguer, Jean-Pierre, op. cit. p. 637.

Diagrama 2



O **diagrama 1**, no qual estão postas as variáveis incluídas nesta Análise Fatorial, estruturou-se sobre dois eixos.²³⁷ O eixo vertical opõe aquelas cuja família possuía maior capital econômico e cultural em relação àquelas para quem tais recursos eram relativamente menores. O eixo horizontal opõe aquelas que seguiram uma atividade profissional - consideradas aqui “altamente profissionalizadas” - e aquelas que abandonaram a atividade profissional. A distribuição das egressas das três escolas sobre o **diagrama 1** mostrou-se coerente com os demais dados obtidos durante a pesquisa, tendo o Des Oiseaux se localizado no pólo de maior capital econômico e cultural. Ao Santa Maria coube uma posição intermediária no que tange ao capital econômico e cultural das famílias. O Santa Marcelina posicionou-se em relação aos demais nos quadrantes inferiores, pólo de menor capital econômico e cultural das famílias.

O **diagrama 2** apresenta a distribuição do conjunto de 82 ex-alunas. Foi esta distribuição que presidiu a escolha daquelas que foram entrevistadas. Sandra e Eleonora, por exemplo, foram entrevistadas porque elas se opuseram fortemente nos resultados obtidos. Procuramos centrar as entrevistas entre aquelas que apareceram em nuvens de concentração nos diagramas. O quadrante superior direito teve uma interferência maior das “não-respostas”. Isto foi mais freqüente entre aquelas que não desempenharam uma atividade profissional, para quem talvez os questionários tenham sido desestimulantes, favorecendo as não respostas. Para muitas delas o trabalho solicitado

²³⁷No **diagrama 2** estão em preto os nomes daquelas que participaram respondendo ao questionário. Em vermelho estão aquelas que escolhemos para ilustrar algumas posições possíveis no interior deste espaço (os nomes aqui são fictícios).

pela pesquisa de retorno reflexivo sobre o passado não fez muito sentido, talvez daí a nossa dificuldade em encontrar, neste quadrante, pessoas dispostas a conceder uma entrevista²³⁸.

Os dois diagramas podem ser vistos de maneira sobreposta²³⁹. No quadrante superior direito estão localizadas aquelas de origem social mais alta e sem atividade profissional. Elas se casaram com homens cuja atividade econômica foi definida pela posse de grandes propriedades (industriais, grandes comerciantes e fazendeiros) e no limite inferior do quadrante com homens que fizeram carreira como dirigentes do setor público e privado (altos funcionários). Entre elas o número de filhos foi mais alto, entre quatro e seis.

Ao lado, no quadrante superior esquerdo, estão postas aquelas que possuíam um alto capital econômico e cultural, mas que construíram carreiras profissionais seja como herdeiras de suas famílias, seja em resposta a falências materiais das mesmas ou como resultado simplesmente de um investimento pessoal na esfera profissional. No quadrante inferior esquerdo estão concentradas aquelas cuja profissionalização se deu mais distante do universo estritamente familiar, entre elas as professoras universitárias e funcionárias do setor privado que predominam neste quadrante. No que se refere ao padrão de alianças matrimoniais este quadrante é delimitado na base inferior pelo casamento com profissionais liberais e no limite superior do quadrante por aquelas que se casaram com professores universitários.

²³⁸ Neste quadrante, quando consultadas sobre a possibilidade de realizar uma entrevista para a pesquisa, três não se dispuseram por motivos diferentes (doença, viagem, compromissos). Uma quarta tentativa não se concretizou devido a um imprevisto da pesquisadora. Notas do Caderno de Pesquisa, março de 2004.

²³⁹ A modificação no nome das variáveis, que inicialmente estavam expressas de forma abreviada, terminou alterando as margens do diagrama.

No quadrante inferior direito estão os diversos casos daquelas que abandonaram o trabalho após alguns anos da tentativa de conciliar vida profissional e vida familiar, postas no limite superior do quadrante. Elas se casaram com altos funcionários do setor público (juizes, desembargadores) e altos funcionários do setor privado (dirigentes do setor financeiro e de multinacionais). No limite inferior deste quadrante estão aquelas que exerceram uma atividade remunerada de maneira esporádica, os “bicos” como se diz na linguagem ordinária. No limite entre o quadrante inferior esquerdo e o direito estão postas aquelas que tiveram uma profissionalização parcial (até 15 anos) e aquelas que não galgaram posições mais elevadas no interior do seu métier, aquelas cujas trajetórias profissionais foram consideradas aqui estáveis, caso de muitas professoras e funcionárias públicas. Elas se casaram mais freqüentemente com profissionais liberais e tiveram entre um e três filhos.

Em contraposição às mais profissionalizadas, as não profissionalizadas revelam os limites de um universo de possíveis em que a vida doméstica, a dedicação à família e o apoio à carreira do marido delimitaram os horizontes. Sem projeto profissional claro, elas estavam dispostas a apostar tudo nas alianças matrimoniais. Quando se viram casadas com maridos cuja carreira era ascendente, elas confrontaram-se com a obrigação de acompanhar as mudanças (de cidade/país) decorrentes destas carreiras ou, a dedicar-se às intempéries das famílias (doenças de filhos, irmãos, pais). As vinculações entre vida familiar e atividade profissional e os acidentes de percurso, tais como falências materiais, velocidade da carreira do marido, a formação educacional, precocidades na área de atuação profissional, podem ser observadas por meio da descrição de quatro trajetórias

exemplares. Estes casos foram escolhidos por oferecerem a possibilidade de expor os limites de cada posição no universo de possíveis para o feminino no interior deste grupo social. Sublinhamos que o emprego da expressão exemplar não está relacionado a qualquer julgamento moral e sim às possibilidades que estas histórias pessoais oferecem de examinarmos nossas hipóteses.

Para compreender como a experiência educacional, na família e na escola teria agido na composição dos horizontes possíveis para o feminino deste grupo social, começamos nos interrogando sobre a relação entre as diferenças na estrutura do capital das famílias e o desenvolvimento de uma profissão. Em nossa hipótese inicial, mais genérica e colada ao senso comum, propúnhamos que a posse elevada de capital teria desencorajado o grupo à esfera profissional. Com o tratamento dos dados do questionário e daqueles reunidos com as entrevistas elaboramos uma hipótese segundo a qual as mais altas profissionalizações teriam sido o resultado da articulação de diferentes tipos de capitais. Com a apresentação de casos exemplares nota-se a pertinência desta formulação para o grupo em questão²⁴⁰.

A herdeira business

Ex-aluna do Des Oiseaux, Alice nasceu em uma família tradicional de São Paulo, vinda do interior de São Paulo, local em que seus avós exerciam parte de suas atividades econômicas. Seu avô paterno fora engenheiro em uma das principais companhias de estradas de ferro, comerciante de

²⁴⁰ Todos os nomes das trajetórias “exemplares” foram substituídos por outros.

gêneros importados, e ocupara importantes cargos políticos eletivos na capital. Seu avô materno era produtor de café e instalara em sua propriedade uma usina hidrelétrica. Seu pai deu continuidade aos negócios da família, tendo também ocupado cargos políticos na cidade de São Paulo. Sua mãe fora aluna no internato do Des Oiseaux. Alice fora socializada no interior das frações mais bem estabelecidas dos grupos dirigentes no Brasil, que agregavam ao seu patrimônio, capital social, cultural e simbólico. Não por acaso, uma de suas lembranças de menina foi sua visita ao Monumento das Bandeiras, construído como parte das comemorações do IV Centenário de São Paulo²⁴¹, acompanhada de seu pai e de Victor Brecheret para verificar o andamento da obra.

Alice nos recebeu para a entrevista em sua casa térrea localizada no coração do Jardim Europa. Quando toquei a campainha, uma empregada doméstica, vestida num uniforme azul marinho e branco, nos conduziu por um corredor lateral que terminava em uma escada dando acesso à edícula da casa e transformada em escritório doméstico de Alice. Se as marcas de seu pertencimento social estavam materializadas nesta forma de morar, seu atelier de decoradora expressava bem sua posição de classe e gênero. Retangular, com duas amplas janelas localizadas dos dois lados, o espaço possuía dois ambientes. No primeiro, uma mesa ampla, mas com computador e quatro cadeiras, enfeitada com um delicado vaso de flores vermelhas e outros objetos decorativos, entre eles a logomarca de sua *griffe*, que ocupava um lugar centralizado na estante de livros posta atrás das cadeiras. O segundo ambiente, com uma parede inteira coberta por um enorme espelho,

²⁴¹ Cf. Arruda, Maria Arminda do Nascimento, *Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX*. Bauru, Edusc, 2001.

telas de pintura, um longo tapete que ligava os dois ambientes e mostras de tecidos completavam a decoração deste atelier-executivo.

Alice relatou-me sua experiência educacional apresentada logo de início como a história de uma menina excepcional, mesmo sublinhando: “eu não era gênio, eu estudava”. Seu excelente desempenho escolar, notado por todos, foi objeto de atenção quando ela obteve medalha de ouro em conhecimentos escolares em uma competição estadual, cuja entrega dos prêmios foi solenemente realizada no Teatro Municipal. Alçada para diversas missões especiais pelas irmãs do colégio, “quieta, mas não tímida”, Alice alimentou desde menina o sonho de se tornar uma mulher independente. Como moça refinada e cultivada do seu grupo social ela era convidada a fazer a decoração das mesas de jantar, festas, enfeites para cerimônias que reuniam as famílias conhecidas que, ademais, circulavam nas mesmas escolas, clubes, partidos políticos, conforme demonstramos no capítulo três.

Após cursar o secundário no Des Oiseaux, Alice encaminhou-se para o Instituto de Artes e Decoração (IADE) no qual recebeu sua formação em decoração e design. Esta escolha significava uma opção de certa maneira mais modesta e menos ousada, razão pela qual ela não tentou ingressar em Arquitetura na USP, “eu teria entrado”, disse ela. O fato de que já estivesse de casamento marcado e de que ela já dispunha de uma pequena clientela, que ela precocemente formara entre amigos, ajuda a compreender que ela tenha se restringido a este curso mais técnico. Ingressar na USP significaria neste momento investir em um distanciamento do seu universo familiar e poderia

implicar em conflitos com o noivo. Pouco disposta a este distanciamento simbólico, Alice dedicou-se ao curso de decoração e design, e investiu na preparação da cerimônia de seu casamento com o herdeiro de uma indústria de louças da cidade. Apesar de ex-aluno do São Luís, o noivo possuía um diploma superior desvalorizado para um homem do seu grupo social, obtido no Mackenzie. Formada, Alice montou seu primeiro escritório de decoração com duas colegas de IADE. Depois de casada e com dois filhos não interrompeu suas atividades de trabalho, graças à possibilidade garantida às mulheres deste grupo social de contar com o auxílio de babás e empregadas domésticas que se encarregaram dos cuidados das crianças.

Não, entretanto, sem as pressões que incidiam sobre as mulheres deste grupo social que buscaram se profissionalizar: “Uma (sobrenome) não trabalha fora”, estava escrito no bilhete que Alice recebeu da família de seu marido. Sua posição social e sua experiência educacional, lhe permitiram, entretanto, reagir com a segurança àqueles que controlam o julgamento dos outros sobre si, o que ela fez simplesmente ignorando o fato e prosseguindo serenamente em sua empreitada.

Seu negócio começava a prosperar quando um acidente de percurso – a falência material da família do marido – impulsionou a decisão do casal de juntos criarem um comércio de moda, que deu origem a uma *griffe* conhecida e mais tarde a uma badalada loja de decoração. O marido que não trilhara uma carreira profissional longe do universo familiar e trabalhara até então exclusivamente nas empresas de sua família. Talvez por isso ele não tenha visto outra alternativa a não ser encampar

o negócio de Alice, invertendo o caso descrito na literatura sobre as esposas que se tornam colaboradoras da carreira do marido²⁴².

Os tempos difíceis de declínio financeiro da família - “morei muitos anos em uma casinha geminada alugada” - não abalaram Alice, que articulando o capital social e simbólico de sua família prosseguia em seu trabalho. “Eu mandava as crianças de férias para a praia com minha mãe e as empregadas, mas nunca pude ir para ficar a semana, de férias... ia só nos finais de semana. Se pudesse voltar atrás acho que reservaria um pouquinho mais de tempo às crianças”²⁴³.

Este acidente de percurso - a falência material - aliado ao sentimento de que era uma menina de alguma forma excepcional permitem compreender porque ela aderiu à lógica do trabalho, da concorrência, do *dever* profissional, recompondo o *dever* feminino do seu grupo social de acrescentar honras à posição profissional do marido, na figura da mulher moderna que “trabalha fora” mas é sensível às necessidades das crianças e disposta a não escolher entre a carreira e a maternidade. Ao contrário da maior parte de suas colegas de colégio, que casadas com herdeiros apenas atualizaram o antigo *dever* feminino deste grupo social, Alice recompôs este *dever* por dentro, sem rupturas com o universo familiar, articulando todo o capital simbólico de sua família à sua experiência educacional no Des Oiseaux, para expandir o patrimônio familiar por meio de seu bem sucedido negócio. Daí porque Alice tenha se inserido, no **diagrama 2**, no quadrante superior

²⁴² Cf. Faguer, Jean Pierre, “Esposa e colaboradora”. In: Bourdieu, Pierre (org.) *A miséria do mundo*. São Paulo, Cortez, 1998, p.637-650.

²⁴³ Entrevista de Pesquisa, 22/03/2004.

esquerdo, posição definida tanto pela sua origem social, como pelo fato da sua alta profissionalização, em relação às demais.

Caminhando dentro das expectativas

Localizada no **diagrama 2** no extremo oposto de Alice, no quadrante inferior direito, Eleonora foi aluna do Colégio Santa Marcelina desde a primeira série primária até formar-se no curso científico. Seu caso é exemplar porque oferece a possibilidade examinar mais detidamente as tentativas interrompidas de “trabalhar fora”. Seu avô paterno, de origem espanhola, comercializava louças e seu avô materno, italiano, era engenheiro e trabalhava como profissional liberal em São Paulo, ganhando a vida no agitado mercado da construção civil da cidade. Seu pai nascera na capital, estudara em um ginásio estadual e formara-se na Escola Politécnica de São Paulo, profissão que seguiu durante toda sua vida e que lhe garantiu uma trajetória de ascensão social. Italiana e ex-aluna do Santa Marcelina, sua mãe estudara química na Universidade de São Paulo, mas seu diploma cumpria a função de valorização pessoal, meramente decorativo de sua posição social.

Eleonora nos recebeu para a entrevista em uma tarde quente em seu amplo sobrado localizado na zona oeste de São Paulo. Embora as empregadas domésticas também tenham surgido uniformizadas para nos servir, Eleonora nos recebeu pessoalmente na porta. A casa possuía vários ambientes que de certa maneira davam vista para uma piscina grande, em volta da qual os netos e a

babá vestida de branco brincavam. Apesar da distância espacial das crianças, pois ela nos conduziu a uma pequena sala reservada, diversas vezes elas vieram até nós solicitar a ajuda da avó. Eleonora justificou-se dizendo que faz tudo para que sua filha não abandone sua carreira profissional.

Nascida em uma família católica e conservadora, a educação das crianças era claramente diferenciada, as duas meninas foram para a escola católica e os três meninos foram para o Colégio Rio Branco, privado e laico e mais tarde ingressaram na Universidade de São Paulo - “eu tenho a impressão que teria sido diferente se eu estudasse no Rio Branco... eu teria entrado numa USP”²⁴⁴. Embora Eleonora fosse boa aluna em matemática, conhecimento altamente valorizado pela família, sofrera para se alfabetizar e atribuía-se seu baixo desempenho na escola à sua “distração”. Apesar deste diagnóstico desestimulante Eleonora prosseguiu seus estudos secundários no curso científico, já que as disciplinas do curso clássico lhe pareciam “um bicho-papão”, e ingressou na universidade católica para cursar matemática.

A esta altura, entretanto, Eleonora já namorava seu vizinho, com quem viria a se casar após concluir o ensino superior, cumprindo a exigência de seu pai, severo e zeloso, que impunha todas as restrições habituais aos namoros neste período. O rapaz era o que se chamava de “bom partido”: filho de uma família antiga e bem estabelecida na cidade, ex-aluno do Colégio Santa Cruz e egresso da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Para esta menina estigmatizada na escola, um

²⁴⁴ Entrevista de Pesquisa, 19/02/2004.

namorado como este funcionava como uma autêntica prova do seu valor como mulher, “eu resgatei esse lado da mulher, que acho importante e que eu não tinha....”.

Um ano antes de se formar ela começou a trabalhar à noite como professora em uma escola estadual. Formada e casada, alcançara o ideal de muitas meninas do seu grupo social. Continuou no magistério por poucos anos, tendo sido convidada por seu professor de estatística da faculdade católica para ajudá-lo a criar um departamento na Universidade Estadual de Campinas. Mas quanto a isso encontrou forte oposição por parte da família do marido. “Que absurdo! Pra quê?”, teria dito a sogra quatrocentona, exigindo que ela cumprisse o *dever* feminino, tal como ele foi descrito por Ute Frevert para as mulheres da burguesia alemã do século XIX.

Ela foi apenas duas vezes a Campinas conferir a possibilidade de trabalho, mas a pressão da sogra aliada à sua formação educacional e familiar, a fizeram desistir da idéia. Esta forma de reagir ao julgamento do outro (neste caso, a sogra), mais submisso, tímido e inseguro, bem *a la* Santa Marcelina - no qual as meninas estavam sempre hipnotizadas pela possibilidade do castigo – foi responsável pela adequação entre as suas disposições e o seu destino social. A gota d’água para o abandono do magistério teria sido o comentário de uma prima que a vira almoçando com o professor na Unicamp, atijando o fantasma do adultério, “aí eu falei: encerra isso”. O medo do castigo e o fato de que seu verdadeiro projeto fosse mesmo o casamento, “acho que realmente eu queria casar... talvez isso tenha sido a minha grande divisão de águas” a fizeram interromper sua curta experiência de trabalho.

“Caminhando dentro das expectativas” ela assumiu definitivamente o *dever* feminino no seu grupo social, acompanhando o marido nas mudanças relacionadas ao trabalho, desenvolvendo trabalhos filantrópicos, cuidando de suas duas meninas e assumindo a dianteira no pesado trabalho de administração de sucessivos dramas familiares. Isso porque após dois anos vivendo nos Estados Unidos, na volta Eleonora precisou assumir a educação de dois sobrinhos em decorrência de um acidente aéreo que resultou na morte de um casal de cunhados.

Uma longa escolarização

Ana Silvia é a filha única de um alto funcionário público que residia na região sul da cidade, hoje bairro de Moema, nas proximidades do colégio Santa Maria, no qual ela ingressou com 11 anos e permaneceu até terminar o secundário. Vinda de uma família de grandes cafeicultores e dirigentes políticos do interior de São Paulo mas em declínio financeiro, Ana Silvia articulou não apenas os capitais que herdara de sua família, mas aqueles que acumulou durante sua longa escolarização. A crise mundial de 1929 levou seus avós à falência material e obrigara seu pai a deixar a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco para ingressar no serviço público. Sua mãe, que estudara no Colégio Santana e depois cursara contabilidade, fazia parte do pequeno contingente feminino que

trabalhava no setor público²⁴⁵. Como seus avós, antigos dirigentes políticos, e seu pai, que lutara na Revolução Constitucionalista de 1932, Ana Silvia engajou-se cedo em movimentos políticos, militando no secundário na União Estadual dos Estudantes, na União Nacional dos Estudantes e na Ação Popular. No **diagrama 2**, Ana Silvia inseriu-se na nuvem próxima ao eixo horizontal, do quadrante inferior esquerdo. Na escola era precoce nas leituras e próxima das irmãs.

Depois de obter seu diploma superior em Psicologia na universidade católica, Ana Silvia ainda solteira decidiu prolongar seus estudos no exterior. Com o apoio de sua família, à época temerosa com as represálias do golpe militar de 1968 a estudantes, procurou um curso de pós-graduação em uma universidade católica da Bélgica, berço de muitos dos movimentos da juventude católica. Durante este exílio “não jurídico”, como definiu, Ana Silvia conheceu em Louvain o seu futuro marido, um estudante de Filosofia que possuía uma origem social bem mais modesta do que a sua, tendo sido enviado para a Bélgica como seminarista.

Este encontro modificou inteiramente os planos de carreira iniciais do ex-seminarista que visava apenas terminar seus estudos e voltar para o Brasil para assumir os serviços religiosos. A aliança com Ana Silvia pode ter sido uma experiência que agiu na ampliação de seus horizontes, tanto que mais tarde ele converteu sua formação em filosofia em uma carreira de psicanalista. Ela, além de “bem nascida”, vista pelas colegas como “boa moça, intelectual, de esquerda...”, almejava claramente tornar-se uma psicanalista, tanto que todos os seus esforços caminharam nesta direção.

²⁴⁵ Os dados sobre a inserção feminina no mercado de trabalho mostram que apenas 2,6 % delas ocupavam um posto no serviço público no início da década de 70, período em que Silvia já entrara na vida adulta. Fonte: Fundação Carlos Chagas.

Quando a indagamos sobre por que ela não procurara a USP para fazer psicologia, ela disse “a Psicologia na USP era mais experimental, behaviorista e eu tinha lido Freud e queria estudar psicanálise”²⁴⁶. Esta precocidade intelectual materializada sob a forma tanto da militância estudantil como da clarividência do rumo desejado para sua formação explica o seu investimento sistemático em sua especialização, resultado do fato de que tivesse, já ao final do secundário, um projeto claro de profissionalização. Quando o casal se transferiu para Paris, Ana Silvia estagiou na clínica de Françoise Dolto, psicanalista pioneira especializada na aplicação da psicanálise à infância.

Com toda a sua determinação, seu sentimento de *dever* profissional com o casamento, Ana Silvia também confrontou o *dever* feminino, materializado neste momento de sua trajetória na necessidade de acompanhar as mudanças provocadas pela carreira do marido. Interessa reter neste caso a forma como ela articulou os dois deveres. Isso porque as diferentes formas de “acompanhar o marido” emergiram do tratamento com os dados como mais uma diferença associada ao tipo de experiência educacional. De alguma forma, boa parte do grupo pesquisado se viu em algum momento diante da necessidade de “acompanhar o marido”. Apoiar incondicionalmente as carreiras masculinas era uma condição do *dever* feminino no interior deste grupo social, já que estas carreiras eram decisivas para a manutenção do grupo familiar. De certa maneira, ao apoiá-las a mulher contribuía para a valorização dos homens e para a sua própria, na medida em que o feminino tendia a ser definido em função da sua ligação com os homens. Entretanto, os dados mostraram que as

²⁴⁶ Entrevista de pesquisa, 25/7/02.

egressas do Santa Maria, e em menor número das demais escolas, estavam em melhores condições para atualizar a forma de “acompanhar o marido”. Se em muitos casos isso significou sair da cena profissional, para a maior parte das ex-alunas do Santa Maria esta ocasião foi percebida como a oportunidade de investir em uma especialização profissional. Talvez o fato de que a escola propiciasse o domínio do inglês tenha contribuído para este fato. Mas os casos analisados, como o de Ana Silvia, sugerem que não se tratava apenas do domínio do inglês, mas principalmente daquela disposição trabalhada no colégio de responsabilizar-se, de tomar a palavra, ser ativa, “ter projeto”, na expressão de uma outra ex-aluna.

Assim, quando o marido de Ana Silvia foi convidado a lecionar em uma universidade na América do Norte ela aproveitou para se dedicar ao seu primeiro filho que nascera naquele ano e prosseguir seus estudos em sua área de trabalho. Aqui, portanto, o *dever* feminino foi devidamente preservado como ensejava a moral católica, mas atualizado e recomposto, na medida em que a mulher passou a agregar valor ao marido como *expert* em um *métier*. Quando finalmente voltam ao Brasil, Ana Silvia, que conseguira lecionar na universidade estrangeira, como o marido, foi convidada a ingressar como docente em uma das universidades públicas brasileiras, que à esta época, em meados dos anos de 1970, recrutava entre os exilados políticos parte do seu quadro docente²⁴⁷. Na volta ao Brasil, o marido de Ana Silvia, atestando sua influência sobre ele, converteu-se em

²⁴⁷ Cf. Garcia, Afrânio “O exílio político dos estudantes brasileiros e a criação das universidades na África”. In: Ana Maria Almeida, *et. alli.*, *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas, 2004, p.243-256.

psicanalista. Ela, como professora universitária e psicanalista, nos apresentou uma extensa lista de atividades que desenvolve, sublinhando sempre o seu engajamento profissional.

O caso das professoras universitárias oferece uma possibilidade particularmente interessante de analisar a recomposição do feminino neste grupo social. Isso porque trata-se de um *métier* no qual é preciso tomar a palavra, submeter-se a uma sucessão de exames, e acumular uma série de diplomas, como em outras profissões, mas no qual as exigências profissionais são mais compatíveis com as expectativas do universo familiar. Isso porque, em tese, pode-se manter o controle da organização do trabalho, permanecendo parte do tempo em casa, no trabalho mas próxima dos filhos. Isto torna-se mais claro quando comparamos estes casos com as altas funcionárias do setor privado, dentre as quais é preciso submeter-se a uma organização do trabalho inteiramente alheia às exigências do universo familiar.

Além disso, nesta categoria, no grupo em estudo foram freqüentes as alianças matrimoniais com parceiros ligados ao pólo intelectual, dentre os quais é possível que o investimento feminino no desenvolvimento de uma carreira profissional tenda a ser visto como legítimo. Quando analisamos as relações entre gêneros no interior de casais ligados à universidade a concorrência entre os investimentos femininos e masculinos no mundo social apareceu como legítima, traduzida nos momentos que antecedem as viagens de estudo ao exterior nas quais é preciso decidir o local de destino. Em oposição estão aquelas que assumiram-se exclusivamente como esposas e colaboradoras das carreiras masculinas – entre as quais no que tange à profissionalização, não há concorrência, é a

carreira do marido que importa. Significa pensar como o crescimento da escolarização e a expansão do trabalho feminino podem estar na base da modificação da relação entre os gêneros neste grupo social, incluindo concorrência, amizade e hostilidade como constitutivas da relação a dois.

Uma transgressão

Denise estudou dos dez aos dezesseis anos no Colégio Santa Marcelina, “não por escolha dos meus pais que preferiam o Colégio Rio Branco, mas por influência de uma colega minha”²⁴⁸. Ela aparece no **diagrama 2** no extremo superior do quadrante inferior esquerdo, uma posição tributária tanto do alto capital econômico e cultural da família, como pela modalidade de profissionalização. Neta pelo lado paterno de um grande fazendeiro de café e, no ramo materno, com um avô que era um bem sucedido engenheiro que chegou a ocupar o cargo de secretário municipal em São Paulo. Ambos eram brasileiros. Seu pai, também engenheiro civil, acumulava diversas atividades econômicas na construção civil, na indústria de aço e asfalto, e uma fazenda de laranjas com criação de cavalos. Sua mãe era a autêntica dama cultivada, egressa do colégio N.S. do Patrocínio de Itú e do Sion em São Paulo, “dona de casa, bordava, lia”, escreveu Denise no questionário. Sua experiência familiar fora marcada por uma relação de proximidade com seu pai e mais distanciada de sua mãe.

Na escola saía-se bem nas disciplinas e no esporte - “joguei queimada e futebol durante anos, diariamente e fazíamos ginástica, como plantar bananeira”. Embora não se lembre de sofrer no

²⁴⁸ Entrevista de Pesquisa, 04/03/2004.

colégio, por algumas colegas ela era vista como *a* esportista. Como adorava pintar desde a infância, aos quinze anos iniciou o curso de Belas Artes no que é hoje a Faculdade Santa Marcelina. Após fazer o científico, no secundário, ingressou em Ciências Biológicas na USP. Tinha em mente um projeto ainda vago “eu queria ser cientista, mas nem tinha idéia do que fosse, nem de que área eu queria trabalhar, eu queria ser matemática”. Levou os dois cursos concomitantemente e, nos anos finais, mantinha um atelier de pintura com uma amiga “a gente escutava música, ficava pintando...”, um território fora do controle de sua família. Aos vinte e dois anos, aproveitando um trabalho como bióloga no Rio de Janeiro, saiu definitivamente da casa dos pais. Um choque para sua mãe e uma tentativa de destituir o controle familiar sobre ela “sua prima que é muito mais inteligente do que você, mora até hoje com os pais...”, reagiu sua mãe. Debatendo-se contra a moral familiar, contra o que era esperado para uma moça de “boa família”, Denise arcou com todos os custos psicológicos da transgressão nesta geração.

Morando sozinha ou com amigas, Denise trabalhava na universidade como bióloga, fazia expedições para a Amazônia e, mais tarde, com a ajuda do pai, comprou sua casa própria. Todo este investimento psicológico e econômico, moral e intelectual envolvido nesta transgressão, neste distanciamento relativo da família de origem, foi associado a uma decisão em relação ao casamento - “tive essa preocupação: *‘não quero casar’*”. Denise continuava suas expedições como bióloga e com suas pinturas no atelier e nas viagens ao ar livre. Concluiu seu doutorado precocemente, aos vinte e sete anos, depois de dois anos de trabalho de campo no Havaí. No regresso conheceu seu

companheiro, com quem viveria por dez anos e teria sua filha “Não me casei mas morei dez anos com meu companheiro japonês que conheci na academia de karatê. Sua família plantava frutas, depois verduras. Ele falava mal o português, veio para a cidade sem ter terminado o ginásio. Fez madureza e completou o colegial quando já morava comigo. Trabalhou como torneiro mecânico”.

Tudo parece ter se passado como se ela precisasse acreditar que o seu casamento não era como os outros, com enxoval, noivado, cerimônias, anuência da família e a continuidade simbólica que ele implicava entre si e as regras do universo da familiar. Tão reveladora quanto sua descrição do encontro surreal de uma menina rica com um torneiro mecânico, foi sua percepção dele *a posteriori* - “Lendo Fernando Gabeira me dei conta que a união com o ‘operário’ era ideal dos intelectuais da minha geração.”

O seu caso permite pensar como as modificações sociais e culturais que marcaram esta geração afetaram a todos, mas de maneiras diferentes. Eleonora, deu continuidade sem rupturas ao *dever* feminino de seu grupo social. Alice e Ana Silvia, buscaram uma recomposição das expectativas equilibrando-se entre o *dever* profissional e o *dever* feminino. Denise, que recusara inicialmente o *dever* feminino de seu grupo social e da sua geração – não se casar – negando-se inicialmente a esta recomposição, debateu-se contra os valores familiares, buscando uma ruptura que não se realizou,

obrigando-a a “juntar” para negar o casamento e a profissionalizar-se como cientista em uma disciplina considerada feminina²⁴⁹.

²⁴⁹ Cf. Canêdo, Leticia. “Masculino, feminino e estudos universitários no estrangeiro: os bolsistas brasileiros no exterior.” In: Almeida, Ana Maria et alli. *Circulação Internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas, Unicamp, 2004, p. 168-186.

O estudo sobre a contribuição do sistema escolar para a definição das posições sociais inspira muitas pesquisas no Brasil e em diversos outros países. Centrados na educação dos grupos dominantes ou dos grupos dominados na estrutura social, prevalece a noção de que a passagem por este sistema de ensino tende a provocar efeitos decisivos no destino social de seus ex-alunos. Foi esta relação entre escola e posição social que alimentou esta pesquisa.

As modificações ocorridas na estrutura social da cidade de São Paulo durante as primeiras décadas do século XX geraram consigo um acelerado processo de expansão escolar. Esta expansão foi singularizada pela força da escola privada que realizava uma seleção de base financeira dos alunos. Entretanto, este é apenas um traço deste espaço de educação escolar que adquire ainda mais importância quando pensamos o que se produz no seu interior.

A principal indagação que esta pesquisa permite elaborar está relacionada ao grau de coincidência entre o tipo de socialização escolar que as três escolas pesquisadas propiciavam e as propriedades sociais das famílias. Este encontro, vivido como uma escolha pelas famílias, em um mercado no qual se instalaram escolas para todos os gostos, foi examinado aqui na tentativa de compreender como se estabelecia esta relação de extrema confiança, entre as famílias de alta renda e as escolas voltadas para atendê-las.

Isso também acontece em países que possuem um sistema de ensino público bem estabelecido, porque os grupos dominantes concentram-se em determinados espaços geográficos e criam estratégias, mais ou menos eficazes, para controlar a escola pública que serve ao bairro. No Brasil, entretanto, o peso da escola privada para os grupos intermediários e dominantes reforça ainda mais a possibilidade de que tais estabelecimentos de ensino funcionem de maneira altamente ajustada às expectativas das famílias.

Neste contexto, as famílias, em condições de arcar com uma escolarização privada, conseguem efetivamente controlar o tipo de educação escolar que desejam para os filhos. É exatamente por este motivo que as trajetórias, cujos dados foram reunidos nesta pesquisa, se parecem com os colégios. Mais precisamente, porque esta experiência escolar agia como uma instância de socialização em continuidade com as experiências do meio familiar, reforçando-a sempre, sem jamais contrariá-la, sem dispersão.

Esta particularidade das escolas destinadas às famílias de alta renda, tende a produzir os efeitos de uma *educação total*. Isso porque ela é endereçada à pessoa como um todo. Assim, além de garantir a aprendizagem do saber escolar, necessário para aprovação em exames e concursos seletivos, estas escolas produzem efeitos ainda mais profundos na medida em que reforçam os códigos, as maneiras de pensar e de ser, presentes no universo familiar. Apesar das diferenças na forma de socializar as meninas estas três escolas possuíam em comum esta concepção da educação da pessoa como um todo, sem jamais se ater à formação escolar.

Os efeitos desta educação total tornaram-se claros para nós a partir de uma sucessão de pequenas coincidências entre as características familiares, a escola e o percurso após a escola, expostas ao longo dos três capítulos finais que compõem este trabalho. Mas elas se tornaram particularmente visíveis quando comparamos a experiência escolar nas três escolas e as escolhas pessoais e profissionais do grupo. Se examinarmos os padrões de profissionalização e de alianças matrimoniais do grupo pesquisado, notamos como cada escola funcionava antecipando e prefigurando um meio profissional e uma forma de colaboração matrimonial específica.

No Des Oiseaux, as alianças foram socialmente mais homogêneas, com casamentos no interior do mesmo meio social e exigiram não raro à dedicação integral feminina à carreira masculina, tanto que metade do grupo não fez nem faculdade. Mas o trabalho realizado nesta escola reverberou na esfera familiar e na esfera econômica, porque a passagem por esta escola significava a transformação do capital cultural, em capital social e moral, a forma como o gênero feminino nestas famílias contribui para a reprodução do seu grupo social.

As egressas do Santa Maria revelaram-se particularmente dispostas para as profissões intelectuais e para tomar o destino pelas próprias mãos, o que pode ser conferido pelo número maior de separações. Elas se casaram, mais freqüentemente, com cônjuges de fora do seu meio social, mas com forte capital cultural, geralmente em profissões ligadas ao mundo intelectual. Isso viabilizou formas mais flexíveis de composição entre os planos profissionais do casal, tanto que mesmo quando submetidas à necessidade de “acompanhar” o marido, elas conseguiram fazer disso

uma oportunidade de especialização profissional. No Santa Marcelina, o público era mais heterogêneo socialmente, daí as trajetórias se dividiram entre aquelas que seguiram passivamente dentro das expectativas do grupo familiar e aquelas que para conquistar alguma autonomia precisaram transgredir. De toda maneira, o modelo de educação encarnado por esta escola, da esposa modesta e submissa, reverberou entre suas ex-alunas e o custo moral para superar este modelo foi mais elevado do que nas demais escolas.

Por fim, cabe sublinhar o quanto estas escolas, com sua *educação total*, exercem um papel na diferenciação social de seus alunos e agem decisivamente na composição de universos de possíveis, na medida em que cada estabelecimento de ensino mostrou-se em condições de contribuir para a interiorização de disposições psicológicas, morais e intelectuais específicas que estavam na base da construção de uma determinada maneira de se ver no mundo, tanto no que diz respeito à esfera profissional como no que se refere às pressões da vida familiar.

ANEXO 1

**Lista de estabelecimentos de ensino católicos criados entre 1890 e 1965
na cidade de São Paulo**

Estabelecimentos	Localização	Data de Fundação
1. Colégio Diocesano (Arquidiocesano)	Luz	1858
2. Liceu Coração de Jesus	Campos Elíseos	1885
3. Colégio Santana	Santana	1892
4. Colégio Claretiano de S. Paulo	Santa Cecília	1895
5. Colégio Nossa Sra do Sion	Higienópolis	1901
6. Colégio Santa Catarina	Mooça	1901
7. Colégio Nossa Sra da Glória	Cambuci	1902
8. Colégio de São Bento	Largo São Bento	1903
9. Colégio de Santa Inês	Bom Retiro	1907
10. Colégio das Cônegas de Santo Agostinho	Consolação	1907
11. Externato São Francisco de Assis	-	1916
12. Colégio São Luís	Consolação	1918
13. Colégio e E.Normal S. Vicente de Paulo	Penha	1918
14. Colégio Regina Mundi	Vila Moraes	1918
15. Colégio São José	Liberdade	1918
16. Instituto Nossa Sra Auxiliadora	Belém	1918
17. Colégio Santo Antonio do Pari	Pari	1919
18. Colégio Santa Luzia	Pinheiros	1922
19. Escola São José dos Padres do Sion	-	1923
20. Colégio Madre Cabrini	Vila Mariana	1926
21. Colégio Santa Terezinha	Pari	1926
22. Colégio Santa Marcelina	Perdizes	1927
23. Instituto Santa Terezinha	Bosque da Saúde	1929
24. Colégio Jesus Maria José	Santo Amaro	1930
25. Escola de 1º Grau Espírito Santo	Tatuapé	1931
26. Colégio Santo Agostinho	Liberdade	1931
27. Colégio Maria Imaculada	Paraíso	1931

28. Externato N.S.Lurdes	Bela Vista	1931
29. Escola de 1º e 2º graus S. José de Vila Matilde	Vila Matilde	1932
30. Colégio Cristo Rei	Vila Mariana	1933
31. Colégio Santa Catarina de Sena	Paraíso	1934
32. Colégio Assunção	Jardim Paulista	1935
33. I.de Educação Beatíssima Virgem Maria	Brooklin	1936
34. Colégio Nossa Sra. Aparecida	Moema	1937
35. Colégio Sagrado Coração de Jesus	Pompéia	1937
36. Colégio Salesiano Santa Terezinha	Santa Terezinha	1937
37. Colégio Sagrado C. Maria	Jd. Europa	1938
38. Escola Irmã Catarina	Acclimação	1938
39. Colégio Maria Ward	Tatuapé	1939
40. Colégio Santo Antonio de Lisboa	Tatuapé	1939
41. Colégio São Francisco de Assis	Vl. Gomes Cardim	1939
42. Colégio Nossa Sra de Lourdes	Água Rasa	1941
43. Ginásio Santa Gema	Tremembé	1941
44. Colégio Pe. Moye	Limão	1942
45. Colégio Notre Dame	Sumaré	1942
46. Colégio Virgem Poderosa	Moinho Velho	1942
47. Externato Nossa Sra do Carmo	Itaim Bibi	1942
48. Escola São Vicente de Paulo	Santa Cecília	1942
49. Colégio Nossa Sra do Rosário	Vila Mariana	1943
50. Colégio Vicente Pallotti	Aricanduva	1943
51. Colégio Rainha dos Apóstolos	Cambuci	1944
52. Externato São José	Santana	1944
53. Externato Santo Eduardo	Bom Retiro	1945
54. Colégio Maria Imaculada Chapel School	(Av. Nazaré)	1947
55. Instituto Divina Pastora	Jabaquara	1947
56. Colégio São Judas Tadeu	Moóca	1947
57. Colégio Nossa Sra das Dores	Jd. Larangeiras	1948
58. Colégio Santa Maria	Jd. Taquaral	1948
59. Externato N.S. Penha	Ipiranga	1948
60. Externato N. Sra. Do Sagrado Coração	Vl. Formosa	1949
61. Colégio Rainha da Paz	Vl. Madalena	1950
62. Colégio S. Francisco Xavier	Ipiranga	1950
63. Colégio Santo Américo	Morumbi	1951
64. Externato Madre Alix	Jd. Paulistano	1951
65. Colégio Santa Cruz	Alto Pinheiros	1952
66. I.Educação São Miguel Arcanjo	Vl. Zelina	1952
67. Colégio Meninópolis	Morumbi	1953
68. Colégio Paroquial São Paulo do Belém	Belenzinho	1953
69. Colégio Emille de Villeneuve	Vl. Mascote	1955

70. Instituto Madre Mazzarello	Pça Domingos C. da Cruz	1955
71. Colégio Maria Imaculada Dr. Piero Roversi	Paraíso	1956
72. Colégio Companhia de Maria	VI. Nova Conceição	1957
73. Colégio dos Santos Anjos	Planalto Paulista	1958
74. Externato Nossa Sra Menina	R. Oratório	1958
75. Colégio Pio XII	Morumbi	1959
76. Colégio Luisa de Marillac	Santana	1960
77. Colégio Agostiniano São José	Tatuapé	1961
78. Colégio Santa Clara	VI. Madalena	1962
79. Escola Nossa Sra das Mercês ²⁵⁰	-	1962
80. Escola de 1º e 2º graus S. Lucia Filippini	Freguesia do Ó	1964
81. E. Semi-internato Nossa Sra. Do Morumbi	Morumbi	1965
82. Externato Pe Luis Tezza	VI. D. Pedro II	1965

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

Prezada Maria Lydia,

Este questionário faz parte de uma pesquisa ampla sobre as mudanças ocorridas nos investimentos educacionais de famílias paulistas, urbanas, de grupos de alta renda ao longo do século XX. Há três anos este trabalho vem sendo desenvolvido pelo FOCUS - Grupo de Estudos sobre Instituição Escolar e Organizações Familiares -, na Faculdade de Educação da UNICAMP, sob a coordenação das profas. Graziela Serroni Perosa e Leticia Bicalho Canêdo.

Nós estamos particularmente interessados em compreender os investimentos educacionais dessas famílias nas décadas de 40 e 50 e o percurso social de suas filhas nos anos seguintes. Seleccionamos três dos colégios femininos mais importantes do segmento privado de educação em São Paulo para constituir nossa amostra. Estamos trabalhando com um conjunto formado por ex-alunas dos seguintes estabelecimentos: Colégios das Cônegas de Santo Agostinho (Des Oiseaux), Colégio Santa Maria e Colégio Santa Marcelina, formandas entre 1957 e 1963.

A sua participação é muito importante para que consigamos reconstituir como cada família estava organizando a educação de seus filhos neste período. Tenha a certeza de que, ao concordar em participar, você contribuirá para que os nossos resultados sejam muito mais confiáveis e seguros. Lembre-se que é a experiência educativa como um todo que nos interessa aqui. Portanto, não existem respostas certas ou erradas, responda exatamente da maneira como sentir. Por favor, sempre que quiser registrar outras lembranças e recordações, utilize o verso da folha. Faça o mesmo quando considerar insuficiente o espaço reservado para as respostas, não esquecendo de anotar o número da questão. Não responda o que não corresponder à sua realidade e procure não se deter em uma questão específica durante muito tempo. O tempo gasto para responder o questionário é de cerca de 1 hora e 30 minutos. Não é preciso assinar o questionário.

Obrigada pela sua colaboração!

Graziela Serroni Perosa
(qualquer dúvida meu telefone é 5579-7232)

Data e local de nascimento:

Número de filhos na sua família (incluindo você):

Indique a sua posição na fratria:
(primogênita, caçula, segunda, terceira, etc)

I. Questões sobre a família:

1. Ascendência:

	Nome	Local e ano de nascimento	Diploma (cite o último grau de escolarização e o nome do estabelecimento)
avô paterno			
avó paterna			
avô materno			
avó materna			
pai			
mãe			

2. Para reconstituir o universo social no qual as famílias estavam inseridas, tente descrever todos os detalhes sobre a atividade econômica de seus familiares que puder se lembrar.

	considere: tipo de atividade, tipo de vínculo (autônomo, empregado, empregador), cargo ocupado (quando for o caso), tamanho do negócio, da fazenda ou do escritório, período da vida dedicado a esta atividade.
avô paterno	
avó paterna	

avô materno	
avó materna	
mãe	
pai	

3. Indique o local em que passou sua infância e juventude:

	estado	cidade ou fazenda	bairro
infância			
juventude			

II. Questões sobre a instrução escolar:

1. Com que idade entrou pela primeira vez em um estabelecimento escolar?

	período (idade que entrou e que saiu)	nome do estabelecimento	nome do curso (clássico, científico, normal, etc)	regime (internato, semi-internato, externato)	local (cidade/bairro)
pré-primário			-----		
primário			-----		
ginásio			-----		
ensino médio					

curso superior					

2. Sobre os seus irmãos, por favor, forneça-nos algumas informações:

nome	ordem na fratria (primogênito, caçula, etc)	escola secundária (aponte o curso e o nome do estabelecimento)	curso superior (aponte o curso e o nome do estabelecimento)

3. Sobre o percurso de escolarização de seus pais, informe, por favor:

	período	nome do estabelecimento	nome do curso	regime (internato, semi-internato, externato)	local (cidade/bairro)
ginásio pai: mãe:			-----		
ensino médio pai: mãe:					
curso superior pai: mãe:					

4. O que mais gostava no seu colégio? (Assinale até três alternativas, com números, sendo o n. 1 o motivo mais importante)

- () a atmosfera da escola.
 () os amigos.

- a relação com os professores.
- a relação com as irmãs, em particular.
- o programa de estudos.
- o esporte.
- as aulas de dança, música e pintura.
- as aulas de língua estrangeira.
- o uniforme.
- outra coisa _____

5. No seu grupo de amigas do colégio, quais eram as coisas que lhes faziam rir? Você poderia contar algum episódio engraçado?

.....

.....

.....

.....

6. Você tem amigas do seu tempo de colégio?

- sim não

7. Lembra-se de algo na sua experiência escolar que lhe fazia sofrer? (Assinale até três alternativas, com números, sendo o n. 1 o motivo mais importante)

- sim não

Se sim,

- a relação com os adultos .
- a relação com as irmãs, em particular.
- a disciplina do colégio.
- o programa de estudos.
- as atividades não escolares (esportes, dança, música, outras)
- a dificuldade de fazer amigos.
- os rituais religiosos

- o momento das refeições.
- o sistema de premiação dos melhores alunos.
- as aulas de línguas estrangeiras.
- o uniforme.
- não me lembro de sofrer no colégio. Outra coisa? _____

8. Qual era sua reação à disciplina escolar?
- não me incomodava
 - tinha o sentimento de ter que me submeter às ordens
 - sentia ter mais liberdade na escola do que em casa
 - sentia necessidade de me rebelar

Explique melhor (caso deseje):

.....

.....

.....

.....

9. Aproximadamente qual o tempo que gastava estudando em casa?
- entre uma e três horas na semana
 - entre 3 e 5 horas na semana
 - mais do que 5 horas na semana

III. Questões sobre a educação dispensada em sua família

1. Quem eram as pessoas da sua família que se encarregavam da sua educação durante sua infância?
- avós paternos
 - avós maternos
 - tias
 - madrinhas
 - outros. Especifique.....

2. Quem eram as pessoas que cuidavam de você em casa, além de seus familiares?

	Preceptor (a)	Babá (Pajem)	Empregada
nacionalidade			
região de origem			
que idade ele(a) tinha quando começou a trabalhar com seus pais?			
de que idade à que idade recebeu seus cuidados?			
qual era o seu nível de estudos?			

3. Quais eram as características da casa que a sua família morava na sua juventude?

cidade/bairro
área construída
térrea ou sobrado?
cite cada uma das pessoas que residia compunha sua família
período da vida em que morou lá
havia empregados? quantos? onde dormiam?
dormia no mesmo quarto dos seus irmãos?
em que parte da casa fazia seus deveres escolares?

4. Informe-nos sobre alguns hábitos de sua família durante as refeições:

	horário	quem preparava a refeição?	parte da casa em que os adultos comiam	parte da casa em que as crianças comiam	quem acompanhava a refeição das crianças	alguma recordação especial?
café da manhã						
almoço						
jantar						

5. Quais eram as marcas de afeto, de respeito e de obediência em sua família? Alguma recordação especial?

.....
.....
.....
.....

6. Quais eram as línguas estrangeiras que a senhora teve familiaridade durante sua infância? Porque?.....

7. Sua família tinha empregado(s) doméstico (s)?

() sim () não

Se sim, informe (considere aqueles de quem você se lembra):

durante quanto tempo trabalharam para seus pais?	
quais eram suas vestimentas (uniforme ou roupas pessoais)?	
eles estavam presentes nas festas familiares?	
eles viajavam com a família?	
alguma recordação especial de sua relação com eles?	

8. Sua família era religiosa?

() sim. Religião:.....

() não

9. Sobre sua educação religiosa, informe, por favor:

quem era responsável por sua educação religiosa?	
como se fazia a aprendizagem do catecismo?	
quem lia a Bíblia para você? Com que frequência?	
ia à igreja regularmente? Quem lhe acompanhava?	
lia a Bíblia? Com que frequência?	

10. Sua família tinha (ou teve) algum tipo de participação política na vida do país? Que tipo de participação?

.....

11. Como estava organizada sua rotina diária?

entre		
7 e 10 anos	atividades na semana	atividades no domingo
hora de se levantar		
10 h		
12 h		
14 h		
16 h		
antes do jantar		
após o jantar		
hora de se deitar		
entre 10 e 14 anos		
hora de se levantar		
10 h		
12h		
14h		
16h		
antes do jantar		
após o jantar		
hora de se deitar		
entre 15 e 18 anos		
hora de se levantar		
10h		
12h		
14h		
16h		
antes do jantar		
após o jantar		
hora de se deitar		

12. Havia momentos do dia inteiramente livres?

() Sim

() Não

Se, sim o que você fazia então?

.....
.....

13. Forneça alguns dados sobre a parte da sua educação dedicada às artes:

Atividade	número de horas por semana	tipo(de instrumento, de dança, de pintura,etc) ou estilo?
música		
dança		
costura e/ou bordado		
pintura		
desenho		
outras		

14. A respeito de suas leituras, seria possível citar alguns títulos e/ou autores com precisão?

Na infância:	Na juventude:

15. Depois de entrar em um estabelecimento escolar, você se beneficiou de algum tipo de ensino complementar fora da escola?

especifique qual	quantas vezes por semana	local
curso de idiomas		
curso de artes		
esportes		
curso de datilografia		
aulas particulares		
aulas de música		

16. Durante sua infância e juventude, você viajou ao exterior?

sim

não

Se sim,

	idade	país	duração	com ou sem a família
viagem de férias				
viagem de estudos				
visitar parte da família.				

17. Sua família costumava sair de férias?

sim

não

Local	duração	meio de transporte	quem ia? (pai, mãe, avô, avó, tios, irmãos, primos, etc e pajens/empregados)

18. Seus pais costumavam sair de férias sozinhos?

sim local:

não

IV. Sobre a vida cotidiana:

1. Onde você costumava passear?

	infância	juventude	durante a faculdade
local (is)			
quem a acompanhava?			
como ia?			

2. No seu caso, era freqüente o uso de transportes coletivos?

sim

não

acompanhada de quem?
para ir onde?.....

3. Sobre sua freqüência à espetáculos, seria possível citar alguns dados precisos?

	infância	juventude(antes da faculdade)	juventude (durante ou após a faculdade)
nome do espetáculo			
idade			
local			

4. Sua família era sócia de algum clube de esporte ou de atividades diversas?

() sim qual?.....
() não

5. A partir de que idade você começou a ler o jornal dos adultos?

..... Qual?.....

6. Em que lugar encontrava os livros que lia?

- () na biblioteca dos meus pais
- () na biblioteca do colégio
- () na biblioteca pública
- () com amigas (os)
- () com outras pessoas da família

7. Havia datas especiais em que sua família se reunia? Quais eram as datas? Alguma recordação especial?

.....
.....
.....
.....

8. Lembra-se de encontrar pessoas ilustres na sua infância?

Em que ocasiões?

.....
.....

9. Como descreveria a sua relação com seus pais?

() próxima () íntima () respeitosa () formal () distante
[não excludentes]

V. Questões sobre a vida estudantil e profissional

1. Qual era a seu estado civil ao terminar o ensino médio?

() solteira () casada () noiva

2. Em relação à possibilidade de fazer faculdade, qual era a posição de seus pais?

() consideravam uma etapa necessária na minha formação.

() consideravam uma possibilidade interessante.

() julgavam pouco necessário.

() não viam necessidade.

3. Responda a mesma questão, em relação á atitude das irmãs de sua escola secundária:

() consideravam o ensino superior uma etapa necessária para minha formação.

() consideravam uma possibilidade interessante.

() julgavam pouco necessário.

() não viam necessidade.

4. Quais foram os cursos superiores que você foi incentivada a fazer (família/colégio)?

a. _____

b. _____

c. _____

5. Havia cursos considerados inconvenientes para você na sua família e/ou colégio? Você poderia citá-los?

a. _____

b. _____

c. _____

6. Fez algum curso preparatório para entrar na universidade?

() sim () não

Se sim, qual?.....

7. Quando entrou na universidade, que vantagens encontrou?

- () superioridade do ensino científico
- () superioridade do ensino literário
- () atração pela multiplicidade de professores
- () abertura de novas perspectivas
- () prazer das novas amizades
- () mais liberdade em relação às normas familiares
- () outra coisa?.....

8. Teve alguma participação no movimento estudantil?

local e nome do movimento (caso haja um específico)	período	mantém laços de amizade deste período?	havia alguma ligação entre o espaço em que atuava e a Igreja Católica (sim ou não)	ocupou algum cargo na organização do movimento universitário? Se sim, qual?	quando veio a ditadura militar, teve problemas de perseguição, prisão ou exílio decorrentes de sua participação? Especifique quais.

9. Fez algum curso de pós-graduação?

Local	Período	Curso	Sua idade na ocasião

10. Estudou no exterior?

Local	Período	Curso	Sua idade na ocasião

11. Durante sua vida, você exerceu uma atividade profissional?

() sim

() não

Se sim, forneça alguns dados sobre sua trajetória de profissionalização:

	aos 20 anos	aos 30 anos	aos 40 anos	atualmente
local de trabalho				
função				
período				

12. Sempre trabalhou na área de sua formação superior?

() sim

() não

VI. Questões sobre a vida familiar:

1. Qual é seu estado civil?

- solteira
- casada (primeiro casamento) ano em que se casou.....
- casada (segundo casamento) ano em que se casou.....
- casada (terceiro casamento) ano em que se casou.....
- separada/divorciada ano em que se separou.....
- viúva ano em que ficou viúva.....
- viúva e casada novamente. ano em que ficou viúva.....

(por favor, vá para a questão 6, se você não se casou. Se não teve filhos, vá para n. 10)

2. Se você é ou foi casada, responda, por favor, onde você conheceu seu (primeiro) marido?²⁵¹

- através de pessoas da minha família
- através de amigas do colégio
- através de amigos
- na universidade
- no local de trabalho
- na Igreja
- Outra situação.....

3. Qual a trajetória escolar do seu marido?

(considere o primeiro e o segundo marido, se for o caso)

	período	nome do estabelecimento	nome do curso (científico, clássico, comercial, industrial, etc)	regime (internato, semi-internato, externato)	local
ginásio			-----		
ensino médio					

²⁵¹Nossa hipótese é de que a entrada maciça das mulheres no ensino superior transformou o encontro entre cônjuges, daí a relevância da questão.

curso superior					
pós-graduação				-----	

4. Qual foi a trajetória profissional de seu marido?
(considere o primeiro e o segundo marido, se for o caso)

	aos 20 anos	aos 30 anos	aos 40 anos	atualmente
local de trabalho				
função				
período				

5. Iniciou a sua atividade profissional antes de se casar?

- () sim () quantos anos antes?
() não () quantos anos depois?

6. Você teve filhos?

- () sim quantos () em que ano eles nasceram?.....
() não

7. Interrompeu suas atividades profissionais quando seus filhos nasceram?

- () sim, durante.....anos.
() não
() apenas reduzi, durante..... anos.

8. Onde seus filhos estudaram?

	período (idade que entrou e que saiu)	nome do estabelecimento	local (cidade/bairro)
pré-primário			

primário			
ginásio			
ensino médio			
curso superior			

9. Durante a infância de seus filhos, a senhora teve babá e/ou empregada doméstica?

() sim quantas babás..... e quantas empregadas

() não

10. Ela(s) dormia (m) na sua casa?

() sim

() não

11. Você desenvolve ou desenvolveu algum tipo de atividade de caridade/filantrópica?

Local	Período	Nome da instituição	Sua idade na ocasião	quantas horas você dedicava por semana?

12. Durante sua vida você praticou algum tipo de atividade física?

Tipo	Local	Idade	Período

13. Durante a sua vida você fez algum tipo de psicoterapia?

linha psicoterapêutica	idade	período da vida (cite o ano que você começou e o que parou)

VII. A guisa de conclusão:

1. Quais foram, a seu ver, as vantagens e os inconvenientes da educação que recebeu?

.....
.....
.....
.....

2. Você educou seus filhos da mesma maneira? Qual a sua opinião a respeito da educação que deu aos seus filhos?

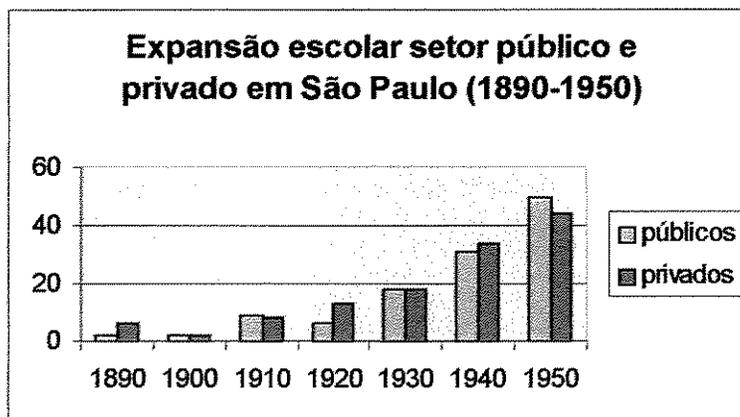
.....
.....
.....
.....

Muito obrigado pela sua colaboração!

ANEXO 3

Gráficos sobre a expansão escolar em São Paulo

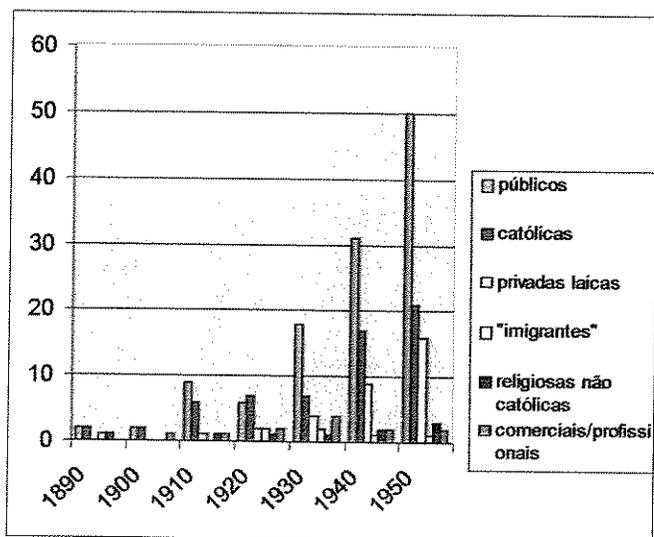
Tabela 1. Número de estabelecimentos de ensino públicos e privados



Fonte: Fernandes, Paula (org.) *Guia dos Documentos Históricos na cidade de São Paulo*, São Paulo, NEPS/Hucitec, 1998.

Tabela 2. Expansão escolar por setor²⁵²

²⁵² Os dados utilizados referem-se a escolas primárias e secundárias.



Fonte: Fernandes, Paula (Org.) *Guia dos Documentos históricos na cidade de São Paulo*, NEPS/Hucitec, 1998.

ANEXO 4

Exemplo dos quadros comparativos

Quadro 1

<i>Principais Escolas Secundárias até 1920</i>			
Estabelecimentos	Localização	Criação	alunos ²⁵³
1. Escola Normal Caetano de Campos	Luz	1846	767
2. Ginásio do Estado da Capital	Luz	1894	701
3. Instituto Presbiteriano Mackenzie	Santa Cecília	1870	292
4. Escola Alemã		1878	269
5. Instituto Dante Alighieri	Cerqueira César	1911	165
<i>Principais Colégios Católicos Femininos até 1920</i>			
Estabelecimentos	Localização	Criação	alunas (1914)
1. Colégio Sant'Ana	Santana	1892	160
2. Colégio Nossa Sra. do Sion	Higienópolis	1901	220
3. Colégio Des Oiseaux	Consolação	1907	132
4. Colégio Santa Inês	Bom Retiro	1907	363
5. Colégio São José	Liberdade	1918	950
<i>Principais Colégios Católicos Masculinos até 1920</i>			
Estabelecimentos	Localização	Criação	alunos
1. Colégio (Arqui) Diocesano	Luz	1858	274
2. Liceu do Sagrado Coração de Jesus	Campos Elíseos	1885	597
3. Ginásio de São Bento	Luz	1903	498
4. Colégio São Luís	Consolação	1918	86 ²⁵⁴

²⁵³ Infelizmente, apenas o Anuário do Ensino de 1914 traz o número de alunos discriminado por escolas. A partir de 1920, constam apenas totalizações por grau de ensino do ensino privado e público, sem discriminação do número de alunos por estabelecimento de ensino.

²⁵⁴ Este pequeno número de alunos é referente ao primeiro ano de funcionamento do Colégio São Luís. A informação obtida junto à biblioteca do colégio é de as aulas foram iniciadas em abril de 1918 com 48 alunos, sendo 10 em regime de semi-internato e 38 em regime de externato. Em outubro, já com 86 alunos as aulas foram suspensas em função da epidemia de gripe espanhola que assolou a cidade. Fonte: Colégio São Luís: 75º aniversário: Ita, 1867 – São Paulo, 1942. São Paulo, 1942. p. 187.

ANEXO 5

Tabela1: Ocupação econômica dos avós, por estabelecimento de ensino:

	Des Oiseaux	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Maria	Sta Marcelina	Sta Marcelina
	avô mater	avô pater	avô mater	avô pater	avô mater	avô pater
grandes proprietários rurais	12	07	05	04	07	08
industrial e gde comerciante	06	06	03	07	09	04
dir. setor publico	02	02	02	01	04	02
dirig.setor privado	01	01	01	03	00	00
profissional liberal empregador e autônomo	03	05	09	04	00	03
profissional liberal autônomo e não empregador ²⁵⁵	00	00	00	00	04	02
professores universitários ou empregados de nível superior no setor publico	00	02	04	00	00	01
militares	00	00	00	00	01	00
professores secundário	00	01	01	00	03	00
artesãos, fotógrafos, guarda-livros e outros	00	01	02	01	00	02
administração do comércio, corretores de imóvel e gerente de bancos	00	00	00	00	00	02
cargo eletivo (federal)	02	02	01	02	00	00
diplomatas	00	00	00	02	00	00
banqueiros e mercado financeiro	00	01	00	02	00	01
não respostas	04	04	02	01	01	02
TOTAL			26			
24					32	

²⁵⁵ Essa nomenclatura foi utilizada (21) para diferenciar o caso daqueles que exerciam uma profissão liberal sem necessariamente ser empregador, como dentista. Considerei estes casos diferentes de advogados com escritórios antigos na cidade ou médicos com consultórios, laboratórios, etc.

ANEXO 6

Tabela 1. Origem geográfica dos avós (materno e paterno)

	Des Oiseaux	Santa Maria	Santa Marcelina
São Paulo (capital)	07	07	06
São Paulo (interior e Santos)	10	07	12
Rio de Janeiro e Minas Gerais	13	05	07
Outros Estados Brasil	01	03	02
Itália	04	04	10
Outros países da Europa	04	09	06
Líbano e Europa Leste	02	02	03
não respostas	07	15	07

ANEXO 7

Tabela: Ocupação econômica dos pais, por estabelecimento de ensino:

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
	pai	pai	pai
fazendeiro (a)	05	03	06
industrial e gde comerciante	05	05	10
dir. setor publico	03	02	01
dirig.setor privado	01	03	04
profissional liberal empregador e autônomo	09	10	08
profissional liberal autônomo e não empregador ²⁵⁶	00	01	02
professores universitários ou empregados de nível superior no setor publico	03	06	03
professores secundário	00	00	00
artesãos, fotógrafos, guarda-livros e outros	01	01	00
gerentes do comércio, gerente de bancos e corretores de imóvel (41 e 43)	01	01	00
cargo eletivo (federal)	01	01	00
diplomatas	00	00	00
banqueiros e corretores do mercado financeiro	01	02	01
não respostas	02	01	00
TOTAL	24	26	32

²⁵⁶ Essa nomenclatura foi utilizada (21) para diferenciar o caso daqueles que exerciam uma profissão liberal sem necessariamente ser empregador, como dentista. Considerei estes casos diferentes de advogados com escritórios antigos na cidade ou médicos com consultórios, laboratórios, etc.

ANEXO 8

Tabela 1. Escolaridade dos avós (materno e paterno) e pais:

	Des Oiseaux avós/pais	Sta Maria avós/pais	Sta Marcelina
primário	04 00	04 01	08 06
secundário	06 05	05 05	06 10
advogados e médicos	15 12	13 13	13 05
engenheiros, administradores de empresa e economistas;	*257 03	- 07	- 11
não respostas	3	02	1
TOTAL	24	26	32

Tabela 2: Escola do pai (secundária)

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
Ginásio do Estado, Culto à Ciência, Pedro II	04	08	09
São Bento, São Luis, Liceu Cor. J., Sto Inácio (RJ)Arqui	03	08	04
Rio Branco, Mackenzie, Liceu Pasteur	04	01	02
Escolas públicas no interior sp;	03	00	00
Privadas de menor expressão	00	00	01
secundário no exterior	01	01	01
não respostas	09	08	15
total	24	26	32

²⁵⁷ Para esta geração optamos por somar os diplomados em medicina, advocacia e engenharia para evitar a dispersão que esta separação implicaria. Consideramos que para esta geração o prestígio associado a estes diplomas era semelhante.

ANEXO 9

Tabela 1.: Escolaridade das mães

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
primário	04	00	06
ginásio	09	06	05
secundário	05	13	15
superior	00	01	04
não respostas	06	06	02
total	24	26	32

Tabela 2.: Escola da mãe

	Des Oiseaux	Sta Maria	Sta Marcelina
Sion, Des Oiseaux, Sacre Couer e Sion (RJ), Stella Maris;	10	07	01
São José, Santa Inês, Santa Marcelina, etc	02	05	08
Caetano de Campos, Normal de Campinas; Outras escolas normais do Estado;	02	05	08
Elvira Brandão, Mackenzie, Rio Branco, Dante Alighieri	01	04	03
com preceptoras	02	00	00
não respostas	07	05	12
total	24	26	32

ANEXO 10

Habitação

Tabela 1: Bairro de residência, por escola

	Des Oiseaux	Santa Maria	Santa Marcelina
Higienópolis, Cerqueira Cesar, Jardins Europa, Jd.Paulistano, Jd.Paulista, Jd. América, Pacaembu	20	18	04
Vila Mariana, Vila Olímpia, Alto da Lapa, Brooklin, Pinheiros, Moema	01	07	06
Sumaré, Perdizes e Pompéia	00	00	16
diversas cidades do interior de São Paulo	02	00	06

Tabela 2: Tamanho aproximado das residências (em m2)

	Des Oiseaux	Santa Maria	Santa Marcelina
até 200m2	02	01	05
200/400 m2	06	10	18
400/700 m2	06	09	02
700/1000m2	04	01	01

Tabela 2: Número de Empregados domésticos nas residências

	Des Oiseaux	Santa Maria	Santa Marcelina
1	01	03	07
2 a 3	09	12	21
4 ou mais	10	10	02
nenhum	01	0	01

ANEXO 11

Tabela de Classificação Sócio-Ocupacional

Luis César Queiroz de Ribeiro
(adaptações em itálico)

1. Categoria Dirigente:

- 1.1 Grandes proprietários rurais (com 10 ou mais empregados)
- 1.2 Dirigentes do setor público (ocupações de alto poder decisório no setor público)
- 1.3 *Industriais e grandes comerciantes (proprietários empregadores urbanos, com 10 ou mais empregados)*
- 1.3.1 Dirigentes do setor privado (ocupação de administrações de empresas dos setores de extração mineral, indústria, construção civil)
- 1.3.2 *Banqueiros (proprietários de empresas financeiras)*
- 1.4 Profissões liberais (médicos, engenheiros, arquitetos, dentistas, advogados) empregadores autônomos.

2. Categoria Intelectual:

- 2.1 Profissionais liberais autônomos de nível superior
- 2.2 Profissionais empregados de nível superior

3. Pequena Burguesia

- 3.1 Pequenos empregadores urbanos, que reúne os empregadores com menos de 10 empregados.
- 3.2 Comerciante por conta própria que desenvolvem suas atividades em casa.

4. Categoria Média

- 4.1 Trabalhadores em atividades de rotina, categoria formada pelas ocupações sem função decisória, tais como secretárias, auxiliares administrativos e auxiliares de escritório.
- 4.2 Trabalhadores em atividades de supervisão tomada por ocupações com algum poder de decisão.
- 4.3 técnicos e artistas, formada pelas ocupações que requerem um conhecimento específico, tais como desenhista, técnicos em contabilidade.
- 4.4 Trabalhadores nas áreas de saúde e educação, tais como professores até grau e enfermeiras.

4.5 trabalhadores nas áreas de segurança pública, justiça e correios tais como investigadores de polícia, oficiais do corpo de bombeiros, praças das forças armadas e carteiros.

5. Proletariado do Secundário

5.1. Operários da indústria moderna: categoria formada pelos trabalhadores nas indústrias metalúrgica, mecânica, material elétrico, química, produção de petróleo e farmacêutica, entre outras, que envolvem trabalhadores com posição mais elevada entre o operariado, em razão das ocupações exigirem maior qualificação, proporcionarem nível mais elevado de remuneração e de proteção social e os trabalhadores apresentarem maior grau de organização corporativa;

5.2. Operários da indústria tradicional, formada pelos trabalhadores das indústrias dos demais ramos, exceto a construção civil;

5.3. Operários dos serviços auxiliares, categoria formada pelos empregados nos setores de transportes, comunicação e serviços auxiliares;

5.4. Operários da construção civil, categoria formada pelos trabalhadores em ocupações ligadas à construção civil, tais como mestres, ladrilheiros, pedreiros, pintores, serventes de pedreiro;

5.5. Artesãos, categoria formada pelos trabalhadores autônomos nas ocupações de alfaiate, sapateiro, marceneiro, carpinteiro, estofador e ourives.

6. Proletariado Terciário

6.1. Trabalhadores do comércio, categoria formada pelas ocupações diretamente ligadas às atividades do comércio, tais como vendedores, operadores de caixa e praticistas;

6.2. Prestadores de serviço especializado, categoria formada pelos trabalhadores autônomos em ocupações manuais que requerem um saber específico, tais como mecânicos, cabeleireiros, etc. e os empregados de ocupações manuais nos setores de prestação de serviços, atividades sociais e administração pública;

6.3. Prestadores de serviço não especializado, categoria formada pelos empregados em ocupações de porteiro e vigia.

7.Sub-Proletariado

7.1. Trabalhadores Domésticos;

7.2. Ambulantes e Biscateiros, categoria formada pelos feirantes, doceiros, quirandeiros, carroceiros e outras ocupações ambulantes e pelos guardadores de automóvel, engraxates e trabalhadores braçais autônomos. Trata-se de uma categoria restrita aos autônomos sem qualquer saber específico, não correspondendo portanto a noção freqüentemente usada nos estudos sociológicos em que trabalhadores autônomos no setor da construção, por exemplo, são definidos como biscateiros.

7.3. Trabalhadores Agrícolas, categoria formada por todas as ocupações agrícolas, exceto as ocupações criador bovino, proprietário agropecuário e avicultor.

ANEXO 12

Resultado bruto da Análise Fatorial

Eixo Horizontal

nome	Contr1	Dim1
Normal_do_bras	0.17908	1.39351
Santana	0.13443	1.20736
Vicente_da_paula	0.13224	1.19751
Gloria	0.11737	1.12614
Arquidiocesano	0.06387	-0.83223
Liceu_Cor_Jesus	0.04345	-0.68640
Staford	0.04239	0.67722
Sion	0.04206	-0.67534
Sao_bento	0.04206	-0.67534
Des_oiseaux	0.04206	-0.67534
Sao_luis	0.03386	-0.60598
Dante	0.03386	-0.60598
Porto_seg	0.02422	-0.51247
Mackenzie	0.02422	-0.51247
Caetano_de_campos	0.02309	-0.50025
Ginasio_capital	0.01857	0.44879
Sao_jose	0.00242	0.16187
Santa_ines	0.00079	0.09251
Sy_Anglo_bra	0.00006	-0.02504

nome	Contr1	Dim1
loc3	0.19609	1.63031
sec2	0.19609	1.63031
loc1	0.12753	-0.83152
cap1	0.10018	-0.77685
cap3	0.09714	1.32497
prd2	0.09357	0.99601
sec1	0.07052	-0.61836
prd1	0.05988	-0.80582
cap2	0.02398	0.43097
sub1	0.01840	0.59213
loc9	0.00687	0.43165
loc2	0.00533	0.31024
prd3	0.00419	-0.21321
sub2	0.00364	0.13302
sec3	0.00042	-0.06752
prd4	0.00018	0.04878

Eixo Vertical

nome	Contr2	Dim2
Ginasio_capital	0.27438	1.41106
Gloria	0.15244	-1.05178
Vicente_da_paulo	0.14177	-1.01400
Sao_jose	0.10433	0.87013
Santa_ines	0.09554	0.83265

Caetano_de_campos	0.04855	0.59353
Normal_de_bras	0.03091	0.47361
Sion	0.02797	-0.45051
Sao_bento	0.02797	-0.45051
Des_oiseaux	0.02797	-0.45051
Sao_luis	0.02351	-0.41303
Dante	0.02351	0.41303
Escola Alemã	0.00606	0.20963
Mackenzie	0.00606	0.20963
Arquidiocesano	0.00504	-0.19168
Stcaford	0.00148	-0.10071
Gy_anglo_bra	0.00141	-0.10103
Liceu_Cor_Jesus	0.00098	0.07985
Santana	0.00022	-0.04007

nome	Contr2	Dim2
loc2	0.23322	1.67950
cap2	0.16220	0.91692
pub1	0.14772	1.33666
cap3	0.11324	-1.17031
sec3	0.07453	0.73541
loc3	0.04808	-0.66040
sec2	0.04908	-0.66040
prd2	0.03881	0.53059
prd3	0.03560	-0.50829
pub2	0.02770	-0.25062
cap1	0.02589	-0.32306
prd4	0.01698	0.39210
loc1	0.01176	-0.20656
prd1	0.01172	0.29158
sec1	0.00295	0.10355
loc9	0.00151	-0.16564

Variáveis e modalidades:

localização : loc

Bairros Nobres : Campos Eliseos, Higienópolis, Luz. (loc1)
 bairros classe média : santana, mooca, bom retiro, penha, ipiranga. (loc2)
 bairros operários : belém , Pari (loc.3)

período : prd

antes de 1890 - 1
 1890-1900 - 2
 1901-1910 - 3
 1910 e 1920 - 4

capital economico : cap

Alto - 1
 Médio - 2
 Baixo - 3

público/ privado 1 e 2 : pub

católico/laic. 1 e 2

secundário : sec

classico - 1

técnico 2

clássico e técnico - 3

ANEXO 13

Resultado bruto da Análise Fatorial (CAP. 4)

List of Point Locations, Penalties, and Placement States

Label	Vertical Axis	Horizontal Axis	Penalty	Starting Position	Lines	Vertical Shift	Horizontal Shift
HelenaZ	1.4185	0.2971	0	Left	1	0	0
Yolanda	1.3379	0.4629	0	Left	1	0	0
Galina	1.3713	0.2367	0	Left	1	0	0
Amélia	1.2059	-0.1658	0	Left	1	0	0
LilianaH	1.1971	0.2982	0	Left	1	0	0
Milena	1.3461	0.4111	0	Left	1	0	0
MChristina	0.9978	-0.5669	0	Left	1	0	0
MReginaPS	0.8209	0.2181	0	Left	1	0	0
AnaMariaS	0.9059	0.3710	0	Left	1	0	0
Yara	0.8967	-0.6983	0	Left	1	0	0
Celestina	0.8765	0.5916	0	Left	1	0	0
MClaraN	0.5726	0.7207	2	Center	3	0	0
ChristinaVCRB	0.5226	0.1429	0	Left	1	0	0
MEdilene	1.3679	-0.7879	0	Left	1	0	0
Gracielea	0.4193	-0.3243	0	Left	1	0	0
BeatrizK	0.4156	0.3221	0	Left	1	0	0
HeloisiaPupo	0.4069	0.5940	0	Left	1	0	0
MClara	0.3753	-0.3966	0	Left	1	0	0
Mayra	0.3376	0.3171	0	Left	1	0	0
Cecilia	0.2945	0.5083	0	Left	1	0	0
Alba	0.2462	-0.6970	0	Left	1	0	0
Yara	0.2437	0.7893	0	Left	1	0	0
Dolores	0.1411	-0.6421	0	Left	1	0	0
MLaura	0.1638	0.5238	0	Left	1	0	0
AMariaATD	0.1099	-0.5907	0	Left	1	0	0
M. Souza	0.0753	-0.8931	0	Left	1	0	0
Raquel	0.0936	0.5379	0	Left	1	0	0
MLúciaLC	0.0052	-0.9274	4	Left	1	0	0
MTeresasMT	0.0027	-0.6039	2	Left	1	0	0
Yara	0.0197	-0.6096	2	Center	1	0	0
Lucilene	-0.0061	0.8331	0	Left	1	0	0
Marta	-0.0583	-0.9650	4	Left	1	0	0
RMariaOT	-0.0356	-0.9659	14	Left	1	0	0
ReginaCC	-0.0207	-0.8341	12	Center	1	0	0
Almira	-0.0463	-0.8243	1	Left	1	0	0
Francisca	-0.0502	-0.5988	3	Left	1	0	0
AMariaA	-0.0636	-0.6167	0	Left	1	0	0
Yolanda	-0.0711	-0.6759	5	Left	1	0	0
Lucilene	-0.0439	-0.8742	5	Left	1	0	0
Misabel	-0.0636	0.7781	0	Left	1	0	0
BeatrizH	-0.1294	-0.4299	4	Center	3	0	0
Silvia	-0.1197	-0.8043	10	Center	1	0	0
CeliaCapalato	-0.1169	0.7810	0	Left	1	0	0
Teresa	-0.1759	-0.6914	1	Left	1	0	0
Miriam	-0.1622	-0.6776	3	Center	2	0	0
MChristina	-0.1577	-0.5511	0	Center	1	0	0
MHelisianaT	-0.1423	-0.1491	10	Left	1	0	0
Heloisah	-0.1754	-0.0879	1	Left	1	0	0
Sonia	-0.2122	-0.7337	0	Left	1	0	0
M. Souza	-0.1976	0.7123	4	Center	1	0	0
MClaraE	-0.2069	0.1383	4	Left	1	0	0
Elena	-0.2056	1.0314	0	Left	1	0	0

Guilhermina	-0.2587	-0.6689	0	Left	1	0	0
Henrieta	-0.1891	0.4599	1	Left	1	0	0
MoacirCarmo	-0.2881	-0.3333	0	Left	1	0	0
MlucilaCG	-0.2902	0.0114	0	Left	1	0	0
Mocellia	-0.2992	0.6949	0	Left	1	0	0
Sandra	-0.2106	-0.0191	0	Left	1	0	0
Neusa	-0.3143	0.3778	0	Left	1	0	0
Olivia	-0.3297	0.5329	0	Left	1	0	0
ReginaBB	-0.3622	0.6515	2	Left	1	0	0
Lucia	-0.3775	-0.5753	1	Left	1	0	0
Waldicea	-0.3988	-0.4784	3	Center	2	0	0
Irene	-0.4081	0.2770	0	Left	1	0	0
VeraSydow	-0.3921	0.4492	3	Center	3	0	0
Veravilma	-0.3921	0.6498	3	Center	3	0	0
Elisabeth	-0.3381	0.7226	2	Left	1	0	0
Heloisav	-0.4597	-0.3865	0	Left	1	0	0
Iole	-0.4719	-0.3352	0	Left	1	0	0
Ma	-0.4947	-0.3943	1	Left	1	0	0
Sofia	-0.4878	-0.0189	0	Left	1	0	0
RosaMS	-0.4666	0.5907	0	Left	1	0	0
Dogtana	-0.5529	-0.0909	0	Left	1	0	0
Leide	-0.5420	0.2249	0	Left	1	0	0
Rosa	-0.5946	-0.1213	1	Left	1	0	0
Mariemes	-0.6160	0.0657	1	Left	1	0	0
MarinaM	-0.6009	0.7598	0	Left	1	0	0
MadelenaCG	0.6929	0.1168	0	Left	1	0	0
Marcia	0.6715	0.9147	0	Left	1	0	0
Angela	-0.6675	0.9481	2	Center	2	0	0
Loredana	-0.7283	1.2291	0	Left	1	0	0
MariliaUB	-0.8265	0.2287	0	Left	1	0	0

Bibliografia

AGUIAR, Neuma, "Mulheres na força de trabalho na América Latina: um ensaio bibliográfico". *Boletim Bibliográfico*, n. 10. ANPOCS, Ed. Cortez, 1979.

ALMEIDA, Ana Maria F. *A escola dos dirigentes paulistas*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1988.

_____. "Ultrapassando o pai: herança cultural restrita e competência escolar", in *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. "The formation of the elites in Brazil", *Social Science Information*, n.40 (4), 2001, pp.585-606.

_____ e NOGUEIRA, Maria Alice, *A escolarização das elites*. Petrópolis, Vozes, 2002.

_____ & CANÊDO, Letícia B., GARCIA, Afrânio, BITTENCOURT, Águeda (orgs.) *Circulação internacional e formação das elites brasileira*. Campinas, Unicamp, 2004.

ARRUDA, Maria Arminda Nascimento. *Metrópole e Cultura*. São Paulo, Edusc, 2001.

AZEVEDO, Thales de, *Igreja, Estado em tensão e crise*, São Paulo, Ática, 1978.

AZZI, Riolando, "A Educação Católica no Brasil" (1844-1944). In: *Caminhos Novos na Educação*, AEC, edição de comemoração dos 50 anos, 1995.

BARROSO, Carmem e MELLO, Guiomar N. de, "O acesso da mulher ao ensino superior". *Cadernos de Pesquisa*, 15: 47-75, 1977.

BAUDELOT, Christian & Establet, Roger. *Avoir 30 Ans en 1968 et en 1998*. Paris, Seuil, 2000.

_____, Christian e Establet, Roger, *Allez les filles!* Paris, Seuil, 1992.

BEOZZO, José Oscar, "A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização", in: FAUSTO, Boris, *O Brasil republicano: economia e cultura*. São Paulo, DIFEL, 1986.

BEISIEGEL, Celso de Rui, *Estado e Educação popular*. São Paulo, Pioneira, 1974.

_____, Celso, "Educação e sociedade no Brasil após 1930". In: Fausto, Boris, *O Brasil Republicano*. Tomo III, Rio de Janeiro, DIFEL, p. 383-416.

BONVIN, François "Une seconde famille. Un collège d'enseignement privé". *Actes de la Recherche en Science Sociales* 30: 47-64, 1982.

- BONELLI, Maria da Glória, "O Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros e o Estado: a profissionalização no Brasil e os limites dos modelos centrados no mercado". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 39, 1999, p. 61-82.
- BOURDIEU, Pierre, *La distinction*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1979.
- _____ *La noblesse d'état*. Paris, Ed. Minuit, 1989.
- _____ *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.
- _____ *Razões práticas*, Campinas, Papirus, 1997.
- _____ Os três estados do capital cultural. In: Nogueira, M.A. & Catani, A. (orgs.) *Escritos de educação*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____ "Remarques provisoires sur la perception sociale du corps", In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 14, p.51-54, 1977.
- _____ O Capital social –notas provisórias. In: Nogueira, M.A. & Catani, A. (orgs.) *Escritos de educação*. Petrópolis, Vozes, 1998b.
- _____ *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- _____ *As regras da arte*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- _____ *Le sens pratique*. Paris, Ed. Minuit, 1980.
- BRUNEAU, Thomas, *O Catolicismo brasileiro em tempo de transição*. São Paulo, Loyola, 1974.
- BRUNO, Ernani Silva. *Memória da cidade de São Paulo: depoimento de moradores e visitantes/1553-1958*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, 1981.
- _____, Ernani Silva. *Histórias e tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo, Hicitec, 1984.
- BRUSCHINI, M. Cristina, "O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes", *Estudos feministas*, CIEC/ECO/UFRJ, n. especial ½. sem/1994;
- BUFFA, Ester & PINTO, Gerson de Almeida., *Arquitetura e Educação*. Edufscar/INEP, 173p. , 2002.
- CANÊDO, Leticia, "Gestão familiar e aprendizagem das habilidades para o ofício da política". In: Almeida, A. M. & Nogueira, Ma. A. *A escolarização das elites*. Petrópolis, Vozes, 2001.
- _____ "As Metáforas da Família na transmissão do poder político: questões de método", *Revista Educação e Sociedade*, 42: 29-52, 1997.

- _____ “La production généalogique et le modes de transmission d’un capital politique familiale dans le Minas Gerais brésilienne”, *Genèses*, n° 31, juin., 1998.
- _____ “Héritage en politique, ou comment acquérir les dispositions et compétences nécessaires aux fonctions de représentation politique (1945-1964)”. *Cahiers du Brésil Contemporain*. Paris, n. 47/48, 2002, p. 71-119.
- CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo, Difel, 1977.
- CANTUÁRIA, Adriana, “Das escolas de imigrantes aos colégios internacionais”, in: *Proposições*, vol.15,n.2 (44), maio/ago.2004.
- CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo, Xamã/Fapesp, 1999.
- CHAMPAGNE, Patrick *et alli*, *Iniciação à Prática Sociológica*, (org) Petrópolis, ed. Vozes, 1998.
- COELHO, Edmundo Campos. *As Profissões Imperiais. Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. RJ/SP: Record, 1999.
- COOKSON, Peter e PERSELL, Caroline. *Preparing for Power*. Nova Iorque: Basic Books, 1985
- COSTA, Jurandir F. “O contexto cultural dos anos 20-30 e a Liga Brasileira de Higiene Mental”. In: *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Xenon, 4º edição, 1989.
- CUNHA, Luis A. “A expansão do ensino superior: causas e conseqüências”. *Debate e Crítica*, 5: 27-58, 1975.
- DECCA, Maria Auxiliadora, *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987
- ELIAS, Norbert, *A sociedade de corte*. Lisboa, Estampa, 1987.
- _____ *A sociedade dos indivíduos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994
- _____ *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995
- _____ *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- FAORO, Raimundo, *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Globo, 2001.
- FAUSTO, Boris (org) *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro, DIFEL, Tomo III, vol.2 (Sociedade e instituições –1889-1930)

- FAGUER, Jean-Pierre, "Esposa e colaboradora". In: Bourdieu, Pierre (org) *A miséria do mundo*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- _____, "Os efeitos de uma "educação total": Um colégio jesuíta, 1960, *Revista Educação e Sociedade*, 58: 9-53, 1997.
- _____ e BALAZS, Gabrielle, "O que eles se tornarão? O efeitos sociais da Câmara", *Revista Educação e Sociedade*, 42: 29-52, 1997.
- FERNANDES, Paula Porta (org.). *Guia dos Documentos Históricos na Cidade de São Paulo, 1554/1954*. São Paulo, Editora Hucitec/NEPS, 1998.
- FREVERT, Uti, "Classe et genre dans la bourgeoisie allemande du XIX siècle", *Genèses*, nº 6, déc., 1991.
- FAUSTO, Boris et. al. *Imigração e política em São Paulo*. São Paulo, Sumaré, 1995.
- GARCIA, Afrânio, Rivron, Vassili & Bouvier, Patrick, *Brésil: le siècle des grandes transformations*. Cahiers du Bresil Contemporain, n.40, 73 páginas, 2000.
- GOUVELA, Aparecida J. "Democratização do ensino superior". *Revista Brasileira de Estudos pedagógicos*, Bsb, 112 (50): 232-244, 1968.
- _____, Aparecida J. e HAVIGHURST, Robert J. 1969. *Ensino Médio e desenvolvimento*. São Paulo Melhoramentos, Editora da
- GOFFMAN, Erving, "La ritualization de la féminité". *Actes de la Recherch en Science Sociales*, 14,1977.
- GRÜN, Roberto (2001) "Dinheiro no bolso, carrão e loja no shopping: estratégias educacionais de reprodução social em famílias de imigrantes armênios". In: Almeida, Ana & Nogueira, Maria Alice (org.) *A escolarização das elites*. Petrópolis, Vozes, 66-75.
- GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo, "Classes sociais", In: *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, Miceli, Sergio (org). São Paulo, Ed. Sumaré, pp. 13-56, 1990.
- HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto, *O ensino secundário no Império*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.
- HEIBORN, M.L. e SORJ, Bila, "Estudos de Gênero no Brasil". In: *O que ler na ciência social brasileira (1970- 1995)*. Miceli, Sergio (org). São Paulo, Ed. Sumaré, pp. 183-222, 1990.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério, *Higienópolis: grandeza e decadência de um bairro paulistano*. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, Divisão do arquivo histórico.
- LENOIR, Remi, "Politique familiale et construction sociale de la famille". *Revue Française de Science Politique*, vol.41, n.6, pp.781-807, 1991.

- LE WITA, Béatrix, *Ni vue, ni connue*. Éditions des sciences de l'homme Paris, 1988.
- MAINTENON, Mme de, et. alli. *L'estime et la tendresse*. Paris, Albin Michel, 1998.
- MANOEL, Ivan. *Igreja e Educação Feminina. 1859-1919*. SP: Editora da UNESP, 1996.
- MARINS, Paulo C. G. "Habitação e Vizinhança", In N. Sevcenko, *História da Vida Privada no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- MARUANI, Margaret, *Travail et emploi des femmes*. Paris, La Découverte, 2003.
- MENSION-RIGAU, Eric, *L'enfance au château: l'éducation familiale des élites françaises au XXe siècle*. Paris, Rivages Histoire, 1990.
- MICELI, Sergio, *A elite eclesiástica no Brasil (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1988.
- _____ *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. São Paulo- Rio de Janeiro, Difel, 1979.
- _____ *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo, Cia das Letras, 2001.
- MORSE, Richard, *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo, Difel, 1970;
- MOURA, Pe. Laércio, *A Educação Católica no Brasil*, São Paulo, Ed. Loyola, 2000.
- MOSSE, George L., *L'image de l'homme: l'invention de la virilité moderne*. Paris, Abbeville, 2003.
- MUEL DREYFUS, Francine, *Vichy et l'éternel féminin*. Paris, Editions du Seuil, 1996.
- _____ *Le métier d'éducateur*. Paris, Minuit, 1983.
- NAGLE, Jorge. 1977. "A Educação na Primeira República". In: Fausto, Boris, *O Brasil Republicano*. Tomo 3, vol.2
- NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- NOGUEIRA, Maria Alice, "Uma dose de Europa ou Estados Unidos para cada filho: estratégias dos grupos médios para a educação de seus filhos", *Pro-posições*, v.9, n.1, março, 1998.
- PAICHELER, Geneviève, 1992. *L'invention de la psychologie moderne*, Paris, L'Harmattan, 1992:42-55.
- PASTORE, José, *O ensino superior em São Paulo*. Cia. Ed. Nacional / Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo, 1972.
- _____, José, *Desigualdade e mobilidade social no Brasil*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.
- _____ e VALLE SILVA, Nelson, *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo, Makron Books, 2000.

- PERSELL, Caroline H. & COOKSON, Peter W. "Pensionnats d'élite: ethnographie d'une transmission de pouvoir". *Actes de la Recherche en Science Sociales* 138: 56-65, 2001.
- PEVSNER, Nikolaus, *Les académies d'art*. Paris, Gérard Monfort, 1973.
- PINÇON, Michel e PINÇON-CHARLOT, Monique, *Voyage en grande bourgeoisie*. Paris, Quadrige, PUF, 1997.
- _____. *Grandes fortunes*. Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1998.
- _____. *Sociologie de la bourgeoisie*. Paris, La découverte, 2000.
- PINTO, Josiane, "Une relation enchantée: la secrétaire et son patron". *Actes de la recherche en sciences sociales*.....
- PINHEIRO, Paulo, "Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política". In: Fausto, Boris (1977) *O Brasil Republicano*. 2º vol., RJ, Difel, 1977.
- PONCIANO, Levino, *Bairros Paulistanos de A a Z*. São Paulo, Senac, 249 p., 2001.
- PONTES, Heloísa. *Destinos Mistos*. Os Críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-1968. SP: Cia das Letras, 1998.
- REALE, Ebe., *Brás, Pinheiros e Jardins: três bairros, três mundos*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 223p., 1973
- REIS, Casemiro dos Fº. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo, Cortez, p. 150.
- ROLNIK, Raquel, "São Paulo na virada do século: territórios e poder." *Cadernos de História de São Paulo*, n.2, jan.dez., p.39-44, 1993.
- SILVA, Sergio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo, Alfa-omega, 1980;
- ROMANELLI, Otaíza. *História da educação no Brasil (1930-1979)*. Petrópolis, Vozes, 1978; Nagle, Jorge. *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo, Edusp, 1977.
- RINGER, Fritz. *Education and society in Modern Europe*. Bloomington and London, Indiana University Press, 1979.
- _____, Fritz, *O Declínio dos mandarins alemães*. São Paulo, Edusp, 443p, 2001.
- _____, "La segmentation des systèmes d'enseignement", *Actes de la recherche en sciences sociales*, 149:6-18, 2004.
- SAINT-MARTIN, Monique de, "Une 'bonne' éducation: les oiseaux, à Sèvres". *Ethnologie française*. vol. 20: 60-70, 1990.

- SCOTT, Joan, "L'ouvrière, mot impie, sordide", *Actes de la recherche en sciences sociales*, 83, 1990.
- SCOTT, Joan, "Genre: une catégorie utile d'analyse historique", *Les Cahiers du GRIF*.n.37/38, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau, *Orfeu Extático na metrópole*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Nelson do Valle. "As duas faces da mobilidade". *Dados*, n.21, Rio de Janeiro, 1979.
- Ribeiro, Luis César de Queiroz. "Classificação sócio-ocupacional". *Revista ANPUR*, n.1, Rio de Janeiro, 2002.
- SIMIONI, Ana Paula C. "Profissão artista: pintoras e escultoras brasileiras no final do XIX". *Tese de Doutorado*. FFLCH, Universidade de São Paulo, 2004.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Nacional/Edusp, 1968.
- _____, Paul. *Economia política da urbanização*. São Paulo, Nacional, 1974;
- SOUZA, Rosa Fátima, *Templos de civilização*. São Paulo, Editora Unesp, 1998.
- SOUZA, Gilda de Mello, *O espírito das roupas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- TRIGO, Maria Helena Bueno, *Os paulistas de quatrocentos anos*. São Paulo, Anablume, 2001.
- _____. "Espaços e Tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)", *Tese de Doutorado*, FFLCH, USP, 1997.
- TORRES, Maria Celestina T. M.. "O bairro de Santana". *Série História dos bairros de São Paulo*, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, 1981.
- VALLE do, Nelson, "Mobilidade social", in: *O que ler na ciência social brasileira (1970- 1995)*, Míceli, Sérgio (org). São Paulo, Ed. Sumaré, pp. 57-94, 1999.
- VILLÇA, Flávio, *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo, FAPESP, 1998.
- WEBER, Max, "Os Letrados Chineses", in: *Ensaio de Sociologia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- _____, Max, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- WOLF, Silvia F. S. "Espaço e educação: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas." *Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP, São Paulo, 1992.

Memórias e Biografias:

- ANDRADE, Maria Regina Villela A, *Sob o sol da Mogiana*. São Paulo, Hamburg Donnelley. p.147, 2000.
- ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*. São Paulo, Globo, 236p, 2000.
- BARBOSA, Ana Maria O. M. *Italianos do Brás, imagens e memórias*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios: histórias da imigração*. São Paulo, Companhia das Letras, 230p., 1997.
- LEVI, Darrel. *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977.
- MACHADO, Antonio de Alcântara. *Novelas Paulistanas*. São Paulo, Itatiaia/Edusp, 326, 1988.
- MARCHETTI, Domingos e Polinésio, Julia M., *Memórias a duas vozes*. São Paulo, Annablume, 166, 1999.
- McCARTHY, Mary. *Memórias de uma menina católica*. São Paulo, Círculo do Livro, 1957.
- McCARTHY, Mary. *O grupo*. São Paulo, Victor Civita, 1981.
- MEDEIROS, Marta. *Divã*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002.
- MONTORO, André Franco. *Memórias em Linha Reta*. São Paulo, Senac, 2001.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo, Companhia das Letras, 335p. 1999